



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JORDÃO JOANES DANTAS DA SILVA

**UM ESTUDO SISTÊMICO-FUNCIONAL DE ORAÇÕES COM
O VERBO *DAR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Recife

2019

JORDÃO JOANES DANTAS DA SILVA

**UM ESTUDO SISTÊMICO-FUNCIONAL DE ORAÇÕES COM
O VERBO *DAR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Medianeira de Souza

Coorientador: Prof. Dr. Anderson Alves de Souza

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

S586e	Silva, Jordão Joanes Dantas da Um estudo Sistêmico-Funcional de orações com o verbo <i>dar</i> no português brasileiro / Jordão Joanes Dantas da Silva. – Recife, 2019. 241f.: il. Orientadora: Maria Medianeira de Souza. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019. Inclui referências e apêndice. 1. Verbo <i>dar</i>. 2. Linguística Sistêmico-Funcional. 3. Descrição da transitividade do português brasileiro. 4. Metáfora gramatical. I. Souza, Maria Medianeira de (Orientadora). II. Título. 410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-104)
-------	---

JORDÃO JOANES DANTAS DA SILVA

**UM ESTUDO SISTÊMICO-FUNCIONAL DE ORAÇÕES COM
O VERBO *DAR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Aprovada em: 18/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Medianeira de Souza (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Anderson Alves de Souza (Coorientador)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Orlando Vian Junior (Examinador Externo)
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis (Examinador Externo)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Wellington Vieira Mendes (Examinador Externo)
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

AGRADECIMENTOS

A um Deus que estou cultivando e que me traz tranquilidade e determinação para reconhecer situações e superar adversidades.

À Universidade Estadual da Paraíba, instituição na qual sou lotado como professor do curso de Letras (Língua Portuguesa), por ter me concedido um afastamento remunerado de quatro anos para cursar o doutorado que culminou nesta tese. De maneira específica, agradeço aos colegas e amigos professores do departamento de Letras pela compreensão quando requeri o afastamento.

A Medianeira, orientadora que desde o início compreendeu, incentivou, acompanhou e direcionou em pontos decisivos o desenvolvimento desta tese. Agradeço ainda pelo grau certo de controle aplicado a uma liberdade que me foi concedida durante a pesquisa.

A Anderson, que mesmo não sendo membro do corpo docente do PPGL-UFPE, gentilmente aceitou dispensar boa parte do seu tempo à leitura dos inúmeros rascunhos anteriores a esta versão final. Foi o grande incentivador desta tese quando, ainda no mestrado, entre 2010 e 2011, me mostrava a pertinência e a elegância de um estudo descritivo baseado na teoria linguística sistêmico-funcional. Agradeço por ter me recebido sempre de maneira gentil em seu ambiente na Universidade Federal da Paraíba e, mais frequentemente, em sua residência. Obrigado pela serenidade, paciência, orientações certeiras, discussões profícuas e conversas amistosas.

A Danielle Almeida que, com sua excelente orientação no mestrado e com as profícuas discussões conduzidas no Grupo de Pesquisa em Semiótica Visual e Multimodal (GPSM), me fez amadurecer enquanto pesquisador e certamente contribuiu imensamente para este momento.

A Marcelo Sibaldo, professor do PPGL-UFPE com quem tive o prazer de enriquecer meu conhecimento em sintaxe gerativa. Agradeço também pela leitura atenta do meu projeto de tese e pelos apontamentos enriquecedores.

A Orlando Vian Jr. que gentilmente aceitou participar da qualificação desta tese, momento no qual demonstrou uma leitura minuciosa e atenta às qualidades e limitações do que eu havia escrito. O apreço demonstrado pelo meu trabalho, desde o IV Simpósio Internacional de Linguística Funcional (IV SILF), em Natal-RN, me alegrou e me incentivou a continuar firme na pesquisa.

A Wellington Mendes por ter acompanhado o desenvolvimento do trabalho ao participar da defesa do projeto e da qualificação. Seus excelentes apontamentos certamente elevaram o nível de qualidade desta tese.

A Roberto Carlos que gentilmente aceitou participar da banca examinadora da tese, juntando-se aos já mencionados Marcelo, Orlando e Wellington. Além dos elogios, comentários, perguntas, sugestões e “provocações” (e que provocações, Wellington!), todos eles intensificaram minha vontade de seguir em frente no mundo da pesquisa acadêmica.

Aos professores do PPGL-UFPE com quem tive a honra de conviver e aprender nas disciplinas ofertadas: José Alberto Miranda Poza, Judith Hoffnagel, Kazue Saito Monteiro de Barros, Marcelo Sibaldo, Maria Medianeira e Vicente Masip Viciano.

Aos professores presentes no Simpósio *A LSF e a pesquisa linguística no Brasil: desafios teóricos e metodológicos nas descrições do português*, coordenado pelo Prof. Orlando Vian Jr. no IV SILF. Ao apresentar parte do meu trabalho nesse simpósio, recebi um *feedback* que me tornou mais confiante do caminho que estava trilhando. Em especial agradeço a Carlos Gouveia pelos questionamentos sobre metáforas gramaticais que me conduziram ao amadurecimento de algumas ideias.

A todos os autores utilizados nas referências. Eles me ajudaram na construção do conhecimento e na proposta apresentada nesta tese. De maneira especial, agradeço a Gordon Tucker, com quem pude trocar e-mails para sanar algumas dúvidas de cunho teórico.

A todos os meus professores do ensino básico, da graduação e da pós-graduação, que me ajudaram a construir o caminho até aqui. Lembro de vários professores e de momentos específicos que me estimularam e me fizeram acreditar na minha habilidade para a escrita e para a pesquisa acadêmica.

Aos colegas e amigos mestrandos e doutorandos do PPGL pelas conversas, trocas de conhecimento e parcerias nos trabalhos das disciplinas.

Aos meus familiares, especialmente meus irmãos, Jarbas e Jordânia, e meus pais (primeiros professores), Profa. Zefinha e Joacil. Estes últimos, que me acompanham desde a minha concepção, são os principais responsáveis pela formação de uma personalidade constituída de atributos que considero essenciais para se chegar ao final de um doutorado.

A Sandra, companheira incansável e mãe da minha filha. Nos meus momentos de agonia, conseguiu me acalmar; nos momentos de relaxamento, soube me incentivar (ou mesmo provocar) para que continuasse na construção do trabalho. Seus questionamentos, de uma professora e estudiosa, me ajudaram a refletir sobre o objeto de estudo desta tese; sua história, da qual tenho participado nos últimos anos, me fez e faz refletir sobre a vida.

De um modo muito especial, a Ana Cecília, minha filha querida, por construir minha identidade de pai e dar ainda mais sentido à minha vida. Suas interrupções me fizeram parar e amadurecer reflexões. Sua carinhosa e alegre presença me fez prosseguir no cansaço. Sem ela,

esta tese, caso viesse a existir, seria diferente, com um nível de qualidade aumentado ou reduzido, mas certamente sem a beleza do homem até certo ponto já puído e grato pela cria.

As a teacher I have often said to my students that they should learn to ‘think grammatically’. By this I mean that they should use the unique power of the human brain to reflect on the way their experience is construed in their grammar: use grammatics to think about what grammar thinks about the world (HALLIDAY, 2002, p. 370).

RESUMO

O verbo *dar*, no português brasileiro, possui grande produtividade, como atestado ao se verificar seus diversos sentidos em Borba (1990) e em trabalhos de tese dedicados exclusivamente ao seu estudo (RASSI, 2015; SCHER, 2004). Concentrando-se nesse verbo a partir da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004), esta tese tem dois objetivos gerais: (i) ampliar o entendimento dos seus usos no português brasileiro e (ii) contribuir para a descrição sistêmico-funcional da lexicogramática do português brasileiro. De maneira específica, o propósito é (i) analisar e descrever as orações constituídas do verbo *dar* a partir da tipologia de processos do sistema de TRANSITIVIDADE e (ii) propor uma rede de sistema com opções que direcionem para um entendimento das expressões metafóricas com o verbo *dar* na função de Processo. Trata-se de uma pesquisa de cunho descritivo, com uma postura predominantemente paradigmática, nas quais as orações com o item lexical em questão são analisadas principalmente mediante a identificação da natureza, composição (por unidades inferiores na escala de níveis) e função de seus elementos. As orações analisadas são extraídas de dois *corpora*: o C-ORAL-BRASIL, aqui denominado *corpus* de base, por serem dele extraídas as instâncias linguísticas inicialmente analisadas, e o Corpus Brasileiro, referido como *corpus* de consulta, por ser utilizado para se verificar possíveis padrões de transitividade. Como resultado, observa-se que o verbo *dar* pode realizar qualquer um dos seis processos da tipologia proposta no sistema de TRANSITIVIDADE da LSF, embora, em alguns casos, não realize significados prototipicamente materiais, mentais, relacionais, comportamentais, verbais ou existenciais, encontrando-se, portanto, em zonas fronteiriças. Já as orações metafóricas com o verbo *dar* apontam para uma especificação do processo, no sentido de quantificá-lo ou de alterar o desdobramento de seu grau; como resultado do (e para o) estudo das orações metafóricas, propomos, na rede de sistema de TRANSITIVIDADE, o sistema de CONGRUÊNCIA, do qual faz parte o sistema de ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO.

Palavras-chave: Verbo *dar*. Linguística Sistêmico-Funcional. Descrição da transitividade do português brasileiro. Metáfora gramatical.

ABSTRACT

The verb *give*, in Brazilian Portuguese, has great productivity, as can be attested in Borba (1990), Rassi (2015) and Scher (2004), who point out a variety of senses associated to this lexical item. Focusing on this verb from the standpoint of Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004), this doctoral thesis aims at (i) broadening the understanding of their uses in Brazilian Portuguese and (ii) contributing to the systemic-functional description of Brazilian Portuguese. More specifically, it aims at (i) analysing and describing the clauses with processes realized by the verb *give* according to the system of TRANSITIVITY and (ii) proposing a system network in order to understand the differences in structure and meaning in metaphorical expressions with the verb *give* as Process. This is a descriptive research, adopts a paradigmatic linguistic perspective and analyses the clauses under investigation mainly through the identification of the nature, composition (by units down below the rank scale) and function of its elements. In searching transitivity patterns, two corpora are adopted: C-ORAL-BRASIL, identified as our base corpus, since it is the primary source from where the clauses initially analyzed are extracted, and Corpus Brasileiro, referred to as our search corpus, since it is used to verify possible transitivity patterns. As a result, we observe that the verb *give* can realize any one of the six processes in the system of TRANSITIVITY, although, in some cases, they do not realize prototypical meanings from the material, mental, relational, behavioral, verbal and existential regions. Still, it is proposed the system of CONGRUENCE, where options are displayed to explain metaphorically-derived expressions with the verb *give*.

Keywords: Verb *give*. Systemic-Functional Linguistics. Transitivity description of Brazilian Portuguese. Grammatical metaphor.

RESUMEN

El verbo *dar*, en portugués de Brasil, tiene una alta productividad, como podemos ver en Borba (1990) y en tesis de doctorado dedicadas exclusivamente al su estudio (RASSI, 2015; SCHER, 2004). Analizando oraciones con este verbo desde un punto de vista sistémico funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004), esta tesis tiene dos objetivos generales: (i) ampliar la comprensión de sus usos en el portugués de Brasil y (ii) contribuir a la descripción sistémica funcional de la lexicogramática del portugués de Brasil. De manera específica, el propósito es (i) analizar y describir las oraciones con el verbo *dar* a partir de la tipología de procesos del sistema de TRANSITIVIDAD y (ii) proponer una red de sistema con las opciones lexicogramaticales que posibilitan la comprensión de expresiones metafóricas con el verbo en la función de Proceso. Este es un trabajo descriptivo, con una postura predominantemente paradigmática y las oraciones son analizadas principalmente mediante la identificación de la naturaleza, composición (por unidades inferiores en la escala de niveles) y función de sus elementos. Los ejemplos analizados son tomados del C-ORAL-BRASIL, aquí denominado corpus de base (por ser de ello extraídas las instancias lingüísticas inicialmente analizadas), y el Corpus Brasileiro, referido como corpus de consulta (por ser utilizado para comprobar posibles construcciones gramaticales). Como resultado observamos que el verbo *dar* puede realizar cualquiera de los seis procesos de la tipología propuesta por la teoría sistémica funcional en la descripción del sistema de TRANSITIVIDAD, aunque, en algunos casos, no realice significados prototípicamente materiales, de conducta, mentales, verbales, relacionales o existenciales, encontrándose por lo tanto en zonas fronterizas. Las oraciones metafóricas con el verbo *dar* apuntan a una especificación del proceso, en el sentido de cuantificarlo o de alterar el desdoblamiento de su grado; como resultado del (y para el) estudio de las oraciones metafóricas, propongo, en la red de sistema de TRANSITIVIDAD, el sistema de CONGRUENCIA, dentro del cual se da el sistema de ESPECIFICACIÓN DEL PROCESO.

Palabras clave: Verbo *dar*. Lingüística Sistémica Funcional. Descripción de la transitividad del portugués de Brasil. Metáfora gramatical.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Língua como sistema estratificado.....	29
Figura 2 – Relação de realização entre funções e classes de elementos de níveis diferentes...	31
Figura 3 – As dimensões gerais da base ideacional.....	32
Figura 4 – Paradigma de orações.....	34
Figura 5 – Sistema de VOZ.....	36
Figura 6 – Sistema de VOZ expandido	37
Figura 7 – Transitividade representada como rede de sistema	39
Figura 8 – Sistema de TRANSITIVIDADE.....	42
Figura 9 – Orações materiais	44
Figura 10 – Orações mentais	44
Figura 11 – Orações relacionais	45
Figura 12 – Orações verbais	45
Figura 13 – Oração comportamental	46
Figura 14 – Oração existencial	46
Figura 15 – A gramática da experiência: tipos de processo	47
Figura 16 – A oração nos modelos transitivo e ergativo	48
Figura 17 – Papéis de participante na análise ergativa	49
Figura 18 – O sistema de AGÊNCIA.....	50
Figura 19 – Sistemas dependentes do termo [material].....	51
Figura 20 – Herança de trajeto do termo [disposição].....	52
Figura 21 – Sistema de ACESSO, NATUREZA e BENEFÍCIO.....	53
Figura 22 – Escala de refinamento	56
Figura 23 – Quadro conceitual da LSF e localização da pesquisa	57
Figura 24 – Reconstrução de unidades semânticas mediante metáforas gramaticais.....	63
Figura 25 – Mudança de classe de elementos na construção metafórica	66
Figura 26 – Metáfora gramatical interpretada como escolha realizacional	70
Figura 27 – Metáfora gramatical interpretada como composto semântico	71
Figura 28 – Nominalização de gerúndio e nominalização de ação com -ing.....	76
Figura 29 – Representação de metáforas gramaticais em forma de tabela.....	78
Figura 30 – Realização congruente e metafórica em diagrama com setas cruzando os estratos semântico e lexicogramatical.....	79
Figura 31 – Metáfora gramatical em forma de redes de sistema.....	81
Figura 32 – Alternativas de formas congruentes	82
Figura 33 – Metáfora gramatical de parte da figura	83
Figura 34 – Oração com o verbo <i>dar</i> ‘leve’	92
Figura 35 – Exemplo de Escopo:processo com verbo não leve	93
Figura 36 – Divisão do <i>corpus</i> C-ORAL-BRASIL	103
Figura 37 – Proposta de classificação de <i>corpora</i> com base no número de palavras.....	105
Figura 38 – Localização do C-ORAL-BRASIL	106
Figura 39 – Localização do Corpus Brasileiro	110
Figura 40 – Definição das formas a serem buscadas pelo SysConc.....	112
Figura 41 – Retorno do SysConc com base no C-ORAL-BRASIL	113
Figura 42 – Reprodução da tela de acesso ao Corpus Brasileiro.....	118
Figura 43 – Passos da pesquisa.....	120

Figura 44 – Tipos de Processo Material	124
Figura 45 – Papéis de participante e suas realizações em orações com <i>dar</i> transformativo de extensão	125
Figura 46 – Formas receptivas (inglês e português) de orações transformativas de extensão	127
Figura 47 – Sistematização das orações com o verbo <i>dar</i> transformativo	129
Figura 48 – Oração dos tipos [simples] e [complexo] no sistema de RECEPÇÃO	135
Figura 49 – Possuidor do Ente em sintagma preposicional com a função de Classificador ..	140
Figura 50 – Resumo das opções do tipo [+transferível]	141
Figura 51 – Resumo das orações do tipo [-transferível]	147
Figura 52 – Orações materiais transformativas de elaboração	150
Figura 53 – Grau de envolvimento dos participantes e das circunstâncias com o processo ..	152
Figura 54 – Sistema PARTE DO CORPO	153
Figura 55 – Análise de orações com o processo <i>cicatrizar</i>	154
Figura 56 – Processos criativos com a forma verbal <i>dar</i>	156
Figura 57 – Localização dos Processos Materiais criativos do tipo [geral]	158
Figura 58 – Distinção entre orações relacionais atributivas e materiais criativas	161
Figura 59 – Processo Relacional com Epíteto na função de Atributo	164
Figura 60 – Processo Relacional com Atributo confluído com o Processo	165
Figura 61 – Oração na função de Portador	166
Figura 62 – Análise de orações com o Portador como informação nova ou velha	167
Figura 63 – Ambiguidade em orações relacionais intensivas atributivas qualitativas	168
Figura 64 – Análise de orações relacionais com Atributo modificado por Numerativo estendido	169
Figura 65 – Processos Relacionais intensivos identificativos realizados por <i>dar</i>	172
Figura 66 – Análise dos grupos nominais na função de Identificador	173
Figura 67 – Formação de metáfora gramatical de oração relacional intensiva identificativa de igualdade	174
Figura 68 – Versão congruente de oração metafórica com Processo Relacional intensivo identificativo de igualdade	174
Figura 69 – Metáfora gramatical em Processos Relacionais intensivos identificativos de igualdade	175
Figura 70 – Verbo <i>dar</i> em orações relacionais de circunstância	176
Figura 71 – Processos Verbais com o verbo <i>dar</i>	178
Figura 72 – Similaridades e diferenças entre o verbo <i>dar</i> Material transformativo de extensão e o verbo <i>dar</i> Verbal	179
Figura 73 – Verbos <i>gostar</i> e <i>agradar</i> interpretados como orações mentais	179
Figura 74 – Análise das orações mentais com o verbo <i>dar</i>	180
Figura 75 – Verbo <i>dar</i> realizando Processos Comportamentais	181
Figura 76 – O verbo <i>dar</i> realizando Processos Existenciais	182
Figura 77 – O verbo <i>dar</i> em grupos verbais complexos	183
Figura 78 – Verbo <i>dar</i> auxiliar em grupos verbais complexos	185
Figura 79 – O espaço semântico ocupado por figuras realizadas pelo verbo <i>dar</i> e suas principais áreas de indeterminação	186
Figura 80 – Comparação entre oração congruente e incongruente	189
Figura 81 – O sistema de CONGRUÊNCIA	189
Figura 82 – O fator completude na distinção dos processos	192
Figura 83 – Representação da quantificação dos eventos	193

Figura 84 – Refinamento do sistema de CONGRUÊNCIA	196
Figura 85 – Representação da intensificação dos eventos.....	197
Figura 86 – Exemplo de possível representação do sistema de CONGRUÊNCIA.....	199
Figura 87 – Exclusão do sistema de CONGRUÊNCIA	201
Figura 88 – Sistema de CONGRUÊNCIA na base da rede de sistema de TRANSITIVIDADE.....	201
Figura 89 – Metáforas gramaticais representadas em um plano paralelo.....	202
Figura 90 – Anulação da possibilidade de representação do subsistema TIPO DE PROCESSO MATERIAL	202
Figura 91 – Localização do sistema de CONGRUÊNCIA.....	203
Figura 92 – Sistema de TRANSITIVIDADE acrescido do sistema de CONGRUÊNCIA.....	206
Figura 93 – Comparação entre as estruturas congruente e metafórica na voz receptiva.....	208
Figura 94 – Interação entre os sistemas de ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO, NUMERATIVO e GRAU	211
Figura 95 – Comparação entre <i>dar</i> criativo e <i>dar</i> metafórico	212
Figura 96 – Diferença entre as variantes metafórica e congruente em <i>deu uma facada</i> e <i>esfaqueou</i>	214
Figura 97 – Mais e menos metafórico em atos violentos com <i>dar</i>	215
Figura 98 – Direção da metaforização.....	216
Figura 99 – Transcategorização da metáfora <i>dar uma facada</i>	218
Figura 100 – [apossamento] vs. [passe]: o ponto de vista do produtor	229

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Regras de realização do termo [mental]	40
Quadro 2 – Exemplos de regras de realização.....	41
Quadro 3 – Seleções de expressão do sistema de AGÊNCIA.....	50
Quadro 4 – Domínios de metáforas de elementos	64
Quadro 5 – Tipos de metáfora	65
Quadro 6 – Relação entre orações agnatas e <i>enates</i>	75
Quadro 7 – Proposta de classificação do verbo <i>dar</i> no português brasileiro	88
Quadro 8 – Aspectos verbais	95
Quadro 9 – Tipo de eventualidade favorável à formação de construções com o verbo leve <i>dar</i>	97
Quadro 10 – Formas do verbo <i>dar</i>	111
Quadro 11 – Demonstração do princípio da agnação.....	116
Quadro 12 – Orações com o verbo <i>dar</i> transformativo: perguntas e afirmações-teste	126
Quadro 13 – [apossamento] vs. [passe]: teste com o verbo <i>ter</i> e a construção <i>estar com</i>	137
Quadro 14 – Interseção dos sistemas dependentes do termo [apossamento]	138
Quadro 15 – Diferença entre orações materiais transformativas de extensão e orações materiais transformativas de elaboração	149
Quadro 16 – Categorias de Processos Relacionais combinados.....	160
Quadro 17 – Exemplos de realizações da opção [incongruente]	197
Quadro 18 – Paradigma de nominalizações com <i>-ada</i> baseado na forma particípio.....	198
Quadro 19 – Domínios de metáforas de elementos aplicado a <i>dar uma facada</i>	217
Quadro 20 – Orações com o verbo <i>dar</i> distribuídas de acordo com termos mais refinados do sistema de TIPO DE PROCESSO	221
Quadro 21 – Proposta de classificação do verbo <i>dar</i> no português brasileiro	224

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição do <i>corpus</i> C-ORAL-BRASIL	103
Tabela 2 – Formas verbais <i>dar, deu e dá</i> distribuídas nos <i>corpora</i> Lácio-Web e C-ORAL-BRASIL	107
Tabela 3 – Composição do Corpus Brasileiro de acordo com as subdivisões em subcorpora.....	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

adj.	adjetivo
det	determinante
Circ.	Circunstância
gr.	grupo
gr. adv.	grupo adverbial
gr. n.	grupo nominal
gr. v.	grupo verbal
GSF	Gramática Sistêmico-Funcional
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
Mat.	(Processo) Material
Mod.	Modificador
obl	(pronome) oblíquo
part	(forma verbal) particípio
part.	participante
pas	(tempo) passado
pos	(pronome) possessivo
Pr.	Processo (enquanto função na oração)
pr.	processo (enquanto unidade semântica)
prep.	preposição
pron.	pronome
s. prep.	sintagma preposicional

LISTA DE SÍMBOLOS USADOS NAS TRANSCRIÇÕES DO C-ORAL-BRASIL

&	Interrupção de palavras.
&he	Hesitação.
/	Quebra não terminal. Delimita unidades prosódicas internas ao enunciado.
//	Quebra terminal. Delimita enunciados concluídos.
[/nº]	Marca o fenômeno de <i>retracting</i> , que se refere ao ato de retomar, corrigindo ou não, uma ([/1]), duas ([/2]), três ([/3]) ou mais palavras pronunciadas na fala.
+	Quebra terminal interrompida. Indica que o enunciado não foi concluído pelo falante, seja por sua vontade ou por fatores externos.
< >	Sobreposição de fala.
hhh	Sons paralinguísticos, como tosse e riso.
xxx	Palavra não transcrita (por falta de compreensão ocasionada por ruídos de fundo, sobreposição com outros informantes etc.).
yyy	Palavra censurada para proteger o anonimato de um ou mais informantes, ou de terceiros que foram mencionados.
yyyy	Trecho, maior que uma palavra, não transcrito (por falta de compreensão ocasionada por ruídos de fundo, sobreposição com outros informantes etc.).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
2	LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: CONCEITOS FUNDAMENTAIS	28
2.1	A teoria sistêmico-funcional	28
2.2	Sistema em LSF	33
2.2.1	A noção de sistema	33
2.2.2	Características das redes de sistema.....	36
2.3	O sistema de TRANSITIVIDADE	41
2.3.1	O sistema de TIPO DE PROCESSO	43
2.3.2	O sistema de AGÊNCIA.....	47
2.3.3	Refinamento no sistema de TRANSITIVIDADE.....	50
2.3.3.1	<i>Exemplo de expansão de sistemas</i>	<i>51</i>
2.3.3.2	<i>A descrição lexicogramatical e a escala de refinamento</i>	<i>55</i>
2.4	Considerações do capítulo	57
3	O FENÔMENO DA METÁFORA GRAMATICAL EM LSF	59
3.1	Metáfora gramatical: a perspectiva hallidayana	59
3.1.1	A construção das metafóricas gramaticais	62
3.1.2	Razões para o uso de metáforas gramaticais.....	66
3.1.3	Identificação das metáforas gramaticais	67
3.2	Metáfora gramatical: desenvolvimentos a partir de Halliday	69
3.2.1	Dois modelos teóricos para o entendimento das metáforas gramaticais.....	69
3.2.2	Nominalização e sua análise	73
3.3	Representação da metáfora gramatical	77
3.4	Orações metafóricas com o verbo <i>dar</i> no quadro geral das metáforas gramaticais.....	82
3.5	Considerações do capítulo	84
4	ESTADO DA ARTE	86
4.1	Proposta de classificação do verbo <i>dar</i>.....	86
4.2	Classificação do verbo <i>dar</i> em Tucker	89
4.3	A classe dos verbos ‘leves’	91
4.4	O verbo leve <i>dar</i> em Scher.....	94
4.5	Considerações do capítulo	99
5	TRAJETO METODOLÓGICO	100
5.1	A pesquisa de <i>corpus</i>	101

5.1.1	O corpus C-ORAL-BRASIL	102
5.1.1.1	Organização do C-ORAL-BRASIL.....	102
5.1.1.2	Razão da escolha do C-ORAL-BRASIL	104
5.1.2	O Corpus Brasileiro	108
5.2	Procedimentos de análise.....	110
5.2.1	Busca de padrões no C-ORAL-BRASIL	110
5.2.2	Identificação de padrões.....	114
5.2.2.1	Natureza dos elementos da oração	115
5.2.2.2	Perguntas-teste.....	115
5.2.2.3	Agnação	116
5.2.2.4	Verificação de padrões no Corpus Brasileiro	117
5.2.2.5	Formalização em redes de sistema	119
5.3	Considerações do capítulo	120
6	O VERBO DAR: DESCRIÇÃO SISTÊMICO-FUNCIONAL.....	121
6.1	Definição das orações analisadas	121
6.2	Verbo dar Material.....	123
6.2.1	Verbo dar transformativo de extensão.....	124
6.2.1.1	O sistema de ACESSO.....	130
6.2.1.2	O sistema de NATUREZA	132
6.2.1.3	O sistema de RECEPÇÃO.....	134
6.2.1.4	Distinção entre [apossamento] e [passe]	135
6.2.1.5	Ambiguidades entre [apossamento] e [passe]	139
6.2.1.6	O termo [-transferível].....	144
6.2.2	Verbo dar transformativo de elaboração	148
6.2.2.1	Sobre o participante Agente.....	150
6.2.2.2	Sobre o participante Meio.....	151
6.2.2.3	Sobre o processo e o participante Extensão	154
6.2.3	Verbo dar Material criativo	155
6.3	Verbo dar Relacional	159
6.3.1	Verbo dar intensivo atributivo	161
6.3.2	Verbo dar intensivo atributivo qualitativo	163
6.3.3	Verbo dar intensivo atributivo qualitativo: oração como Portador	165
6.3.4	Verbo dar intensivo atributivo com Numerativo estendido.....	168
6.3.5	Verbo dar intensivo identificativo de igualdade	171
6.3.6	Verbo dar circunstancial	175

6.4	Verbo <i>dar</i> Verbal.....	176
6.5	Verbo <i>dar</i> Mental	179
6.6	Verbo <i>dar</i> Comportamental	181
6.7	Verbo <i>dar</i> Existencial.....	182
6.8	Verbo <i>dar</i> auxiliar em complexos verbais.....	183
6.9	Considerações do capítulo	185
7	O VERBO DAR EM EXPRESSÕES METAFÓRICAS.....	188
7.1	O sistema de CONGRUÊNCIA.....	188
7.1.1	Especificação do processo: [quantidade]	190
7.1.2	Especificação do processo: [grau de desenvolvimento]	195
7.2	O sistema de CONGRUÊNCIA e o sistema de TRANSITIVIDADE	199
7.2.1	Constituição e localização do sistema de CONGRUÊNCIA no sistema de TRANSITIVIDADE	199
7.2.2	Associação ao sistema de VOZ EFETIVA	207
7.3	Os limites do sistema de CONGRUÊNCIA.....	209
7.3.1	Limite metafuncional	210
7.3.2	Limite na escala de níveis	210
7.3.3	Relação entre nominalização e metáfora gramatical.....	211
7.4	Metáforas de metáforas	213
7.5	Considerações do capítulo	218
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	220
8.1	O verbo <i>dar</i> no sistema de TRANSITIVIDADE.....	221
8.2	O verbo <i>dar</i> em orações metafóricas	225
8.3	Pesquisas futuras.....	229
	REFERÊNCIAS	231
	APÊNDICE A – LISTA DE TERMOS DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO- FUNCIONAL TRADUZIDOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA	238

1 INTRODUÇÃO

Ao se descrever uma língua, mesmo que se queira abordá-la em um plano geral, é comum a adoção, durante o processo de descrição, de uma divisão de trabalho, o que implica considerar uma “parte” linguística de cada vez. Isso, decerto, envolve a ideia de que uma língua pode ser dividida. Neste momento, sem entrar em modelos teóricos que, muitas vezes, se distinguem em razão do modo como apontam as divisões linguísticas, pode-se dizer que a língua é composta de dois domínios: o das formas físicas (sons, letras) e o das unidades de significado expressas pelas formas físicas. No caso desse segundo nível, é comum (CRYSTAL, 1987, p. 82-83) a divisão entre os níveis gramatical e semântico para o estudo de como sequências de elementos dotados de significado (os elementos da primeira articulação mencionados por Martinet (1978)) se organizam e formam padrões de significação.

Das formas como a gramática, especificamente, é estudada, uma considera as propriedades dos verbos e as funções dos elementos nominais e preposicionais que os seguem na constituição da oração. A esse fenômeno que envolve a quantidade, a natureza e a organização dos elementos na oração, dá-se o nome de transitividade¹. Dentro da teoria conhecida como Linguística Sistêmico-Funcional (doravante, LSF), adotada neste trabalho de tese, o estudo da transitividade resulta, principalmente, em uma tipologia de processos que distingue a forma como a experiência é construída². Os processos materiais, mentais, relacionais, verbais, existenciais e comportamentais, tal como identificados na descrição da língua inglesa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), são os mais gerais na composição do que se chama *sistema de TIPO DE PROCESSO*, parte do sistema de TRANSITIVIDADE.

Em Caffarel, Martin e Matthiessen (2004), o sistema de TRANSITIVIDADE é descrito em diversas línguas além da inglesa. Em termos gerais, os seis processos identificados por Halliday na língua inglesa são encontrados em outras línguas, como atestado por Matthiessen (2004, p. 580): “[o]s sistemas de transitividade das línguas descritas [...] parecem ser amplamente similares no que se refere a suas organizações gerais. Eles têm mais ou menos a mesma extensão de termos primários dentro do sistema de tipos de processo, embora processos ‘existenciais’

¹ Para uma descrição da transitividade tal como considerada nesta tese, ver o Capítulo 2.

² Ver, a esse respeito, McDonald (2008, p. 201-207), que faz uma oposição entre a interpretação de transitividade como uma *tipologia*, que tem as propostas de Halliday e Tesnière como exemplos, e a interpretação de transitividade como *escala*, que tem a proposta de Hopper e Thompson como exemplo.

sejam variáveis”³. Isso evidencia a robustez, em termos de generalização, da tipologia proposta por Halliday (2002, 1994).

No entanto, quando esse modelo tipológico da transitividade é visto a partir de categorizações mais refinadas⁴, é esperado que as línguas se diferenciem. Como o próprio Matthiessen (2004, p. 580) afirma, “há uma variação considerável no detalhamento dos tipos de processo primários, isto é, nas partes mais refinadas do sistema de transitividade”^{5, 6}.

De fato, o sistema de TRANSITIVIDADE, como resultado das descrições da língua inglesa, já foi considerado como ponto de referência para a análise do português brasileiro, e foi atestada a similaridade de tipos de processo entre as duas línguas no plano mais geral do sistema (CUNHA; SOUZA, 2007; FIGUEREDO, 2011; FUZER; CABRAL, 2014), com diferenças quando são analisados planos mais específicos, como os diferentes tipos de Processo Mental (FIGUEREDO, 2011).

O presente trabalho de tese opta por tratar a transitividade do português brasileiro em seu plano mais refinado. Reconhecem-se dois caminhos possíveis no tratamento da transitividade dessa maneira: (i) optar por uma região da gramática da experiência (material, mental, relacional, verbal, comportamental ou existencial) e especificá-la com base na descrição do português brasileiro (Figueredo (2011) faz isso com relação à região mental) ou (ii) escolher um conjunto de verbos, pertencentes a um (ou mesmo vários) campo semântico, e analisá-lo a partir da LSF, especificando as regiões da gramática da experiência às quais pertencem cada um dos processos realizados por tais verbos – e, como consequência, ampliando o refinamento de cada uma das regiões da experiência (Matthiessen (2014) faz isso em relação à língua inglesa a partir de classes verbais propostas por Levin (1993)). Em ambas as possibilidades, é verificada uma delimitação no trabalho de pesquisa, seja especificando-se a região da experiência, seja especificando-se as classes de verbos a serem exploradas; esse procedimento se torna necessário em vista da complexidade inerente às análises transitivas mais refinadas.

Nesta tese, optou-se pelo segundo caminho, embora não tenham sido escolhidas classes (ou conjuntos) verbais, mas, antes, um único verbo: o verbo *dar*⁷. Entende-se que esse verbo

³ “The transitivity systems of the languages described in this book seem to be broadly similar in the general organization. They have more or less the same range of primary terms within the system of PROCESS TYPE, although ‘existential’ processes are variable.”

⁴ No Capítulo 2 será melhor explicado o termo teórico *refinamento*, que, basicamente, diz respeito ao nível de generalização de categorias em sistemas como o de TRANSITIVIDADE.

⁵ “[...] there is considerable variation in the elaboration of the primary process types, i.e. in the more delicate parts of the transitivity system.”

⁶ Todas as traduções de citações e exemplos feitas nesta tese são de nossa responsabilidade.

⁷ Em LSF, há uma diferença entre processo (unidade semântica), Processo (função na configuração da oração) e verbo (classe de palavras). Um processo é um elemento semântico que contribui para a representação da experiência na composição de uma figura; constrói/classifica semioticamente a realidade em tipos, dos quais

merece um tratamento especial nessa forma de se fazer pesquisa em LSF em função de sua frequência e de sua rica variedade de sentidos no português brasileiro. Sobre sua frequência, Rassi e Vale (2013), por meio de uma busca⁸ em *corpora* escritos do português do Brasil e de Portugal (em um total de mais de dois bilhões de palavras), apontam o verbo *dar* como o nono mais frequente, atrás apenas de *ser*, *ter*, *estar*, *fazer*, *poder*, *ir*, *dizer* e *haver*. Já sua rica variedade de sentidos é evidenciada em Borba (1990, p. 364-368), que lhe reserva cinco páginas do seu *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. Essa relação entre a alta frequência de um verbo e sua diversidade de sentidos é prevista em Matthiessen (2014, p. 150), para quem há uma clara tendência de os verbos mais frequentes possuírem mais sentidos, isso implicando dizer que sua sistematização pode acarretar a passagem por mais de uma região do sistema de TRANSITIVIDADE.

Os vários sentidos do verbo *dar* são verificados na diversidade de padrões de expressão⁹ encontradas no seu uso:

- (1) ah mãe / a senhora ã tem passarim mais / **me dá esse alpiste pra mim** // falei / dou // dei ele o alpiste / levou embora // (bfamdl15)
- (2) aí passamo na casa da vó da minha esposa / no momento que nós passamo [/1] paramo um tiquinho lá / **deu até a vontade de vim embora** // (bfammn13)
- (3) é / uma linha macho / e duas linha fêmeas dentro de uma estufa de / mais ou menos / **ela dá duzentos metros quadrados** // (bpubdl05)
- (4) ela mora / lá em beagá / **ela me deu até o endereço** / eu ia lá na casa dela lá visitar ela / <né> / (bpubdl11)
- (5) <duas [cervejas] dão> // (bfamcv10)
- (6) cê ã fala assim do meu parceiro ão / que **cê já deu um bicudo em** <mim / Marcelo> // (bfamcv05)

podem ser apontados o *fazer*, o *sentir* e o *ser*, esses tipos sendo identificados de acordo com a configuração de outros elementos (participante e circunstância) na figura. Os processos são realizados, no estrato lexicogramatical, pelo grupo verbal, cuja estrutura é constituída, dentre outras, pela classe dos verbos. Dentro do próprio estrato lexicogramatical, grupos verbais realizam Processos, que são funções no nível da oração. São exemplos de funções: Processo Material, Processo Mental, Processo Relacional etc. Essas funções expressam a análise transitiva de acordo com os processos (e os participantes) das figuras realizadas pela oração. Na presente tese, referimo-nos ao *dar* por meio de expressões como “verbo *dar*” e “forma verbal *dar*”. As expressões “processo *dar*” ou “Processo *dar*” se mostram inadequadas porque não revelam o sentido realizado pelo verbo. Por outro lado, durante a análise, tendo conhecimento do sentido realizado pelo verbo *dar*, já será possível o uso de expressões como “Processo Material transformativo *dar*”, “Processo Material criativo *dar*” etc.

⁸ “Foi efetuada uma busca por frequência dos lemas verbais em todos os corpora escritos de português do Brasil e de Portugal, disponíveis no AC/DC (Acesso a Corpus/ Disponibilização de Corpus). A busca pode ser reproduzida através do endereço <<http://www.linguatca.pt/ACDC/>>” (RASSI; VALE, 2013, p. 107).

⁹ Nesta tese, as orações serão seguidas de sua origem entre parênteses. A origem é, basicamente, de dois *corpora* com os quais iremos trabalhar na tese: o C-ORAL-BRASIL e o Corpus Brasileiro. As orações trabalhadas por outros autores, e que porventura venham a ser apresentadas na tese, serão devidamente indicadas com o nome do autor constante na seção Referências. As únicas orações que ficarão sem referências serão aquelas fruto de testes de reescrita. Nas orações utilizadas como exemplos, por vezes, também, usamos reticências ou informações entre colchetes, indicando, respectivamente, supressões ([...]) ou elipses ([para os noivos]).

- (7) vocês vão / ser aquela pessoa / que vai / buscar a letra na internet e disponibilizar // então
 cês dão uma revisada / antes / (bpubcv03)

Nas orações destacadas de (1) a (7), é possível observar que o verbo *dar* está presente em configurações transitivas diferentes. Isso implica dizer que os participantes e circunstâncias tomam diferentes papéis nessas orações, com isso sendo identificados diferentes sentidos para o verbo *dar*. São expressões que vão desde o processo de transferência de posse (exemplo (1)), até expressões com verbos “suporte” (NEVES, 2011) ou “leve” (SCHER, 2004; TUCKER, 2014a), que são expressões metafóricas (exemplo (7)) com a configuração Processo + Extensão (ver Capítulo 3 para um entendimento de metáforas gramaticais). Essas diferenças podem ser percebidas não apenas na ausência/presença de elementos na oração (participantes e circunstâncias), mas também na natureza desses elementos (como o fato de ser animado ou inanimado, no caso dos participantes) e na realização por diferentes classes na escala de níveis (grupo, palavra e morfema).

Nesta tese, a partir da observação de orações como essas com a forma verbal *dar* e seguindo o arcabouço teórico sistêmico-funcional, são considerados os seguintes objetivos gerais:

- ampliar o entendimento dos usos da forma verbal *dar* no português brasileiro;
- contribuir para uma descrição sistêmico-funcional do português brasileiro.

Para se alcançar esses objetivos, os seguintes objetivos específicos são considerados:

- analisar e descrever as orações com processos realizados pelo verbo *dar* de acordo com o sistema de TRANSITIVIDADE proposto pela GSF;
- propor uma rede de sistema, com suas respectivas opções lexicogramaticais, que contribua para um entendimento das orações nas quais se têm o fenômeno da metáfora gramatical com a inserção da forma verbal *dar*.

Uma vantagem do trabalho aqui intentado – e que, talvez, seja a mais evidente – é a sua contribuição para a descrição do português brasileiro (este sistema semiótico por meio do qual expressamos nossas experiências e nos relacionamos em sociedade). A gramática do português brasileiro, por meio dos esforços de vários linguistas empenhados em suas pesquisas

(CASTILHO, 2010; PERINI, 2010; NEVES, 2011)¹⁰, já foi consideravelmente descrita, sendo possível dizer que se têm referências com descrições e explicações de várias de suas características lexicogramaticais. No entanto, em função de sua complexidade, jamais uma língua será descrita ao ponto de se ter uma explicação completa de todas as suas particularidades. No caso do verbo *dar*, por mais que sejam reconhecidos os trabalhos de Neves (2002), Scher¹¹ (2004, 2006, 2007) e Rassi (2015), ainda se pode, a partir da vertente teórica sistêmico-funcional, estudá-lo sem imergir no campo repetitivo, agregando, com isso, conhecimento para um melhor entendimento da sua natureza e do seu uso.

Em outras palavras, se expressões com o verbo *dar* já foram estudadas com base na Gramática Gerativa (SCHER, 2004), na Teoria da Lexicogramática (RASSI, 2015) e mesmo em teorias funcionalistas (NEVES, 2002), torna-se relevante observá-las, também, a partir de outras lentes teóricas, para que assim tenhamos uma outra linha de entendimento para seu maior esclarecimento. A LSF será utilizada por se acreditar que as descrições gramaticais, ao seguirem um modo de se pensar baseado no eixo paradigmático e com consequentes representações visuais na forma de redes de sistema, oferecem uma visão em consonância com o aspecto semiótico e recursivo das línguas. Além disso, por permitir, em seu plano teórico, descrições lexicogramaticais que consideram traços semânticos, bem como diferentes níveis dentro do próprio estrato lexicogramatical, a LSF possibilita uma análise ampla em consonância com o aspecto social da linguagem.

No Brasil, o sistema de TRANSITIVIDADE do português brasileiro tem sido consideravelmente descrito de acordo com a abordagem da LSF (FIGUEREDO, 2011; CUNHA; SOUZA, 2007; FUZER; CABRAL, 2014). Contudo, essas descrições estão majoritariamente concentradas no lado menos refinado das opções lexicogramaticas (isto é, na distinção de processos materiais, mentais, relacionais, comportamentais, verbais e existenciais) e não seguem o segundo caminho indicado acima (relacionado a um ponto de partida de verbos ou classes verbais). Isso significa que, no contínuo gramática~léxico¹², os estudos do português brasileiro com base na LSF estão essencialmente focados no polo mais gramatical, portanto demonstrando as categorias mais gerais de significado usadas na representação da experiência. Analisando um verbo específico, esta tese contribui para o campo descritivo do português

¹⁰ Aqui, citamos apenas alguns dos mais conhecidos e que demonstraram seus resultados em forma de um livro reconhecido como sendo uma Gramática. É evidente que são numerosos os trabalhos em forma de teses, dissertações, artigos e livros que se empenham na descrição de aspectos da lexicogramática do português brasileiro, sob diferentes perspectivas teóricas, alguns dos quais, inclusive, citados ao longo da tese.

¹¹ O trabalho de Scher será detalhado no Capítulo 4.

¹² Sobre esse contínuo, ver Halliday e Matthiessen (2004, p. 20) e o Capítulo 2 desta tese.

brasileiro com base na LSF. Nesse caminho em direção a uma análise mais refinada, segue-se o “sonho do gramático” proposto por Halliday (2002, p. 54): “o sonho do gramático é (e deve ser, dada a natureza da gramática) de uma constante expansão territorial. Ele gostaria de transformar o todo da forma linguística em gramática, com a esperança de demonstrar que o léxico pode ser definido como ‘a gramática mais refinada’”¹³.

A tese está organizada em oito capítulos, incluindo este primeiro, de caráter introdutório. O segundo, terceiro e quarto capítulos são de natureza teórica; o quinto apresenta o trajeto metodológico; o sexto e sétimo destinam-se à análise e descrição das orações com a forma verbal *dar*; por fim, são feitas as considerações finais.

No Capítulo 2, intitulado *Linguística sistêmico-funcional: conceitos fundamentais*, será apresentado um quadro de conceitos relevantes para o entendimento de língua e gramática na LSF. De todos os conceitos essenciais para o entendimento da perspectiva sistêmico-funcional, será dedicado um maior espaço à explanação das noções de *sistema* e de *transitividade*.

No Capítulo 3, intitulado *O fenômeno da metáfora gramatical em LSF*, é apresentado o conceito de metáfora gramatical, a partir do qual Halliday (1994, 1998) explica como são percebidas expressões que, apesar de distintas lexicogramaticalmente, possuem sentidos semelhantes. A discussão é aprofundada com os trabalhos de Ravelli (1988, 2003) e Heyvaert (2003). Ainda são apresentadas formas de identificação, classificação e representação de expressões metafóricas. Esse capítulo torna-se relevante para esta tese por apresentar um conhecimento necessário para o entendimento de orações como (6) *cê já deu um bicudo em mim* e (7) *cês dão uma revisada antes*.

No Capítulo 4 são apresentados estudos que, apesar de se apoiarem, em sua maioria, em perspectivas teóricas diferentes da adotada nesta tese, contribuem para um entendimento de orações com a forma verbal *dar* no português brasileiro. Dos estudiosos que seguem a perspectiva sistêmico-funcional, são apresentados Tucker (2014a), que aborda a diversidade de significados de orações com o verbo *dar* em língua inglesa, e Gledhill (2011), Todirascu e Gledhill (2008) e Tucker (2001, 2007, 2014b), que analisam, de modo específico, orações com verbos “vazios”.

O Capítulo 5, *Trajeto metodológico*, localiza a tese no quadro das ciências como um todo e, de maneira específica, no quadro teórico-metodológico da LSF. Nesse capítulo são apresentados o C-ORAL-BRASIL, *corpus* a partir do qual são inicialmente extraídas as orações

¹³ “[t]he grammarian’s dream is (and must be, such is the nature of grammar) of constant territorial expansion. He would like to turn the whole of linguistic form into grammar, hoping to show that lexis can be defined as ‘most delicate grammar’.”

com o verbo *dar*, e o Corpus Brasileiro, a partir do qual são verificados padrões de transitividade. Ainda, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, desde a extração das orações no C-ORAL-BRASIL até a forma como essas orações são analisadas e descritas.

No Capítulo 6 são apresentadas as orações com o verbo *dar* de acordo com o sistema de TRANSITIVIDADE proposto por Halliday e Matthiessen (2004). Seguindo o primeiro objetivo específico apontado nesta introdução, esse capítulo apresenta as particularidades das orações com o verbo *dar* e consequentemente as justificativas para as classificações em cada uma das seis regiões da gramática da experiência. Um maior esforço em termos de refinamento é destinado às orações em que o verbo estudado envolve a transferência de algo.

O Capítulo 7 é destinado, de maneira mais específica, às orações classificadas como metafóricas, portanto segue o segundo objetivo específico apontado nesta introdução. Nesse capítulo, é proposto o sistema de CONGRUÊNCIA, a partir do qual são apresentadas as opções que permitem a distinção das orações metafóricas entre si e dos seus pares congruentes.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, momento em que são revisitados os objetivos apresentados nesta introdução para se demonstrar como foram atingidos no decorrer da tese. Nessas considerações finais, são identificados os ganhos obtidos com o estudo e apontadas possíveis pesquisas futuras necessárias para uma continuidade da descrição sistêmico-funcional do português brasileiro.

2 LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Como apresentado no capítulo introdutório, a descrição das orações com o verbo *dar* segue o arcabouço teórico da LSF. Essa teoria possui um conjunto amplo de termos associados a uma forma própria de explicar o que é uma língua (ver Matthiessen, Teruya e Lam (2010)). No presente capítulo serão apresentados aqueles termos associados à parte da teoria necessária para os objetivos pretendidos na tese.

O capítulo contempla os seguintes propósitos: apresentar, resumidamente, o quadro teórico da LSF, com os principais conceitos utilizados no entendimento da língua; explicar de maneira detalhada a noção de sistema; apresentar o sistema de TRANSITIVIDADE com os modelos transitivo e ergativo para a análise da oração enquanto construtora de significados experienciais.

2.1 A teoria sistêmico-funcional

A LSF distingue-se por apresentar uma teorização própria para as investigações em torno dos fenômenos linguísticos. Nessa teoria, a língua¹⁴ é percebida como um sistema semiótico em atendimento às necessidades da sociedade na qual é usada. Esse sistema semiótico não é entendido como uma codificação das experiências da realidade; antes, é por meio dele que é construída a experiência responsável pelo entendimento e pela ação sobre a realidade. Isso fica claro a partir da seguinte citação:

Nosso argumento é o de que não há qualquer ordem da experiência além daquela conferida pela linguagem¹⁵. De fato, poderíamos definir a experiência em termos linguísticos: ***a experiência é a realidade que construímos para nós mesmos por meio da linguagem***.¹⁶ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 3, grifo dos autores).

A explicação para a organização desse sistema semiótico é uma outra particularidade da teoria sistêmico-funcional. Língua, aqui, é entendida como um recurso organizado em três

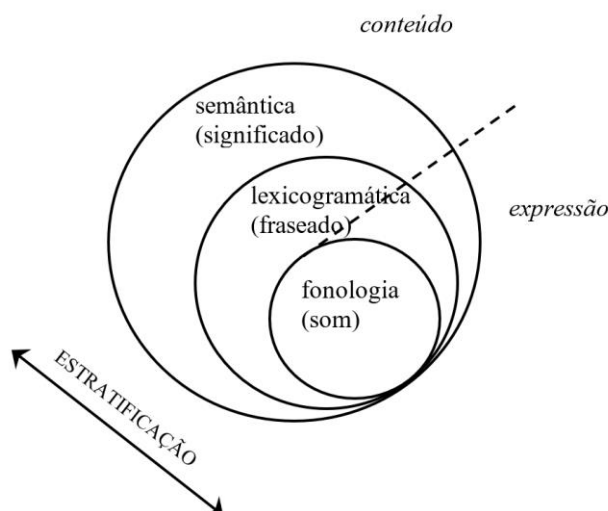
¹⁴ Seguindo Figueredo (2011, p. 36), nesta tese “os sistemas linguísticos serão denominados de ‘línguas’ e o termo ‘linguagem’ está reservado aos sistemas semióticos em geral”. Por não querermos expandir o grau de generalização na escrita da nossa tese, o termo “língua” será mais predominantemente utilizado.

¹⁵ Seguindo nossa nota de rodapé anterior, veja-se que, aqui, a tradução do termo *language* por *linguagem* é preferível, dado o plano geral no qual os autores se colocam.

¹⁶ “Our contention is that there is no ordering of experience other than the ordering given to it by language. We could in fact define experience in linguistic terms: ***experience is the reality that we construe for ourselves by means of language***.”

estratos, relacionados entre si por meio do princípio de realização¹⁷ (ver **Figura 1**). O estrato semântico (o mais abstrato) é realizado pelo estrato lexicogramatical; o estrato lexicogramatical, por sua vez, é realizado pelo estrato fonológico/grafológico (o menos abstrato). Os estratos semântico e lexicogramatical, juntos, se opõem ao estrato fonológico: este corresponde à parte da expressão, aqueles à parte do conteúdo. A esses três estratos correspondem, respectivamente, o sistema semântico, o sistema de fraseado (sistema formado por estruturas gramaticais e itens lexicais) e o sistema de sons (ou sistema de grafemas, a depender do material utilizado na expressão). O princípio organizacional em torno dos três estratos é o mesmo: o princípio sistêmico, que estabelece a ideia de sistema com opções inter-relacionadas.

Figura 1 – Língua como sistema estratificado



Fonte: Halliday e Matthiessen (1999, p. 5).

De maneira simplificada, a língua é um sistema semiótico estratificado e seus estratos, organizados por meio de sistemas, se relacionam mediante a noção de realização.

A lexicogramática, de maneira específica, é considerada a “casa de força” da língua, a fonte de sua energia semiótica, o lugar onde os significados são construídos (HALLIDAY,

¹⁷ O movimento de realização, assim como estudado pela LSF, não considera que a língua distorce a realidade ou que a lexicogramática distorce a semântica. A concepção de que a lexicogramática distorce a semântica é por vezes verificada em trabalhos situados no quadro teórico da Sintaxe Gerativa. Em Postal (1966), por exemplo, pronomes são, na verdade, artigos; em Hale e Keyser (1993), verbos podem ser, na realidade, fruto de um movimento de transformação, que juntam adjetivos e preposições a um elemento verbal (como em *João encaixotou os livros*, onde *encaixotou* = pôr + em + caixa). Para Halliday e Matthiessen (1999, p. 447), essa visão está equivocada porque “[u]m sistema semiótico não é um tipo de roupa exterior que pode tanto revelar como esconder o que está por baixo. Na verdade, ele é uma transformação da experiência em significados, e cada estrato dentro do sistema é interpretado pelos (e interpreta os) demais”.

2003; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004)¹⁸. Esse estrato do conteúdo é o que confere o poder de expansão “mais ou menos indefinido” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 24) da língua de um adulto, pois evita a ligação direta entre a expressão e o significado. Por isso, a descrição sistêmico-funcional de uma língua passa necessariamente pela descrição de sua gramática.

Essa criação de significados pela lexicogramática se dá dentro de três funções (ou “metafunções”, como são chamadas por Halliday (1978)): ideacional, interpessoal e textual. Essas três metafunções são responsáveis, respectivamente, (i) pela representação da experiência externa e interna dos usuários da língua, (ii) pelas relações estabelecidas entre estes usuários e (iii) pela organização do discurso enquanto um todo coeso e coerente. Por isso, o estudo da lexicogramática é funcionalmente e semanticamente motivado, como expresso em Halliday e Matthiessen (1999, p. 8).

Na mesma esteira, o sistema de fraseado divide-se em três sistemas, cada um relacionado a uma metafunção: o sistema de TRANSITIVIDADE, o sistema de MODO e o sistema de TEMA. O sistema de TRANSITIVIDADE é composto pelas opções lexicogramaticais que distinguem as diferentes formas de se representar a experiência a partir da configuração de Processos, Participantes e Circunstâncias (ver mais adiante o detalhamento desse sistema). O sistema de MODO é composto pelas opções que diferenciam as formas como os falantes se relacionam (se estão – e como estão – pedindo ou oferecendo informações/ bens/ serviços, por exemplo). O sistema de TEMA é composto pelas opções disponíveis para a organização dos elementos lexicogramaticais de acordo com o fluxo de informação. Isso segue a ideia, segundo Halliday (1978, p. 22), de que as metafunções “formam a base da organização gramatical, visto que a tarefa da gramática é codificar o significado derivado dessas várias funções em estruturas articuladas”¹⁹. Nesse sentido, “a organização interna da linguagem não é acidental; ela incorpora as funções que a linguagem tem desenvolvido para servir na vida do ser social”²⁰ (HALLIDAY, 2003, p. 317).

¹⁸ “The lexicogrammar is the powerhouse of language: the source of its semiotic energy” (HALLIDAY, 2003, p. 276). “Grammar is the central processing unit of language, the powerhouse where meanings are created. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 21).

¹⁹ “These functions are built into the semantic system of language, and they form the basis of the grammatical organization, since the task of grammar is to encode the meaning deriving from these various functions into articulated structures.”

²⁰ “The internal organization of language is not accidental; it embodies the functions that language has evolved to serve in the life of social man.”

No estrato lexicogramatical, apesar de a oração ser o nível²¹ básico de análise, há outros níveis. Na LSF, são reconhecidos os seguintes níveis: oração, grupo/ sintagma preposicional, palavra e morfema. A relação entre esses níveis é de constituição: orações são constituídas de grupos; grupos são constituídos de palavras; palavras são constituídas de morfemas. Aqui, o princípio da realização também se aplica, mas entre o elemento funcional da estrutura superior em relação a uma classe do nível inferior. Por exemplo, em *eu dei o meu carimbo* (bfamcv26), (i) a função de Ator da oração é realizada por um grupo da classe dos nomes (isto é, o grupo nominal *eu*); (ii) a função Processo Material é realizada por um grupo da classe dos verbos (o grupo verbal *dei*); e, por fim, (iii) a função Meta é realizada por um grupo nominal (*o meu carimbo*). Cada um desses grupos possui elementos funcionais, tal como se verifica no nível da oração: (i) o grupo nominal *eu* tem a função Ente realizada por uma palavra da classe dos pronomes; (ii) o grupo verbal *dei* tem a função Evento realizada por uma palavra da classe dos verbos; (iii) o grupo nominal *o meu carimbo* tem as funções Dêitico e Ente realizadas pelas palavras das classes dos determinantes e dos nomes. (Ver **Figura 2** a seguir.)

Figura 2 – Relação de realização entre funções e classes de elementos de níveis diferentes

Nível da oração	eu	dei	o	meu	carimbo
	Ator ↙	Processo Material ↙	Meta ↙		
Nível do grupo	grupo nominal	grupo verbal	grupo nominal		
	Ente ↙	Evento ↙	Dêitico ↙	Dêitico ↙	Ente ↙
Nível da palavra	pronome	verbo	determinante	determinante	nome

Fonte: O autor (2019). Oração extraída do C-ORAL-BRASIL (bfamcv26).

A **Figura 2** demonstra que “funções das unidades de um nível são realizadas por unidades do nível mais abaixo”²² (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 170). Desse modo, à hierarquia entre unidades que se relacionam com base no princípio de constituição, ainda se aplica o princípio geral da realização. (Nessa figura, não foram incluídas funções do nível da palavra, que seriam realizadas por morfemas, já que em LSF não há, pelo menos por

²¹ Nesta tese, o termo *nível* é usado em referência a qualquer unidade da escala de níveis. Exemplo: nível da oração, nível do grupo, nível da palavra etc. Em Figueredo (2011, p. 18), esse termo é traduzido por “ordem”. Já na Lista de Termos em Gramática Sistemico-Funcional em Português, a palavra “nível” é preferida na tradução do termo “rank shift” (*mudança de nível*). Algumas outras palavras poderiam ser usadas na tradução, sendo “camada” e “posto” algumas delas. Aqui, preferiu-se a palavra “nível”, com a observação de que se deve ter em mente o sentido de hierarquia, sentido esse mais facilmente retomado com a palavra em inglês *rank* (por isso preferível à palavra *level* em LSF).

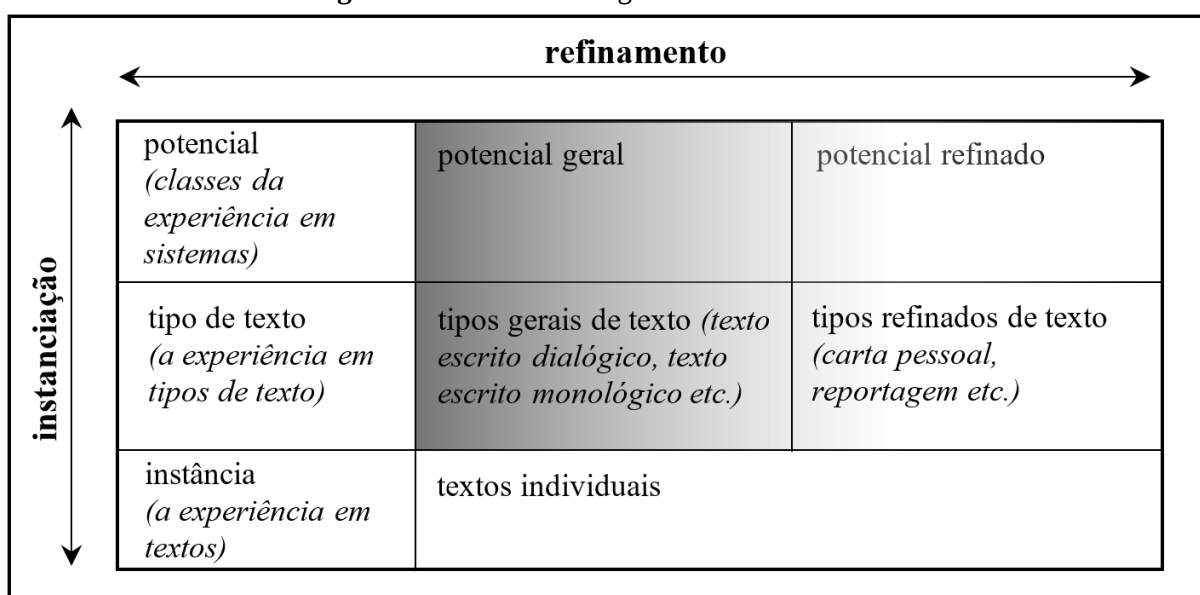
²² “Functions of the units at one rank are realized by units at the rank below.”

enquanto, uma sistematização para esse nível. Se isso fosse feito, para o verbo *dei*, por exemplo, deveriam ser apresentadas duas funções, uma realizada pelo morfema *d-* e outra pelo morfema *ei*.)

Outras duas noções se fazem relevantes para o entendimento da arquitetura linguística proposta pela LSF: instanciamento e refinamento. A instanciamento refere-se a uma escala que vai do potencial sistêmico à sua atualização concreta. No lado potencial está o sistema semiótico como um todo, com as opções disponíveis ao usuário da língua na percepção da experiência; no lado da atualização, o lado da instância, estão as opções individuais feitas pelo usuário em textos contextualmente situados. Entre as regiões do sistema e da instância está uma região intermediária, referente aos tipos de texto²³ (por exemplo, receita culinária, artigo científico, anúncio publicitário etc.).

O refinamento, por seu turno, é uma escala que se aplica ao sistema semiótico enquanto potencial e aos tipos de texto. Essa escala vai do mais geral ao menos geral. No caso do sistema lexicogramatical, o lado mais geral (ou menos refinado) refere-se ao lado mais gramatical, enquanto o lado menos geral (ou mais refinado) apresenta as opções referentes a grupos de itens lexicais – o extremo do lado mais refinado é aquele que apresenta opções sistêmicas que coincidem com itens lexicais (ver **Figura 3**).

Figura 3 – As dimensões gerais da base ideacional



Fonte: O autor (2019), baseado em Halliday e Matthiessen (1999, p. 14)).

²³ Nesta tese, seguindo a LSF, adotamos o termo *tipo de texto* para nos referirmos ao que é comumente conhecido por *gênero textual*.

Finalizando a seção, veja-se que foram contextualizados conceitos essenciais da LSF, propiciando um entendimento de que (i) a língua é um sistema semiótico estratificado, (ii) cada estrato se relaciona por meio de realização, (iii) as unidades do estrato lexicogramatical formam uma hierarquia que vai da oração ao morfema, (iv) cada estrato, tal como cada nível na escala de níveis, é configurado por meio de sistemas, (v) a cada sistema aplica-se o princípio do refinamento e (vi) há uma escala de instanciação que apresenta, de um lado, o potencial semiótico e, do outro, as instâncias efetivas desse potencial em forma de textos.

Dada a importância da noção de sistema (importância inferida a partir do próprio nome da teoria: Linguística **Sistêmico**-Funcional), na seção seguinte ela será abordada de maneira mais detalhada, até para que, diante de orações com a forma verbal *dar*, se tenha ideia de como proceder nas análises, descrições e proposições de sistemas. Nessa discussão, os termos paradigma e sintagma também serão apresentados.

2.2 Sistema em LSF

Dada a relevância da noção de sistema no trabalho de descrição desta tese, a presente seção dispõe de maneira mais detalhada do seu entendimento e das características formais de redes de sistema.

2.2.1 A noção de sistema

Na LSF, uma das noções prevaletentes é a de sistema. A palavra *sistema*, de maneira geral, evoca a ideia de “partes em um todo”. Em Linguística, essa ideia foi enfatizada já no estruturalismo europeu, com Saussure (2006), para quem as partes seriam os signos linguísticos e o todo seria o sistema de signos (correspondente à língua). Em LSF, essa ideia geral de sistema é reconhecida como princípio organizacional tanto dos estratos do conteúdo (semântica e lexicogramática) como do estrato da expressão (fonologia); dentro de cada estrato, ainda, cada nível (da escala de níveis) segue o princípio organizacional sistêmico.

As relações entre as partes do sistema são percebidas a partir do momento em que se cria um paradigma (seja ele de morfemas, grupos ou orações) para se entender as diferenças de significado entre as opções disponíveis. No caso das orações na **Figura 4**, nota-se uma distinção no que se refere aos tipos de processo utilizados para representar a experiência.

Figura 4 – Paradigma de orações

O sobrevivente	morrerá	logo	na Ásia	
Ator	Pr.: Material	Circ.: Modo	Circ.: Localização	

O sobrevivente	pensou	que morreria logo na Ásia		
Experienciador	Pr.: Mental	Fenômeno		

O sobrevivente	logo	estará	morto	na Ásia
Portador	Circ.: Modo	Pr.: Relacional	Atributo	Circ.: Localização

Logo	haverá	um sobrevivente morto	na Ásia	
Circ.: Modo	Pr.: Existencial	Existente	Circ.: Localização	

O sobrevivente	disse	que logo morreria na Ásia		
Dizente	Pr.: Verbal	Verbiagem		

Fonte: O autor (2019). Oração extraída do Corpus Brasileiro (*o sobrevivente morrerá logo na Ásia*).
As demais orações são reescritas.

Nesse sentido, a interpretação da oração *O sobrevivente morrerá logo na Ásia* (Corpus Brasileiro) em termos experienciais (ou seja, da maneira como a experiência é representada/percebida), é feita a partir das relações de oposição nas quais ela se envolve. Essa oração, do tipo material, ganha seu sentido a partir das outras escolhas (mental, relacional, existencial e verbal) possíveis no potencial de significados experienciais.

A construção da experiência, assim sendo, evidencia-se por meio de relações paradigmáticas. No entanto, a LSF reconhece, também, as relações sintagmáticas. As relações sintagmáticas dizem respeito às combinações na formação de unidades como a oração (ou seja, às sequências entre os elementos na formação de estruturas). No caso das orações materiais, ao se apontar que são realizadas, obrigatoriamente, por um Processo Material e por um Ator, e em alguns casos, também, por Meta, Extensão ou Beneficiário, parte-se para o campo sintagmático, ou seja, o campo da estrutura²⁴.

A importância da estrutura ainda é apresentada em Matthiessen e Halliday (2009, p. 3):

Contrastes sistêmicos são criados por algum aspecto do fraseado: os termos do sistema são diferenciados mediante a estrutura gramatical (como por exemplo a presença ou a ausência de um elemento da estrutura, como o Sujeito), mediante a presença de itens lexicais ou gramaticais (como por exemplo o item gramatical *ka* no japonês, que indica a forma interrogativa das orações), ou, dando um passo a mais, mediante um traço fonológico (como

²⁴ Sendo assim, a propósito da diferença entre sintagma e paradigma, “relações sintagmáticas conferem *estruturas*: uma sequência de elementos ordenados em arranjos lineares. Relações paradigmáticas, por outro lado, conferem *paradigmas*. Um paradigma é um conjunto de oposições, ou escolhas, em um contexto particular” (EGGINS, 2004, p. 192, grifo da autora).

por exemplo a entonação ascendente ou descendente). Dizemos que termos sistêmicos, ou opções, são realizados (expressos, codificados) por aspectos do fraseado. A escolha no sistema de MODO entre ‘indicativo’ e ‘imperativo’ é realizada estruturalmente: normalmente, apenas orações indicativas possuem um Sujeito.²⁵

No entanto, na teoria sistêmico-funcional, prioriza-se o eixo paradigmático. Esse modo de fazer linguística, com foco no sistema, mas também com um olhar para a estrutura, deriva dos estudos de Firth. Como atesta Martin (1992, p. 4):

A linguística sistêmico-funcional possui suas raízes na linguística Firthiana; portanto, não surpreendentemente, ela é um tipo de teoria sistêmica e estrutural. Diferentemente de Firth, contudo, que conferia igual status aos conceitos de sistema e estrutura em seu modelo, a linguística sistêmica confere prioridade ao sistema. Seguindo Hjelmslev (1961), relações paradigmáticas são mapeadas com base no potencial e relações sintagmáticas são baseadas nas instâncias efetivas; assim, o **sistema** é descrito em termos de oposições paradigmáticas, enquanto o **processo** em termos da estrutura sintagmática²⁶ (grifo do autor).

No ato de descrição linguística, a importância da estrutura se faz presente no momento em que se busca as oposições para a descrição sistêmica de dados da língua. Eggins (2004) sugere que a metodologia para o estabelecimento de sistemas deve se basear na diferença estrutural. Segundo a autora, “[t]oda escolha em um sistema ou rede de sistema é realizada por uma estrutura. Portanto, construímos um sistema apenas quando conseguimos identificar diferenças estruturais”²⁷ (EGGINS, 2004, p. 200). De forma semelhante, Tucker (2014b, p. 31), ao analisar expressões com sentidos que fogem daquele prototipicamente associado à forma verbal *give* (*dar*), atesta que, “sem dúvida, qualquer julgamento que fazemos sobre a classificação de TIPO DE PROCESSO [...] é pelo menos parcialmente informada por uma consciência da natureza lexicogramatical da expressão”²⁸. Ao analisar as estruturas das orações

²⁵ “Systemic contrasts are created by some aspect of the wording: the terms of the system are differentiated by means of grammatical structure (e.g. the absence vs. presence of an element of structure such as Subject), by means of grammatical or lexical items (e.g. the grammatical item *ka* in Japanese indicating interrogative clauses), or, as a further step, by means of a phonological feature (e.g. rising vs. falling intonation). We say that systemic terms, or features, are realized (expressed, coded) by aspects of the wording. The choice in the MOOD system between ‘indicative’ and ‘imperative’ is realized structurally: only indicative clauses normally have a Subject.”

²⁶ “Systemic linguistics has its roots in Firthian linguistics, and so not surprisingly it is a type of system structure theory. Unlike Firth however, who gave equal status to the concepts of system and structure in his model, systemic linguistics gives priority to system. Following Hjelmslev (1961), paradigmatic relations are mapped onto potential and syntagmatic relations onto actual; thus **system** is described in terms of paradigmatic oppositions, **process** in terms of syntagmatic structure.”

²⁷ “Every choice in a system or system network is realized by a structure. We therefore only set up a system when we can identify differences in structure.”

²⁸ “Arguably, any judgement we make about a PROCESS TYPE classification such as in the examples above is at least partly informed by an awareness of the lexicogramatical nature of the expression.”

dispostas na **Figura 4**, nas quais participantes diferentes acompanham os processos, percebe-se claramente uma diferença estrutural, sendo isso um fator importante na identificação de diferenças sistêmicas.

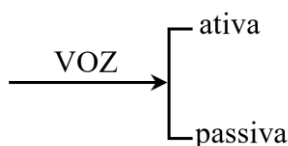
Dada essa prioridade concedida ao sistema, é comum, em LSF, a formalização das descrições linguísticas em redes de sistema²⁹. Na seção seguinte são apresentadas as características desse tipo de formalização.

2.2.2 Características das redes de sistema

Sobre a arquitetura das redes de sistema, Halliday e Matthiessen (1999) afirmam serem gráficos direcionados de maneira acíclica com sistemas ordenados de acordo com o princípio de refinamento³⁰. Em outras palavras, um sistema (ou uma rede de sistema) é um conjunto de opções de significado disponível aos usuários da língua em um dado lugar da arquitetura de uma língua. No entender de Halliday (1978), uma língua, como um todo, é um vasto sistema de significados; por isso, a língua é definida como um sistema semiótico.

A título de exemplo do que seja um sistema, veja-se, na **Figura 5**, o sistema de VOZ, localizado no nível do grupo (mais especificamente o grupo verbal) do estrato lexicogramatical.

Figura 5 – Sistema de VOZ



Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 349).

Nesse sistema, é possível visualizar (i) uma expressão verbal com letras em caixa-alta, (ii) uma seta direcionada para a direita, (iii) duas expressões verbais com letras em caixa-baixa, e (iv) um colchete. A expressão com letras em caixa-alta indica o nome do sistema; a seta indica as opções disponíveis; as expressões com letras em caixa-baixa indicam os termos (ou opções) do sistema; o colchete indica a relação de oposição entre os termos. Diante dessas instruções, afirma-se que no sistema de VOZ, do grupo verbal, deve-se optar entre [ativa] e [passiva]³¹.

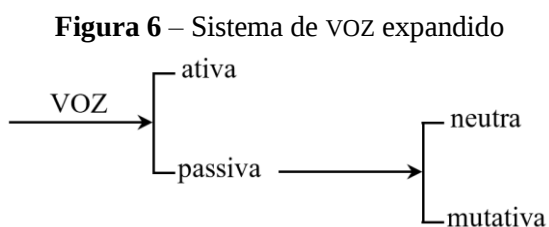
²⁹ Também é utilizado o termo *sistema*. O termo *rede de sistema* confere o sentido de mais de um sistema em relação de dependência.

³⁰ “A **system network** is an acyclic directed graph, consisting of systems partially ordered in delicacy” (grifo dos autores).

³¹ No decorrer desta tese, os sistemas seguem a formalização sistêmica – ou seja, são adotadas letras em caixa-alta para as expressões indicativas das condições de entrada e letras em caixa-baixa para aquelas indicativas dos termos.

(Caso, no sistema, fosse utilizada uma chave ({}), a indicação seria a de que as duas opções deveriam ser escolhidas ao mesmo tempo).

Vários termos de um sistema podem se caracterizar como condições de entrada para outros sistemas, formando-se, conseqüentemente, uma rede de sistema. É isso que se verifica na **Figura 6**, em que a opção [passiva] se torna uma condição de entrada para outro sistema (nesse caso, não nomeado) com as opções [neutra] e [mutativa]. Nesse caso, usa-se, também, o termo *rede de sistema*, em que os sistemas à direita são dependentes daqueles à esquerda.



Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 349).

Para Berry (1975), são três as propriedades essenciais dos sistemas. Primeiramente, seus termos são mutuamente exclusivos; ou seja, ao se optar por um dos termos, estar-se-á excluindo, inevitavelmente, outro (ou outros). Ao se optar por um Processo Material, por exemplo, exclui-se todas as outras possibilidades de representação da experiência; da mesma forma, ao se optar, no sistema de VOZ, pelo termo [ativa], exclui-se o termo [passiva]. Em segundo lugar, um sistema é finito. Isso quer dizer que é possível fixar seu número de termos mutuamente exclusivos. Por último, o significado de cada termo em um sistema depende do significado dos outros. O sistema de NÚMERO no inglês antigo, por exemplo, por possuir três termos ([singular], [dual] e [plural]), tinha o termo [plural] com um significado diferente: ao invés de significar *mais de um*, significava *mais de dois*.

Seguindo a visão sistêmica, tenta-se entender o lado profundo por trás das realizações linguísticas. Berry (1975, p. 141), ao introduzir o capítulo que trata de sistemas, adianta: “o foco será no eixo das escolhas, e não no eixo das combinações. O foco será nos *aspectos mais*

Já no corpo do texto, as condições de entrada são indicadas com letras no formato versalete (com a forma das maiúsculas mas no tamanho das minúsculas, como, por exemplo, “o sistema de TRANSITIVIDADE”); os termos, por sua vez, são escritos entre colchetes (como os termos [ativa] e [passiva], do sistema de VOZ apresentado na **Figura 5**).

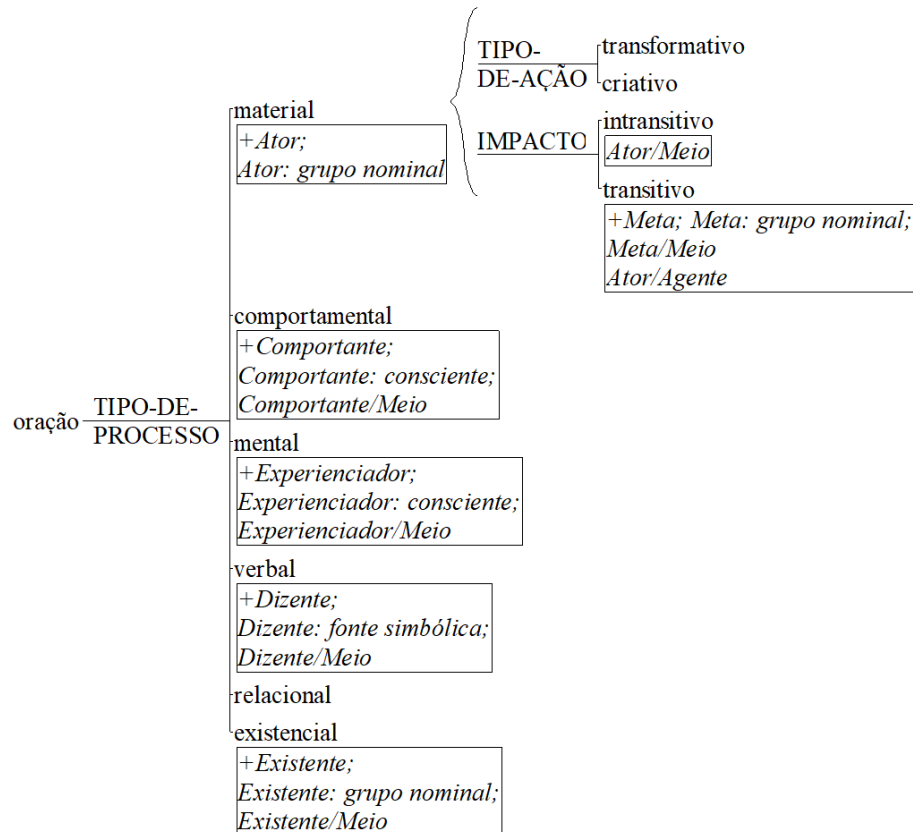
fundamentais da gramática, nos significados da gramática, e não nos aspectos mais superficiais”³² (grifo nosso).

Redes de sistema constituem, como atestam Martin e Matthiessen (1991), uma teoria tipológica das unidades linguísticas. Essa teoria referente às escolhas e suas relações é uma formalização diferente daquela encontrada em outras teorias, como, por exemplo, a teoria gerativa, com uma formalização em forma de ‘árvores’, como verificado na teoria X-barras (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013). As redes de sistema permitem que vários sistemas se cruzem e ocorram simultaneamente. O sistema de VOZ, por exemplo, ocorre de maneira simultânea com outros sistemas (como o de POLARIDADE, o de CONTRASTE, o de TEMPO, o de ASPECTO etc.), como atestado em Halliday e Matthiessen (2004, p. 349).

Uma última característica das redes de sistema é a possibilidade de disporem informações sobre como os termos são realizados estruturalmente. A essas informações é dado o nome de **regras de realização**. A formulação dessas regras segue alguns princípios (BERRY, 1977; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, MARTIN, 2013): (i) inserção, relacionado à presença de elementos funcionais na estrutura; (ii) concatenação, relativo à sequência de combinação dos elementos na estrutura; (iii) particularização (ou pré-seleção), relativo à restrição da classe de elementos associada a uma dada função; (iv) confluência, referente à confluência de funções, indicando que elementos iguais podem realizar funções diferentes; e (v) lexicalização, quando é indicado o item formal específico na estrutura.

Exemplos de regras de realização podem ser visualizados no sistema de TIPO DE PROCESSO, apresentado na **Figura 7**, no qual estão dispostas as funções estruturais das orações associadas aos termos.

³² “The focus will be on the axis of choice rather than on the axis of chain. The focus will be on the more fundamental aspects of grammar, on the meanings of grammar, rather than on the more surface aspects of grammar.”

Figura 7 – Transitividade representada como rede de sistema

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 173).

Nesse sistema da **Figura 7**, são utilizadas três regras: a da inserção (por exemplo, se a opção [mental] for escolhida, inserir a função Experienciador), o da particularização (se a opção [mental] for escolhida, pré-selecionar subclasse consciente dos elementos da classe dos grupos nominais para realizar a função Experienciador) e o da confluência (se a opção [mental] for escolhida, confluir a função Experienciador com a função Meio). A regra de concatenação se dá quando a escolha de uma opção do sistema implica uma sequência específica (como a sequência *Sujeito* ^ *Finito*, regra de realização da opção [declarativo] do sistema de MODO em inglês). Já no caso da lexicalização, indica-se a forma lexical a ser empregada para a realização da opção sistêmica (como, por exemplo, *Processo:: dar*, que já indica a forma verbal *dar* a ser utilizada na realização da função Processo).

As regras de realização são dispostas abaixo dos termos, seja dentro de retângulos, seja apontadas por uma seta diagonal (↘). Nas regras em si são utilizados símbolos específicos (MARTIN, 2013): a inserção de elementos funcionais é marcada pelo sinal “+”; a ordem desses elementos pelo sinal “^”; as fusões entre funções é representada pelo sinal “/”; a especificação da classe de constituintes particulares é percebida pelo sinal “.”; por último, a indicação de um item lexical específico é feita com o sinal “::”.

Considerado, por exemplo, o termo [mental], conforme exposto no sistema da **Figura 7**, já é possível compreender as regras de inserção, particularização e confluência de maneira mais detalhada (ver **Quadro 1**).

Quadro 1 – Regras de realização do termo [mental]

Tipo de regra de realização	Escrita	Leitura	Simbologia
inserção	+Experienciador	Se o termo [mental] for escolhido, inserir a função Experienciador na estrutura da oração.	+F
particularização	Experienciador: consciente	A função Experienciador deve ser realizada pela subclasse consciente dos elementos da classe dos grupos nominais.	F:c
confluência	Experienciador/Meio	Confluir a função Experienciador, do modelo transitivo, com a função Meio, do modelo ergativo. Ou seja, o mesmo elemento será, ao mesmo tempo, Experienciador e Meio.	F/F
concatenação			F^F #^F F^#
lexicalização			F::item lexical

Fonte: O autor (2019).

Um outro exemplo pode ser visualizado no quadro seguinte, em que Hasan (1996) elabora regras de realização para os termos constituintes de sua rede de sistema [disposição]³³. Veja-se que diversas funções, como Agente, Meio e Beneficiador, são identificadas mediante a particularização de itens formais a serem utilizados na realização dos termos. Por exemplo, o termo [+beneficiamento] é realizado, estruturalmente, mediante a função Beneficiador, que deve ser um grupo nominal com o Ente representando um ser animado. Note-se a opção da autora de não dispor as regras de realização abaixo dos termos, de forma resumida, e sim de uma forma que já expõe a leitura, tal como na terceira coluna do **Quadro 1**.

³³ Ver seção seguinte para um detalhamento do trabalho de Hasan (1996).

Quadro 2 – Exemplos de regras de realização

[+benefactivo]
Beneficiador pré-seleciona grupo nominal com Ente animado
[aquisição]
subcategorizar Evento como / (ação material de disposição envolvendo mudança de locomoção do Meio) conduzindo ao ganho de acesso do Meio por parte do Agente
[reflexivo]
Beneficiador pré-seleciona (grupo nominal com Ente animado) e com o mesmo referente do Agente
[unitário]
Meio pré-seleciona grupo nominal com Ente/ (alienável, divisível) e plural/
[neutro]
Meio pré-seleciona grupo nominal com Ente/ (alienável, divisível) e plural OU não contável/

Fonte: Hasan (1996, p. 80-81).

Por fim, veja-se que o conceito de realização não se confunde com o conceito de refinamento. A escala de refinamento diz respeito à relação de dependência entre os sistemas. Segundo Berry (1977), essa mal compreensão é muitas vezes criada porque “há uma tendência de sistemas mais refinados especificarem movimentos mais próximos ao polo superficial da escala de realização”³⁴.

A escala de refinamento é melhor discutida na seção seguinte, lugar onde também é detalhado o sistema de TRANSITIVIDADE na LSF, sistema no qual esta tese se situa na descrição de orações com a forma verbal *dar*.

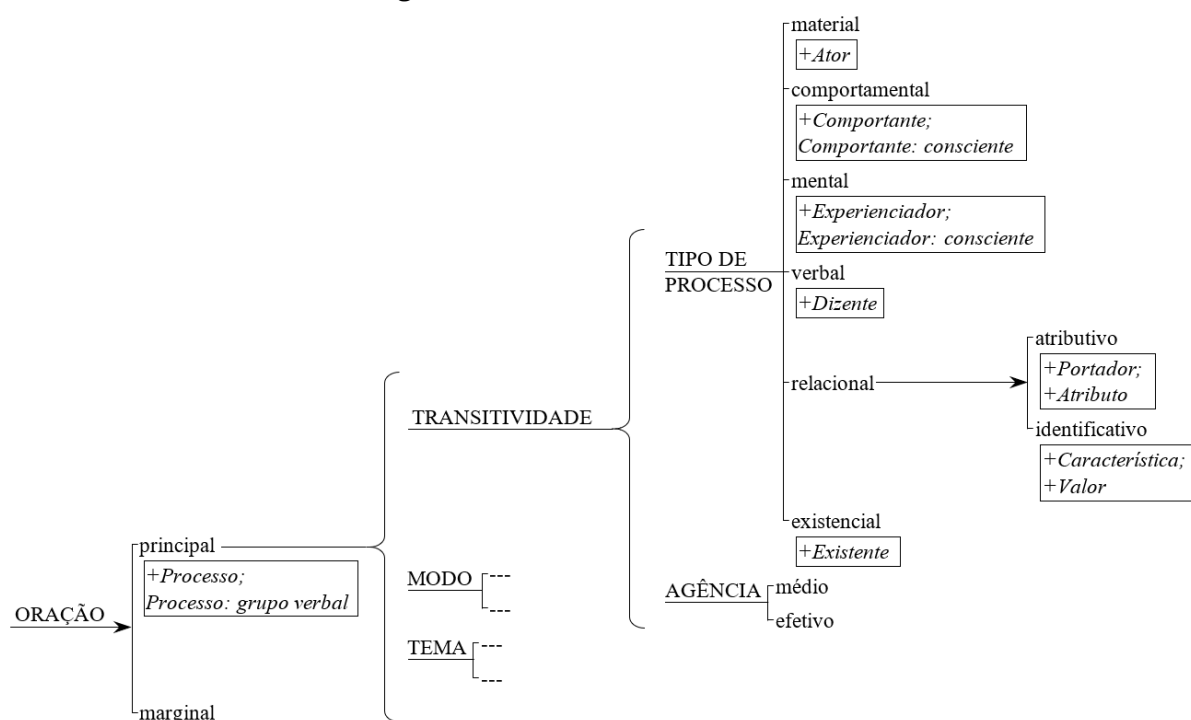
2.3 O sistema de TRANSITIVIDADE

Na perspectiva sistêmico-funcional, a experiência é percebida como um fluxo de eventos encapsulados em fatias (ou figuras) constituídas de processos, participantes e, opcionalmente, circunstâncias. Esses significados experienciais são expressos, na lexicogramática, pelo sistema de TRANSITIVIDADE. O sistema de TRANSITIVIDADE possui as opções lexicogramaticais que revelam a organização transitiva da oração na construção de significados experienciais, seguindo o princípio da extensão ou impacto (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 232). Esse sistema demonstra, portanto, como é realizado o fluxo de eventos lexicogramaticalmente, permitindo ver se um processo, por exemplo, é executado por mais de um participante e qual o tipo de impacto sobre esse possível participante.

³⁴ “[...] there is a tendency for more delicate systems to specify moves nearer the surface end of the realization scale.”

Tradicionalmente, a organização transitiva da oração segue uma divisão bipolar entre transitiva (quando o processo é estendido a um participante) e intransitiva (quando o processo não é estendido a um participante). Em LSF, um ponto crucial é a interpretação da noção de transitividade a partir de uma tipologia de processos, com cada tipo de processo associado a tipos particulares de participantes, juntos formando padrões associados a regiões de significação da experiência. Essa tipologia é composta por seis processos (Material, Mental, Relacional, Comportamental, Verbal e Existencial), representados na rede de sistema de TIPO DE PROCESSO (ver **Figura 8**, a seguinte).

Figura 8 – Sistema de TRANSITIVIDADE



Fonte: Halliday (1969); Halliday e Matthiessen (2004, p. 173 e 302).

A **Figura 8**, além de apresentar o sistema de TIPO DE PROCESSO, informa que o sistema de TRANSITIVIDADE está localizado em uma rede de sistema mais geral. De fato, por ser uma propriedade lexicogramatical estudada no nível da oração, esse sistema está inserido em uma rede de sistema com a condição de entrada [oração], que, por sua vez, possui os termos [principal] e [marginal]. As orações principais possuem funções estruturais (como Ator, Meta, Fenômeno, Sujeito, Finito etc.) e fazem seleções sistêmicas de acordo com as três metafunções simultaneamente; já as orações marginais incluem, por exemplo, exclamações (Ai!) e cumprimentos (Olá!), como exposto por Matthiessen (1995, p. 78). Além do sistema de TRANSITIVIDADE, relacionado aos significados experienciais, o termo [principal] possui outros

dois sistemas: MODO e TEMA. Sendo assim, o sistema de TRANSITIVIDADE é dependente da seleção de expressão [oração: principal] e coocorre com outros dois sistemas (distinguidos em relação às metafunções às quais estão associados).

Além disso, a **Figura 8** demonstra que o sistema de TRANSITIVIDADE compreende dois sistemas: além de TIPO DE PROCESSO, tem-se, ainda, o AGÊNCIA. Aqui, é necessário compreender que a transitividade de uma oração pode ser analisada a partir de dois modelos diferentes (mas complementares, haja vista a seleção conjunta indicada pela chave): o modelo transitivo, que distingue os tipos de processo de acordo com o impacto ou não do processo em relação aos participantes, e o modelo ergativo, correspondente a uma generalização que atravessa todos os tipos de processo e distingue as orações de acordo com sua causa externa em relação ao núcleo formado pelo processo com seu participante inerente.

Nas duas subseções seguintes esses dois sistemas são apresentados resumidamente.

2.3.1 O sistema de TIPO DE PROCESSO

São três os principais processos apontados por Halliday e Matthiessen (2004) para a língua inglesa e também identificados na língua portuguesa (CUNHA; SOUZA, 2007; FUZER; CABRAL, 2014): Processos Materiais, Processos Mentais e Processos Relacionais. Esses processos relacionam-se, respectivamente, aos mundos físico, da consciência e das relações abstratas. Ainda, nas regiões intermediárias entre cada um desses processos, há outros tipos: Comportamental, Verbal e Existencial (ver **Figura 8**, anteriormente apresentada, e **Figura 15**, a seguir).

Nas orações, processos são “tipicamente” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 177) realizados por grupos verbais, participantes por grupos nominais e circunstâncias por grupos adverbiais e sintagmas preposicionais. Desses elementos, no centro da oração está o processo, que é, em língua inglesa, sempre acompanhado por um participante e, opcionalmente, por uma circunstância.

Os tipos de orações são definidos não pelo grupo verbal em si, mas pelo processo que ela expressa, o qual pode ser identificado pelos tipos de participante presentes.

As orações materiais expressam ações e acontecimentos. São orações em que se tem um Ator, responsável pelo fluxo de energia para o desdobramento do processo, e, opcionalmente, dependendo da natureza transitiva ou intransitiva, o papel de participante Meta, representando o participante a quem o processo é estendido. Outros participantes podem fazer parte de uma oração material, a exemplo de Escopo, que constrói ou delimita o domínio de desdobramento

do processo, Recebedor (beneficiário de bens) e Cliente (beneficiário de serviços). A **Figura 9**, a seguir, exemplifica didaticamente as orações materiais com alguns de seus participantes.

Figura 9 – Orações materiais

O sobrevivente	morrerá	logo	na Ásia
Ator	Pr.: Material	Circ.	Circ.

O sequestrador	matou	o motorista
Ator	Pr.: Material	Meta

o filho do prefeito	deu	a ele	um de seus valiosos cavalos manga-larga
Ator	Pr.: Material	Recebedor	Meta

xá	eu	dar	uma passadinha	aqui
	Ator	Pr.: Material	Escopo	Circunstância

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do Corpus Brasileiro (o sobrevivente morrerá logo na Ásia; o sequestrador matou o motorista; o filho do prefeito deu a ele um de seus valiosos cavalos manga-larga) e do C-ORAL-BRASIL (xá deu dar uma passadinha aqui (bpubdl07)).

As orações com Processos Mentais se distinguem por terem como participante inerente não o Ator, e sim o Experienciador, que é dotado de consciência e capaz de sentir, pensar, perceber e desejar. Esses processos ainda podem se estender a um outro participante, o Fenômeno, referente ao que é sentido (Processo Mental emotivo), pensado (Processo Mental cognitivo), percebido (Processo Mental perceptivo) ou desejado (Processo Mental desiderativo). A **Figura 10**, a seguir, exemplifica os Processos Mentais.

Figura 10 – Orações mentais

Ela	gosta	de você?
Experienciador	Pr.: Mental emotivo	Fenômeno

O rei	refletiu	longamente
Experienciador	Pr.: Mental cognitivo	Circunstância

Você	viu	o que ele fez
Experienciador	Pr.: Mental perceptivo	Fenômeno

a sociedade	deseja	um teto que não seja duplex
Experienciador	Pr.: Mental desiderativo	Fenômeno

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do Corpus Brasileiro.

As orações relacionais distinguem-se das materiais e mentais por apresentarem mais frequentemente dois participantes, sendo a relação entre eles de atribuição (quando um atribui uma característica ao outro) ou de identificação (quando um identifica o outro). As orações relacionais atributivas possuem os papéis de participante Portador e Atributo; as orações relacionais identificativas possuem os papéis de participante Identificado e Identificador (ver **Figura 11**).

Figura 11 – Orações relacionais

Esse povo do Galáticos	é	muito palha
Portador	Pr.: Relacional atributivo	Atributo

Quem	é	o porco?
Identificado	Pr.: Relacional identificativo	Identificador

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

As orações do tipo verbal estão na fronteira entre as mentais e as relacionais. Da mesma forma que os Processos Mentais, os Processos Verbais se relacionam com o processamento simbólico, mas estes se diferenciam por se referirem à simbolização exterior (*dizer*), e não à simbolização interior (*sentir/ pensar/ perceber/ desejar*) – ver Halliday e Matthiessen (1999, p. 129). Os principais participantes são o Dizente, que expressa a fonte simbólica, e a Verbiagem, correspondente ao conteúdo simbólico. Ainda são recorrentes os participantes Receptor, a quem se dirige o conteúdo simbólico, e Alvo, atingido pelo processo. A **Figura 12** exemplifica os Processos Verbais.

Figura 12 – Orações verbais

O tenente	me	contou	do assédio contra sua mulher
Dizente	Receptor	Pr.: Verbal	Verbiagem

No intervalo	o técnico	os	repreendeu
Circunstância	Dizente	Alvo	Pr.: Verbal

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do Corpus Brasileiro.

As orações comportamentais ocupam a fronteira entre as materiais e as mentais. Apresentam características mentais, por possuírem um participante geralmente consciente, e materiais, por realizarem processos de cunho fisiológico. O participante inerente à configuração da oração comportamental é o Comportante (ver **Figura 13**).

Figura 13 – Oração comportamental

Ele	tossiu	duas vezes
Comportante	Pr.: Comportamental	Circunstância

Fonte: O autor (2019). Oração extraída do Corpus Brasileiro.

Por fim, as orações existenciais estão na fronteira entre as materiais e as relacionais. Essas orações expressam a existência de algo ou alguém. Possuem um único papel de participante: o Existente. Os Processos Existenciais são prototipicamente realizados pelo verbo *haver* (ver **Figura 14**):

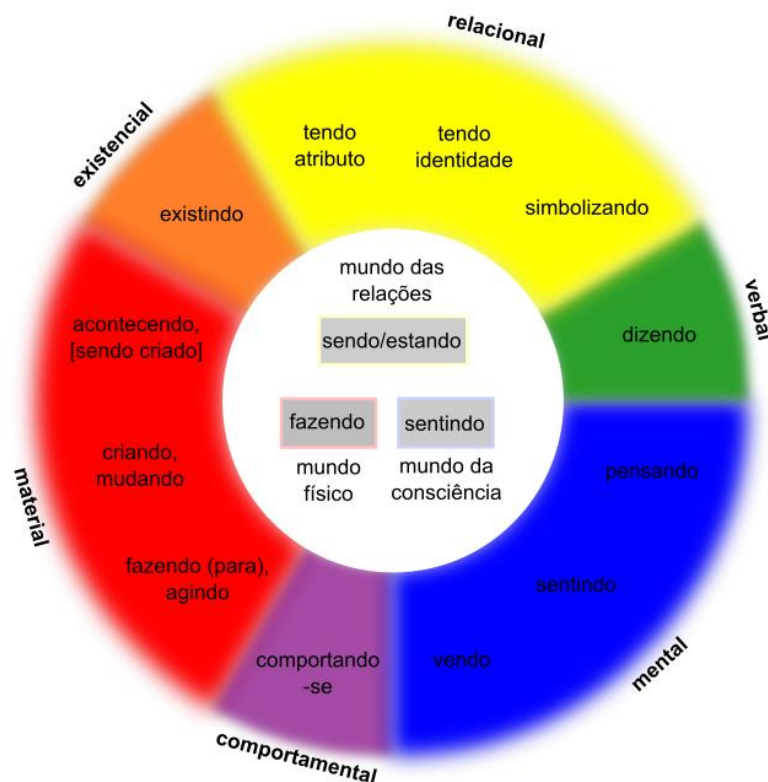
Figura 14 – Oração existencial

Não havia	marcas de tiro	no corpo
Pr.: Existencial	Existente	Circunstância

Fonte: O autor (2019). Oração extraída do Corpus Brasileiro.

Além da representação em forma de rede de sistema, consoante exposto na **Figura 7**, Halliday (1994) cria um diagrama para a exposição dos tipos de processo. Esse diagrama, com a convergência de cores (ver **Figura 15**), possui a vantagem de demonstrar o princípio da “indeterminação sistêmica” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 173) entre os diferentes processos. Segundo esse princípio, não há fronteiras fixas entre as regiões da experiência; considerando-se a fronteira entre os Processos Materiais criativos e os Processos Existenciais, por exemplo, isso significa dizer que há orações com características próximas de ambas as regiões (por causa disso, é comum que uma mesma oração seja, comumente, classificada de maneira distinta por diferentes estudiosos especialistas da LSF, como demonstrado por O'Donnell, Zappavigna e Whitelaw (2009) e Gwilliams e Fontaine (2015)).

Figura 15 – A gramática da experiência: tipos de processo



Fonte: Halliday (1994); Halliday e Matthiessen (2004, p. 172).

Dada a apresentação do sistema de TIPO DE PROCESSO, a seção seguinte apresenta o sistema de AGÊNCIA.

2.3.2 O sistema de AGÊNCIA

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), a transitividade de uma oração pode ser vista a partir de dois modelos diferentes, mas complementares: o transitivo e o ergativo. Se o modelo transitivo do sistema de TRANSITIVIDADE categoriza as orações de acordo com os tipos de processo, o ergativo adota um olhar geral a partir do qual orações com qualquer tipo de processo são vistas como similares. Esse modelo ergativo analisa as orações de acordo com a fonte/ causa do processo: se o processo possui ou não um agente externo. Halliday e Matthiessen (2004, p. 287) esclarecem a diferença entre esses dois modelos em torno da oração:

[...] da mesma forma que há [...] claras evidências na gramática para a distinção de um tipo de processo de outro, também há claras evidências para se dizer que, em um sentido mais abstrato, todo processo é estruturado da mesma maneira, com base em apenas uma variável. Essa variável está

relacionada à fonte do processo: o que foi que provocou o processo? A pergunta em destaque é: o processo foi provocado de dentro ou de fora?³⁵

Se analisada a oração *O sequestrador matou o motorista*, percebe-se *o sequestrador* como a fonte externa que ocasiona o processo; já na oração *O sobrevivente morrerá*, o participante *o sobrevivente* não representa a fonte externa (ou a causa) do processo. Apesar de, no modelo transitivo, ambos os participantes possuírem a mesma função de Ator, no modelo ergativo – que lida com a fonte externa causadora do processo – *o sequestrador* e *o sobrevivente* são analisados como sendo de natureza diferente: um é o Agente, o outro é o Meio. O Agente é o participante causador do processo; o Meio é o participante inerente, obrigatório, por intermédio do qual o processo é atualizado (sem o qual o processo não existiria), formando com ele o núcleo oracional. A **Figura 16**, a seguir, ilustra a análise da oração baseada nas duas perspectivas.

Figura 16 – A oração nos modelos transitivo e ergativo

	O sobrevivente	morrerá	
transitiva	Ator	Pr.: Material	
ergativa	Meio	Processo	

	O sequestrador	matou	o motorista
transitiva	Ator	Pr.: Material	Meta
ergativa	Agente	Processo	Meio

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do Corpus Brasileiro.

Nesse modelo ergativo, os participantes *o motorista* e *o sobrevivente* se aproximam funcionalmente: ambos são Meio. Essa aproximação é percebida por meio da agnação para a voz passiva, em que o Ator da oração intransitiva ocupa a mesma posição que a Meta da oração transitiva: *o motorista foi morto*; *o sobrevivente será morto*. Isso demonstra que a oração intransitiva possui um significado semelhante à versão passiva da oração transitiva (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 285).

No modelo ergativo, tem-se apenas mais dois participantes: Beneficiário e Extensão. O Beneficiário é aquele que se beneficia com o desdobramento do processo, aquele para quem o processo acontece. Esse participante ocorre em orações materiais, verbais e relacionais. A

³⁵ “[...] while [...] there is clear evidence in the grammar for distinguishing one process type from another, there is also clear evidence for saying that, in a more abstract sense, every process is structured in the same way, on the basis of just one variable. This variable relates to the source of the process: what it is that brought it about. The question at issue is: is the process brought about from within, or from outside?”

Extensão é o participante que especifica o domínio do processo, e só não ocorre com orações do tipo existencial. Ver **Figura 17**, a seguir.

Figura 17 – Papéis de participante na análise ergativa

o filho do prefeito	deu	a ele	um de seus valiosos cavalos manga-larga	
Ator	Pr.: Material	Recebedor	Meta	
Agente	Processo	Beneficiário	Meio	

O tenente	me	contou	do assédio contra sua mulher	
Dizente	Receptor	Pr.: Verbal	Verbiagem	
Agente	Beneficiário	Processo	Meio	

Esse povo do Galáticos	é	muito palha		
Portador	Pr.: Relacional atributivo		Atributo	
Meio	Processo		Extensão	

xá	eu	dar	uma passadinha	aqui
	Ator	Pr.: Material	Escopo	Circunstância
	Meio	Processo	Extensão	Circunstância

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do Corpus Brasileiro (o filho do prefeito deu a ele um de seus valiosos cavalos manga-larga; o tenente me contou do assédio contra sua mulher) e do C-ORAL-BRASIL (esse povo do Galáticos é muito palha (bfamcv01); xá eu dar uma passadinha aqui (bpubdl07)).

Como, na análise ergativa, interessa saber se há ou não uma fonte causadora (Agente), então o sistema é o de AGÊNCIA. De acordo com esse sistema, as orações são médias (*O sobrevivente morrerá*) ou efetivas (*O sequestrador matou o motorista*). Sendo média, a oração será [não-estendida] ou [estendida]; sendo efetiva, a oração terá a rede de sistema de VOZ EFETIVA³⁶, com as opções [operativa] ou [receptiva]; sendo receptiva, há o sistema de AGENTIVIDADE, com as opções [não-agentivo] e [agentivo]. O sistema de AGÊNCIA é apresentado na **Figura 18**.

³⁶ Nesse caso, voz da oração.

Figura 18 – O sistema de AGÊNCIA

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 297).

O **Quadro 3** apresenta reexpressões da oração *O sequestrador matou o motorista* de acordo com as seleções de expressão do sistema de AGÊNCIA.

Quadro 3 – Seleções de expressão do sistema de AGÊNCIA.

Expressões de seleção do sistema de AGÊNCIA	Orações
[médio: não-estendido]	O motorista morreu.
[médio: estendido]	O motorista morreu uma morte tranquila.
[efetivo: operativa]	O sequestrador matou o motorista.
[efetivo: receptiva: não-agentiva]	O motorista foi morto.
[efetivo: receptiva: agentiva]	O motorista foi morto pelo sequestrador.

Fonte: O autor (2019), com base em oração extraída do Corpus Brasileiro (*O sequestrador matou o motorista*).

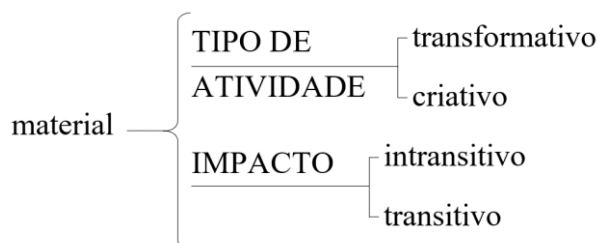
Nesta tese, é dada prioridade ao sistema de TIPO DE PROCESSO na análise das orações com o verbo *dar*. No entanto, em momentos em que se quer demonstrar as orações de uma perspectiva geral, é utilizada também a análise ergativa.

2.3.3 Refinamento no sistema de TRANSITIVIDADE

Para se chegar a uma rede de sistema como a de TRANSITIVIDADE, o trabalho passa, necessariamente, pela atividade de categorização. Halliday e Matthiessen (2004) fazem exatamente isso: ao identificarem seis tipos de processo, o que se têm são seis categorias lexicogramaticais amplas através das quais os significados experienciais são realizados. Essas

categorias apontadas podem ser subcategorizadas; é o que se faz, por exemplo, com os Processos Relacionais, divididos entre *atributivos* e *identificativos* (ver **Figura 8** anteriormente apresentada), com os Processos Materiais, divididos em *criativos* e *transformativos* (ver **Figura 19** a seguir), e com os Processos Mentais, distinguidos entre *perceptivos*, *cognitivos*, *emotivos* e *desiderativos*.

Figura 19 – Sistemas dependentes do termo [material]



Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 302).

Nesse sentido, os sistemas (no caso aqui exposto, o sistema de TRANSITIVIDADE) podem ser desenvolvidos para se apontar escolhas mais refinadas. Essas escolhas são aquelas que vão se dispondo no lado direito de uma rede de sistema, como demonstrado na primeira seção deste capítulo. Ou seja, quanto mais à direita, mais refinada é a escolha do sistema. Por isso Halliday e Matthiessen (2004) apontam a escala de refinamento, na qual a escolha mais à esquerda é a menos refinada, enquanto a mais à direita é a mais refinada. Segundo Eggins (2004, p. 197), a escala de refinamento refere-se à “prioridade lógica” entre as escolhas; essa prioridade lógica é o aspecto de dependência apontado por Berry (1977): antes de se optar, por exemplo, entre os termos [transformativo] e [criativo] – que formam o sistema de TIPO DE ATIVIDADE – é necessário que se opte pelo termo [material]. Em outras palavras, sistemas à direita são, de maneira progressiva, dependentes dos sistemas à esquerda, no sentido de que só podem ser acessados a partir de certas escolhas anteriormente feitas.

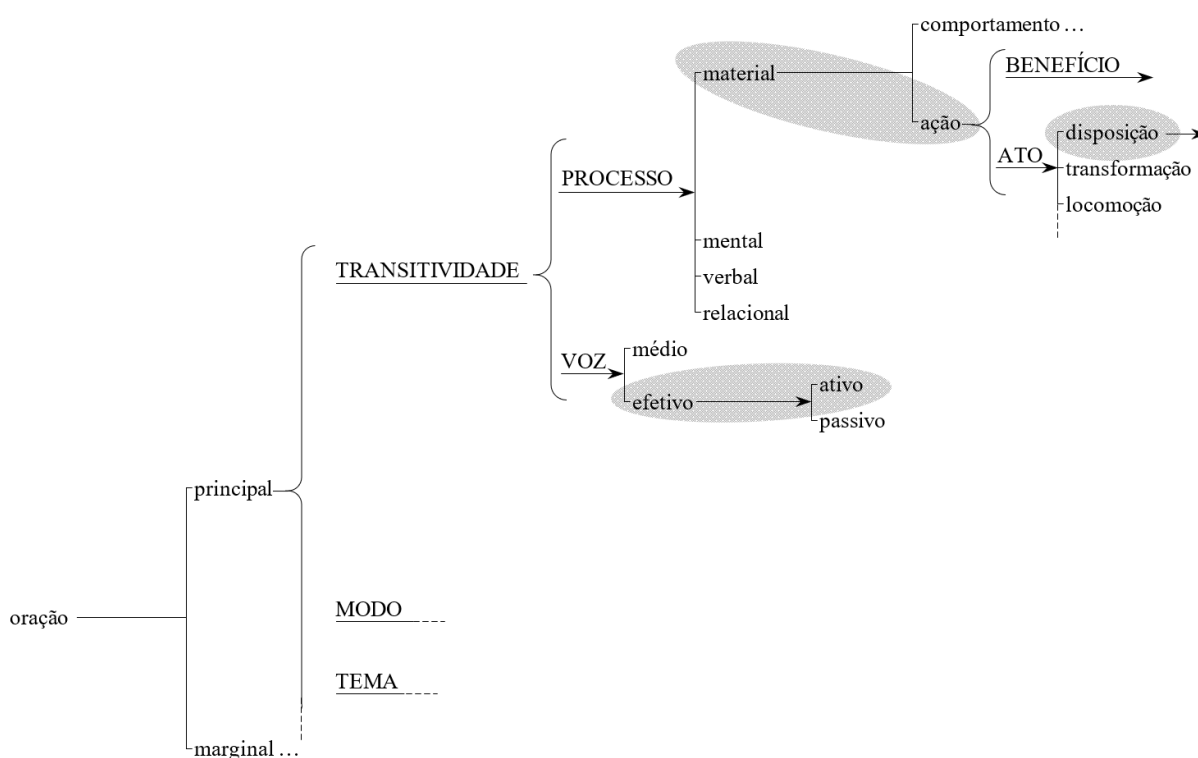
Esse trabalho de subcategorização, que, naturalmente, expande a rede de sistema, ainda pode ser feita de maneira mais detalhada, ao ponto de se ter categorias distinguidas mediante itens lexicais específicos. É isso o que Hasan (1996), por exemplo, faz.

2.3.3.1 Exemplo de expansão de sistemas

Hasan (1996), objetivando demonstrar a viabilidade do pensamento de Halliday de que o léxico é o lado mais refinado da gramática, atém-se a uma classe de nove itens lexicais – *recolher* (*gather*), *coletar* (*collect*), *acumular* (*accumulate*), *espalhar* (*scatter*), *dividir* (*divide*),

distribuir (*distribute*), *esparramar* (*strew*), *derramar* (*spill*) e *(com)partilhar* (*share*) – classificados sob o termo [disposição] e traça, em uma rede de sistema, as escolhas associadas a suas realizações no nível da oração. O termo [disposição] possui a “herança de trajeto”³⁷ [material: ação] e [efetivo: ativo] nos subsistemas de PROCESSO³⁸ e VOZ³⁹, respectivamente – ambos parte do sistema de TRANSITIVIDADE, como observado na **Figura 20**. (É importante notar que essa herança de trajeto é considerada para todas as escolhas feitas nas subclassificações posteriores ao termo [disposição]. Em outras palavras, essa herança diz respeito ao caminho sistêmico necessário para que se possa acessar as opções posteriores a [disposição].)

Figura 20 – Herança de trajeto do termo [disposição]



Fonte: Hasan (1996, p. 75). Destaque nosso.

Para que se possa prosseguir na rede de sistema disposta na **Figura 20**, as seguintes regras de realização devem ser obedecidas: “1. As funções Processo, Meio e Agente são inseridas; 2. O Processo pré-seleciona Evento; 3. Meio e Agente pré-selecionam, cada um, um Ente; 4. Evento é subcategorizado como /ação material/” (HASAN, 1996, p. 76). Entrando-se

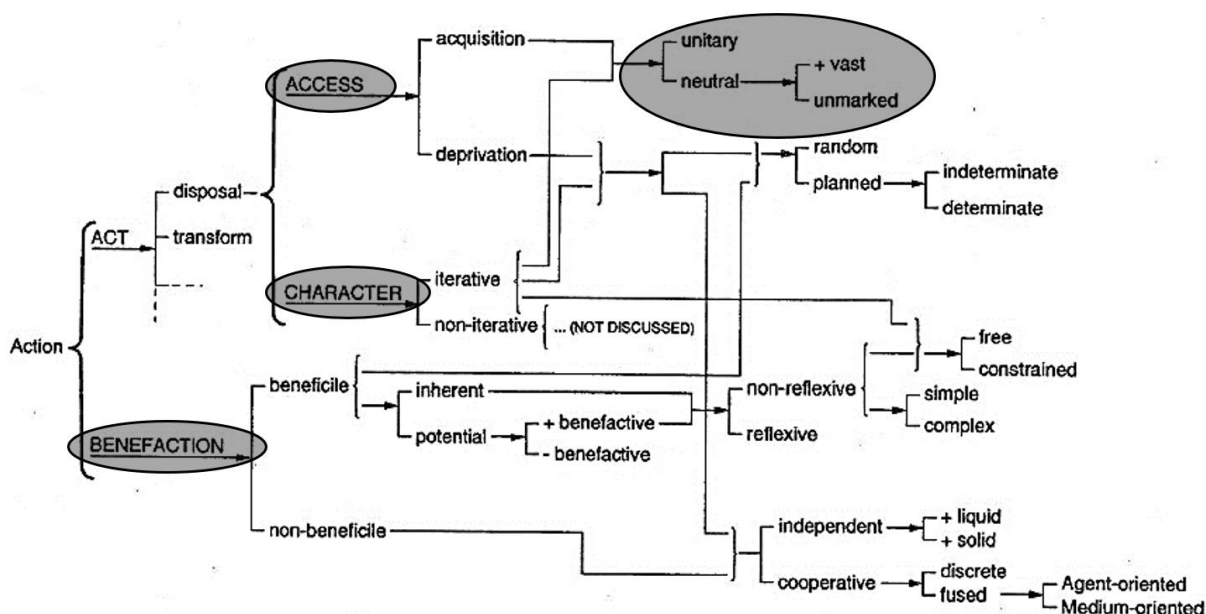
³⁷ Tradução do termo “systematic path inheritance”, presente em Hasan (1996, p. 76). Ver, nos elementos pré-textuais da tese, uma lista com termos da LSF traduzidos para o português brasileiro.

³⁸ Semelhante ao sistema de TIPO DE PROCESSO apresentado na seção anterior.

³⁹ Semelhante ao sistema de AGÊNCIA apresentado na seção anterior.

no sistema dependente do termo [disposição], tem-se os sistemas de ACESSO e NATUREZA, que coocorrem com o sistema de BENEFÍCIO (ver **Figura 21**).

Figura 21 – Sistema de ACESSO, NATUREZA e BENEFÍCIO



Fonte: Hasan (1996, p. 79). Destaque nosso.

As opções do sistema de ACESSO estão relacionadas ao resultado da atividade: [aquisição], que implica ganho de acesso ao Meio por parte do Agente, e [privação], que implica perda de acesso ao Meio por parte do Agente. A natureza da atividade, do sistema NATUREZA, possui os termos [iterativo], que implica uma atividade repetitiva, e [não-iterativo], que implica o oposto – isto é, atividade não repetitiva. O sistema de BENEFÍCIO, por seu turno, lida com a capacidade de existir ou não um beneficiado com a atividade representada.

Para se ter uma noção do que seja “transformar toda a forma linguística em gramática, na esperança de demonstrar que o léxico pode ser definido como a ‘gramática mais refinada’”⁴⁰ (HALLIDAY, 2002, p. 54), veja-se o resultado atingido pela expressão de seleção [material: ação: disposição: aquisição; iterativo; benefício: potencial]. Esse caminho conduz a apenas três escolhas verbais, com os sentidos como expressos nas orações seguintes, retiradas de Hasan (1996):

- (8) Leonie **recolheu** algumas rosas do jardim (Leonie **gathered** some roses from the garden)

⁴⁰ “[...]to turn the whole of linguistic form into grammar, hoping to show that lexis can be defined as ‘most delicate grammar’.”

- (9) Susan **acumulou** galões da solução (*Susan **accumulated** gallons of solution*)
 (10) Susan **apanhou** a água na tijela (*Susan **collected** the water in the bowl*)

No caso da primeira oração, tem-se o item lexical *recolher* como resultado do caminho [material: ação: disposição: aquisição; iterativo; benefício: potencial] adicionado do termo [unitário] – ou seja, que exige a realização do Meio por um grupo nominal com um Ente alienável, divisível e na forma plural (*algumas rosas*). Na segunda oração, tem-se o item lexical *acumular*, que possui, além do caminho já especificado, os termos [neutro: +vasto] – ou seja, o papel Meio realizado por um Ente também alienável, divisível, mas plural ou não-contável e necessariamente indicando grande quantidade (*galões da solução*). Por último, tem-se o item lexical *coletar* (no sentido em que é antônimo de *espalhar*), que tem adicionado à sua herança de trajeto o caminho sistêmico [neutro: desmarcado] – ou seja, com o papel Meio podendo ser realizado por um grupo nominal com um Ente alienável, divisível, plural ou não-contável e indicando qualquer grau de vastidão (*a água*). (O sistema com os termos [unitário], [+vasto] e [desmarcado] encontra-se destacado na **Figura 21.**)

Com relação à opção [unitário], Hasan (1996, p. 83), didaticamente, expõe:

Note que [unitário] é o ponto final de um caminho [...]. Ele especifica alguma unidade formal que possa ser reconhecida como um item lexical? Eu vejo que a unidade linguística capaz de realizar o Evento do caminho [material: ação: disposição: aquisição; iterativo: unitário] deve se referir a uma atividade que seja concreta, envolva mudança de localização do Meio, seja inerentemente repetitiva, conduza ao ganho do acesso do Meio por parte do Agente, e tenha o Meio restringido à forma plural. Em inglês, a única forma linguística com essas características é *recolher*⁴¹.

Aqui, não resta mais nada a não ser indicar o item lexical que realiza o caminho especificado na rede de sistema elaborada. Nesse sentido, Hasan (1996) aponta que orações como *Leonie **recolheu** a água/carne na tigela* e *Leonie **recolheu** um livro da sua estante* apresentam estranheza, dado que, na primeira delas, não se tem uma correspondência com as regras de realização em que (i) o Evento conduz ao ganho de acesso ao Meio por parte do Agente, (ii) o Ente (do grupo nominal que realiza o Meio) é divisível e (iii) o Ente assume a

⁴¹ “Note that [unitary] is the endpoint of one path [...]. Does it specify any unit of form that may be a recognizable lexical item? I claim that the linguistic unit capable of realizing the Event in selection expression [material: action: disposal: acquisition; iterative: unitary] must refer to an activity which is concrete, involves change in the location of the Medium, is inherently repetitive, leads to the Agent’s gain of access to the Medium, and is such that the Medium is constrained to the ‘plural’. In English the only linguistic form that can meet all these requirements is *gather*.”

forma plural; no caso da segunda oração, apesar de, a partir da eventualidade, haver um ganho do Meio por parte do Agente, não se tem um grupo nominal com núcleo na forma plural.

Todo o trajeto que melhor distingue a escolha de itens lexicais como *recolher*, *acumular* e *coletar* ainda é melhor distinguido por Hasan (1996) ao utilizar o sistema de BENEFÍCIO. Com esse sistema, são detalhadas as possibilidades de se ter ou não o Beneficiário.

De maneira geral, Hasan (1996) faz um trabalho que reúne a parte mais geral à parte mais refinada do contínuo lexicogramatical. Nesse sentido, utilizando-se de conceitos-chave da teoria sistêmico-funcional – como *sistema*, *realização* e *refinamento* – demonstra como o “sonho do gramático” apontado por Halliday (2002) pode se tornar real. Note-se que ela reúne, em uma única rede de sistema, opções desde as mais gerais, encontradas em um sistema como o de Halliday (ver **Figura 8**), até opções bem específicas, como as que distinguem a natureza do Ente que realiza o Meio (por exemplo, [+sólido], [+líquido] etc.).

Hasan (1996) atém-se a apenas um grupo específico de verbos. Caso fosse considerado um número maior de verbos, sistemas como ACESSO e NATUREZA talvez também se aplicassem, e nesse sentido haveria o trabalho de se reformular a rede de sistema a fim de englobar outros termos necessários à descrição lexicogramatical.

2.3.3.2 A descrição lexicogramatical e a escala de refinamento

Nesse sentido, o ato de categorização, dentro de um modelo de linguagem sistêmico-funcional, é aquele que, em teoria, parte do mais geral para o mais específico, ou seja, da região menos refinada para a mais refinada (ou, ainda, da gramática para o léxico). Por isso Halliday (1985, 2002) considera a gramática e o léxico como partes de um todo, formando um contínuo, o que ele chama de “lexicogramática”. Isso é demonstrado na **Figura 22** que, considerando o sistema de TRANSITIVIDADE, apresenta a entrada TIPO DE PROCESSO como uma das mais gerais (ou seja, *menos refinadas*), e as demais opções, da esquerda para a direita, de maneira sucessiva, como menos gerais (ou seja, *mais refinadas*).

Figura 22 – Escala de refinamento

menos refinado					mais refinado				
←-----					-----→				
gramática					léxico				
					<i>unitário</i>				
					<i>+vasto</i>				
					<i>desmarcado</i>				
					<i>+líquido</i>				
					<i>+sólido (...)</i>				
TIPO DE PROCESSO	Material	criativo transformativo	(...)						

Fonte: O autor (2019).

Como atesta Eggins (2004, p. 202), “para os systemicistas, ‘fazer análise sistêmica’ envolve, em grande medida, tomar redes de sistema não refinadas e as estender para a direita na escala de refinamento, por meio da análise de paradigmas encontrados em qualquer dado examinado”⁴². Ainda segundo a mesma autora, “o grau de refinamento até o qual uma rede de sistema é desenvolvida será geralmente determinada pelo propósito da descrição”⁴³ (EGGINS, 2004, p. 201).

Além de Hasan (1996), outros autores estendem o sistema de TRANSITIVIDADE em termos de refinamento, movendo-se da gramática para o léxico. Davidse (1991), por exemplo, expande a descrição das orações identificativas e atributivas. Neale (2002) expande o sistema de TRANSITIVIDADE a partir da análise de 5.400 sentidos de verbos. Matthiessen (2014), por sua vez, em trabalho ainda em andamento, distribui classes verbais, tais como estabelecidas por Levin (1993), no sistema de TIPO DE PROCESSO, portanto estendendo esse sistema ao demonstrar quais verbos lexicais (e consequentes configurações transitivas) realizam quais Processos.

No trabalho de expansão de sistema de TRANSITIVIDADE, percebem-se, por conseguinte, dois caminhos possíveis: o primeiro é a escolha de uma região específica do sistema de TRANSITIVIDADE, o segundo é a escolha de verbos com diferentes sentidos. Se, por exemplo, é escolhida a região dos processos relacionais, na intenção de expandi-la, segue-se o primeiro caminho; se escolhidos, por exemplo, os 50 verbos mais usados na língua (e seus consequentes sentidos, que certamente dará um número superior a 50) para distribuí-los no sistema de TIPO DE PROCESSO (e consequentemente expandir esse sistema), trilha-se o segundo caminho. Nesta tese, segue-se a segunda abordagem, com a ressalva de que é considerado um único verbo (*dar*) em razão de sua variedade de sentidos no português brasileiro.

⁴² “For systemicists, ‘doing systemic analysis’ largely involves taking indelicate networks and extending them to the right in delicacy, through the analysis of the paradigms found in whatever data is being examined.”

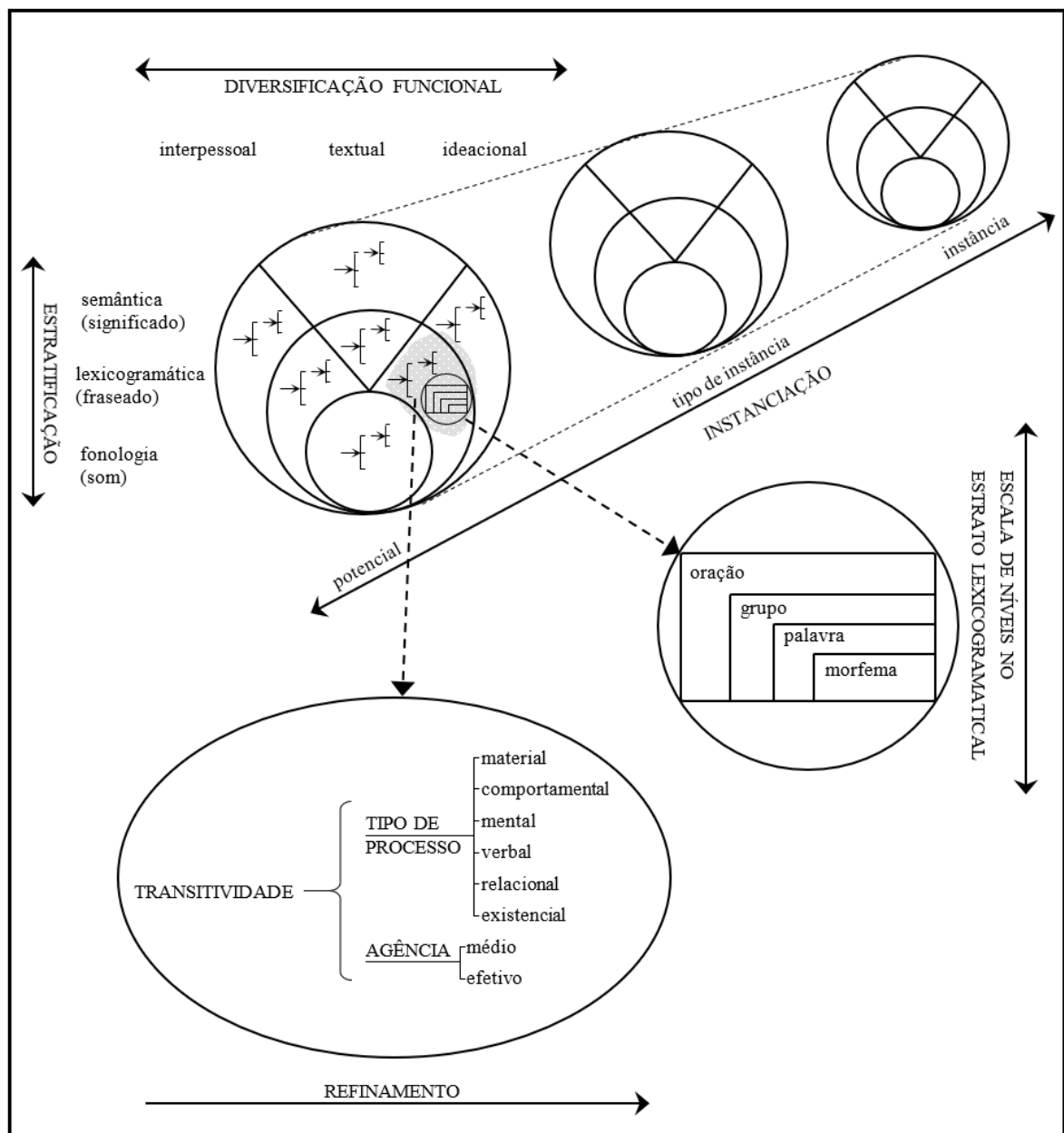
⁴³ “The degree of delicacy to which a network is developed will generally be determined by the purpose of the description.”

Esta tese, portanto, aponta para um certo grau de refinamento no sistema de TRANSITIVIDADE, pois a intenção é, além de analisar, descrever e propor opções nesse sistema que conduzem a diferentes realizações com a forma verbal *dar*.

2.4 Considerações do capítulo

Neste capítulo foram contextualizados os seguintes conceitos em LSF: estratificação, realização, metafunção, sistema, escala de níveis, constituência, instanciação e refinamento. Alguns desses conceitos estão dispostos na **Figura 23**:

Figura 23 – Quadro conceitual da LSF e localização da pesquisa



Fonte: O autor (2019).

Essa figura, além de apresentar algumas das dimensões da arquitetura da língua conforme propostas na LSF, também oferece um mapa para a localização do presente trabalho de tese: (i) na escala de instanciação, coloca-se no lado potencial – a análise é direcionada a um fenômeno linguístico a partir de um conjunto de textos representativos da língua portuguesa, com o propósito de demonstrar o comportamento desse fenômeno na língua portuguesa como um todo (ou seja, em seu potencial); (ii) diante das três dimensões funcionais, interessa-se pela ideacional; (iii) na estratificação, coloca-se no estrato lexicogramatical do conteúdo; (iv) na escala de níveis, parte do nível da oração, o mais alto na hierarquia; e (v) considera o sistema de TRANSITIVIDADE, situando-se, na escala de refinamento, entre a gramática e o léxico – na identificação de opções sistêmicas que propiciam padrões lexicogramaticais com o verbo *dar*.

Com relação à dimensão da instanciação, apesar do foco no polo potencial, adota-se um movimento que parte do texto (da instância linguística). Conforme Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 82), “a análise de [(passagens de)] textos [...] fornece material para o desenvolvimento da descrição do sistema”⁴⁴. Nesse sentido, a generalização necessária à descrição das orações com a forma verbal *dar* no sistema de TRANSITIVIDADE do português brasileiro parte da observação e da análise de textos onde essas orações são instanciadas. Fazendo isso, temos um trabalho que se coloca no lado potencial da escala de instanciação, mas com o texto servindo de “alimento” para uma visão geral das diferentes opções sistêmicas às quais estão relacionadas orações com a forma verbal *dar*.

No capítulo metodológico são demonstrados os *corpora* dos quais os textos considerados fazem parte, bem como os procedimentos utilizados para possibilitar esse tipo de descrição sistêmico-funcional. Antes, no entanto, deve-se reconhecer que o estrato semântico pode entrar em atrito com o estrato lexicogramatical – no sentido de que, por exemplo, um processo pode não ser realizado por um grupo verbal. Para explicar essa relação entre esses dois estratos, o capítulo seguinte será destinado à noção – também presente na LSF – de metáfora gramatical.

⁴⁴ “The analysis of [(passages of a)] text thus provides material for the development of the description of the system.”

3 O FENÔMENO DA METÁFORA GRAMATICAL EM LSF

Das orações estudadas nesta tese, algumas, principalmente aquelas que envolvem nominalizações na função de Extensão, aceitam reescritas sem a presença da forma verbal *dar*. Essas orações classificam-se naquilo que Halliday (1985/1994, 1998) identifica como **metáfora gramatical**. O propósito deste capítulo é o de explicar a construção teórica e a relevância descritiva da metáfora gramatical no modelo linguístico sistêmico-funcional. O percurso por esse conceito será relevante para uma localização na teoria sistêmica e consequente entendimento inicial do grupo de orações enfocadas no segundo objetivo específico desta tese – grupo do qual fazem parte os exemplos (6) e (7), dispostos no capítulo introdutório.

3.1 Metáfora gramatical: a perspectiva hallidayana

O conceito de metáfora é vastamente associado ao léxico e visto como o processo de deslocamento de sentido de uma palavra ou expressão. Nesse entendimento, uma palavra como *flor*, que possui como referente uma substância viva inanimada, pode se referir a, por exemplo, uma substância viva animada, ocasionando a projeção de um domínio semântico para outro⁴⁵. Aqui, tem-se a visão de que um lexema pode ser usado para mais de um significado. Lyons (1977, p. 548), corroborando com esse pensamento, ainda afirma que a metáfora se coloca no campo da criatividade, no qual são aplicados princípios derivacionais que transcendem o sistema linguístico, não violando suas regras sintáticas de maneira considerável.

Segundo Taverniers (2003), a metáfora, tal como vista pela perspectiva tradicional, parte da palavra, entendendo o fenômeno metafórico como o de variação de significado para uma mesma forma lexical. Dessa forma, parte-se de uma análise da metáfora “de baixo” – ou seja, da forma para o significado. Halliday (1994), por seu turno, numa perspectiva “complementar” (TAVERNIERS, 2003, p. 6), foca o fenômeno “de cima” – ou seja, partindo do significado para a expressão. Nesse sentido, para Halliday (1994) a metáfora corresponde ao fenômeno em que um mesmo significado é expresso (ou realizado) de maneira diferente pelo estrato lexicogramatical, sendo isso o que ele chama de **metáfora gramatical**, em oposição a **metáfora lexical**, referente à visão tradicional de perceber uma única realização lexical para mais de um significado. Recorrendo-se à visão estratificada da linguagem, diz-se que há um

⁴⁵ Lyons (1977) ainda cita o que ele chama de lexemas compostos, como *wet blanket*, que, no sentido metafórico usado na língua inglesa, refere-se a uma pessoa que inibe o prazer ou entusiasmo de outrem.

“realinhamento” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 562) entre as unidades semânticas e as unidades gramaticais pertencentes, respectivamente, aos estratos semântico e lexicogramatical.

Sendo assim, voltando ao exemplo do item lexical *flor*, tem-se, como ponto de partida da perspectiva tradicional, o lexema, com uma única forma de expressão, e como ponto de chegada o significado, que se desdobra em dois – um literal e outro metafórico. Já para exemplificar sua perspectiva, Halliday (1994) cita o significado *muitas pessoas protestaram* (*many people protested*), que também pode ser representado como *protestos inundaram* (*protests flooded in*) ou *protestos vieram em grande quantidade* (*protests came in in large quantity*). Nesse exemplo, além de uma mudança lexical, há também uma mudança gramatical, sendo uma delas a transformação de um verbo (*protestar*) para a categoria de nome (*protesto*). Assim, expandindo o campo dos estudos direcionados à metáfora, Halliday (1994) afirma que a variação na expressão de um sentido não se dá apenas no campo lexical, haja vista a necessidade, também, de mudança gramatical.

Há um forte elemento gramatical no processo de transferência retórica. Uma vez reconhecido isso, percebemos que há, também, o que denominamos metáfora gramatical, na qual a variação é essencialmente nas formas gramaticais, embora também implicando algum tipo de variação lexical⁴⁶ (HALLIDAY, 1994, p. 342).

Essa variação nas formas gramaticais ainda pode ser visualizada no exemplo seguinte, objeto de reflexão antes mesmo desta pesquisa ganhar forma:

- (11) A gente reza... A gente **dá aquela rezadinha gostosa**, né?! (resposta de Compadre Washington, do grupo musical brasileiro *É o Tchan*, à pergunta “O que vocês fazem no camarim antes de entrarem no palco?”, em entrevista ocorrida no programa *SuperPop*, exibido na emissora de televisão brasileira *RedeTV!* em 2013).

Nesse exemplo, nota-se a opção do falante em continuar a expressão com a escolha da configuração lexicogramatical *dá aquela rezadinha gostosa...*, e não da configuração *reza...* Semelhantemente ao exemplo apontado por Halliday (1994), aqui tem-se uma variação gramatical, haja vista que (i) o elemento verbal passa a pertencer à classe dos nomes (*reza* => *rezada*), (ii) as características de tempo, modo e aspecto são indicadas mediante a introdução

⁴⁶ “There is a strong grammatical element in rhetorical transference; and once we have recognized this we find that there is also such a thing as grammatical metaphor, where the variation is essentially in the grammatical forms although often entailing some lexical variation as well.”

de um novo verbo (*dá*). Como diz Ravelli (1988, p. 134), nesse caso, em que se tem o fenômeno da metáfora gramatical, não se trata de “transferência de referente do literal para o figurativo, entre as mesmas categorias gramaticais, e sim transferência de representação entre diferentes categorias”⁴⁷.

Halliday (1994) utiliza o termo geral “variante” para se referir a essas expressões usadas para realizar um mesmo sentido⁴⁸. Essas variantes, por mais que se refiram a maneiras diferentes de representar um significado, não são totalmente sinônimas; por mais que sejam sistematicamente relacionadas em termos de sentido, e, portanto, de certo modo sinônimas, Halliday (1994) ressalta que “[...] a metáfora selecionada adiciona outras características semânticas”⁴⁹ (p. 342) e que “todas as diferentes codificações contribuem com algo diferente para a totalidade do significado”⁵⁰ (p. 344).

Entre as variantes metafóricas e as não metafóricas há um contínuo, e daí a relevância do uso de expressões como “menos metafórico” e “mais metafórico” para se referir a organizações lexicogramaticais que realizam um mesmo significado. Como atestam Halliday e Matthiessen (1999, p. 235), “ao considerar a metáfora gramatical, não mantemos uma simples dicotomia entre ‘literal’ e ‘metafórico’; ao contrário, propomos a existência de um contínuo nos quais os polos são ‘menos metafórico’ e ‘mais metafórico’”⁵¹. De acordo com Taverniers (2003), isso significa dizer que há, no pensamento de Halliday (1994), uma escala de congruência, ilustrada com os exemplos seguintes, que partem do mais metafórico (a) ao menos metafórico (e):

- (a) Avanços na tecnologia estão acelerando a escrita de programas de negócios.
- (b) Avanços na tecnologia estão tornando a escrita de programas de negócios mais rápida.
- (c) Avanços na tecnologia estão permitindo pessoas escreverem programas de negócios mais rapidamente.
- (d) Uma vez que a tecnologia está avançando, pessoas estão tornando-se capazes de escrever programas de negócios mais rapidamente.

⁴⁷ “[...] it is no longer transfer of referent from the literal to the figurative, between the same grammatical categories, but transfer of representation between different categories.”

⁴⁸ Aqui, é importante mencionar, em função da importância da teoria da variação na (socio)linguística, que não se fala em concorrência entre as diferentes realizações.

⁴⁹ “[...] the particular metaphor selected adds further semantic features.”

⁵⁰ “the different encodings all contribute something different to the total meaning.”

⁵¹ “we would not, in considering grammatical metaphor, maintain a simple dichotomy between ‘literal’ and ‘metaphorical’; rather, we would propose that there is a continuum whose poles are ‘least metaphorical’ and ‘most metaphorical’.”

(e) Uma vez que a tecnologia está ficando melhor, pessoas estão tornando-se capazes de escrever programas de negócios mais rapidamente⁵² (HALLIDAY, 1994, p. 350).

Para Halliday (1994), a expressão metafórica é aquela em que não se segue um caminho natural entre o significado e as configurações lexicogramaticais propostas em seu modelo de análise linguística. Aqui, pressupõe-se a existência de formas “típicas” (Halliday, 1994, p. 343) de se realizar significados. Para Ravelli (1988, p. 134), a noção de tipicidade se refere “ao fluxo esperado de escolhas entre os vários níveis e ordens linguísticos⁵³”. Quando esse fluxo é realinhado, tem-se as formas lexicogramaticais metafóricas. Por exemplo, na representação típica de um evento que envolve a quebra de um vaso, será feita a escolha semântica de um processo e um participante (e não somente de um participante) que terão como realização lexicogramatical uma oração constituída de um grupo nominal e um grupo verbal, resultando em algo como *[Ator/Meio]o vaso [Processo] quebrou* (e não *a quebra do vaso*). Essas formas típicas de fraseado para um dado significado são chamadas de **congruentes** (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999), em preferência ao termo *literal*. Segundo Thompson (2004, p. 222), corroborando com a ideia de tipicidade apontada em Halliday (1994), o termo congruente pode ser informalmente entendido como “mais próximo do estado de coisas do mundo exterior”⁵⁴.

3.1.1 A construção das metafóricas gramaticais

As formas metafóricas seguem o que Halliday (1998, p. 185) chama de reconstrução semiótica, que equivale à substituição de uma construção semiótica por outra. Isso se verifica principalmente quando sequências e figuras, que são unidades semânticas (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999, 2004), não são realizadas congruentemente por, respectivamente, complexos oracionais e orações. A **Figura 24**, retirada de Halliday (1998), demonstra esse pensamento. Nessa figura, ainda é adicionada a unidade semântica *elemento*, que compõe a figura com processos, participantes e circunstâncias e que terão suas formas metafóricas no nível da palavra (funcionando, assim, geralmente como modificador de um Ente).

⁵² (a) Advances in technology are speeding up the writing of business programs.

(b) Advances in technology are making the writing of business programs faster.

(c) Advances in technology are enabling people to write business programs faster.

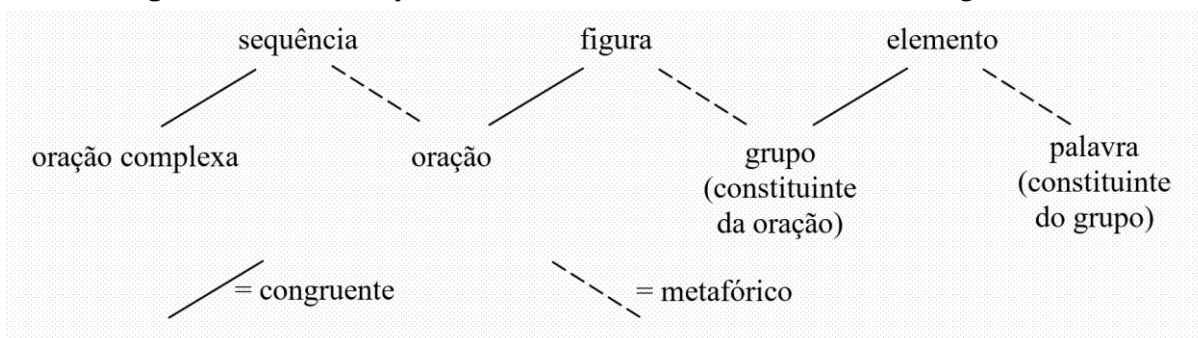
(d) Because technology is advancing, people are (becoming) able to write business programs faster.

(e) Because technology is getting better, people are able to write business programs faster.

⁵³ “Typical here refers to the expected flow-on of choices between the various linguistic levels and ranks.”

⁵⁴ “closer to the state of affairs in the external world.”

Figura 24 – Reconstrução de unidades semânticas mediante metáforas gramaticais



Fonte: Halliday (1998, p. 218).

Como modelo ilustrativo, veja-se as duas orações seguintes:

- (12) Se (o médico) *imobiliza* (o paciente) e imediatamente *administra* os antibióticos apropriados, o problema pode ocasionalmente ser *solucionado*⁵⁵ (THOMPSON, 2004, p. 226, grifo do autor)
- (13) A *imobilização* e a *administração* imediata dos antibióticos apropriados podem ocasionalmente levar à *solução*⁵⁶ (THOMPSON, 2004, p. 226, grifo do autor)

Nesse caso, a sequência congruente (exemplo (12)) é realizada por uma oração complexa constituída de três orações, com os processos *imobilizar*, *administrar* e *solucionar*. Na forma metafórica (exemplo (13)), essa sequência é realizada por uma única oração com o processo *levar*. Nessa forma metafórica, os processos da sequência congruente são representados como participantes (*imobilização*, *administração* e *solução*), o que faz com que eles sejam realizados no grupo nominal, e não mais no grupo verbal; consequentemente, as figuras (como, por exemplo, *o médico* + *imobilizar* + *o paciente*) são realizadas não mais por orações, mas sim, metaforicamente, por grupos nominais. Por fim, alguns elementos, sendo congruentemente realizados no nível do grupo, passam a ser realizados no nível da palavra; é o caso do elemento *imediatamente*, que, sendo congruentemente realizado por um grupo adverbial, passa a ser realizado metaforicamente pela palavra *imediate*, constituinte do grupo nominal com o Ente *administração* (*administração imediata*).

O elemento também pode ser realizado metaforicamente no mesmo nível do grupo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 240); nesse caso, a distinção se dá em termos de

⁵⁵ “If (the doctor) *immobilizes* (the patient) and promptly *administers* the appropriate antibiotics, the problem may occasionally be *resolved*.”

⁵⁶ “*Immobilization* and the prompt *administration* of the appropriate antibiotics may occasionally lead to *resolution*.”

classe do grupo. Recorrendo-se às orações (14) e (15), por exemplo, percebe-se que o elemento *evaporar* é representado, congruentemente, como grupo verbal, enquanto metaforicamente também é realizado por um grupo, mas um grupo nominal.

(14) [o álcool] <deu uma> / **evaporada** // (bfamcv33)

(15) [o álcool] **evaporou** (reescrita de (14))

Além da mudança de nível, Halliday e Matthiessen (1999) apontam a transcategorização como modelo geral responsável pela emersão da metáfora. A partir desse fenômeno, lexemas de uma classe são (em alguns casos com o auxílio de sufixos derivacionais) expressos por meio de outra classe. No caso de *evaporada*, por exemplo, tem-se um elemento da classe dos processos tratado como se fosse da classe das coisas. A partir dessa noção de transcategorização, Halliday e Matthiessen (1999, p. 245) classificam a metáfora gramatical no campo ideacional a partir de um quadro que considera a mudança de classe dos elementos, conforme **Quadro 4** traduzido a seguir:

Quadro 4 – Domínios de metáforas de elementos

congruente:	metafórico:			
	=> circunstância	=> processo	=> qualidade	=> coisa
qualidade => <i>instável</i>				1 <i>instabilidade</i>
processo => <i>absorver</i>				3 <i>absorvente</i> 2 <i>absorção</i>
circunstância => <i>ao invés de; na superfície</i>		6 <i>substitui</i>	5 <i>alternativo; superficial</i>	4 <i>substituição; superfície</i>
conector => <i>porque [b, porque a] então [a, então b]</i>	10 <i>por causa de; como resultado</i>	9 <i>causa, prova; assegura, segue/resulta de</i>	8 <i>causal; consequente</i>	7 <i>causa, prova; resultado</i>
Ø =>		12 <i>ocorre; impõe; faz, tem</i>		11 <i>fenômeno, fato</i>
coisa, circunstância => <i>driver [be safe] decided [today]</i>	13 expansão da coisa <no contexto de 1 e 2> <i>driver [safety], driver's [safety], [safety] of the driver today's [decision], [decision] of today</i>			

Fonte: Halliday e Matthiessen (1999, p. 245).

As escolhas provenientes desse quadro tendem a ocorrer em grupos (por exemplo, o grupo 6+2, o grupo 5+1+13 etc.). Esses grupos são classificados em três tipos na formação de um quadro conceitual geral: (i) *figura* ==> *elemento*, em que uma figura é metaforicamente

representada como um participante (por exemplo, *ele foi preso pela polícia* ==> *sua prisão pela polícia*⁵⁷ – grupo 13+2+13); (ii) *sequência* ==> *figura*, em que, semanticamente, uma sequência é representada como uma figura e, conseqüentemente, uma oração complexa é representada como uma oração (por exemplo, *Eles rasgaram os documentos antes de partirem para o aeroporto* ==> *Eles rasgaram os documentos antes da partida deles para o aeroporto* – grupo 10+13+2+13); e (iii) *figura com processo* ==> *figura com processo como coisa*, em que apenas parte da figura é reconstruída de maneira metafórica como um participante (por exemplo, *Eles pesquisaram a propriedade* ==> *(Eles) fizeram uma pesquisa da propriedade* – grupo 12+2+13) – ver **Quadro 5**.

Quadro 5 – Tipos de metáfora

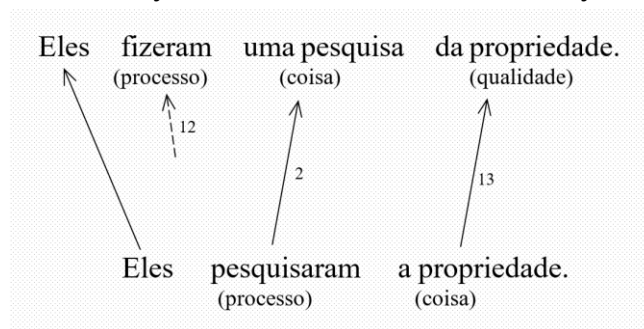
Tipo de metáfora	Mudança nos níveis lexicogramaticais	Exemplos (congruente)	Exemplos (metafórico)
figura ==> elemento	oração ==> grupo	ele foi preso pela polícia	sua prisão pela polícia
sequência ==> figura	oração complexa ==> oração	Eles rasgaram os documentos antes de partirem para o aeroporto	Eles rasgaram os documentos antes da partida deles para o aeroporto
figura com processo ==> figura com processo como coisa	oração ==> oração (não há mudança de nível)	Eles pesquisaram a propriedade	(Eles) fizeram uma pesquisa da propriedade

Fonte: O autor (2019), baseado em conceitos e exemplos de Halliday e Matthiessen (1999).

Para fins de clareza, veja-se o terceiro tipo de metáfora, com o exemplo *Eles fizeram uma pesquisa na propriedade*: o elemento *Eles* não sofre alteração; o elemento metafórico *fizeram* é adicionado ($\emptyset$ => processo – tipo 12); o elemento *pesquisaram* é representado metaforicamente por *pesquisa* (processo => coisa – tipo 2); e o elemento *a propriedade* é representado metaforicamente como *da propriedade* (coisa => qualidade – tipo 13), que na oração metafórica qualifica o nome *pesquisa* (ver **Figura 25**).

⁵⁷ Os exemplos deste parágrafo são todos retirados de Halliday e Matthiessen (1999).

Figura 25 – Mudança de classe de elementos na construção metafórica



Fonte: O autor (2019).

Dadas essas considerações acerca das metáforas gramaticais, falta discorrermos sobre a razão para o seu uso. Essa discussão é apresentada na subseção seguinte.

3.1.2 Razões para o uso de metáforas gramaticais

De acordo com Halliday (1998) e Halliday e Matthiessen (1999, p. 267), o princípio geral por trás do uso de metáforas gramaticais é a percepção da experiência em forma de coisas. Ao se representar processos como participantes, lança-se mão de um potencial maior para caracterizar e taxonomizar, como se verifica, por exemplo, com o nome *evaporada* (ver exemplo (14)), que poderia ser qualificado por meio de elementos como *boa* e *rápida*: [*o álcool*] deu uma *evaporada* **boa**; [*o álcool*] deu uma *evaporada* **rápida**. Outro exemplo que atesta isso é o apresentado em (11), aqui retomado como (16):

- (16) A gente reza... A gente **dá aquela rezadinha gostosa**, né?! (resposta de Compadre Washington, do grupo musical brasileiro *É o Tchan*, à pergunta “O que vocês fazem no camarim antes de entrarem no palco?”, em entrevista ocorrida no programa *SuperPop*, exibido na emissora de televisão brasileira *RedeTV!* em 2013).

Esse exemplo demonstra como a mudança *processo* => *coisa* permite o uso do potencial associado ao grupo nominal para classificação detalhada do processo *rezar*. Ao transformar *rezar* em *rezada*, é possível melhor classificar o então “processo-coisa”: é um processo de *rezar* que parece não envolver tanto empenho ou esforço (ou seja, não se passa 30 minutos rezando) – por isso é uma *rezadinha* e é *gostosa*; ademais, parece ser um tipo de reza já típica e conhecida (por isso o uso do Dêitico *aquela*). Conforme argumentam Halliday e Matthiessen (1999, p. 267) com relação ao inglês, “quanto mais estrutura para ser imposta sobre a experiência, maior

a pressão para sua construção em forma de coisas”⁵⁸. Nominalizando processos como *rezar*, “nós os habilitamos para todo o potencial ‘de qualidade’ que é associado às coisas: eles podem ser classificados, qualificados, quantificados, identificados e descritos” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 267)⁵⁹.

Uma outra razão para o uso de metáforas gramaticais pode estar na motivação de uma outra metafunção. A metáfora que trata da mudança de nível (oração complexa ==> oração, oração ==> grupo, grupo ==> palavra) ou da mudança de classe de elementos (processo => coisa, circunstância => qualidade etc.), acarretando mudanças na configuração transitiva, é classificada dentro do grupo de metáfora gramatical ideacional (HALLIDAY, 1994), em oposição às metáforas do tipo interpessoal e textual. No entanto, as três metafunções da linguagem, tal como propostas dentro do modelo da LSF, são estreitamente relacionadas, sendo que a mudança em uma delas pode ser refletida nas (ou ser um reflexo das) demais; a nominalização, por exemplo, pode ter uma motivação textual, como atesta o exemplo seguinte:

- (17) *BRU: menos que isso não **congela** //
 *FLA: não / **congela** / <mas tem que **congelar** rápido> //
 *BRU: <ô> //
 *MAR: <**congela** / mas é mais lento> //
 *BRU: <ah / porque **congela** rápido> //
 *MAR: tem pouquíssimo <que **faz esse congelamento** rápido> //
 *BRU: <que isso / velho> //
 *EMM: <é> / o **congelamento** é pa preservar> // (bpubcv01)

No exemplo em questão, verifica-se que a nominalização do processo *congelar* permite a sua disposição como Tema da oração. Textualmente, isso possibilita que a informação disponível nas orações anteriores seja disposta como informação velha, já conhecida do interlocutor; interpessoalmente, a informação retomada não é apresentada como uma proposição contestável – ou seja, são evitadas perguntas como *A câmara realmente congela?*.

3.1.3 Identificação das metáforas gramaticais

Quanto à sua identificação, Halliday (1994) expressa que nem sempre é tarefa fácil revelar quais são as formas típicas. Segundo o autor, “o típico pode ser o modo como você

⁵⁸ “[...] the more structure that is to be imposed on experience the more pressure there is to construe it in the form of things.”

⁵⁹ “the effect of nominalizing these processes is to open them up to all the ‘quality’ potential that is associated with things: they can be classified, qualified, quantified, identified and described.”

inicialmente aprende a dizer algo em sua língua materna, ou o modo como é comumente dito, ou o modo como é dito na ausência de qualquer circunstância especial; e nem sempre esses fatores coincidirão”⁶⁰ (HALLIDAY, 1994, p. 343). Em linha com esse pensamento, Halliday e Matthiessen (1999) adotam um raciocínio evolutivo e passam a entender o uso do termo *congruente* como um modo de remeter à forma primeira de expressão dos significados: “‘congruente’ no sentido de que é o modo como a linguagem evoluiu”⁶¹ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999, p. 237). Esse raciocínio evolutivo é entendido em uma escala filogenética, ontogenética e logogenética, que é usada para ajudar na identificação de uma expressão como congruente ou metafórica. Halliday e Matthiessen (1999) afirmam que, por exemplo, (18) é congruente em relação a (19) por ter evoluído anteriormente no sistema linguístico (filogênese), por ser aprendido antes pelas crianças (ontogênese) e por tipicamente ser expresso primeiro em um texto (logogênese).

(18) Ele anunciou que provavelmente iria renunciar⁶² (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 235).

(19) O anúncio de sua provável renúncia⁶³ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 235).

Para a distinção da expressão congruente da metafórica, além da escala evolutiva, Halliday e Matthiessen (1999) apontam o fato de sequências e orações rebaixadas de níveis apresentarem menos informações, o que possibilita a criação de mais de um fraseado agnato. Isso se confirma com o mesmo exemplo (19), que não disponibiliza a informação de quem anunciou ou de quando foi anunciado, deixando a reexpressão congruente aberta: *quem fez o anúncio de sua provável renúncia?; o anúncio já foi, ou ainda será feito?*.

Um número significativo de exemplos apontados pelos autores consultados neste capítulo (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999; TAVERNIERS, 2003; THOMPSON, 2004) demonstra que uma das principais formas de realização metafórica é por intermédio de nominalizações. Como apontado por Thompson (2004), a nominalização se dá quando um nome é usado para expressar um evento. Para identificar uma nominalização, geralmente analisa-se se o nome é derivado de um verbo. Nesse caso, a morfologia do nome

⁶⁰ “the ‘typical’ might be the way you first learn to say something in your mother tongue, or the way it is most commonly said, or the way it is said in the absence of any special circumstances; and these will not always coincide.”

⁶¹ “‘congruent’ in the sense that is the way language evolved.”

⁶² “he announced that he would probably resign.”

⁶³ “the announcement of his probable resignation.”

pode ajudar consideravelmente, pois é comum a adição de sufixos para a transformação de uma forma verbal em uma forma nominal – no caso de uma nominalização como a do exemplo (14), apontado acima, esse processo de derivação se torna evidente em razão do sufixo **-ada** (*evaporar* => *evaporada*). O critério da identificação de sufixos, no entanto, não é tão confiável, como atestado por Ravelli (1988), pois é possível encontrar formas metafóricas sem sufixos derivativos (como, por exemplo, *deu apoio* (bfamnn02)), bem como encontrar formas com sufixos que não são metafóricas.

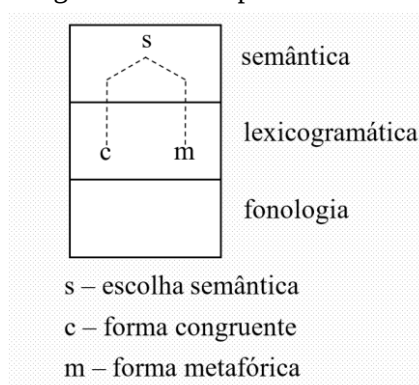
Taverniers (2003) afirma, de maneira crítica, que a identificação de expressões metafóricas caminha em direção ao campo da intuição. Percebe-se, no entanto, que o reconhecimento da evolução (no texto, por exemplo), a densidade informacional, bem como a identificação da mudança de classe (nominalização, de maneira específica), contribuem para o reconhecimento de metáforas gramaticais.

3.2 Metáfora gramatical: desenvolvimentos a partir de Halliday

Nesta seção, serão apresentados os trabalhos de Ravelli (1988, 2003) e Heyvaert (2003). Esses autores, seguindo o pensamento originário de Halliday (1994/1985), defendem a existência de formas congruentes e incongruentes, de tipicidade, de mudança de nível, classe e função no fraseado metafórico etc., mas também apontam desenvolvimentos possíveis, seja na teorização (RAVELLI, 1988, 2003), seja na descrição (HEYVAERT, 2003) das metáforas gramaticais.

3.2.1 Dois modelos teóricos para o entendimento das metáforas gramaticais

Ravelli (1988) discorre sobre o que Halliday (1985/1994) entende por metáfora gramatical e defende a posição por ele adotada, apesar de sugerir a necessidade de um modelo e uma explanação mais detalhada. A autora aponta duas formas de se considerar a metáfora gramatical. Uma, seguindo Halliday (1985/1994), seria vê-la como realização lexicogramatical alternativa, na qual um significado é percebido como realizado congruentemente ou metaforicamente (ver **Figura 26**).

Figura 26 – Metáfora gramatical interpretada como escolha realizacional

Fonte: Ravelli (1988, p. 136).

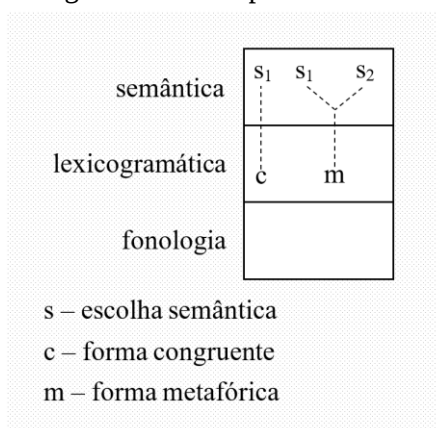
A partir dessa figura, Ravelli (2003, p. 41) afirma que há “o entendimento de que duas instâncias lexicogramaticais podem ser vistas como sendo, *de alguma maneira*, semanticamente equivalentes”⁶⁴ (grifo nosso). Ou seja, a autora segue o pensamento de Halliday (1985/1994) de que a metáfora gramatical é uma realização lexicogramatical alternativa de um significado, mas com a mesma cautela desse autor de considerar as variantes lexicogramaticais como compartilhando significados (por exemplo, significados experienciais), e não como sinônimas.

No entanto, segundo Ravelli (1988), essa posição não é adequada, pois o significado não é o mesmo quando temos duas estruturas lexicogramaticais diferentes: “a própria categoria gramatical possui um efeito de retroalimentação no estrato semântico, e realizações lexicogramaticais alternativas podem omitir ou incluir diferentes partes da mensagem”⁶⁵ (p. 137). A partir desse pensamento, a autora afirma que a realização metafórica compartilha algum conteúdo semântico com a forma congruente, mas alguns detalhes irão se diferir. Esse raciocínio é representado na **Figura 27**.

⁶⁴ “[...] at stake here is the understanding that two instances in the lexicogrammar can be seen to be, somehow, semantically equivalent.”

⁶⁵ “the grammatical category itself has a feedback effect into the semantics, and alternative lexicogrammatical realizations may omit or include different parts of the message.”

Figura 27 – Metáfora gramatical interpretada como composto semântico



Fonte: Ravelli (1988, p. 137).

Para Ravelli (1988), o que se tem nesse segundo modelo é uma tensão entre os estratos semântico e lexicogramatical, tal como indicado posteriormente em Halliday (1998), criando a impressão de que duas coisas acontecem de uma só vez (RAVELLI, 2003, p. 42), ou seja, dois sentidos em uma mesma organização lexicogramatical. A partir da **Figura 27**, observa-se o entendimento da autora de que a realização congruente é derivada de uma única escolha semântica, enquanto a realização metafórica deriva de duas ou mais escolhas semânticas:

Nessa interpretação, a metáfora é vista como uma combinação de opções semânticas. Ou seja, duas (ou mais) escolhas de significado caminham juntas na semântica, formando uma condição de entrada composta para um significado (combinado), o que dá vez à realização metafórica na lexicogramática. Por outro lado, uma realização lexicogramatical congruente deriva de uma escolha semântica simples⁶⁶ (RAVELLI, 1988, p. 137).

Ravelli (1988) cita o exemplo da combinação de dois significados: um processo e uma circunstância. Essa combinação pode formar, por exemplo, o processo metafórico *seguir* (junção do verbo *ser* e do advérbio *depois*), como em *a noite segue o dia*⁶⁷. Trazendo essa explicação para o objeto de estudo desta tese, adotar essa segunda visão seria dizer que em uma

⁶⁶ In this interpretation, metaphor is seen as a combination of semantic features. That is, two (or more) meaning choices come together in the semantics, forming a compound entry condition for a (combined) meaning, which gives rise to a metaphorical realization in the lexicogrammar. On the other hand, a congruent lexicogrammatical realization derives from a simple semantic choice.

⁶⁷ Halliday (1998, p. 200) também passa a mencionar o conceito de *junção semântica*. Ele cita como exemplo a palavra *motion* (*movimento*), que realiza a junção de duas opções: aquela de processo, correspondente ao significado realizado congruentemente pela forma *mover*, e aquela de entidade ou coisa, correspondente ao significado realizado pela classe dos nomes (nesse caso expresso pela palavra *movimento*). Assim, para o autor, reconstruir a experiência é um fenômeno que vai além da mudança gramatical: envolve, também, mudança semântica, dado que a forma metafórica gramatical cria novos significados (HALLIDAY, 1998, p. 227-229).

oração como *[deixa] só [eu] dar uma olhada na nossa kombi* (bpubdl07) envolve, além do sentido do processo *olhar*, um outro (ou outros) sentidos, o que resulta na forma metafórica.

Para Ravelli (1988), adotar o segundo modelo pressupõe ter uma rede de sistema desenvolvida para o estrato semântico, conforme já se tem para o estrato lexicogramatical. Como isso ainda não foi feito, Ravelli opta por seguir, no desenvolvimento do seu texto, o primeiro modelo, por já ter “atingido seus limites descritivos⁶⁸” (p. 138), restando apenas descrever as realizações metafóricas. Ainda assim, o segundo modelo é apontado como o ideal na análise da metáfora gramatical.

A partir da análise de um conjunto de textos pertencentes a registros falados e escritos, Ravelli (1998) elabora uma categorização de metáforas gramaticais. Essa categorização aponta nove tipos gerais, que se distinguem pela forma como escolhas semânticas são representadas metaforicamente (por exemplo, processo representado como Ente por meio de um grupo nominal; circunstância representada como Epíteto por meio de um adjetivo; conexão lógica representada como Processo por meio de um grupo verbal etc.).

Ravelli (1988), a partir da análise de um conjunto de textos pertencentes a registros falados escritos, ainda atesta a hipótese de Halliday (1994) de que a metáfora gramatical é mais comum no modo escrito. De fato, Ravelli (1988) atesta que a fala é gramaticalmente intrínseca – ou seja, possui um número maior de processos, tornando mais propício o uso de orações complexas – enquanto a escrita é lexicalmente densa – com um número maior de informações compactadas em uma única oração, o que resulta em um número superior de participantes e um número menor de processos. Nesse sentido, formas incongruentes conduzem à elaboração de poucas orações que possuem mais itens lexicais e menos recursos lógicos próprios de orações complexas; formas congruentes, por seu turno, conduzem à elaboração de um número maior de orações que possuem menos itens lexicais e mais recursos lógicos próprios de orações complexas.

Para concluir, pode-se enumerar, a respeito do trabalho de Ravelli (1988), três pontos relevantes na discussão sobre metáforas gramaticais: (i) a autora segue a ideia central de Halliday (1985) sobre metáfora gramatical como recodificação de uma forma congruente; (ii) por meio da análise textual, propõe um quadro classificatório das metáforas gramaticais e testa a hipótese de que a escrita é o registro mais propenso à sua realização; por fim, (iii) corrobora com o pensamento de Halliday (1994) da não sinonímia entre as realizações congruente e

⁶⁸ “In contrast, the first interpretation has reached its descriptive limits: metaphor is an alternative realization – it only remains to describe the alternatives” (RAVELLI, 1988, p. 138).

metafórica, endossando a ideia de que a forma metafórica é a junção de dois ou mais significados.

3.2.2 Nominalização e sua análise

Seguindo o **Quadro 4** (p. 64), percebe-se que a mudança entre unidades semânticas para a categoria de coisas pode se dar a partir de qualidades (instável => instabilidade), processos (absorver => absorção), circunstâncias (na superfície => superfície) e conexões (porque => causa), evidenciando a nominalização como originária de adjetivos, verbos, frases preposicionais, advérbios e conectores. No entanto, a nominalização a partir de verbos – a chamada *nominalização deverbal* (HEYVAERT, 2003; CASTILHO, 2010) – é a mais recorrente na literatura direcionada à apresentação da metáfora gramatical do tipo ideacional (HALLIDAY, 1994; MATTHIESSEN, 1995; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999, 2004; RAVELLI, 2003; TAVERNIERS, 2003). Como aponta Ravelli (2003, p. 38) “a transferência do verbo para o nome é a forma mais prototípica de metáfora gramatical”⁶⁹. Isso ocorre com o objeto de estudo desta tese, no qual se verifica a constante mudança de verbos para nomes na formação de expressões metafóricas, como em *olhar => dar uma olhada*. A nominalização é, em essência, o fenômeno que ocasiona a mudança de outras funções (principalmente a de Processo) para a função de Ente/Núcleo do grupo nominal e se configura como um recurso lexicogramatical consideravelmente presente na representação metafórica dos significados.

Para a análise de nominalizações, a LSF propõe que o grupo nominal com Ente seja descompactado e a partir disso demonstrada a forma agnata correspondente à versão congruente. Heyvaert (2003), ao investigar mais de perto o recurso da nominalização, explora o conceito de agnação. Para ele, a LSF, na procura de construções congruentes, direciona sobremaneira o foco para a procura de uma forma agnata correspondente à variante metafórica. No entanto, essa proposta é insuficiente, dado que algumas nominalizações dificilmente podem ser relacionadas a uma boa oração congruente, como é o caso das nominalizações com *-ing*: as nominalizações *Tom's cleaning of the kitchen* e *Tom's cleaning the kitchen*, por exemplo, possuem, ambas, a mesma forma agnata *Tom cleans the kitchen* (*Tom limpa a cozinha*), apesar de apresentarem diferenças sintáticas e semânticas (HEYVAERT, 2003).

⁶⁹ “The verbal to nominal transfer is the most prototypical form of grammatical metaphor.”

Heyvaert (2003), diferentemente de Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (1999), propõe que os elementos formadores da estrutura das nominalizações sejam analisados a partir da identificação de uma rede de agnatos para cada tipo de nominalização estudada:

Argumentarei que cada nominalização deve ser vista como a contraparte metafórica não de um agnato congruente, mas de uma *rede de estruturas agnatas*, seja do tipo oracional, seja de outro tipo. Tal rede é formada quando a agnação é usada heurísticamente: um pré-requisito essencial para desvendar a rede de sistema por trás de cada tipo de nominalização é a identificação e interpretação das diferentes unidades estruturais das quais ela é constituída. A *identificação* dessas unidades é, como mostrarei, necessariamente baseada nas estruturas paradigmáticas ou agnatos com os quais elas se relacionam: agnação é então usada para demarcar as fronteiras das unidades⁷⁰ (HEYVAERT, 2003, p. 67-68).

O termo agnação foi introduzido por Gleason (1965, *apud* HEYVAERT, 2003) para se referir a estruturas com uma organização sintática diferente, mas com itens lexicais semelhantes. Seguindo Gleason, Heyvaert (2003) lança mão do termo *enation* (oposto a agnação) para se referir a estruturas com a organização semelhante entre seus elementos, mas com itens lexicais diferentes. É compartilhada a ideia de que estruturas *enate* devem compartilhar a mesma rede de estruturas agnatas. Desse modo, orações como *O homem quebrou o vaso* e *O atirador derrubou o helicóptero*⁷¹ seriam *enates* no sentido de que compartilham o mesmo conjunto de estruturas agnatas (forma passiva (1) e forma com o verbo *fazer* (2)), como pode ser visto no esquema seguinte:

⁷⁰ “I will argue that each nominalization should be viewed as the metaphorical counterpart of not one congruent agnate, but of a *network of agnate structures*, clausal and other. Such a network is formed when agnation is used heuristically: an essential prerequisite for uncovering the system network behind each type of nominalization is the identification and interpretation of the different structural units that it consists of. *Identifying* these units is, I will show, necessarily based on the paradigmatic structures or agnates they relate to: agnation is then used to demarcate the unit boundaries.”

⁷¹ Exemplos criados para fins didáticos.

Quadro 6 – Relação entre orações agnatas e *enates*

Orações <i>enate</i>	Conjunto de agnações	Agnações de A e B
A - O homem quebrou o vaso B - O atirador derrubou o helicóptero	(1) <i>x foi y por z</i> (2) <i>o que z fez foi y</i>	A(1) - O vaso foi quebrado pelo homem A(2) - O que o homem fez foi quebrar o vaso. B(1) - O helicóptero foi derrubado pelo atirador. B(2) - O que o atirador fez foi derrubar o helicóptero.
Raciocínio		
Se A pode ter como agnatos A(1) e A(2) e se B pode ter como agnatos B(1) e B(2), então A e B são <i>enates</i> . Se A e B são <i>enates</i> , então temos estruturas iguais, embora léxico diferente; Se A(1) e A(2) são agnatos, então temos estruturas diferentes, embora léxico igual; Se B(1) e B(2) são agnatos, então temos estruturas diferentes, embora léxico igual; (1) – <i>x foi y por z</i> – e (2) – <i>o que x fez foi y</i> – formam um pequeno conjunto de agnatos para orações do tipo A e B.		

Fonte: O autor (2019). Exemplos criados. Raciocínio lógico baseado em Heyvaert (2003).

Uma das críticas principais de Heyvaert (2003) é direcionada ao fato de a LSF não utilizar o termo *enation* e, ao mesmo tempo, preocupar-se apenas com a busca de formas agnatas de construções metafóricas específicas, sem uma procura por generalizações que conduzam a uma descrição das nominalizações:

[...] a visão metafórica sobre a nominalização é quase exclusivamente direcionada à descompactação de sintagmas individuais em agnatos congruentes, e não à elucidação das escolhas por trás das estruturas nominalizadas e à ligação delas às nominalizações *enate*. Como os próprios agnatos congruentes identificados não são sistematicamente informados por nominalizações *enate* com agnatos similares [...], eles não contribuem para a análise linguística da estrutura nominalizada, funcionando, assim, como meras *paráfrases*⁷² (HEYVAERT, 2003, p. 71 – *ênfase do autor*).

Apesar de as nominalizações *Tom's cleaning the windows* e *Tom's cleaning of the windows* possuírem a mesma forma agnata congruente *Tom cleans the windows* (*Tom limpa a janelas*) – forma que seria apontada pela LSF na análise das construções metafóricas – Heyvaert (2003) demonstra que as duas possuem especificidades gramaticais e semânticas e aponta que elas se relacionam a dois conjuntos de agnatos diferentes, como pode ser visto a seguir:

⁷² “[...] the metaphorical view on nominalization is almost exclusively aimed at unpacking individual syntagms into congruent agnates, rather than on elucidating the choices behind nominalized structures and linking them up with enate nominalizations. Because the congruent agnates that are thus identified are not themselves systematically informed by enate nominalizations with similar agnates [...], they do not contribute to the linguistic analysis of the nominalized structure, but merely function as *paraphrases*.”

Figura 28 – Nominalização de gerúndio e nominalização de ação com -ing

Nominalização de gerúndio com -ing	<i>Tom's cleaning the windows</i>	<i>Tom's having cleaned the windows.</i>
		<i>Tom's cleaning the windows rapidly.</i>
		<i>him cleaning the windows.</i>
Nominalização de ação com -ing	<i>Tom's cleaning of the windows</i>	<i>Tom's rapid cleaning of the windows.</i>
		<i>the cleaning of the windows.</i>

Fonte: O autor (2019), baseado em termos e exemplos de Heyvaert (2003).

Ou seja, as duas orações em questão não são *enate*, já que não possuem o mesmo conjunto de agnatos – portanto não podendo ser classificadas dentro do mesmo tipo de metáfora gramatical. Enquanto a *nominalização de gerúndio com -ing* pode ter um agnato com um auxiliar (*have*), um advérbio (*rapidly*) ou com o modificador possessivo substituído por um pronome oblíquo (*him*), a *nominalização de ação com -ing* terá como agnatas estruturas com modificação adjetival (*rapid*) e estruturas com a substituição do possessivo pelo artigo definido (*the*).

Analisando, com o procedimento da agnação, os elementos internos da construção *Tom's cleaning the windows*, Heyvaert (2003) observa que *cleaning the windows* comporta-se como uma unidade, já que pode ser comparada, por exemplo, com orações com a estrutura verbo + objeto e com grupos nominais sem o uso do possessivo. No entanto, dado que se tem diferenças da unidade nominalizada *cleaning the windows* em contextos sintagmáticos específicos, fica a pergunta: “qual é o valor exclusivo, metafórico, da unidade *cleaning the windows* em nominalizações de gerúndio com -ing?”⁷³ (p. 81). É aqui que o autor faz valer sua proposta de análise dos elementos constituintes das nominalizações, pois lança o foco sobre o sufixo -ing e sobre o possessivo *Tom's*. O autor percebe, então, que a forma -ing está relacionada a formas verbais básicas assim como as flexões de tempo e modo, mas não pode coocorrer com elas, portanto não sendo possível *hading been cleaned*, mas sim *having been cleaning*, que possui um perfil não finito. O possessivo, por seu turno, pode ter como agnatas construções com um oblíquo (*him cleaning the window*), mas não, por exemplo, com pronomes demonstrativos (**that cleaning the windows*) ou artigos definidos (**the cleaning the windows*), conduzindo Heyvaert (2003) à conclusão de que o Dêitico constituinte de *nominalizações de gerúndio com -ing* só pode ser de natureza possessiva em função da sua relação com o Sujeito de uma oração congruente.

Nesse sentido, a novidade expressa por Heyvaert (2003) é o uso do conceito de agnação para estabelecer redes de agnações das nominalizações e das unidades que lhes são

⁷³ “which is the unique, metaphorical value of the unit *cleaning the windows* in gerundive nominalizations?.”

constituintes, para que desse modo se possa apontar as especificidades semânticas e lexicogramaticais das nominalizações (em outras palavras, descrever as nominalizações, o que envolve o trabalho de categorização, como *nominalização de gerúndio -ing* e *nominalização de ação -ing*), e não simplesmente indicar a forma congruente de instâncias metafóricas.

Usar a agnação para marcar e interpretar as unidades de uma nominalização leva, então, à inclusão da nominalização em uma rede de agnatos: cada um dos agnatos destaca uma característica gramatical e semântica específica do nome, e, juntos, eles definem a nominalização⁷⁴ (HEYVAERT, 2003, p. 68).

Portanto, observa-se uma diferença em termos descritivos entre Halliday (1994, 1998) e Heyvaert (2003). Halliday (1994, 1998) aponta a possibilidade de identificação de mais de uma forma agnata para uma forma metafórica, mas a relação entre tais formas agnatas será de *mais/menos* congruente, seguindo o raciocínio evolutivo em termos filogenéticos, ontogenéticos e logogenéticos. Heyvaert (2003) também procede na identificação de mais de uma forma agnata, mas a relação entre elas não é analisada em termos de *mais/menos* congruente, e sim em termos de conjunto de agnações associado a uma forma metafórica; essa forma metafórica é agrupada a outras que compartilham o mesmo conjunto de agnações (fala-se em uma rede de formas metafóricas *enates*), criando-se conjuntos (ou padrões) de formas metafóricas descritas a partir de suas especificidades gramaticais e semânticas.

O raciocínio exposto por Heyvaert (2003) abre espaço para que se possa, nesta tese, enveredar em formas de proceder na análise de orações metafóricas com a forma verbal *dar*. Como se verá no Capítulo 7, é necessário explicar diferenças como *dar uma facada* e *dar um olhada* e, na distinção de significados, o uso de conjuntos de agnações mostra-se relevante.

3.3 Representação da metáfora gramatical

Como forma de representação de orações metafóricas, Halliday (1994) sugere o uso de tabelas que combinem a análise da estrutura metafórica e a análise de uma estrutura (agnata) congruente. Além de também demonstrar onde há metáfora lexical e facilitar no reconhecimento da razão para a escolha da forma metafórica, esse tipo de representação revela os contrastes de funções gramaticais. A título de exemplificação, a oração ***ele deu uma virada***

⁷⁴ “Using agnation to mark off and interpret the units of a nominalization thus leads to the nominalization being embedded in a unique network of agnates: each of the agnates highlights a specific grammatico-semantic feature of the nominal, and together, they define the nominalization.”

rápida, bem ao seu estilo, com aquela perna esticada (Corpus Brasileiro) pode ser assim representada em forma de tabela:

Figura 29 – Representação de metáforas gramaticais em forma de tabela

<i>ele</i>	<i>deu</i>	<i>uma</i>	<i>virada</i>	<i>rápida</i>	
		Dêitico	Ente	Epíteto	
Ator	Pr.: Material	Escopo			
<i>ele</i>		<i>virou</i>			<i>rapidamente</i>
Ator		Pr.: Material			Circunstância

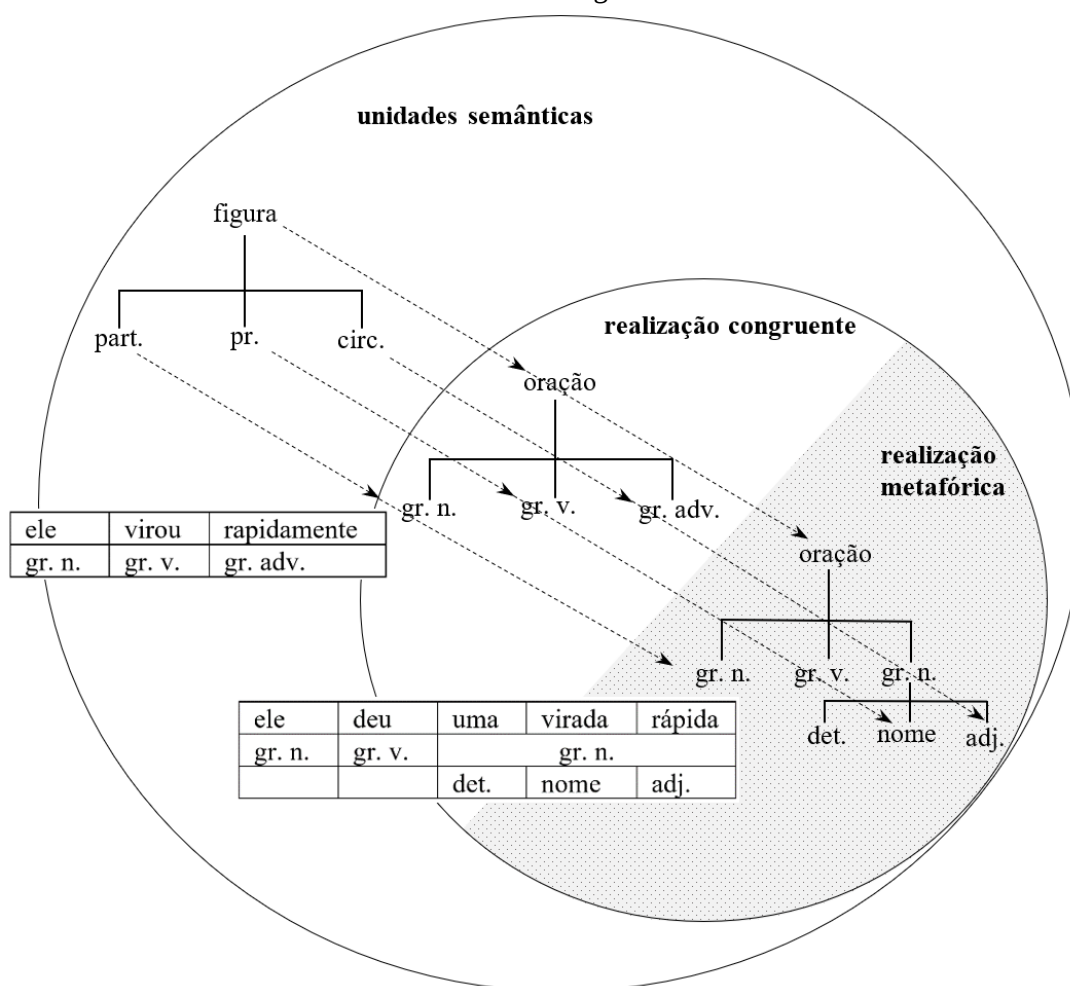
Fonte: O autor (2019). Oração extraída do Corpus Brasileiro.

Nessa figura, percebe-se que a metáfora é construída não a partir da mudança de nível do tipo *oração complexa* => *oração* ou *oração* => *grupo* (ver **Quadro 5**, p. 64); o que se tem, aqui, é uma mudança dentro da mesma ordem da unidade semântica elemento: um processo e uma circunstância são representados como um participante. As transcategorizações que acontecem são as seguintes: o processo *virou*, congruentemente realizado por um grupo verbal ocupando o papel de Processo Material, é transformado em coisa e adquire a forma do nome *virada* na função gramatical de Ente do grupo nominal; o advérbio *rápido*, no papel gramatical de Circunstância, por seu turno, é realizado como adjetivo na função de Epíteto, qualificando o Ente. Como Ente, o recurso disponível ao grupo nominal é explorado e o então “processo-ente” é determinado pelo Dêitico *uma*. À oração metafórica é ainda adicionado o verbo *dar*, no qual recaem as informações referentes ao tempo. Essa forma de representação evidencia as transformações na configuração transitiva da oração, portanto apontando as mudanças entre as funções gramaticais. Seguindo Halliday (1998, p. 192), percebe-se que essa forma de representação envolve “[...] a reconstrução de cada configuração de elementos como um todo [...] e, além disso, a reconstrução de cada elemento individual, de uma função na oração para uma função no grupo nominal”⁷⁵.

Halliday e Matthiessen (1999) preferem essa forma de representação das metáforas gramaticais por demonstrar o processo de junção semântica e, ao mesmo tempo, especificar o contraste funcional. Mas também é sugerida uma representação em forma de diagramas com sistemas interligados por setas. Por meio dessa segunda forma de representação, a oração metafórica *ele deu uma virada rápida* (Corpus Brasileiro) pode ser visualizada como na **Figura 30**.

⁷⁵ “[...] it involves (1) reconstruing each configuration of elements as a whole [...] and in addition (2) reconstruing each individual element, from a function in the clause to a function in the nominal group.”

Figura 30 – Realização congruente e metafórica em diagrama com setas cruzando os estratos semântico e lexicogramatical



Fonte: O autor (2019).

Essa representação demonstra de forma dinâmica “o modo como a metáfora gramatical implementa uma dimensão a mais de profundidade à construção semântica da experiência⁷⁶” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999, p. 291). Ainda, observa-se onde se dá a transcategorização que acompanha a metáfora em questão: a figura e o participante *ele* são congruentemente e metaforicamente realizados, respectivamente, pela oração e pelo grupo nominal; o processo e a circunstância, por outro lado, são congruentemente realizados pelo grupo verbal e pelo grupo adverbial, mas metaforicamente realizados por um nome e por um adjetivo, formando um grupo nominal. Por fim, na realização metafórica são adicionados um verbo e um determinante. Veja-se que, aqui, o movimento gramatical, associado ao fenômeno

⁷⁶ “[...] the way the grammatical metaphor adds a further dimension of depth to semantic construal of experience.”

da metáfora gramatical, evidencia a mudança de classes⁷⁷, e não mais de funções gramaticais na configuração estrutural da oração.

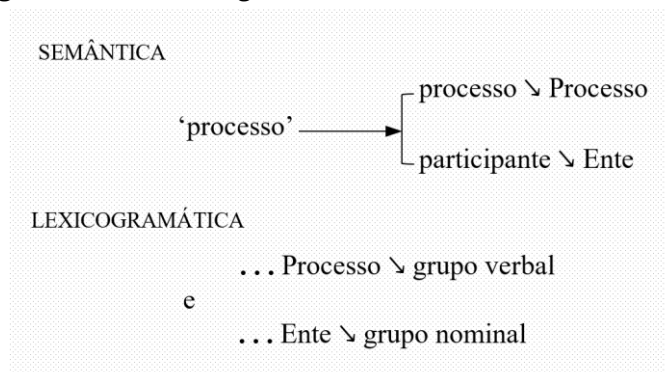
Com essas representações apontadas por Halliday e Matthiessen (1999), evidencia-se uma correspondência entre duas configurações lexicogramaticais. Ou seja, *ele deu uma virada rápida* está para *ele virou rapidamente*, sendo seus componentes relacionados para demonstrar como se deu a construção metafórica. Saber como se deu a construção metafórica por meio da relação estabelecida com uma agnação congruente significa trazer para análise o domínio semântico que continua representado pela metáfora. Ou seja, *virou* é, agora, uma coisa (*virada*) – portanto tratado como um objeto, que como tal pode ser especificado e ainda, a partir de uma perspectiva textual, deslocado para uma adequação do fluxo informacional –, mas não perdeu seu significado experiencial de processo, resultando em uma junção de categorias semânticas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999).

Um modo de representação das metáforas gramaticais não encontrado de maneira sistematizada foi em forma de redes de sistema. Isso causa certa estranheza, já que a noção de sistema perpassa a teoria sistêmico-funcional e demonstra a língua enquanto recurso semiótico (ver Capítulo 2). Para Taverniers (2003, p. 23), a representação em forma de redes de sistema seria especial por duas razões: “(1) de maneira geral, isso explicaria a metáfora gramatical como uma *escolha* em um sistema no qual outras opções congruentes também estão disponíveis; (2) de maneira específica, uma rede de sistema daria conta dos diferentes tipos de efeitos de *recursividade* encontrados nas metáforas”⁷⁸ (grifo da autora).

Seguindo a visão de metáfora gramatical como alternância lexicogramatical, Ravelli (1988) sugere a seguinte representação em forma de rede de sistema:

⁷⁷ Também poderia evidenciar a mudança de nível (oração complexa => oração; oração => grupo, por exemplo), mas não é o caso das orações metafóricas com as quais trabalhamos.

⁷⁸ “(1) in general this would explain grammatical metaphor in terms of a *choice* in a system where also other, congruent options are available; (2) more specifically, a system network could account for different types of *recursion* effects found in metaphor.”

Figura 31 – Metáfora gramatical em forma de redes de sistema

Fonte: Ravelli (1988, p. 137).

Essa figura ilustra o caso de se ter um processo e a possibilidade de escolha de representá-lo congruentemente ou metaforicamente, sendo essas escolhas repercutidas no estrato lexicogramatical, com a realização em forma de Processo e Ente e, conseqüentemente, grupo verbal e grupo nominal. Como dito em seção anterior, esse modo de se entender o fenômeno da metáfora gramatical não é o preferido da autora. Seu modelo de composição semântica da metáfora gramatical, no entanto, é visto como de difícil representação por meio de sistemas, dada a falta de representação do estrato semântico em forma de sistemas (RAVELLI, 1988). Ravelli (1999, *apud* TAVERNIERS, 2003, p. 25) indica o desafio de se representar a metáfora gramatical no estrato lexicogramatical, pois dever-se-ia localizar a condição de entrada nos sistemas (por exemplo, no sistema de TRANSITIVIDADE). Nas palavras da autora, “o nível ou refinamento na qual a metáfora gramatical se torna uma opção deve ser determinado [...] Assim, é extremamente difícil capturar qualquer generalização descritiva sobre metáforas gramaticais no nível da lexicogramática”⁷⁹ (RAVELLI, 1999, p. 99, *apud* TAVERNIERS, 2003, p. 25, grifo nosso). Halliday (1984, p. 14, *apud* Taverniers, 2003, p. 17) já levanta a questão da relação entre incongruência e refinamento: “muitas das distinções mais refinadas dentro de qualquer sistema dependem, no que diz respeito à sua expressão, do que em primeira instância figuram como formas não congruentes”⁸⁰.

Apesar dessa dificuldade na representação de metáforas gramaticais em redes de sistema, reconhece-se, tal como Taverniers (2003), a necessidade de investigações e propostas nesse sentido. Afinal, se a metáfora gramatical envolve uma alternância lexicogramatical, e se

⁷⁹ “the rank or delicacy at which grammatical metaphor becomes an option must be determined [...] Thus it is extremely difficult to capture any descriptive generalisations about grammatical metaphor at the level of lexicogrammar.”

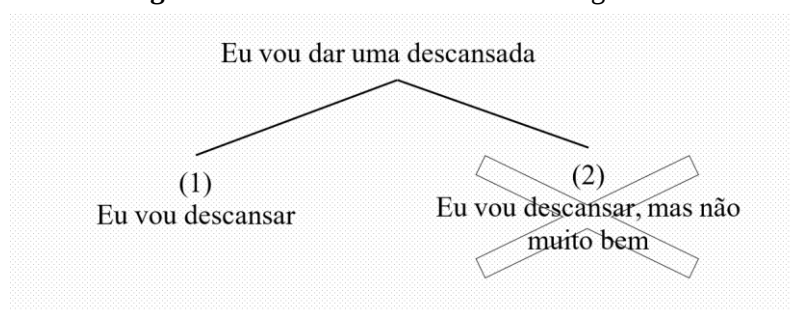
⁸⁰ “many of the more delicate distinctions within any system depend for their expression on what in the first instance appear as non-congruent forms.”

essa alternância abrange uma junção de significados (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999; RAVELLI, 1988), deve-se reconhecer a existência de opções a serem representadas nos moldes sistêmico-funcionais por meio de redes de sistema; em outras palavras, as redes de sistema são importantes para indicar a escolha metafórica como uma opção de representação da experiência. Nesse sentido, esta tese contribui para a sistematização de metáforas gramaticais ao tentar atingir o segundo objetivo específico (ver Capítulo 7) proposto no capítulo introdutório.

3.4 Orações metafóricas com o verbo *dar* no quadro geral das metáforas gramaticais

Considerando a discussão teórica em torno do fenômeno identificado como *metáfora gramatical*, e reconhecendo que, na proposta desta tese, são recorrentes orações metafóricas com o verbo *dar*, é importante saber qual a forma congruente de uma oração como *Eu vou dar uma descansada* (bfammn10). Afinal, como aponta Halliday (1994), o pressuposto é o de que para cada expressão metafórica há uma outra correspondente que seja congruente. O correlato mais evidente dessa oração seria *Eu vou descansar*. No entanto, como se percebe a não completude do processo *descansar*, uma outra realização congruente poderia ser *Eu vou descansar mas não descansar muito bem*. Para validar essa segunda forma congruente, deve-se considerar que o grupo nominal *uma descansada* encapsula, além do processo, também o sentido *não muito bem*.

Figura 32 – Alternativas de formas congruentes



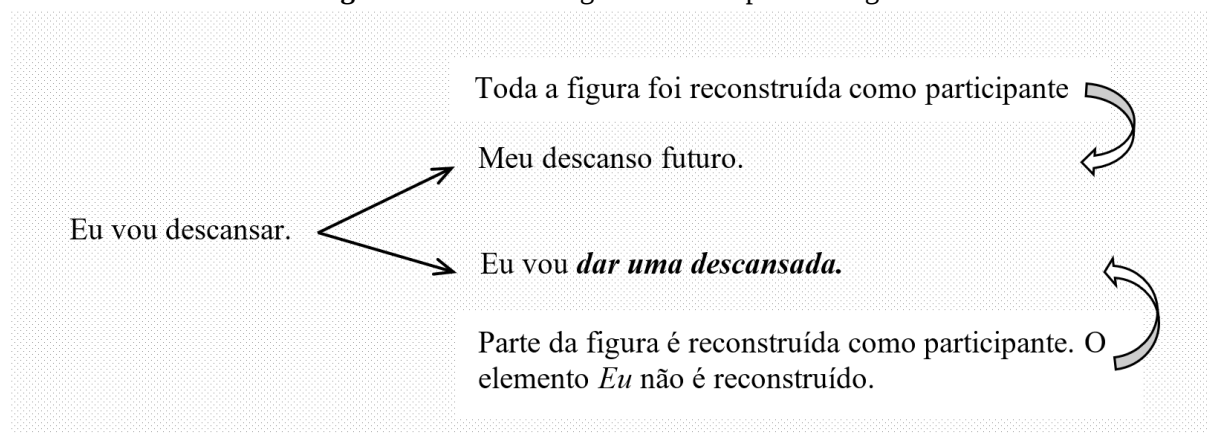
Fonte: O autor (2019).

Aqui, no entanto, adota-se como forma congruente a primeira. Considerar a segunda expressão seria querer uma forma congruente com o mesmo sentido, e essa tarefa poderia ser dificultada em alguns casos, como em *deu um empurrão*. Prefere-se adotar o pensamento de que a natureza da metáfora é “ênfatizar e suprimir vários aspectos da experiência, o que implica dizer que a transferência exata é extremamente improvável” (RAVELLI, 2003, p. 46).

Considerando o **Quadro 4** (p. 64) extraído de Halliday e Matthiessen (1999), percebe-se que as construções metafóricas envolvendo o uso do verbo *dar* fazem uso dos tipos 2 e 12. Isso pode ser atestado por meio do exemplo anterior em que o processo *descansar* é representado como coisa (*processo => coisa* – que implica, gramaticalmente, a mudança de função *Processo => Ente* e a mudança de classe *verbo => nome*) e é implementado o processo *dar* ($\emptyset => processo$).

Um ponto, no entanto, deve ser considerado com relação às orações metafóricas aqui analisadas. Nesse tipo de metáfora apenas parte da figura é reconstruída como participante, como pode ser atestado na comparação das reescritas da oração *eu vou descansar* (Corpus Brasileiro), na **Figura 33**:

Figura 33 – Metáfora gramatical de parte da figura



Fonte: O autor (2019). Oração *eu vou descansar* extraída do Corpus Brasileiro.

Nesse caso, o participante *Eu* não compõe o participante *uma descansada*; para haver uma composição metafórica da oração congruente em questão em que a figura fosse totalmente representada como um elemento participante, dever-se-ia ter algo como *Meu descanso futuro*. Em razão das construções metafóricas com o verbo *dar* não envolverem a reconfiguração da figura como um todo, fazem parte do que Halliday e Matthiessen (1999) classificam, conforme o **Quadro 5** (p. 65), como *figura com processo ==> figura com processo como coisa* (ou seja, da figura, o processo necessariamente é coisificado; a figura não é transformada, por completo, em elemento (*figura ==> elemento*), como é o caso do exemplo *Meu descanso futuro*). (Se fosse considerada a segunda forma congruente apontada na **Figura 32**, ter-se-ia mudança de sequência para figura; aqui, no entanto, não haveria uma explicação coerente para a forma metafórica assumida pela conjunção *mas* nem pela circunstância *não muito bem*.)

Ravelli (1988), ao analisar um conjunto de textos a partir de uma classificação própria de metáforas, confirma a hipótese de que textos pertencentes à modalidade falada são gramaticalmente intrínsecos, enquanto aqueles pertencentes à modalidade escrita são lexicalmente densos (ou seja, possuem um número maior de itens lexicais por oração). No entanto, a autora desconsidera, em sua análise, alguns casos com a configuração transitiva Processo + Extensão, como *make a mistake* (cometer um erro) e *take a walk* (fazer uma caminhada), argumentando que estas são “metáforas mortas” (RAVELLI, 1988, p. 142), o que implica dizer que já foram absorvidas pela língua inglesa e, portanto, são as formas típicas de realizar tais significados⁸¹ (Halliday e Matthiessen (1999, p. 270), por seu turno, nomeiam tais construções como “completamente codificadas”). Ravelli (1988) conclui que no modo escrito é mais comum a representação de processos como participantes, evitando-se, desse modo, a complexidade gramatical, que necessitaria do uso dos sistemas de orações complexas.

A fim de que o objeto desta tese fique devidamente entendido e localizado no quadro de estudos da metáfora gramatical pela LSF, veja-se que orações metafóricas com o uso do verbo *dar* se diferenciam do que é privilegiado pela autora, pois é um fenômeno também característico da modalidade oral e não envolve a ação de encapsular duas ou mais orações em uma única oração.

3.5 Considerações do capítulo

Neste capítulo, apresentou-se, inicialmente, a forma como o conceito de metáfora gramatical é caracterizado teoricamente por Halliday a partir da segunda publicação do livro *An introduction to functional grammar*, bem como a maneira como o mesmo autor analisa e classifica as metáforas até trabalhos mais recentes (HALLIDAY, 1998; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Foram vistos, ainda, trabalhos de outros autores que discorrem sobre o tema: Ravelli (1988, 2003), que prioriza a ideia de composto semântico (realização lexicogramatical metafórica sendo composta por duas ou mais opções semânticas), e Heyvaert (2003), que defende a descrição de construções metafóricas formadas por nominalização a partir da identificação de conjuntos de agnatos.

O capítulo ainda evidenciou os três modelos usados para a representação da metáfora gramatical: (i) o modelo em tabelas compostas pelas funções da forma metafórica e da forma congruente, (ii) o modelo em diagramas com sistemas interligados por setas e (iii) o modelo em

⁸¹ Em Ravelli (2003), a autora expressa a dificuldade existente em dizer se uma metáfora é ou não morta, reconhecendo, portanto, a simplicidade com o qual o tema havia sido tratado em Ravelli (1988).

redes de sistema. Quanto ao terceiro modelo (para o qual, inevitavelmente, o segundo objetivo desta tese nos guia), percebeu-se seu não uso por parte de Halliday (1994, 1998) e Halliday e Matthiessen (1999, 2004) e a dificuldade de representação demonstrada por Ravelli (1988, 2003) e Taverniers (2003).

Neste capítulo também recorreremos a algumas orações que fazem parte do nosso objeto de estudo e, com isso, atingimos dois propósitos: (i) exemplificamos a teoria e (ii) tivemos um primeiro contato, aos olhos da LSF, com as orações metafóricas constituídas da forma verbal *dar*. Essa recorrência esteve diluída ao longo do capítulo, mas ainda reservamos a seção final (3.4) para melhor localizar as orações metafóricas com o verbo *dar* no quadro geral apresentado com base na LSF. Com isso, temos já uma introdução que nos torna conhecedores e nos orienta para a análise e a descrição propostas no Capítulo 7.

No capítulo seguinte, serão apresentados alguns trabalhos dedicados ao estudo do verbo *dar*. Essa apresentação será relevante não somente para que haja um entendimento de orações com *dar* em outras perspectivas teóricas, como também para situar esta tese, demonstrando sua contribuição a partir da descrição baseada na LSF.

4 ESTADO DA ARTE

Neste capítulo são abordados alguns estudos dedicados ao verbo *dar*. As duas seções iniciais apresentam duas propostas de classificação do verbo *dar*: a primeira é a de Rassi e Vale (2013) e Rassi (2015), que propõem uma classificação abrangente das construções com *dar* a partir da teoria do Léxico-Gramática; a segunda é a de Tucker (2014a), que apresenta um estudo preliminar sobre a variação de sentidos do verbo *dar* fundamentando-se na LSF (em especial uma “variante” (FAWCETT, 2000) da LSF, denominada Gramática de Cardiff). A terceira seção discorre sobre a subclasse dos verbos leves. A quarta e última seção resume o estudo de Scher (2004), que segue a teoria gerativa na abordagem da construção *dar uma -ada*. Com este capítulo, o propósito é não apenas ter um conhecimento de alguns trabalhos já desenvolvidos em torno do verbo *dar*, como também, por consequência, distinguir a proposta de estudo sistêmico-funcional evidenciada nesta tese.

4.1 Proposta de classificação do verbo *dar*

Uma classificação das ocorrências do verbo *dar* no português brasileiro é encontrada em Rassi e Vale (2013). Fundamentam-se no Léxico-Gramática, modelo teórico-metodológico associado, segundo os autores, a Maurice Gross. De acordo com essa teoria, cada item lexical possui uma gramática própria:

[...] os elementos lexicais podem se combinar gramaticalmente de formas bastante específicas nas línguas, ou seja, nem todo item lexical pode ocupar qualquer posição sintática, devendo adequar-se a determinadas restrições semânticas que a sintaxe lhe impõe, e a restrições sintáticas impostas pela semântica.

A proposta de classificação segue uma análise sintática e semântica de construções com o verbo *dar*. O resultado descritivo é uma tipologia constituída de seis categorias: verbo pleno, verbo-suporte, verbo causativo, construção gramatical, expressão fixa e provérbio.

À primeira categoria (verbo pleno) pertencem as ocorrências em que o verbo *dar* indica (i) transferência de um objeto concreto de um sujeito agente a um beneficiário, (ii) um acontecimento/ evento/ ocorrência, ou (iii) um resultado numérico.

A segunda categoria (*verbo-suporte*) é diferenciada em relação à anterior por indicar a transferência de entidades abstratas (informações, conceitos e valores, por exemplo).

Sintaticamente, a distinção fundamenta-se na quantidade de argumentos exigidos pelo predicado: o verbo pleno *dar* exige três argumentos – agente, objeto dado e beneficiário –, enquanto o verbo-suporte, sendo analisado como parte de um predicado complexo (como em *dar uma informação* (RASSI; VALE, 2013, p. 113)), exige apenas dois argumentos – o sujeito agente e o beneficiário. Rassi e Vale (2013) fazem uso do termo verbo-suporte (e não verbo leve), explicando que a forma verbal *dar* “serve, de fato, para suportar as marcas verbais de tempo, modo, pessoa e aspecto, as quais não podem ser marcadas no nome predicativo” (p. 114).

A terceira categoria é a de *verbo causal*. Os autores (RASSI; VALE, 2013) compreendem uma proximidade dessa categoria com a de verbo-suporte, mas observam, aqui, o sentido de causa atrelado ao verbo *dar*. As ocorrências classificadas nessa categoria são transformações de orações básicas, como *Ana ter sede => O exercício físico dá sede em Ana* (RASSI; VALE, 2013, p. 115). São três as classes pertencentes a essa categoria: (i) a classe das doenças, (ii) a classe dos sentimentos, sensações e emoções e (iii) a classe das atribuições ou características.

A quarta categoria é a de *construção gramatical*. Aqui estão incluídas “expressões constituídas por uma sequência sintática relativamente fixa”. São apontadas duas construções: (i) *dar para*, que pode ter sentido modal (*ser possível*), incoativo (*começar a*), de suficiência e de direção; e (ii) *dar de*, com o sentido de *oferecer*.

A quinta e sexta categorias são as de *expressões cristalizadas* e *provérbios*, respectivamente. Uma expressão é classificada como cristalizada quando seu significado não é obtido mediante a soma total de suas partes; ademais, são expressões que apresentam pouca mobilidade de suas partes. Os provérbios são distinguidos pela quantidade de informação: “a EC [expressão cristalizada] substitui uma palavra ou um sintagma numa frase, enquanto o provérbio é dotado de uma proposição completa” (RASSI; VALE, 2013, p. 126).

O **Quadro 7** apresenta cada uma das seis categorias seguidas de exemplos retirados do próprio texto de Rassi e Vale (2013).

Quadro 7 – Proposta de classificação do verbo *dar* no português brasileiro

	Categoria do verbo <i>dar</i>	Exemplos
1	Verbo pleno	a. Transferência de objeto A Lourdes, psicanalista, <i>deu um computador</i> à sobrinha. b. Acontecimento/evento/ocorrência Os seguranças tentaram separar e <i>deu uma confusão</i> . c. Resultado numérico Dois e dois nunca <i>dá cinco</i> .
2	Verbo-suporte	Alessandro Cambalhota <i>deu conselhos</i> ao atacante Maurides.
3	Verbo causativo	a. Classe das doenças Comer sal <i>dá pressão alta</i> . b. Classe dos sentimentos Elogios lhe <i>dão alegria</i> . c. Classe das atribuições ou características O advogado <i>deu celeridade</i> ao processo.
4	Construção gramatical	a. Construção <i>dar para</i> a. Sentido modal Através dele <i>dá para descobrir</i> o jeito da pessoa. b. Sentido incoativo Essa molecada carioca <i>deu para aterrorizar</i> o Rio. c. Sentido de suficiência 20kg <i>dá para</i> 20 soldados em combate e ainda sobra. d. Sentido de direção Jantar no terraço do hotel, que <i>dá para os jardins</i> , é um prazer. b. Construção <i>dar de</i> Se tem gente com fome, a gente <i>dá de comer</i> .
5	Expressão fixa	<i>Deu a louca</i> em secretários de Ilhéus e Ibirataia.
6	Provérbio	O desmiolado que arremessou a lata de cerveja na cabeça de Luxemburgo <i>deu o tapa e escondeu a mão</i> .

Fonte: O autor (2019), baseado na classificação e em exemplos de Rassi e Vale (2013).

Analisando o estudo de Rassi e Vale (2013), observa-se um modelo de descrição que resulta em uma “lista” de significados do verbo *dar*, com cada significado associado a um conjunto de formas de organização estrutural da oração. Com a cuidadosa observação de que o trabalho de Rassi e Vale (2013) segue um modelo teórico-metodológico direcionado a uma descrição refinada dos vários sentidos do verbo *dar*, a ideia de lista é encontrada, também, em dicionário, como se percebe em consulta ao verbete *dar* no *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*, de Borba (1990, p. 364-368).

Uma consequência dessa descrição em forma de lista é o não reconhecimento das relações de dependência entre os diferentes sentidos realizados pelo verbo *dar*. Isso implica uma descrição em que processos semelhantes, distintos pelo grau de refinamento, são dispostos em classes diferentes, como acontece com as orações *Os seguranças tentaram separar e deu uma confusão* e *Comer sal dá pressão alta*, classificadas, respectivamente, como *verbo pleno* e *verbo causativo*. Da mesma forma, implica uma descrição em que processos diferentes são

dispostos em uma mesma categoria, como *A Lourdes deu um computador à sobrinha* e *Dois e dois nunca dá cinco*, ambas classificadas sob a categoria de *verbo pleno*.

Um ponto crucial da descrição proposta na presente tese é a observância às semelhanças, diferenças e dependências entre os sentidos das orações com *dar* no sistema de TIPO DE PROCESSO, sistema esse elucidativo da construção da experiência no português brasileiro. Aqui faz-se valer o pensamento sistêmico (conferir Capítulo 2), evitando-se, por consequência, a “listagem” de categorias.

4.2 Classificação do verbo *dar* em Tucker

Na LSF, o trabalho de Tucker (2014a), voltado para a língua inglesa, foi encontrado no tratamento do verbo *give* (*dar*). Esse trabalho não é exaustivo. O que ele faz é demonstrar como expressões metafóricas com verbos leves podem ser analisadas partindo-se de um quadro analítico inicialmente aplicado a expressões em que o verbo encontra-se em seu sentido prototípico. O autor propõe o seguinte:

A questão principal que precisa ser respondida com relação à demonstração do conjunto de processos envolvidos com ‘dar’ é: até que ponto os Papéis de Participante associados ao ‘dar’ prototípico são válidos para usos ‘estendidos’ do verbo, incluindo usos metafóricos?
Em outras palavras, à medida que o entendimento semântico alvo das expressões com ‘dar’ se distancia do modelo prototípico, como isso é refletido na mudança do tipo de processo e dos Papéis de Participante associados aos tipos de processo particulares?⁸²

Para isso, são identificados os papéis de participante presentes nas orações com o verbo *dar* prototípico (aquele que indica transferência de objetos) e os testes de agnação aplicados a cada um deles. Quanto aos papéis de participante, são três os identificados: Agente, Portador-Afetado e Possuído-Afetado. O Processo, por seu turno, é do tipo Relacional⁸³ (ver oração listada em (20)). Os testes de agnação são três: dois correspondem à voz passiva da oração, sendo que um dispõe, na posição de Sujeito, o participante Portador-Afetado (oração (21)), e o outro dispõe, na mesma posição de Sujeito, o participante Possuído-Afetado (oração (22)); o

⁸² “The principal question that needs to be answered in respect of modelling the range of processes involving ‘give’ is: to what extent are the PRs [Participant Roles] associated with prototypical ‘give’ valid for ‘extended’ uses of the verb, including metaphorical uses?

In other words, as the target semantics of expressions with “give” departs from the prototypical, how is this reflected in any change to the process type and any PRs associated with the particular process type recognised?”

⁸³ Notar, aqui, uma diferença na forma de classificação se comparada com a perspectiva sistêmico-funcional proposta por Halliday e aqui adotada. De acordo com o que foi apresentado no Capítulo 2, orações com o *dar* prototípico são do tipo [material], conforme será apresentado no capítulo de análise.

terceiro teste refere-se ao potencial dativo, como observado na oração (23), em que o participante Portador-Afetado é expresso por sintagma preposicional com a preposição *para*.

- (20) [Agente] the ex-soldier [Pr.: Relacional] gave [Portador-Afetado] him [Possuído-Afetado] his ticket⁸⁴ (TUCKER, 2014a, p. 38)
- (21) [Sujeito/Portador-Afetado] he [Pr.: Relacional] was given [Possuído-Afetado] his ticket [Agente] by the ex-soldier⁸⁵ (TUCKER, 2014a, p. 38)
- (22) [Possuído-Afetado] his ticket [Pr.: Relacional] was given [Portador-Afetado] to him [Agente] by the ex-soldier⁸⁶ (TUCKER, 2014a, p. 39)
- (23) [Agente] the ex-soldier [Pr.: Relacional] gave [Possuído-Afetado] his ticket [Portador-Afetado] to him⁸⁷ (TUCKER, 2014a, p. 39)

Os testes usados para identificar os papéis de participante foram os seguintes: *O que X fez foi...* (teste para Agente), *X (o Possuído) era o que Y (o Portador) não tinha...* (teste para Portador e Possuído) e *O que aconteceu com X foi que...* (teste para Afetado). A partir desses testes e das três agnações (dupla passivização e potencial dativo), todos aplicados às orações com o verbo *dar* prototípico, Tucker (2014a) parte para outras ocorrências desse verbo. As ocorrências analisadas são de cinco tipos: (i) *Possuidor [+inalienável]*, em que todos os participantes e teste se aplicam; (ii) *oferta de entidade*, em que é identificada a transferência de algo abstrato e em que se aplicam quase todos os testes, menos o teste para o participante Possuído; (iii) *oferta semiótica em atos de comunicação*, que envolve uma mudança de processo (portanto uma mudança dos participantes), embora alguns testes ainda sejam aplicados; (iv) *verbos de ato de fala*, que envolve uma mudança de processo e poucos testes se aplicam; e (v) *verbos leves*, para os quais nenhum dos testes se aplica.

De modo geral, nota-se a adoção de um padrão de oração base (prototípico), a partir do qual são definidos testes de reexpressão, para a posterior análise de outras orações. Com isso, busca identificar qual oração é mais próxima e qual é mais distante daquela base. Isso sugere um importante procedimento teórico-metodológico: na classificação de orações com o uso de processos realizados pelo verbo *dar*, a relação que se dá com a forma prototípica é uma de

⁸⁴ “O ex-soldado lhe deu o bilhete.”

⁸⁵ “Ele foi dado o bilhete pelo ex-soldado” (Estrutura não possível na tradução para o português).

⁸⁶ “Seu bilhete lhe foi dado pelo ex-soldado.”

⁸⁷ “O ex-soldado deu o bilhete para ele.”

gradação. Algumas expressões compartilham todas as características lexicogramaticais, outras não.

Essa proposta de Tucker (2014a) é interessante porque, para certos casos, evita afirmar, de maneira categórica, se o verbo *dar*, em uma oração específica, é pleno, suporte, parte de uma expressão fixa etc. (como faz Rassi (2015)). Ao contrário, sendo estabelecido o protótipo, analisa-se quais papéis de participante estão presentes nas orações analisadas, compara-se com a “grade” de participantes e testes do protótipo, e especifica-se a região de proximidade do padrão de transitividade na construção da experiência. Essa proposta revela que o trabalho de descrição linguística envolve um processo de categorização, no entanto, as categorias não devem ser vistas como regiões com divisões rígidas entre si.

Os testes indicados por Tucker (2014a) auxiliam na identificação de alguns sentidos do verbo *dar*. Testes também são aplicados por Halliday e Matthiessen (2004) na identificação de orações materiais, mentais etc. Isso se dá porque, na LSF, é adotada a ideia de que a configuração transitiva evidencia formas de significar. No entanto, Tucker (2014a), apesar de possuir suas bases na LSF, utiliza uma terminologia diferenciada, fruto de um entendimento particular do sistema de TRANSITIVIDADE, o que o conduz a classificações diferentes de uma que considerasse a proposta apresentada em Halliday e Matthiessen (1999, 2004). Além disso, Tucker (2014a), segundo indicado por ele próprio, desconsidera várias outras ocorrências com o verbo *dar*. Ainda, não aborda a localização dos padrões lexicogramaticais por ele identificados em redes de sistema.

4.3 A classe dos verbos ‘leves’

Na classificação proposta por Rassi e Vale (2013), uma categoria substancialmente estudada tem sido a de *verbo-suporte*, não somente em língua portuguesa (NEVES, 2002; SCHER, 2004; RASSI, 2015) como também em estudos voltados para outras línguas (GRIMSHAW; MESTER, 1988; BUTT, 2002; TODIRASCU; GLEDHILL, 2008; GLEDHILL, 2011). Esse interesse talvez se dê em função da evidência recursiva de algumas línguas na construção de expressões com *dar* seguido de, geralmente, nominalizações.

Essa categoria foi apontada, inicialmente, por Jespersen (1949, *apud* SCHER, 2004) para se referir àqueles verbos que são destituídos de sua carga semântica e seguidos de um outro elemento (geralmente nome) na formação do predicado. Isso é verificado em exemplos como o da segunda linha do **Quadro 7**, em que é dito que o significado da predicação está no nome

conselhos, e não na forma verbal *deu*. Algo similar é encontrado, também, no exemplo *xá eu dar uma passadinha aqui* (bpubdl07), utilizado no Capítulo 2 e retomado na figura seguinte:

Figura 34 – Oração com o verbo *dar* ‘leve’

xá	eu	dar	uma passadinha	aqui
	Ator	Pr.: Material	Escopo	Circunstância

Fonte: O autor (2019), a partir de oração extraída do C-ORAL-BRASIL (bpubdl07).

Os termos utilizados em referência a verbos como *dar*, nas orações mencionadas, variam entre *verbo vazio* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), *verbo-suporte* (NEVES, 2011), *verbo deslexicalizado* (BLOOR; BLOOR, 1995) e *verbo leve* (SCHER, 2004; TUCKER, 2014a), sendo este último o mais usado na literatura contemporânea. Em comum entre os termos está o fato de quererem distinguir um verbo com características sintáticas e semânticas que o diferenciam da classe geral dos “outros” verbos (chamados “plenos”). Nesse viés, propostas mais refinadas de classificação dos verbos de acordo com seu “peso semântico” são encontradas, a exemplo de Kearns (2002), que faz uma divisão entre *verbos verdadeiramente leves* e *verbos de ação vaga*.

Embora os verbos leves, no nível da classificação de palavras, refiram-se a uma “subclasse” da classe dos verbos, o elemento funcional por eles realizado continua sendo o de Processo. Não há, em LSF, um termo como “Processo Leve”. A distinção, em LSF, está nos participantes constituintes da configuração transitiva na qual esse verbo se insere. Como se pode ver na **Figura 34**, o participante que segue o verbo *dar* leve é o Escopo (ou Extensão, no modelo ergativo). Halliday e Matthiessen (2004, p. 192) afirmam que o Escopo “constrói o próprio processo, em termos gerais ou específicos”. Ainda segundo os autores:

“[s]emanticamente o Escopo não é, em qualquer sentido óbvio, um participante no processo – ele não está diretamente envolvido no processo no sentido de realizá-lo, sendo afetado por ele ou se beneficiando dele; mas gramaticalmente o Escopo é tratado como se fosse um participante” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 194).

No caso da oração analisada na **Figura 34**, de maneira mais específica o Escopo é classificado como Escopo:processo, já que é esse elemento o possuidor da carga semântica do processo. O Escopo:processo se opõe ao Escopo:entidade; nessa segunda categoria, o Escopo se refere a “uma entidade que existe independentemente do processo, mas que indica o domínio sobre o qual o processo acontece” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 192), como em

[Ator] *Você* [Pr.: *Material*] *cruzar* [Escopo:entidade] *aquelas montanhas desertas* (*Ibidem*, p. 192)

Interessante notar que, na perspectiva sistêmico-funcional, o participante Escopo:processo não segue apenas verbos leves ou gerais (como *dar*, *fazer*, *ter* etc.). Na **Figura 35**, na qual é analisada uma oração com o verbo *pagar*, o participante que segue o Processo Material é igualmente Escopo:processo.

Figura 35 – Exemplo de Escopo:processo com verbo não leve

o país inteiro	está pagando	um alto preço
Ator	Pr.: Material	Escopo:processo

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 194)⁸⁸.

Orações como a disposta na **Figura 34**, no entanto, se distinguem por, de fato, ser notado um esvaziamento do verbo. Como observa Tucker (2014a, p. 35), verbos leves são “praticamente vazios semanticamente e muito de seu significado é comportado pela contribuição do ‘complemento’”⁸⁹. Por sua vez, Neves (2011, p. 53), em sua *Gramática de Usos*, atesta que os verbos-suporte são “verbos de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua”. Para ela, as construções com verbo leve compõem-se de:

- (i) um **verbo** com determinada natureza **semântica** básica, que funciona como instrumento **morfológico** e **sintático** na construção do **predicado**;
- (ii) um **sintagma nominal** que entra em composição com o **verbo** para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os **papéis temáticos** da **predicação** (NEVES, 2011, p. 54, grifo da autora).

Mas não somente por essa natureza esvaziada é distinguida a oração *xá eu dar uma passadinha aqui* de orações como *Você cruzará aquelas montanhas desertas* e *O país inteiro está pagando um alto preço*. Como visto no Capítulo 3, essas expressões com o verbo *dar* são um tipo específico de metáfora gramatical, ou seja, uma forma oracional alternativa de se dizer basicamente um mesmo significado. Em perspectivas formalistas, também a ideia de pares com orações semanticamente semelhantes é apontada. Como observado por Scher (2004, p. 28), “na maior parte dos casos em que o elemento associado ao verbo leve é de natureza nominal, tal

⁸⁸ “The whole country is paying a heavy price.”

⁸⁹ “[...] it is semantically practically empty and much of the meaning is carried by the contribution of the ‘complement’.”

elemento é uma forma derivada do verbo que denota a eventualidade em destaque na sentença” (SCHER, 2004, p. 28).

No Brasil, além do estudo de Rassi (2015), que, em relação às outras categorias do verbo *dar*, trata sobremaneira dessa categoria de verbo-suporte, um estudo direcionado especificamente à construção *dar uma -ada* foi realizado por Scher (2004). Esse trabalho é resumido na seção seguinte.

4.4 O verbo leve *dar* em Scher

Quanto aos estudos direcionados às construções com verbos leves em português brasileiro, recebem destaque os trabalhos de Scher (2004, 2006, 2007) direcionados à análise do verbo leve *dar*. No entender de Scher (2004), os verbos leves não devem ser entendidos como uma categoria vazia, pois eles vão além da marcação de tempo e concordância. No caso do verbo leve *dar*, demonstra-se que as construções com a sua realização possuem o caráter de diminutivização, caso já verificado em outras línguas (DIESING, 1998, *apud* SCHER, 2004). Nos exemplos seguintes, por exemplo, tem-se a ideia de que o evento denotado pelo grupo nominal na função de Escopo não é realizado completamente (ou seja, o evento é diminutivizado).

- (24) João **deu uma lida** no texto (SCHER, 2004, p. 97)
- (25) O José **deu uma varrida** na sala (SCHER, 2004, p. 100)
- (26) A Ana **deu uma emagrecida** (SCHER, 2004, p. 101)
- (27) A flor **deu uma murchada** (SCHER, 2004, p. 101)

Essas construções, se comparadas com aquelas em que as predicções são simples (*leu o texto, varreu a sala, emagreceu e murchou*, respectivamente), demonstram uma eventualidade não realizada satisfatoriamente, ou seja, apenas *um pouco* foi lido, varrido, emagrecido e murchado – as ações não foram realizadas completamente. Essa particularidade é encontrada em outras línguas, como o Urdu, na qual a semântica do verbo leve interage com o evento principal da predicação para lhe atribuir informações sobre a maneira de realização da eventualidade (BUTT, 2002, p. 12).

Seguindo o pensamento de que as operações sintáticas são reflexos das estruturas de eventos, Scher (2004, 2006, 2008) se utiliza da tipologia de eventos de Vendler (1967) e Smith (1991) para explicar as especificidades das construções com o verbo leve *dar*. Smith (1991) propõe um quadro tipológico das eventualidades com base na distribuição de três pares de

traços: estático/dinâmico, durativo/instantâneo e télico/atélico. A partir de diferentes combinações desses traços, têm-se cinco classes de eventualidades, como demonstra o **Quadro 8**.

Quadro 8 – Aspectos verbais

Eventualidade	Traços	Exemplo
estado	[estático, durativo, atélico]	O Pedro ama o pai.
atividade	[dinâmico, durativo, atélico]	O Pedro nada bem.
<i>accomplishment</i>	[dinâmico, durativo, télico]	O Pedro desenhou uma bola.
<i>achievement</i>	[dinâmico, instantâneo, télico]	O Pedro caiu.
semelfactivo	[dinâmico, instantâneo, atélico]	O Pedro tossiu.

Fonte: O autor (2019). Classificação das eventualidades e traços aspectuais baseados em Scher (2004, 2006, 2008) e Smith (1991). Orações criadas para fins de exemplificação.

Os verbos associados ao tipo *estado* não denotam movimento (são estáticos), se desdobram em uma linha temporal (são durativos) e não apresentam um fim/conclusão natural (são atélicos). A *atividade*, por sua vez, é dinâmica, durativa e atélica. A diferença entre um verbo do tipo *accomplishment* e um verbo do tipo *achievement* reside na duração: estes são instantâneos, direcionando-se a um fim e ocorrendo em um único momento, aqueles são durativos. A classe dos *semelfactivos*, por sua vez, possui os traços dinâmico, instantâneo e atélico.

Analisando as construções com o verbo leve *dar*, Scher (2004) percebe que o traço estaticidade as bloqueia, em oposição ao traço dinamicidade:

- (28) A Maria **soube** o que fazer naquela hora (SCHER, 2004, p. 115)
- (29) *A Maria **deu uma sabida** no que fazer naquela hora (SCHER, 2004, p. 115)
- (30) A Maria **gostou** do João (SCHER, 2004, p. 115)
- (31) *A Maria **deu uma gostada** do João (SCHER, 2004, p. 115)

Outro traço que desfavorece essas construções com o verbo leve *dar* é a instantaneidade (exemplos (32) e (33)), embora não seja decisivo (exemplo (34)):

- (32) A mãe do João morreu
*A mãe do João **deu uma morrida** (SCHER, 2004, p. 113)
- (33) O João perdeu o livro da Ana
*O João **deu uma perdida** no livro da Ana (SCHER, 2004, p. 113)
- (34) O João tossiu
O João **deu uma tossida** (SCHER, 2004, p. 113)

Por sua vez, no que se refere ao último par de traços, Scher (2004) percebe que este se apresenta como neutro, embora a telicidade desfavoreça a formação da construção com o verbo leve.

A partir da tipologia verbal proposta por Vendler (1967) e Smith (1991), Scher (2004) conclui que a formação com o verbo leve *dar*, mais especificamente *dar um(a) X-ada*, depende do tipo de eventualidade:

[a] formação da CVL depende fundamentalmente do tipo de eventualidade denotada pelo predicado do qual se forma. Os traços que impedem a formação de uma CVL são, com certeza, os de estaticidade e telicidade intrínseca, além do estado do objeto atingido por uma eventualidade: um objeto construído ou um objeto consumido apresentam restrições à formação da CVL (SCHER, 2004, p. 122).

Em outras palavras, segundo a própria autora, as construções com verbos leves são formadas somente “a partir de sentenças que denotam atividades, semelfactivos, *accomplishments* cuja mudança de estado não se realiza em objetos construídos ou consumidos, e *achievements* sem telicidade intrínseca” (SCHER, 2004, p. 122). O **Quadro 9**, a seguir, resume essa ideia da autora com base em dados de sua própria tese (perceber que, em comparação com o **Quadro 8**, é proposta uma subdivisão para as eventualidades *accomplishment* e *achievement*; as linhas hachuradas demarcam as eventualidades que possibilitam as construções *dar um(a) X-ada*).

Quadro 9 – Tipo de eventualidade favorável à formação de construções com o verbo leve *dar*

Eventualidade	Traços aspectuais	Subdivisões propostas por Scher	Exemplos
estado	[estático, durativo, atélico]	-	João está doente. *João deu uma estada doente.
atividade	[dinâmico, durativo, atélico]	-	O João passeou ontem. O João deu uma passeada ontem.
<i>accomplishment</i>	[dinâmico, durativo, télico]	... com mudança de estado em objetos construídos ou consumidos	A Maria construiu uma casa. ? A Maria deu uma construída na casa.
		... sem mudança de estado em objetos construídos ou consumidos	A Maria reformou a casa. A Maria deu uma reformada na casa.
<i>achievement</i>	[dinâmico, instantâneo, télico]	... com telicidade intrínseca	A Maria perdeu a oportunidade. *A Maria deu uma perdida na oportunidade.
		... sem telicidade intrínseca	A Maria rasgou a calça. A Maria deu uma rasgada na calça.
semelfactivo	[dinâmico, instantâneo, atélico]	-	O bebê tossiu. O bebê deu uma tossida.

Fonte: O autor (2019). Categorização das eventualidades, com suas respectivas subdivisões, baseada em Scher (2004). Orações criadas para fins de exemplificação.

Dada a complexidade do predicado e a importância conferida ao complemento do verbo, Scher (2006) analisa a estrutura das nominalizações em *-ada* (que seguem o verbo leve *dar*) e conclui que elas se dividem em dois grupos: aquele em que a eventualidade é interpretada como diminutivizada, como em (35), e aquele em que o evento denotado é de natureza singular, como em (36).

- (35) O João **deu uma remada** até a margem
O João remou até a margem (SCHER, 2006, p. 31)
- (36) O João **deu uma remada** no ladrão
*O João remou o ladrão (SCHER, 2006, p. 32)

Para a autora, essa distinção se dá a partir de uma diferença na estrutura interna dos dois tipos de nominalização. Para isso, segue a ideia de que “algumas palavras se formam de raízes e algumas outras se formam de outras palavras” (SCHER, 2006, p. 33). Ou seja, a diferença entre os dois tipos de nominalizações resulta de diferentes processos de formação de palavras.

Seguindo esse pensamento, para a primeira oração de (35), tem-se a nominalização *remada* formada de um verbo (*remar*); por sua vez, a nominalização na primeira oração de (36) é formada do nome, “passando” pelo verbo (nesse caso uma categoria vazia) para ganhar a leitura de eventualidade (SCHER, 2006). Ainda segundo Scher (2006), apenas a oração (35) tem o sentido de diminutivização; a oração (36), além de não possuir esse sentido, não aceita o sufixo *-inha*, indicador do aspecto diminutivo.

Por fim, vale mencionar a observância, por parte de Scher (2007), de dois tipos de orações com a construção *dar uma X-ada*: “um que expressa a relação de causação existente na eventualidade denotada e outro que permite que somente o resultado da eventualidade seja identificado” (p. 187). Em outras palavras, um tipo refere-se às orações com a propriedade da agentividade, outra sem essa propriedade. As orações seguintes demonstram isso:

(37) A Maria **deu uma empurrada** no carrinho (SCHER, 2007, p. 187)

(38) O papel **deu uma amarelada** (SCHER, 2007, p. 187)

De fato, Scher (2004, 2006, 2007) faz uma análise minuciosa, demonstrando o que restringe e o que favorece as construções com o verbo leve *dar*, tudo de acordo com a teoria gerativa e com a formalização em árvores, que envolve, dentre outros aspectos, a explicação das transformações estruturais sofridas para se chegar à expressão linguística com o verbo leve *dar*. Evidentemente, no entanto, outros estudos podem ser realizados para aprofundar ainda mais a questão. Percebe-se, por exemplo, que considerando a língua em uso, nem sempre haverá um sentido de diminutivização em alguns exemplos apontados por Scher (2004); são perfeitamente possíveis orações como (39), (41) e (43), em que “uma bela de” atua como aumentativo diante da eventualidade denotada (ou seja, anula o sentido de diminutividade). Em construções como essas, o sufixo diminutivo não é possível na representação sintática (ver exemplos (40), (42), (44)). Ou seja, Scher não explica como a presença de alguns adjuntos pode modificar a estrutura interna da nominalização em *-ada*, algo possível no recurso da língua portuguesa.

(39) O João deu *uma bela de* uma testada no aparelho (reescrita de Scher (2004, p. 211))

(40) *O João deu *uma bela de* uma testad**inha** no aparelho (reescrita de Scher (2004, p. 211))

(41) “aconselho vc a dar *uma bela de* uma lida no fórum”⁹⁰

(42) *aconselho vc a dar *uma bela de* uma lid**inha** no fórum (reescrita de (41))

⁹⁰ Disponível em: <<https://www.growroom.net/board/topic/32284-como-calculas-litros-do-vaso/>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

- (43) O João deu *uma bela de* uma remada até a margem (reescrita de Scher (2006, p. 31))
 (44) *O João deu *uma bela de* uma remad**inha** até a margem (reescrita de Scher (2006, p. 31))

Nesta tese, a proposição do sistema apontada no segundo objetivo específico se dará em um nível mais geral do que o estabelecido por Scher (2004). O sistema proposto abranjerá orações com a nominalização modificada (seja no nível do grupo, seja no nível do morfema) e, adicionalmente, expandirá o foco para orações metafóricas com o verbo *dar* em que a nominalização não é terminada pelo sufixo *-ada*.

4.5 Considerações do capítulo

Neste capítulo, foi apresentada a proposta de classificação do verbo *dar* no português brasileiro de Rassi e Vale (2013). Foi visto, ainda, que estudos formalistas e funcionalistas têm enfatizado a subclasse do verbo *dar* denominada *verbo leve*. Apesar da riqueza de detalhes e da discussão profunda desenvolvida por autores como Rassi e Vale (2013) e Scher (2004), foram apontadas duas deficiências a partir da posição sistêmico-funcional adotada nesta tese: a ideia de lista de categorias, sem a adoção do princípio da dependência (RASSI; VALE, 2013), e a não observância da possibilidade de grupos nominais com nominalizações em *-ada* serem modificados, conduzindo, por vezes, à perda do sentido de diminutivização (SCHER, 2004). Ademais, na LSF como um todo, foram encontrados poucos trabalhos que tratam do verbo *dar* ou da categoria verbo leve (que naturalmente conduz ao verbo *dar*), sendo o de Tucker (2014a) o mais relevante. A seguir, no capítulo metodológico, serão demonstrados de maneira pormenorizada os passos adotados para atingir o proposto nesta tese em direção a um entendimento sistêmico-funcional das orações constituídas do verbo *dar*.

5 TRAJETO METODOLÓGICO

Pode-se dizer que o método é um dos fatores de maior preponderância na distinção do conhecimento científico em relação a outros tipos de conhecimento. Diante de um objeto qualquer (que não faça parte da ética ou da religião), ao se fazer afirmações sem o uso do método, pressupõe-se a geração de um conhecimento do senso comum, pois se está sujeito a conclusões com base em situações particulares e subjetivas. Caso aplicado o método, por outro lado, as afirmações geradas são científicas porque, pressupõe-se, seguem o raciocínio lógico, objetivo, aplicado a várias situações particulares. Isso se dá porque o método, de maneira específica, organiza as ações, transformando o sujeito curioso à condição de sujeito pesquisador, que busca saber além das aparências.

Apesar das várias proposições já elaboradas em relação ao verbo *dar* no português brasileiro, esta tese não busca verificá-las. Aqui, o método seguido é, antes, o indutivo: parte da análise de textos particulares para a generalização, ou seja, “do menos universal para o mais universal ou do concreto para o abstrato” (MASIP, 2012, p. 61). Dentro do universo dos estudos gramaticais, adota-se uma postura descritiva, entendendo-se, aqui, o ato de descrever como aquele em que há a observação e a interpretação para se chegar às categorias lexicogramaticais. Nesse processo de interpretação e generalização, segue-se uma metodologia qualitativa, já que os resultados não são baseados em dados estatísticos. Já no que diz respeito à finalidade prática, esta tese é de natureza básica, pois o conhecimento científico é desenvolvido sem o interesse imediato de aplicação prática.

Basicamente, esse é o endereço desta pesquisa dentro de um quadro metodológico na construção do conhecimento científico (quadro geralmente encontrado em livros de metodologia científica, como em Moreira e Caleffe (2008)). No entanto, para a pesquisa, é necessário um conjunto de fatores que a tornam possível. Neste capítulo, serão apresentados esses fatores, sendo a seção 5.1 destinada a demonstrar as instâncias (ou textos particulares) de onde são feitas as observações das orações com o verbo *dar* (ou seja, os *corpora*) e a seção 5.2 a mostrar as etapas (ações) percorridas para se chegar às generalizações (ou seja, aos padrões de transitividade das orações estudadas no processo de descrição).

5.1 A pesquisa de *corpus*

Dada a natureza funcionalista desta tese, o texto em uso (ou seja, as instâncias do sistema linguístico) é que será o ponto de partida para a localização das orações a serem descritas. No entendimento de Halliday e Matthiessen (2004) e Matthiessen (2006), o texto pode ser explorado de diferentes maneiras nos estudos linguísticos, das quais são destacadas duas: uma delas é considerá-lo como objeto em si mesmo e buscar saber, por exemplo, porque possui significados e valores específicos para seus produtores e receptores; a outra é considerá-lo como instrumento por meio do qual se pode revelar aspectos do sistema linguístico em que é produzido. No primeiro caso, o texto é visto como **artefato**; no segundo, como **espécime** (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 3). Nesta tese, o texto é tratado como espécime, portanto explorado enquanto instrumento para revelar as opções sistêmicas subjacentes às orações com a forma verbal *dar*.

Como o interesse é no sistema linguístico – ou no potencial na escala de instanciação (ver Capítulo 2) – deve-se considerar não um texto ou tipo textual específico, mas sim um conjunto de textos representativos do português brasileiro. Por isso, esta tese caminha, inevitavelmente, à escolha de um *corpus* com um conjunto de textos que instanciam o sistema linguístico do português brasileiro. Como afirma Matthiessen (2006), a metodologia baseada em *corpora* sempre esteve presente e com um papel central nas pesquisas sistêmico-funcionais, isso sendo inferido não somente mediante o conceito teórico de instanciação, que define uma escala entre o texto e o sistema linguístico, como também por meio das diversas pesquisas realizadas com o propósito de revelar opções lexicogramaticais do potencial linguístico (a exemplo de Figueredo (2011), para o português brasileiro, e mesmo Halliday e Matthiessen (2004), que apresentam a gramática da língua inglesa a partir da análise de textos).

Nesse sentido, nesta tese tem-se um estudo de *corpus*. Com base em Kennedy (1998), Berber Sardinha (2002) e Conrad (2011), chegamos à ideia de que um *corpus* é uma coleção de textos, na maior parte das vezes em formato eletrônico, criada a partir de critérios explícitos para representar algum universo particular (por exemplo, o sistema linguístico do português brasileiro, o tipo textual resumo científico, a imagem de não nordestinos com relação a nordestinos no Brasil etc.), e com o propósito de servir à análise de elementos linguísticos para entender o sistema linguístico, algum tipo textual específico ou mesmo aspectos ideológicos.

Como, aqui, o propósito é a análise de um fenômeno do português brasileiro, surge a pergunta relacionada a qual *corpus* seria representativo desse sistema linguístico. Compreende-se que, para se “decolar” do polo do texto para o polo do sistema, o ideal é um percurso por um

corpus que aborde diferentes tipos de texto de uma língua. Isso é importante porque há uma chance de se ter uma maior representatividade da língua estudada, sem correr o risco de se ater a padrões atrelados a registros específicos. Em suma, o *corpus* deve ser quantitativamente relevante no que se refere aos tipos de texto.

Nesta tese, optou-se por dois *corpora*, sendo um deles, quantitativamente menor, considerado o *corpus* de base, e o outro, quantitativamente maior, considerado o *corpus* de consulta. O *corpus* de base é aquele do qual são extraídas todas as orações com a forma verbal *dar*, o que permite ter a ideia de um número considerável das regiões da experiência construídas por orações com esse verbo. O outro *corpus* é consultado em momentos da análise nos quais surge a necessidade de verificar padrões de transitividade identificados no *corpus* de base⁹¹. A seguir, são apresentados cada um desses *corpora* e as razões para suas escolhas.

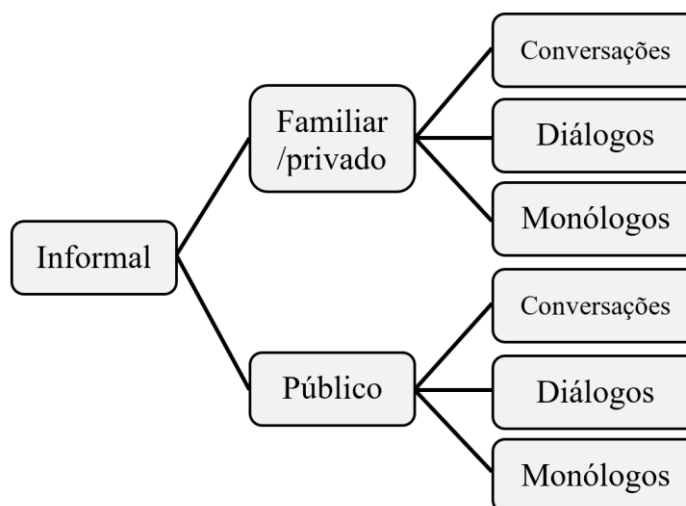
5.1.1 O *corpus* C-ORAL-BRASIL

O C-ORAL-BRASIL é um *corpus* resultado da organização sistemática de textos selecionados de acordo com critérios explícitos. Nas duas subseções seguintes, estão diluídos alguns dos critérios relevantes na construção desse *corpus*, sendo que a primeira concentra-se na apresentação de sua organização geral e a segunda no porquê de sua escolha para o estudo desta tese.

5.1.1.1 Organização do C-ORAL-BRASIL

O *corpus* C-ORAL-BRASIL foi desenvolvido a partir de 2007, sob a orientação de Tommaso Raso e Heliana Mello, no Núcleo de Estudos em Linguagem, Cognição e Cultura (NELC) e no Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL), da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O *corpus* é composto de conversações, diálogos e monólogos, todos pertencentes à fala informal e distribuídos entre os domínios familiar/privado e público, conforme demonstrado na **Figura 36**.

⁹¹ Ver seção “Corpus Brasileiro” para um entendimento da necessidade dessa verificação de padrões.

Figura 36 – Divisão do *corpus* C-ORAL-BRASIL

Fonte: Raso e Mello (2012, p. 28).

Constituem o *corpus* um total de 139 textos. Ao todo, são 208.130 palavras e 34.167 enunciados distribuídos entre 362 falantes. No contexto familiar/privado, são 159.364 palavras (76,56%); no contexto público, 48.766 palavras (23,46%). No contexto familiar/privado, há proporções quase perfeitas se considerados os números de textos e de palavras: são 34 textos conversacionais (51.887 palavras (32,55%)), 35 textos dialógicos (55.361 palavras (34,73%)) e 36 textos monológicos (52.116 palavras (32,70%)). Já no contexto público, são 9 conversações (14.547 palavras (29,83%)), 11 diálogos (17.997 palavras (36,90%)) e 14 monólogos (16.222 palavras (33,26%)). Esses números podem ser visualizados na **Tabela 1**.

Tabela 1 – Distribuição do *corpus* C-ORAL-BRASIL

Domínio	Subdomínio	Nº de textos	Nº de palavras	Porcentagem
Familiar/privado	Conversação	34	51.887	32,55%
	Diálogo	35	55.361	34,77%
	Monólogo	36	52.116	32,70%
<i>Total familiar/privado</i>		105	159.364 (76,56%)	100%
Público	Conversação	9	14.547	29,83%
	Diálogo	11	17.997	36,90%
	Monólogo	14	16.222	33,26%
<i>Total público</i>		34	48.766 (23,46%)	100%
TOTAL GERAL:		139	208.130 (100%)	

Fonte: O autor (2019), baseado em dados presentes em Raso (2012).

O *corpus* apresenta um certo balanceamento no que se refere ao sexo: são 203 informantes do sexo feminino e 159 do sexo masculino. No que se refere à idade, há um balanceamento no número de informantes entre os 18 e os 60 anos: 27,1% dos informantes estão inseridos no grupo entre 18 e 25 anos, 30,3% no grupo entre 26 e 40 anos, e 31,0% no grupo entre 41 e 60 anos; uma pequena porcentagem ainda é considerada abaixo de 18 anos (1,6%) e acima de 60 anos (8,1%). Com base na escolarização, há uma melhor representatividade do nível escolar médio-alto (81%), apesar de também serem representadas falas de pessoas com ausência de – ou pouca (não mais de 7 anos) – escolarização (16%). Em relação à ocupação profissional, apesar de haver uma ênfase em profissionais que de alguma forma estão ligados à área da educação, também há representatividade de informantes de outros grupos, como corretores, comerciantes, artesãos, agricultores, pedreiros, empregadas domésticas, psicólogos, dentistas, donas de casa etc.

O C-ORAL-BRASIL é comparável, em termos proporcionais (envolvendo as diversas variedades) ao *corpus* do italiano, do francês, do espanhol e do português europeu, tal como compilados dentro do projeto C-ORAL-ROM. Esse projeto, com o objetivo de elaborar *corpora* representativos da modalidade oral de línguas românicas da Europa, foi fruto de um acordo entre universidades públicas e privadas da Espanha, da Itália, da França e de Portugal, com início em 1990 e término em 2004. A idealização desse projeto

seguia uma série de relações científicas entre linguistas [...] que reconheciam a urgência do estudo da realização falada da linguagem [...] Esses estudiosos reconheceram, principalmente, o interesse teórico que o estudo apresentava, tanto para a descrição das línguas nacionais, quanto para os nossos conhecimentos gerais sobre a linguagem, tão diferentes na sua realização oral em relação à sua idealização escrita, na qual sempre se basearam as gramáticas (RASO; MELLO, 2012, p. 14).

Dadas essas informações gerais para o conhecimento do C-ORAL-BRASIL, na próxima subseção serão explicitadas as razões para a sua escolha.

5.1.1.2 Razão da escolha do C-ORAL-BRASIL

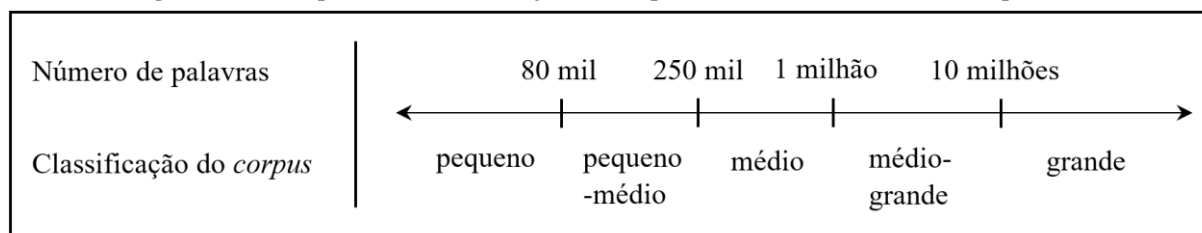
Como aponta Tucker (2014c, p. 410), “a ampla disponibilidade de grandes *corpora* e buscadores de *corpus* oferece o que pode ser agora considerado um recurso essencial na

investigação de padrões lexicogramaticais associados a Processos e tipos de Processo”⁹². Evidentemente, um *corpus*, quando elaborado pelo próprio pesquisador, possui a vantagem de ter parâmetros de compilação específicos, que o direcionam para os fins desejados. Os objetivos do pesquisador podem direcioná-lo a transcrições diferentes, desde as menos densas, com o uso da pontuação canônica, até as mais densas, que podem utilizar símbolos para representar diversos aspectos prosódicos; uma transcrição menos densa daria conta de trabalhos morfossintáticos, enquanto as mais densas dariam conta de aspectos prosódicos da conversação. Ainda, os tipos de texto escolhidos podem ser motivados pela pesquisa; por exemplo, o *corpus* do Projeto Discurso e Gramática, ao ser compilado pelos tipos de texto *narrativa de experiência pessoal*, *narrativa recontada*, *descrição de local*, *relato de procedimento* e *relato de opinião*, supre os objetivos iniciais de seus idealizadores: “analisar o comportamento da iconicidade” e “testar em diferentes subgêneros textuais o modo de codificação da informação”⁹³. No entanto, entende-se que, para os fins desta pesquisa, não seria necessário expor-se ao trabalho de elaborar um *corpus*, dado que já existem *corpora* de qualidade elaborados e disponibilizados por pesquisadores e núcleos de pesquisa brasileiros, sendo o C-ORAL-BRASIL um exemplo.

Os seguintes fatores conduziram à escolha do C-ORAL-BRASIL como *corpus* de base para esta pesquisa: sua extensão, sua natureza oral, sua compilação criteriosa e sua fácil disponibilidade.

Sobre a extensão, Berber Sardinha (2002) propõe uma classificação de *corpora* com base no número de palavras. Segundo ele, o *corpus* pode ser classificado como pequeno, com até 80 mil palavras, pequeno-médio, entre 80 mil e 250 mil palavras, médio, entre 250 mil e 1 milhão de palavras, médio-grande, entre 1 milhão e 10 milhões de palavras, e grande, acima de 10 milhões de palavras (ver **Figura 37**).

Figura 37 – Proposta de classificação de *corpora* com base no número de palavras



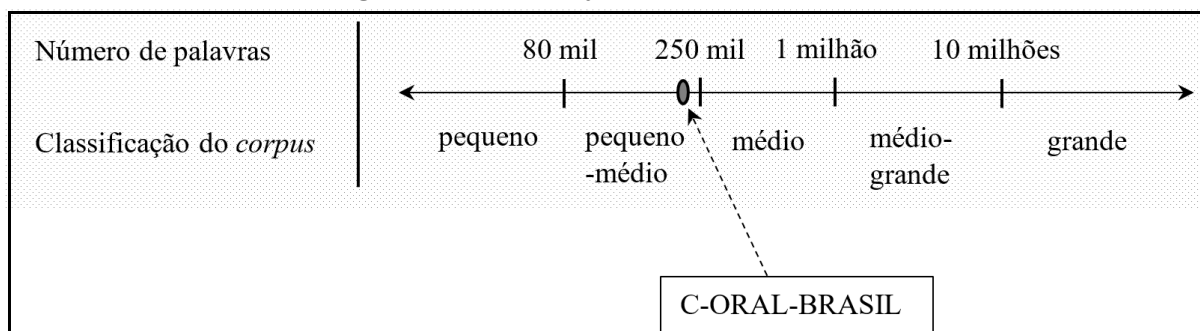
Fonte: O autor, baseado em Berber Sardinha (2002, p. 119).

⁹² “The current wide availability of large electronic corpora and corpus search engines offers what might now be considered an essential resource in investigating the lexicogramatical patterns associated with Processes and Process types.”

⁹³ Informações sobre o Corpus Discurso e Gramática podem ser obtidas em <<http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/>>.

De acordo com essa escala, o C-ORAL-BRASIL é um *corpus* de tamanho pequeno-médio, em uma região já próxima do tamanho médio, conforme demonstrado na **Figura 38**.

Figura 38 – Localização do C-ORAL-BRASIL



Fonte: O autor (2019), baseado na proposta de classificação de *corpora* de Berber Sardinha (2002, p. 119).

Pode-se imaginar que um *corpus* acima de 10 milhões de palavras (portanto classificado como grande) seria o ideal. No entanto, uma busca em um *corpus* desse porte pelas formas do verbo *dar* retornaria muitos resultados, tornando o trabalho de análise de cada uma das orações não somente cansativo, como também inviável, dado o tempo da pesquisa. Em outras palavras, como se trata de uma forma verbal consideravelmente recorrente no português brasileiro, considera-se que um *corpus* médio ou próximo do médio seja o suficiente, pois já torna possível a identificação de diferentes usos do verbo *dar*, sem comprometer a generalização em torno do seu comportamento no sistema de TRANSITIVIDADE do português brasileiro⁹⁴.

Um outro fator considerado na escolha do C-ORAL-BRASIL foi a sua natureza oral. Para Halliday e Matthiessen (2004, p. 34), um *corpus* com textos orais na análise linguística possui duas vantagens: o fato de a modalidade oral ser tão organizada quanto a escrita e (ii) o fato de a fala ser espontânea, sem muito espaço para policiamento, portanto o modo pelo qual as pessoas exploram e expandem o potencial de significados da língua. Ainda, no C-ORAL-BRASIL, há diversos tipos de instância em atividades sociais as mais variadas: entrevista, reunião de professores, apresentação de trabalho em evento científico, compra (em loja de sapatos e em farmácia, por exemplo), conversa em pizzeria, comentário de filme, instruções em academia de ginástica etc. (todos distribuídos nos domínios apontados na **Figura 36**). Por fim, acredita-se que a forma verbal *dar* possui um uso mais acentuado na modalidade oral do português brasileiro. Isso é comprovado por meio de uma rápida comparação do C-ORAL-BRASIL com o *corpus* Lácio-Web, formado por textos das Ciências Humanas e das Ciências

⁹⁴ Mas veja-se que também é utilizado o Corpus Brasileiro, apresentado na seção seguinte.

Exatas e da Terra (ou seja, textos que expressam a norma culta na modalidade escrita). No *corpus* Lácio-Web, envolvendo uma amostra de 3.737.257 palavras, as formas verbais *dar*, *deu* e *dá* apresentam menores proporções se comparado ao C-ORAL-BRASIL, como pode ser observado na **Tabela 2**.

Tabela 2 – Formas verbais *dar*, *deu* e *dá* distribuídas nos *corpora* Lácio-Web e C-ORAL-BRASIL

Forma verbal	Lácio-Web		C-ORAL-BRASIL	
dar	968	(0,026%)	201	(0,084%)
deu	381	(0,01%)	204	(0,085%)
dá	776	(0,021%)	298	(0,124%)

Fonte: O autor (2019).

Esses números não consideram as outras flexões do verbo *dar*; trata-se de uma busca simples com o auxílio do concordanceador SysConc⁹⁵. No entanto, já evidenciam a suposição de que a modalidade oral da língua faz um maior uso de estruturas com o verbo *dar*, tornando-se ambiente propício à investigação intentada nesta tese. Ainda, como observa Scher (2005, p. 11) em relação ao estudo dirigido às expressões com o verbo *dar* seguido do grupo nominal terminado em *-ada*, “[a] observação informal dos dados do PB sugere que sentenças como essas ocorram com mais frequência no português falado que no escrito”.

Dentre os pontos positivos que contribuíram para a escolha do C-ORAL-BRASIL, pode-se citar, ainda, o fato de ele ter sido fruto de um trabalho criterioso, no qual houve um cuidado na formação e avaliação de transcritores e na escolha de aparelhos que permitiram a captação e registro da fala em situações as mais diversas e de maneira não invasiva. Ainda, como pode ser verificado em Mello *et al.* (2012), houve um cuidado na validação do *corpus*, durante e na fase final, tanto do conteúdo da transcrição (para evitar acréscimos, supressões, incorreções ou aplicação inadequada de critérios previamente estipulados), como da segmentação prosódica. Essa validação, feita por membros experientes do próprio projeto C-ORAL-BRASIL, demonstra o quão a equipe responsável teve o cuidado de tornar as transcrições confiáveis, em um cenário “de proposição metodológica crucialmente refinada” (MELLO, 2012, p. 54), conferindo ao *corpus* um certo padrão de qualidade, tornando-o um ambiente favorável à análise de fenômenos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e pragmáticos da língua portuguesa.

⁹⁵ Ver mais adiante a apresentação desse *software*. O *software* é de autoria do Professor Dr. Canzhong Wu, do departamento de Linguística da Macquarie University, Austrália. Trata-se da versão 1.4.0 do concordanciador.

Por fim, o C-ORAL-BRASIL foi escolhido como o *corpus* de base por estar totalmente disponível (RASO; MELLO, 2012), inclusive os áudios. O fato de serem disponibilizados os áudios referentes às transcrições facilita sua leitura, uma vez que sinais prosódicos, como intensidade de voz, ritmo, duração e timbre, ou mesmo marcas associadas ao ambiente físico, ajudam no resgate do contexto das interações. Os áudios ainda ajudam a corrigir erros de transcrição que possam interferir na análise do objeto estudado nesta tese, a exemplo do seguinte trecho, em que a transcrição da forma *dá* é contestável:

(45) sabe como // **dá** <muitos> ano que eu nũ encontro com o pessoal // (bfamdl28)

Em uma oração como essa, somente com o acesso à transcrição poderiam ser encontradas dificuldades na classificação do possível processo realizado por *dá*, bem como dificuldades na identificação de padrões recorrentes que permitissem identificar tal oração como instância de um recurso no sistema da língua portuguesa. No entanto, consultando o áudio, fica a dúvida entre três palavras possíveis (*há*, *tá* e *dá*), tornando a oração inelegível para o propósito desta tese⁹⁶.

5.1.2 O Corpus Brasileiro

O *corpus* que tem por nome Corpus Brasileiro foi organizado no Centro de Pesquisas, Recursos e Informação de Linguagem (CEPRIL), do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (LAEL) da PUCSP. De acordo com o sítio eletrônico do projeto⁹⁷, esse *corpus* foi coordenado por Tony Berber Sardinha, com o financiamento da Fapesp. Seguindo, ainda, seu manual, o *corpus* é de grande extensão, pois conta com “aproximadamente” um bilhão de palavras, distribuídos entre textos do meio escrito (92,4%) e falado (7,6%) de diferentes tipos (como artigos, entrevistas, roteiros, bulas, biografias etc., conforme disposto na **Tabela 3**).

⁹⁶ Ver no início do Capítulo 6 as ocorrências desconsideradas.

⁹⁷ < <http://corpusbrasileiro.pucsp.br> >.

Tabela 3 – Composição do Corpus Brasileiro de acordo com as subdivisões em subcorpora

Subcorpus (1ª divisão)	Subcorpus (2ª divisão)	Tokens	Porcentagem
Academia	Artigos	258.585.002	23,76%
	Teses e dissertações	310.972.387	28,58%
	Anais	6.947.244	0,64%
Cinema e TV	Roteiros	289.389	0,03%
Educação	Diversos	89.398.389	8,22%
Enciclopédia	Wikipédia	45.910.768	4,22%
Esporte	Narração de jogos de futebol	86.323	0,01%
Informática	Manuais	708.239	0,07%
Jornalismo	Revistas	494.974	0,05%
	Jornais	253.732.527	23,32%
	Horóscopo	4.319	0,00%
	Entrevistas	4.003.975	0,37%
Legislação	Diversos	9.097.447	0,84%
Literatura	Contos	60.777	0,01%
	Crônicas	160.525	0,01%
	Variados	8.659.955	0,80%
	Biografias	534.965	0,05%
Medicina	Bulas	113.228	0,01%
Política	Atas de assembleia legislativa	3.977.450	0,37%
	Debates de TV	22.033	0,00%
	Pronunciamentos do presidente	1.803.404	0,17%
	Sessões do congresso	77.139.578	7,09%
Religião	Diversos	914.786	0,08%
	Bíblia	859.004	0,08%
Técnico	Relatórios e manuais diversos	13.742.224	1,26%
Total		1.088.218.912	100%

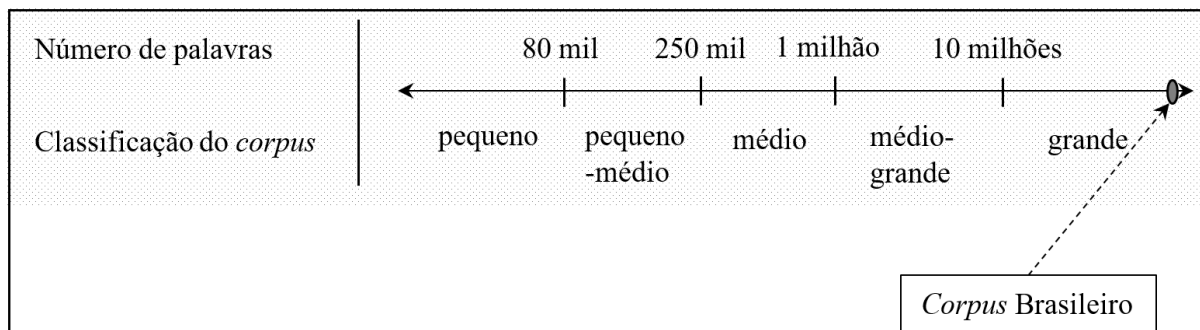
Fonte: Corpus Brasileiro (2010, p. 2-3).

Em sua formulação, foram utilizadas (i) coleções prévias de textos de jornais e transcrições de fala, (ii) fontes *offline* de entrevistas sociolinguísticas e encontros, e, principalmente, (iii) textos disponíveis livremente na *web*.

Veja-se que esse *corpus* é composto, proeminentemente, por textos do modo escrito (92,4%). Isso se deve à forma como foi idealizado: o propósito foi o de construir um *corpus* de referência do português brasileiro de grande extensão, diversificado em termos de registro e com um bilhão de palavras. Para conseguir um tamanho tão expressivo, às coleções prévias (de textos jornalísticos e transcrições de fala) e às fontes *offline* (de entrevistas sociolinguísticas e encontros) tiveram que ser adicionados textos no formato gráfico já disponíveis eletronicamente na *web*. Em outras palavras, para um *corpus* de aproximadamente um bilhão de palavras, o processo de gravação e transcrição tornariam impossível a sua montagem em apenas dois anos (maio de 2008 a abril de 2010).

Considerando-se a escala de classificação de *corpora* proposta por Berber Sardinha (2002), esse *corpus* é de tamanho grande, já que possui um número superior a 10 milhões de palavras (ver **Figura 39**).

Figura 39 – Localização do Corpus Brasileiro



Fonte: O autor (2019), baseado na proposta de classificação de *corpora* de Berber Sardinha (2002, p. 119).

Essa extensão foi a razão fundamental para sua escolha como *corpus* de consulta. Mesmo havendo apenas 9,6% de textos da modalidade falada, essa porcentagem representa um universo de 83.055.313 palavras, um número bem maior do que o C-ORAL-BRASIL. Nesse sentido, caso o C-ORAL-BRASIL apresente poucas orações para uma possível categoria, é possível, consultando o Corpus Brasileiro, verificar a existência dessa categoria, e mesmo de formas agnatas⁹⁸ que venham a ser pensadas no processo de análise (ver seção seguinte).

5.2 Procedimentos de análise

Nesta seção, são apresentados os procedimentos utilizados para se obter os padrões de transitividade necessários para o processo de descrição almejado. Nas subseções são detalhados os passos na obtenção das orações com o verbo *dar* no C-ORAL-BRASIL, bem como os princípios analíticos seguidos no processo de análise.

5.2.1 Busca de padrões no C-ORAL-BRASIL

Nos estudos sistêmico-funcionais, a busca de padrões nos usos efetivos da língua é um dos principais passos no processo descritivo. No nível da oração, no estrato lexicogramatical, caso um grupo de orações possua um mesmo perfil (por exemplo, com as mesmas formas

⁹⁸ O termo *agnação* será apresentado como procedimento metodológico na seção 5.2.2.3.

agnatas, o mesmo número de participantes obrigatórios, as mesmas características dos participantes obrigatórios etc.), pode-se estar diante de uma opção em algum ponto do sistema de TRANSITIVIDADE. Sendo mais específico com relação a esta tese, para saber qual a configuração transitiva de orações com processos realizados pela forma verbal *dar*, deve-se buscar os padrões associados a opções no sistema de TRANSITIVIDADE; esses padrões certamente estarão associados a algumas opções já conhecidas, como [material: criativo], [mental] e [relacional: atributivo], por exemplo, mas, caso se queira fazer uma distinção mais refinada, como no caso aqui proposto para expressões metafóricas com a configuração Processo + Extensão: processo, outras opções sistêmicas devem ser cunhadas.

A busca de padrões, nesta tese, começa pela localização de todas as orações com a forma verbal *dar* no C-ORAL-BRASIL. Para a busca dessas orações, foi utilizado o *software* SysConc (WU, 2014), por meio do qual é possível obter todas as ocorrências de palavras ou expressões juntamente com partes precedentes e subsequentes do contexto no qual estão inseridas.

A pasta *textual corpus*, com os 139 textos em formato .txt do *corpus* C-ORAL-BRASIL, foi copiada do CD-ROM parte integrante do livro de Raso e Mello (2012) para um diretório pessoal. Os nomes dos 139 arquivos da pasta indicam o domínio de cada texto de acordo com a **Figura 36**. Por exemplo, o arquivo *bfamcv01* indica o primeiro texto conversacional do domínio familiar; o arquivo *bpubdl05* indica o quinto texto dialógico do domínio público etc.⁹⁹

O passo seguinte foi especificar as formas do verbo *dar* a serem procuradas nesse *corpus*. A lista de formas, presente no **Quadro 10**, foi elaborada considerando-se todas as conjugações do item lexical *dar*, conforme dispostas no dicionário eletrônico Houaiss (2009), incluindo as formas verbais e nominais.

Quadro 10 – Formas do verbo *dar*.

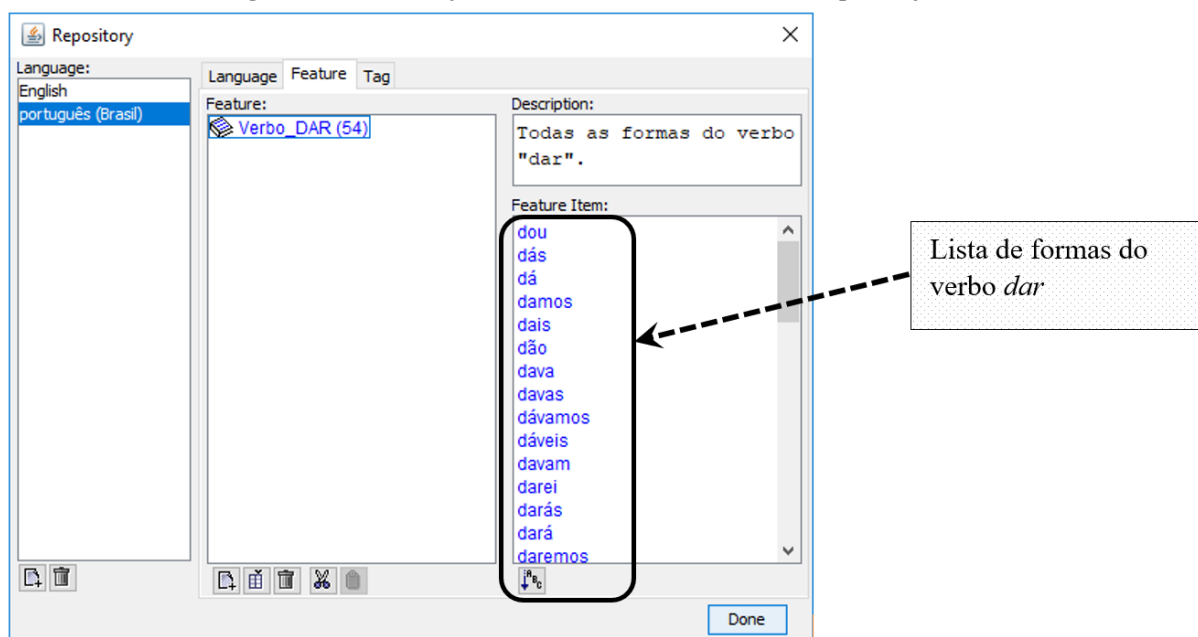
dou	dáveis	darias	deram	desse	derem
dás	davam	daríamos	dera	desSES	dai
dá	darei	daríeis	deras	déssemos	dar
damos	darás	dariam	déramos	désseis	dares
dais	dará	dei	déreis	dessem	darmos
dão	daremos	deste	dê	der	dardes
dava	dareis	deu	dês	deres	darem
davas	darão	demos	deis	dermos	dando
dávamos	daria	destes	deem	derdes	dado

Fonte: O autor (2019), a partir das conjugações apresentadas em Houaiss (2009).

⁹⁹ Ao citar as orações do C-ORAL-BRASIL, serão utilizados os nomes dos arquivos entre parênteses como forma de indicar a referência.

Feito isso, foram definidos, no SysConc, os itens a serem buscados no *corpus*, conforme pode ser visualizado na **Figura 40**:

Figura 40 – Definição das formas a serem buscadas pelo SysConc



Fonte: O autor (2019), a partir de tela do SysConc (WU, 2014).

Na janela de buscas do SysConc, foi carregada a lista de formas e escolhido o diretório com os textos do C-ORAL-BRASIL. Dessa maneira, o SysConc, com base nos itens especificados, examinou os textos do C-ORAL-BRASIL e retornou uma lista com 1.061 ocorrências. Na **Figura 41**, a seguir, pode-se visualizar a janela do SysConc em que a lista de formas verbais e o *corpus* foram carregados, bem como uma janela com as ocorrências retornadas.

Figura 41 – Retorno do SysConc com base no C-ORAL-BRASIL

The image shows the SysConc software interface. The top window is the 'Search' dialog, which has been used to search for the verb 'dar' in the C-ORAL-BRASIL corpus. The search criteria are: Search For: Feature, Verbo_DAR, Case Sensitive, Regular Expression, Whole word. The search is performed in the directory C:\corpus\C-ORAL-BRASIL. The results are displayed in the main window, showing a list of occurrences and a concordance view.

Search Dialog:

- Search For: ☒ Feature ☐ Collocation
- Verbo_DAR
- ☐ Case Sensitive ☐ Regular Expression
- Search For: ☐ Feature ☐ Ignore Order Range: ,20
- ☐ Case Sensitive ☐ Regular Expression
- Search in: ☐ Current File ☐ All Files ☒ Directory
- Directory: C:\corpus\C-ORAL-BRASIL
- ☒ Search Subdirectories

Results List:

Name	Count	Percentage
2. Textual Corpus	1,061	100%
bfamcv01.txt	7	0,66%
bfamcv02.txt	13	1,23%
bfamcv03.txt	32	3,02%
bfamcv04.txt	7	0,66%
bfamcv05.txt	12	1,13%
bfamcv06.txt	11	1,04%
bfamcv07.txt	3	0,28%
bfamcv08.txt	15	1,41%
bfamcv09.txt	5	0,47%
bfamcv10.txt	17	1,6%
bfamcv11.txt	2	0,19%
bfamcv12.txt	3	0,28%

Concordance View:

The concordance view shows the context of the verb 'dar' in the corpus. The text is displayed in a table format, with the verb 'dar' highlighted in red. The concordance view shows the following text:

entro com o dinheiro pela ordem / tá ligado // tá dando rola // o Bolota tirando os documentos dele lá / pagar
 era que leve uma época que eu saia daqui de manhã dava aula «sábado» e voltava // *ELN: «lembro» // lembri
 «nô sei se cê conhece» «eu» conheci só quando ele aula grãela // lá no [1] naquele / nts // como é que char
 voltava // *ELN: «lembro» // lembro sim // *DA: então ele aula grãela // na mesma turma // yyy / sabe yyy // *ELN: t
 doido // cê casadinho de novo / e tal / a mulher bonita desse jeito // e tal / uma caminha de meio casal // como é
 / e tal / mas tá cansado // falou / não / mas não vamo dar um jeito de vender // ih / pai / inda mais cigano // nô [1] o
 a nele uma vez // só de passagem // é um serço que dá muito dinheiro / né / mas só que / ele não vem ãme [4] ele
 u com o «povo que ele não» trabalha porque ninguém dá e serviço // *HEL: «tem que ficar preso» // *OSM: todo lug
 // *OSM: todo lugar que e' vai arrumar serviço / ninguém dá e // *HEL: ah // nô gosta de trabalhar não // *OSM: é por is
 // o cê sentir // quando o cê sentir já era // o homem nô dava / máscara / nô dava nada // a gente tinha uns / negócio
 // o cê sentir já era // o homem nô dava / máscara / nô dava nada // a gente tinha uns / negócio de pôr na frente aqu
 // mas o cara é bobo / né // se fosse outro / coisa lá e dava // *HEL: quem // casa de quem // *OSM: só yyy // aque' e
 ue a irmã nô falou mais nada // esse congelador aqu dava pra mim mesmo / o // *HEL: que isso // *OSM: trem fed
 // que ea fica igualzinha isso aqui / o // eu faço uma piadessa tipo aqui / o // e lá isso aqui é feito na Makita hhh // cê
 // quando era / nts / tá // branco // *HEL: uhn // *OSM: desses braco do aeroporto / parava tudo pra abrir as quatr
 quente em cada um // *HEL: «o» // *OSM: qualquer um desses aqui // *HEL: e a geladeira / que levou / pa vender / c
 // cinho // uai / seu Osmar // cê é um cara / experiente / dando uma mancada dessa // falei / uai / eu // *HEL: uhn // *
 // é feito na Makita hhh // cê corta ca Makita depois vem dando acatamento assim / o // hhh // mas é pedra / né // e de
 // pta que descobrimos isso / nts / aí agora / o novo nô dá muita láia pra isso também não // continua a mesma cc
 // eram / «filhos» das freiras // *MAR: «ah / é // *ER: deu / «assim / um» [1] // *MAR: «Nossa / e eles tinham» cora
 // ham ham // // «é» // e o certificado / né // eles tederam / definitivo // não // *ERN: de que // *MAR: aguardando
 // permissão di soggiorno / «tem» que tirar uma cópia desse documento seguro-saúde pra levar // *MAR: «ham ha
 amigos // *MAR: yyy // *ERN: «então / essa parte» aquidêsse mapinha / é só a parte do centro / velho // né // *MAR: «
 // tzer a prova / cê leva esse formulazim que eu vou batar p' professor / o professor / preenche / e depois cê [1] cê
 // tô nem preocupado / também não // um dia eles vão dar o hhh // *MAR: agora cê tem que preencher o [1] o formu
 // ar com química e cortar // perneado / é Maria // eu nô vou pra perneado de jeito nenhum // adoro // gosto mesmo /
 // sim / sabe // *JAN: hum hum // *JRM: porque senão nô tempo // porque tem um tempo certo / «né» // *JAN: «hurr
 // de demissão / voluntário // *JAN: ah / «tá» // *JRM: «esquele dinheiro» pr' ocê / tá / oferece uma grana / aí cê endoida
 // diantã // tentar resgatar / que é melhor // *JAN: ela se dava bem co pai // *JRM: briga muito com ele ultimamente //
 // mas / Luciano era meio da pá virada / nô [1] // nô [1] nô dava pensã / nem nada // agora / minha filha / depois que /
 // sempre foi meio piracenta // ciumenta // sempre medeu trabalho assim / sabe // *JAN: uhn // *JRM: mas / agora /
 // mas / é gratificante // graças a Deus foi uma coisa que deu certo / isso aqui / viu // *JAN: cê trabalhou lá na «é Sanc
 // e aí / some / vai pa casa de um / 8po [1] depois / se / der algum problema / ninguém vai querer ocê não // Sant [1]
 // ah / porque amanhã eu tenho uma festa pra / nô valer «tempo» // *HHA: «é» // *CCA: ah // quanto que é // *HHA
 //

Fonte: O autor (2019), a partir de telas do SysConc (WU, 2014).

Após a lista de ocorrências com as formas em questão, foi feito um trabalho manual para separar as verbais das não verbais. Esse procedimento foi adotado porque algumas formas apresentadas no **Quadro 10** são homógrafas. É o que se verifica, por exemplo, com *dado*, que pode ser tanto o particípio do verbo *dar* como o nome (indicando substâncias concretas ou

abstratas). Do mesmo modo, uma forma como *desse* pode ser tanto o pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *dar* como um pronome. A pesquisa, dessa maneira, seguiu apenas com as orações nas quais figuravam as formas pertencentes à classe dos verbos.

É importante mencionar que, nessa forma de proceder, todos os textos pertencentes ao *corpus* C-ORAL-BRASIL (e também ao Corpus Brasileiro) foram considerados como iguais. O fato de um grupo de textos pertencer ao domínio familiar, outro ao domínio público, não é relevante nesta pesquisa. Não se torna importante o tipo de texto ao qual pertence uma dada oração. Isso se dá porque ao considerar o texto como instrumento para se chegar ao sistema (texto como espécime), busca-se um entendimento, de maneira preponderante, do sistema, e não do texto em si. Ao se evidenciar o sistema, o propósito é um entendimento do recurso semiótico usado na produção de qualquer texto da língua em questão.

Dada a busca das formas do verbo *dar*, partiu-se para a análise. A seção seguinte apresenta os princípios metodológicos seguidos.

5.2.2 Identificação de padrões

Na análise das ocorrências extraídas do *corpus* C-ORAL-BRASIL, apesar de o foco ser no estrato lexicogramatical e no nível da oração, procede-se com a adoção da perspectiva trinocular proposta na LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; MARTIN, 2013; MATTHIESSEN; HALLIDAY, 2009), o que implica a observação da oração com uma visão “de cima”, “de baixo” e “ao redor”. Quando estiver em evidência a natureza dos elementos da oração (se uma certa entidade é consciente, inconsciente, concreta, abstrata etc.; se um certo processo envolve uma mudança ou uma criação de alguma coisa, se há um processamento simbólico interno ou externo etc.), o olhar estará sendo “de cima” na dimensão da estratificação. Quando estiver em evidência formas de organização e realização das funções da oração por classes e estruturas de palavras e morfemas, o olhar estará sendo “de baixo”, em termos da escala de níveis (por exemplo, o fato de se ter uma oração com uma função específica realizada de determinada forma no nível do grupo e da palavra). Por fim, será adotado o olhar “ao redor”, a partir do qual são observadas semelhanças e diferenças estruturais com relação a outras orações e outras opções sistêmicas (se é dito, por exemplo, que um dado padrão de orações com a forma verbal *dar* é do tipo [material: criativo], considera-se a relação com outros padrões oracionais e outras opções do mesmo sistema ou de outros sistemas).

Esses três olhares combinam-se para um propósito comum: a identificação de padrões lexicogramaticais. Aqui, entende-se por padrões lexicogramaticais configurações semelhantes de elementos e funções utilizados para se referir a fenômenos percebidos de maneira similar pelos usuários da língua. No caso desta tese, fala-se em padrões de transitividade, portanto padrões utilizados para se referir a fenômenos da experiência. Esses padrões referem-se a generalizações (ou descrições) obtidas a partir de observações e análises das orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

De maneira mais específica, o processo de identificação dos padrões seguiu, quando não todos, alguns destes cinco procedimentos: apontamento da natureza dos elementos da oração, aplicação de perguntas-teste, criação de formas agnatas, verificação no Corpus Brasileiro e formalização em redes de sistema. Cada um deles é detalhado nas subseções seguintes.

5.2.2.1 *Natureza dos elementos da oração*

Por meio desse procedimento, o propósito é, a partir de um ponto de vista semântico, identificar a natureza dos elementos (participantes e processos) que fazem parte das orações analisadas. Se, por exemplo, temos uma oração como *dá a almofada marrom pra Helô* (bfamcv33) e a oração *deu trombose [na perna]* (bfamdl25), já é possível perceber que se trata de dois padrões diferentes: *almofada* é uma substância corpórea, enquanto *trombose* é uma substância não corpórea; *Helô* é um ser vivo consciente, enquanto *perna* é parte de um ser vivo consciente. Ainda, percebe-se que a preposição *pra* é específica da primeira oração, indicando direção, enquanto a preposição *na* é específica da segunda.

Essa análise dos elementos da oração pode ser em diferentes níveis, desde o nível do grupo até o nível do morfema. Assim, diante de duas orações quaisquer durante a identificação de padrões lexicogramaticais, são frequentes perguntas como: ambos os participantes são realizados por um grupo nominal, ou um deles é realizado por um grupo adverbial?; na oração em que o participante é realizado por um grupo nominal, o Ente é consciente?; o elemento modificador é um artigo definido ou indefinido?; qual o morfema sufixo na terminação do participante Extensão?

5.2.2.2 *Perguntas-teste*

Na identificação de padrões, um outro procedimento útil é o de fazer perguntas-teste. Por exemplo, uma oração como *Cassandra deu pra Amanda uma periquita australiana*

(bfamdl15) pode servir de resposta para as perguntas: *o que a Cassandra deu pra Amanda?*; *o que a Amanda recebeu de presente de Cassandra?*. Quando o olhar se volta para algumas outras orações, como *Ar condicionado me dá alergia* (Corpus Brasileiro), essas perguntas não se aplicam: **O que o ar condicionado me deu?*; **o que eu recebi do ar condicionado?*

As perguntas-teste, portanto, são importantes para diferenciar padrões de transitividade e, conseqüentemente, saber quais as funções da oração.

5.2.2.3 Agnação

Como demonstrado no capítulo sobre metáforas gramaticais, Heyvaert (2003) apresenta o princípio da agnação para a identificação de padrões de expressões metafóricas. Na busca de padrões mais gerais, Figueredo (2011, p. 85), a respeito da agnação, afirma: “constitui-se como um princípio analítico a utilização de acréscimos, substituições e subtração de itens e funções; a inversão da estrutura que as realiza; e a possibilidade de expansão ou retração dos termos do sistema para determinada função”.

A título de exemplo, veja-se que uma oração como *deu trombose [na perna]* (bfamdl25) pode ter um conjunto de orações agnatas, como verificado no **Quadro 11**.

Quadro 11 – Demonstração do princípio da agnação

Oração original	Formas agnatas
deu trombose na perna	deu trombose na perna dela deu trombose nela ela teve trombose ela teve trombose na perna ela deu trombose a perna dela deu trombose

Fonte: O autor (2019). Oração “original” extraída do C-ORAL-BRASIL (bfamdl25).

Diante de orações parecidas com *deu trombose [na perna]*, será que essas mesmas formas agnatas se aplicam? Essa questão deve ser feita para que assim se possa definir padrões de orações com a forma *dar* e saber quais opções do sistema de TRANSITIVIDADE estão por trás de cada uma delas.

Como nos propomos a trabalhar no polo do potencial linguístico, essa identificação de padrões será substancialmente acompanhada da elaboração de sistemas, com cada opção sistêmica associada a um padrão. Na construção de sistemas, no entanto, pode-se haver, por indução, a criação de opções que não possuem instâncias no C-ORAL-BRASIL. Da mesma forma, na criação de formas agnatas, como as apontadas no **Quadro 11**, pode-se haver dúvidas

sobre a possibilidade de algumas delas no português brasileiro. É aqui que entra a utilidade do Corpus Brasileiro.

5.2.2.4 Verificação de padrões no Corpus Brasileiro

Percebe-se que esse procedimento de exame em um *corpus* de grande extensão não é estranho aos estudos sistêmico-funcionais. Como observado por Thompson e Hunston (2006, p. 13), “Matthiessen e Miller [...] discutem a noção de ‘migrar’ entre diferentes ordens de magnitude, como tomar uma ideia que surge da análise de um pequeno *corpus* ou um único texto e examinar em um *corpus* maior”¹⁰⁰.

Para saber como esse procedimento é utilizado nesta tese, imagine-se que no *corpus* de base tenha sido identificado o padrão *alguém dar um(a) cotovelada/ chute/ cabeçada em outro alguém*. No C-ORAL-BRASIL, no entanto, são poucas as instâncias com o processo realizado pela forma *dar* em que alguém bate em outro alguém com o uso de uma parte do corpo. Nesse sentido, para se generalizar e saber se, por exemplo, *dar uma facada* também segue o mesmo padrão, o Corpus Brasileiro se torna útil, pois nele várias ocorrências com, por exemplo, *facada* (mas também com outras nominalizações derivadas de objetos) são localizadas. Ainda, consultando o Corpus Brasileiro, algumas perguntas na definição do padrão podem ser respondidas: o participante na função de Ator é sempre animado?; o participante atingido pode ser inanimado?; pode ser representado na oração apenas parte do todo afetado? o participante na função de Escopo sempre implica um objeto (*facada* – *faca*, *pedrada* – *pedra*, *paulada* – *pau* etc.) ou parte do corpo (*cotovelada* – *cotovelo*, *chute* – *pé*, *cabeçada* – *cabeça* etc.)?

Ainda, ao se criar formas agnatas, como *levar/receber um(a) cotovelada/ cabeçada/ chute/ facada* e *atingir alguém com uma faca*, o Corpus Brasileiro deve ser consultado para se verificar essas possibilidades. Com o padrão aqui exposto – *alguém dar um(a) cotovelada/ chute/ cabeçada em outro alguém* –, por haver apenas quatro ocorrências no C-ORAL-BRASIL, um *corpus* de grande extensão se torna relevante para sua verificação.

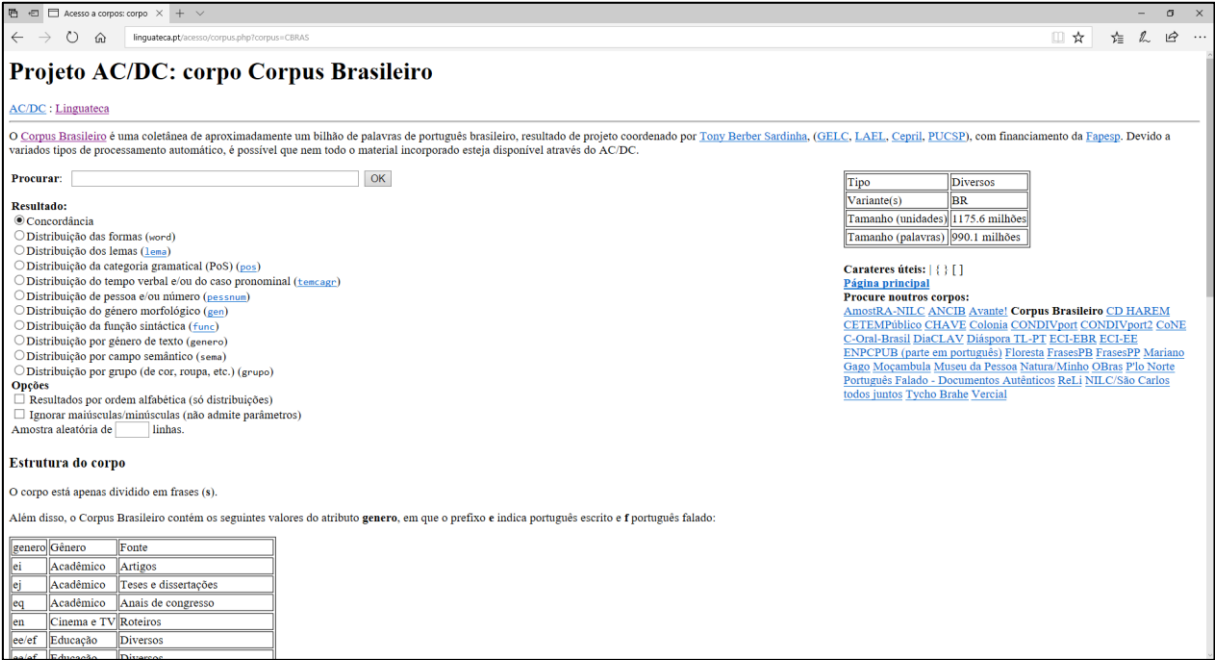
O Corpus Brasileiro está disponível *online*. Nesse caso, como afirma Berber Sardinha (2005, p. 286-287):

[...] o usuário não precisa se preocupar em baixar ou instalar programas, nem mesmo em fazer download de textos para análise: todo o material está já disponível para uso via navegador. Tudo que é necessário, em termos de exigências de infraestrutura, é uma conexão com a Internet e um browser.

¹⁰⁰ “Matthiessen and Miller, in different ways, discuss the notion of ‘shunting’ between different orders of magnitude, like taking an insight which arises out of the analysis of a small corpus or a single text and examining that specific feature in a larger one.”

O Corpus Brasileiro está disponível no *website* da Linguateca, lugar virtual onde outros *corpora* podem ser encontrados¹⁰¹. Por esse motivo, ao contrário do que foi feito com o C-ORAL-BRASIL, com o Corpus Brasileiro não houve a necessidade de usar o SysConc ou de ter todos os textos do *corpus* disponíveis em um diretório. As procuras seguiram-se a partir da tela disponível na **Figura 42**.

Figura 42 – Reprodução da tela de acesso ao Corpus Brasileiro



Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro

AC/DC : Linguateca

O **Corpus Brasileiro** é uma coletânea de aproximadamente um bilhão de palavras de português brasileiro, resultado de projeto coordenado por [Tony Berber Sardinha](#), (GELC, LAEL, Cepril, PUCSP), com financiamento da [Fapesp](#). Devido a variados tipos de processamento automático, é possível que nem todo o material incorporado esteja disponível através do AC/DC.

Procurar: OK

Resultado:

- ☒ Concordância
- ☐ Distribuição das formas (word)
- ☐ Distribuição dos lemas ([lema](#))
- ☐ Distribuição da categoria gramatical (PoS) ([pos](#))
- ☐ Distribuição do tempo verbal e/ou do caso pronominal ([temagr](#))
- ☐ Distribuição de pessoa e/ou número ([pessnum](#))
- ☐ Distribuição do gênero morfológico ([gen](#))
- ☐ Distribuição da função sintática ([func](#))
- ☐ Distribuição por gênero de texto ([genero](#))
- ☐ Distribuição por campo semântico ([sena](#))
- ☐ Distribuição por grupo (de cor, roupa, etc.) ([grupo](#))

Opções

- ☐ Resultados por ordem alfabética (só distribuições)
- ☐ Ignorar maiúsculas/minúsculas (não admite parâmetros)

Amostra aleatória de linhas.

Estrutura do corpo

O corpo está apenas dividido em frases (s).

Além disso, o Corpus Brasileiro contém os seguintes valores do atributo **genero**, em que o prefixo **e** indica português escrito e **f** português falado:

genero	Gênero	Fonte
ei	Acadêmico	Artigos
ej	Acadêmico	Teses e dissertações
eq	Acadêmico	Anais de congresso
en	Cinema e TV	Roteiros
ee/ef	Educação	Diversos
ee/ef	Educação	Diversos

Tipo	Diversos
Variante(s)	BR
Tamanho (unidades)	1175.6 milhões
Tamanho (palavras)	990.1 milhões

Caracteres úteis: [] [] []

[Página principal](#)

Procure outros corpos:

[AmorRA-NILC](#) [ANCIB](#) [Avante!](#) [Corpus Brasileiro](#) [CD HAREM](#) [CETEMPublico](#) [CHAVE](#) [Colônia](#) [CONDIVport](#) [CONDIVport2](#) [CoNE](#) [C-Oral-Brazil](#) [Djaklav](#) [Diaspora](#) [IL-PT](#) [ECL-EBR](#) [ECL-EE](#) [ENPCPLB](#) (parte em português) [Floresta](#) [FrasesPB](#) [FrasesPP](#) [Mariano](#) [Gago](#) [Mocimboa](#) [Museu da Pessoa](#) [Natura/Minho](#) [OBRAS](#) [Plo Norte](#) [Português Falado - Documentos Autênticos](#) [ReLi](#) [NILC/São Carlos](#) [todos juntos](#) [Tycho](#) [Brahe](#) [Vercial](#)

Fonte: Sítio Linguateca. Endereço: <<http://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CBRAS>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

Diferentemente das buscas feitas no C-ORAL-BRASIL, que se deram a partir das formas de um único item lexical, no Corpus Brasileiro as buscas foram variadas. Considerando o exemplo aqui citado, foram feitas buscas por palavras como *facada*, *joelhada*, *cotovelada* etc. Na página com a lista de ocorrências de cada uma dessas palavras, foram verificadas questões levantadas acima (*o Ator é sempre animado?*, *o participante atingido pode ser inanimado?*, etc.), seja pela leitura de cada uma das ocorrências, seja pelo simples recurso do Ctrl+F (para procurar, por exemplo, as ocorrências com o verbo *levar*).

¹⁰¹ Endereço: < <http://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CBRAS>>.

5.2.2.5 Formalização em redes de sistema

Por fim, para se atingir os objetivos indicados no capítulo introdutório desta tese, segue-se a formalização comum em LSF (observada no Capítulo 2, seção 2.2) e se demonstra, por meio de redes de sistema, o potencial sistêmico associado a orações constituídas da forma verbal *dar*. A identificação das opções do sistema segue os procedimentos anteriormente apresentados (seções 5.2.2.1 a 5.2.2.4).

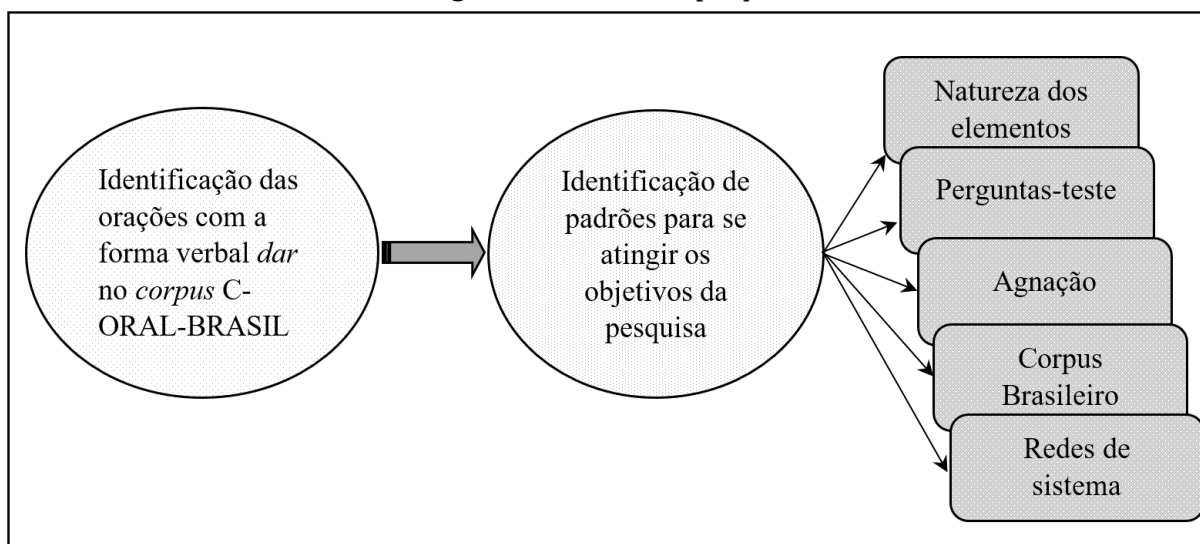
No processo de criação do sistema, são feitos dois testes de validação, conforme os passos indicados por Halliday (2009, p. 68):

- (1) Gerar o paradigma total das expressões de seleção da rede para assegurar que ela informa o que seu criador quer: que não seja tão limitada (chegando a proibir combinações de fato possíveis) ou tão permissivas (permitindo combinações de fato impossíveis). (2) Gerar as **realizações** dessas expressões de seleção e testar sua precisão¹⁰² (grifo do autor).

No caso do segundo passo, a verificação da precisão das expressões de seleção se dá a partir do Corpus Brasileiro (quarto procedimento apresentado nesta seção), e não por meio da intuição. Mediante esses passos, percorre-se o processo natural de reformulação de redes de sistema (conferir Martin, 2013, p. 12)), com termos e regras de realização sendo inseridos, excluídos e reorganizados quando observada a necessidade a partir da análise dos dados.

Como base nessa exposição, depreende-se que a pesquisa desenvolvida nesta tese segue dois grandes passos: identificação das orações com a forma verbal *dar* no *corpus* C-ORAL-BRASIL e identificação de padrões de transitividade. Na concretização desse último passo, seguem-se cinco procedimentos: identificação da natureza dos elementos da oração, uso de perguntas-teste, criação de formas agnatas, verificação de padrões no Corpus Brasileiro e formalização em redes de sistema. A **Figura 43** apresenta esses passos de maneira visual.

¹⁰² “(1) Generate the total paradigm of selection expressions from the network to ensure it says what you want it to say: that it is not too constraining (prohibiting combinations that are in fact possible) or too permissive (allowing combinations that are in fact not possible). (2) Generate the **realizations** of these selection expressions and test their accuracy.”

Figura 43 – Passos da pesquisa

Fonte: O autor (2019).

É importante mencionar que, no processo de identificação dos padrões, os cinco procedimentos indicados não são aplicados seguindo uma ordem rígida. Aliás, alguns podem nem ser necessários, como a consulta ao Corpus Brasileiro em casos de autossuficiência do *corpus* de base – ou seja, nos casos em que o C-ORAL-BRASIL apresenta um número de orações suficiente para se chegar à generalização indispensável à identificação de um padrão lexicogramatical. No caso do procedimento referente à elaboração de redes de sistema, de maneira específica, haverá momentos no Capítulo 6 em que não será possível sua execução, dada a limitação da análise de um único verbo para a criação de paradigmas em um nível mais refinado.

5.3 Considerações do capítulo

Neste capítulo, o propósito foi situar o estudo em um quadro metodológico. De maneira essencial, tem-se uma pesquisa indutiva, descritiva, qualitativa, básica e que segue a metodologia de *corpus*. São adotados dois *corpora*, sendo o C-ORAL-BRASIL de base e o Corpus Brasileiro de consulta. Por fim, foram apresentados os procedimentos seguidos no processo de análise e descrição, que envolve a busca de padrões lexicogramaticais.

Com esse capítulo metodológico, e considerando os Capítulos 2 e 3 apresentados anteriormente, tem-se, portanto, uma apresentação da teoria e do método utilizados como norte para se atingir os objetivos propostos nesta tese. Nos capítulos seguintes são apresentados os resultados obtidos.

6 O VERBO *DAR*: DESCRIÇÃO SISTÊMICO-FUNCIONAL

Este capítulo é o primeiro a dispor, com base na LSF (ver Capítulo 2), a análise transitiva das orações com o verbo *dar*. Encontra-se dividido em seis seções: em 6.1 são definidas as orações analisadas; de 6.2 a 6.7 são apresentados os sentidos experienciais associados aos padrões de transitividade com a forma verbal *dar*; por fim, em 6.8 são apresentados exemplos de orações em que o *dar* é um verbo auxiliar em complexos verbais.

6.1 Definição das orações analisadas

O *software* SysConc retornou um total de 1061 ocorrências com as formas do verbo *dar* (como já dito no capítulo metodológico). Após uma análise de cada uma dessas ocorrências, constatou-se que 161 não correspondiam a verbos; foram duas ocorrências do nome *dado* (exemplo (46)), quatro ocorrências de parte de sigla¹⁰³ (exemplo (47)) e 155 ocorrências do pronome demonstrativo *desse(s)* (exemplos (48) a (50)).

- (46) <primeiro cê> vai jogar o **dado** // (bfamcv04)
- (47) mas cê vê que tem um efeito bom aqui de [/1] de três **dê** / olha // (bpubdl09)
- (48) <Nossa> // eu vou dar um trem <**desse** pra minha mãe / velho> // (bfamcv28)
- (49) um apartamento / num [/1] num prédio **desse** / todo mundo vai achar bom // (bfammn19)
- (50) eu / realmente eu acredito / que / o professor / ele tem que ter noções de [/1] **desse**s outros fatores que vão influenciar a sala de aula // (bpubdl10)

Expressões como essas foram destacadas pelo concordanceador por possuírem a mesma expressão grafológica de algumas conjugações do verbo *dar*. No caso do exemplo (46), tem-se a mesma forma de expressão do verbo no particípio; no exemplo (47), a mesma forma do verbo na 1ª e 3ª pessoas do presente do subjuntivo e na 3ª pessoa do imperativo; nos exemplos (48) e (49) forma semelhante à 1ª e 3ª pessoas do pretérito do subjuntivo; já no exemplo (50) tem-se a mesma forma da 2ª pessoa do subjuntivo. Como o *corpus* não é anotado em acordo com o SysConc, o processo de separação de expressões com essas formas não verbais teve de ser feito manualmente.

¹⁰³ Isso se dá porque, no C-ORAL-BRASIL, as siglas são transcritas da maneira como são pronunciadas.

Além disso, das expressões destacadas pelo concordanceador, quatro apresentam transcrições contestáveis (exemplo (51)), 25 são truncadas (exemplos (52) e (53)) e três possuem um trecho não identificado (exemplo (54)).

- (51) <tem> / sabe como // **dá** <muitos> ano que eu nũ encontro com o pessoal // (bfamdl28)
- (52) <**dá** um> + como é que chama // (bpubdl09)
- (53) mas / viver de pescar / eu nũ **dou** [/2] nũ tô mais não // (bpubmn06)
- (54) <se nũ for **dar** yyyy> // <é> // (bfamcv32)

No caso do exemplo (51), apesar de a transcrição demonstrar a forma *dá*, consultando o áudio, fica a dúvida entre as formas *dá*, *há* e *tá*; uma oração como essa se torna inválida para os propósitos desta tese porque não se sabe ao certo qual a natureza do processo em questão. Já nos exemplos (52) e (53), a oração iniciada com a forma verbal *dar* não é concluída pelo falante. O exemplo (54), por seu turno, contém um trecho não identificado pelo transcritor (marcado por yyyy); essa não identificação pode ocorrer por fatores como sobreposição de falas dos informantes, ruídos de fundo, fala muito rápida, fala muito baixa etc. (MELLO *et al.*, 2012). As orações de (52) a (54) tornam-se inválidas para os propósitos desta tese porque a falta dos participantes impossibilita a análise transitiva.

Nesse sentido, restaram 869 expressões em que a forma identificada pelo concordanceador classifica-se como (i) verbo (ii) em orações com transcrição não contestável, (iii) não truncadas e (iv) sem trechos não identificados.

Com essas 869 orações à disposição, admitiu-se como certa a afirmação de Neale (2006, p. 148): “Embora seja possível reunir cada instância de uma forma verbal particular presente no *corpus*, um analista humano deve examinar cada instância do verbo para determinar seus sentidos”¹⁰⁴. Para descrever as orações com o verbo *dar*, resolveu-se por considerar cada uma dessas 869 orações, dado que, ao se considerar o eixo das escolhas (isto é, o eixo paradigmático), cada sentido é melhor apreendido a partir da comparação com outros incluídos em um mesmo grupo na formação de um paradigma. Em questão, nesta tese, está o paradigma formado pelas orações com o verbo *dar*, e a comparação é feita no sentido de se identificar, a partir do padrão de transitividade (principalmente os papéis de participante associados ao processo), qual a classificação de cada uma das orações dentro do modelo da gramática da experiência proposto na teoria linguística sistêmico-funcional (ver Capítulo 2).

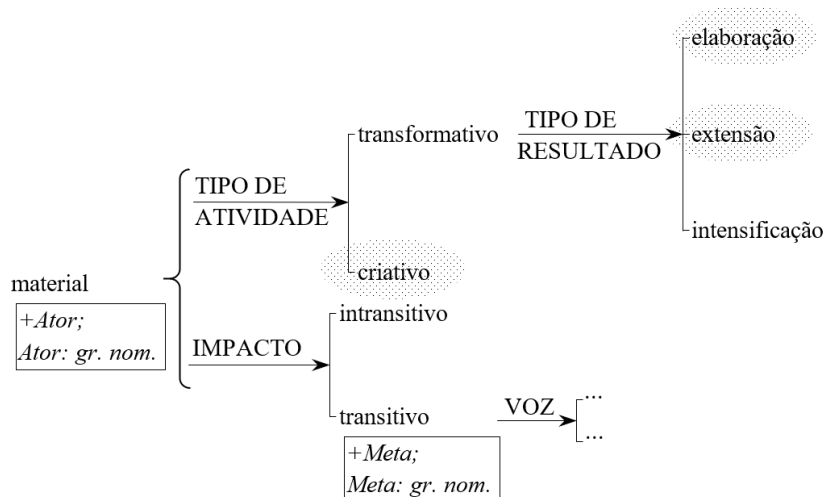
¹⁰⁴ “While it is possible to gather every instance of a particular verb form in the corpus, a human analyst must then examine each instance of the verb to determine its verb senses.”

Nas seções seguintes, serão apresentadas cada uma das categorias com as formas do verbo *dar*, com exceção das orações metafóricas, analisadas no Capítulo 7.

6.2 Verbo *dar* Material

No entendimento de Halliday e Matthiessen (1999, 2004), as orações enquadradas no domínio material são *criativas* ou *transformativas*. Essa classificação aborda a maneira como o desdobramento do processo impacta o participante inerente à figura representada na oração: se o participante na função de Meio tem existência anterior ao processo, a oração é do tipo material transformativo; se o participante passa a ter uma existência a partir do desdobramento do processo, trata-se de uma oração do tipo material criativo. Nesse sentido, uma oração como *o acidente **matou** 163 pessoas* (Corpus Brasileiro) é do tipo transformativo, com o participante *163 pessoas* sendo impactado pelo processo e passando do estado de vivo para o estado de morto. Já uma oração como *[Esaú] **fundou** a cidade de Edom* (Corpus Brasileiro) é do tipo criativo, com o participante *a cidade de Edom* passando a existir por meio do desdobramento do processo *fundar*.

Os processos transformativos podem ser de três tipos, a depender do resultado da transformação verificada a partir da natureza da oração relacional correspondente (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 149; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 186-189; MATTHIESSEN, 1995): (i) **elaboração**, que resulta em orações relacionais intensivas, como em *[ela] quebrou o vidro de granola* (bfamdl26) => *o vidro de granola está quebrado*; (ii) **extensão**, que resulta em orações relacionais possessivas, como em *ela deu um vidro de granola para Maria* => *Maria tem um vidro de granola*; ou (iii) **intensificação**, que resulta em orações relacionais do tipo circunstancial, como em *ela colocou o vidro de granola na mesa* => *o vidro de granola está na mesa*. A rede de sistema disposta na **Figura 44** representa essas opções:

Figura 44 – Tipos de Processo Material

Fonte: Recorte do sistema apresentado em Halliday e Matthiessen (2004, p. 183).

Em destaque, na **Figura 44**, estão as opções [transformativo: elaboração], [transformativo: extensão] e [criativo], todas suscetíveis de realizações com a forma verbal *dar*. Esta seção é subdividida de acordo com cada uma dessas três opções, adotando-se a seguinte ordem na apresentação: (i) *dar* transformativo de extensão – a subseção que toma o maior espaço em razão da representação sistêmica proposta a partir de Hasan (1996) –, (ii) *dar* transformativo de elaboração e (iii) *dar* criativo.

6.2.1 Verbo *dar* transformativo de extensão

Uma categoria relacionada ao verbo *dar* é aquela na qual o seu uso representa a transferência ou concessão de algo para alguém. A oração assume a organização transitiva em que o Processo Material é acompanhado dos papéis de participante Ator, Meta e Receptor, sendo que o Ator e o Receptor podem estar claramente expressos ou não. As orações de (55) a (61) exemplificam esse padrão:

- (55) o outro tio do Anderson vai **dar** a máquina de lavar // Brastemp [para os noivos] // (bfamcv02)
- (56) <Nossa> // eu vou **dar** um trem <desse pra minha mãe / velho> // (bfamcv28)
- (57) [Marco] <**dá** a almofada> marrom pra Helô // (bfamcv33)
- (58) o Silvio Santos na [/1] no essebetê / já **deu** seis prêmios de um-milhão de reais [para os telespectadores] // (bfamdl14)
- (59) pera aí // deixa eu só terminar de dar uma geral // [eu vou] te **dar** a vassoura // (bfamdl26)
- (60) me **dá** um aí / João // um pedaço [de alguma comida] // (bfamdl31)

(61) aquele <carinha> do Alexandre lá ele me **deu** o desenho dele // (bpubdl01)

No caso do Ator e do Recebedor, são participantes geralmente com a característica semântica [animado]: *o outro tio do Anderson, eu, Marco, o Silvio Santos, João, ele*. A Meta é geralmente um bem alienável entre o Ator e o Recebedor. O participante beneficiado com a transferência do bem alienável (Recebedor) é realizado, no nível do grupo, por um grupo nominal ou por um sintagma preposicional – no caso de um grupo nominal, a palavra na função de Ente é um pronome (exemplos (59) a (61)); no caso de sintagma preposicional, a preposição é *para/pra* (exemplos (56) e (57)) ou, menos frequentemente, *a* (*aos noivos, aos telespectadores* etc.). As orações (56) e (61) são apresentadas na **Figura 45** para ilustrar essa análise.

Figura 45 – Papéis de participante e suas realizações em orações com *dar* transformativo de extensão

eu	vou dar	um trem desse	pra minha mãe
Ator [+animado]	Processo Material	Meta [+alienável]	Recebedor [+animado]
Agente	Processo	Meio	Beneficiário
grupo nominal	grupo verbal:: <i>dar</i>	grupo nominal	sintagma preposicional:: <i>pra, para, a</i>

ele [aquele carinha do Alexandre lá]	me	deu	o desenho dele
Ator [+animado]	Recebedor [+animado]	Processo Material	Meta [+alienável]
grupo nominal	grupo nominal:: <i>me, te, nos, lhe (pronomes pessoais na forma oblíqua)</i>	grupo verbal:: <i>dar</i>	grupo nominal

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

Desse modo, são estabelecidos critérios semânticos e lexicogramaticais para a classificação de uma dada oração com o verbo *dar* como pertencente ao endereço sistêmico [transformativo: extensão]. Os critérios semânticos referem-se ao fato de o Ator e o Recebedor serem geralmente animados e de a Meta ser geralmente alienável. Os critérios lexicogramaticais referem-se à forma de realização (em ordens inferiores à da oração) e organização dos papéis de participante.

Às orações em questão, ainda podem ser aplicados testes de reexpressão para que a interpretação seja assegurada. Aqui, consideramos os seguintes testes: (i) para a identificação do papel de participante Ator, a pergunta *O que X fez?* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 181) ou a afirmação *O que X fez foi...* (TUCKER, 2014a, p. 38); (ii) para o papel de participante Meta, a pergunta *O que aconteceu com Y?* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004,

p. 181) ou a afirmação *O que aconteceu com Y foi que...* (TUCKER, 2014a, p. 39); (iii) para a identificação dos papéis de participante Ator e Meta concomitantemente, a pergunta *O que X fez com Y?* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 181); (iv) para o participante Recebedor, a forma receptiva com os verbos *ganhar* e *receber* – *O que X ganhou/recebeu?* ou *O que X ganhou/recebeu foi...* O **Quadro 12**, a seguir, ordena a aplicação dessas perguntas e afirmações-teste à oração (61).

Quadro 12 – Orações com o verbo *dar* transformativo: perguntas e afirmações-teste

Tipo	Teste	Exemplo
Teste para Ator	O que X fez?	- O que ele fez? - Ele me deu o desenho dele.
	O que X fez foi...	O que ele fez foi me dar o desenho dele.
Teste para Meta	O que aconteceu com Y?	- O que aconteceu com o desenho dele? - Foi dado para mim.
	O que aconteceu com Y foi que...	O que aconteceu com o desenho dele foi que ele foi dado para mim.
Teste para Ator e Meta	O que X fez com Y?	- O que ele fez com o desenho dele? - Ele o deu para mim.
Teste para Recebedor	O que X ganhou/recebeu?	- O que eu ganhei/recebi? - Ganhei/recebi o desenho dele
	O que X ganhou/recebeu foi...	O que eu ganhei/recebi foi o desenho dele [aquele carinha do Alexandre lá].

Fonte: O autor (2019), com base em perguntas-teste presentes em Halliday e Matthiessen (2004, p. 181) e afirmações-teste presentes em Tucker (2014a).

Segundo Neale (2006, p. 156), testes como esses representam modos a partir dos quais a oração pode ser reexpressa, sendo úteis na elucidação de funções na organização transitiva. No caso dos testes aqui apresentados, eles permitem identificar se o participante na função de Ator age, se o participante na função de Meta é transformado (e não criado) e se o participante na função de Recebedor é beneficiado. Caso uma dada oração com o verbo *dar* não possa ser sondada por essas reexpressões, há a probabilidade de estarmos diante de outra região da experiência que não a apresentada nesta seção.

O teste para Recebedor (*o que x ganhou/recebeu?*), de maneira específica, demonstra o fato de as orações deste grupo poderem apresentar a estrutura receptiva também com verbos como *ganhar* e/ou *receber*. A estrutura receptiva com o grupo verbal na voz passiva é admissível apenas com o papel de participante Meta na posição de Sujeito (exemplo (62)), não sendo possível a confluência Recebedor/Sujeito (exemplo (63)). Em outras palavras, não se tem a dupla passivização:

- (62) O desenho dele foi dado para mim (por ele). (Meta/Sujeito)
 (63) *Eu fui dado o desenho dele (por ele). (Recebedor/Sujeito)

Como expresso na **Figura 46**, a impossibilidade da dupla passivização contrasta com o que Tucker (2014a, p. 37-38) observa na língua inglesa.

Figura 46 – Formas receptivas (inglês e português) de orações transformativas de extensão

Forma	Glosa								
operativa	the	ex-soldier	gave	him	his	ticket			
	o	ex-soldado	dar+ PAS	ele+OBL	ele+POS	bilhete			
	o ex-soldado lhe deu seu bilhete								
receptiva (Meta/Sujeito)	his	ticket	was	given	to	him	by	the	ex-soldier
	ele+POS	bilhete	ser+PAS	dar+PART	para	ele+OBL	por	o	ex-soldado
	Seu bilhete lhe foi dado pelo ex-soldado (Meta/Sujeito)								
receptiva (Recebedor / Sujeito)	he	was	given	his	ticket	by	the	ex-soldier	
	ele	ser+PAS	dar+PART	ele+POS	bilhete	por	o	ex-soldado	
	*Ele foi dado seu bilhete pelo ex-soldado								

Fonte: Exemplos em inglês copiados de Tucker (2014a, p. 37-38). Glosa e tradução nossa.

De todo modo, pode-se generalizar e afirmar que o verbo *dar* transformativo é aquele em que há a transferência ou concessão de algo. A configuração transitiva aponta o participante Ator (necessariamente Agente) como responsável pela transferência ou concessão, o participante Meta (necessariamente Meio) como representante do bem transferido ou concedido e o participante Recebedor como o beneficiado pela transferência.

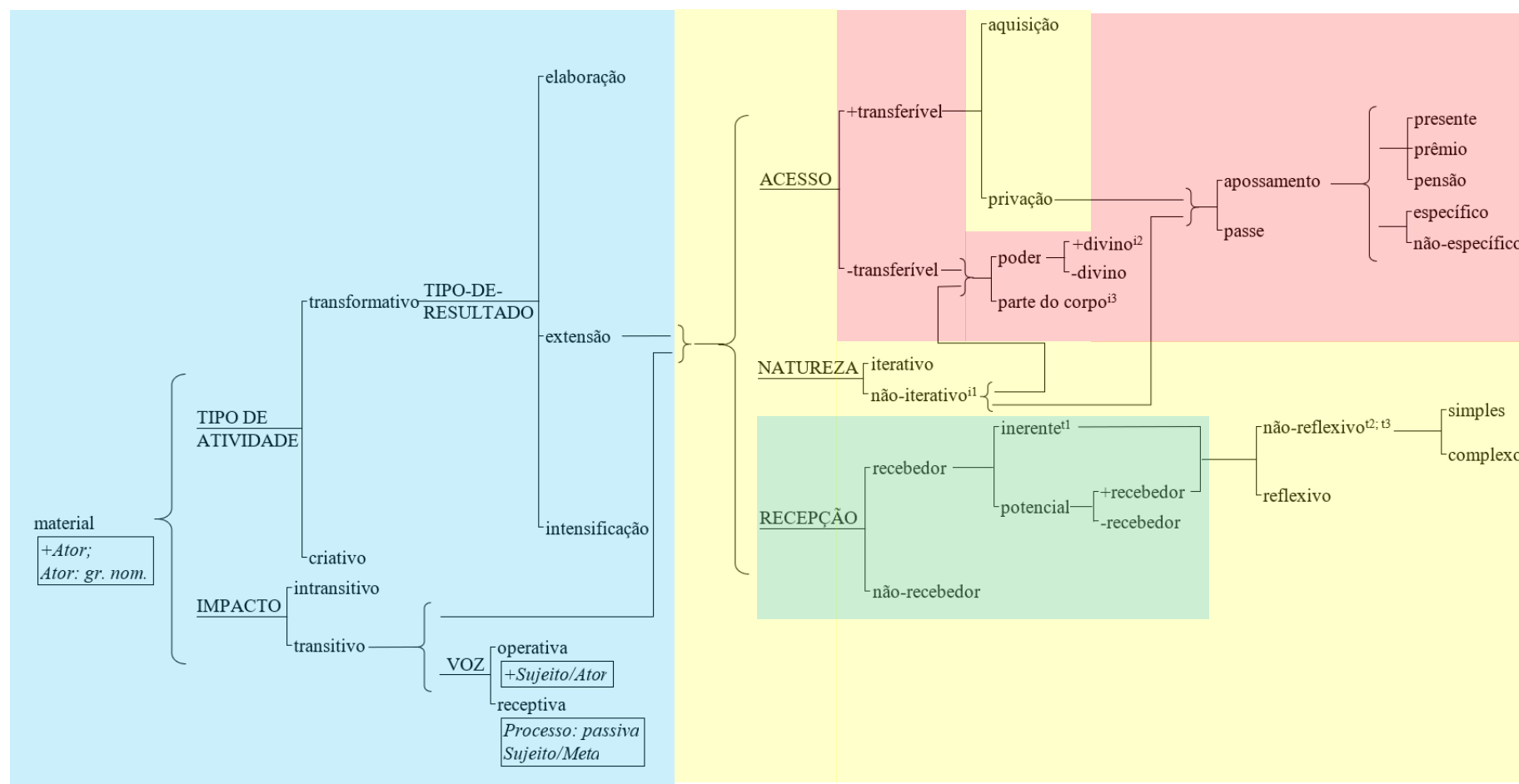
Considerando o sistema apresentado na **Figura 8**, o ponto de partida para a sistematização do verbo *dar*, nesse caso, é o termo [material]. Dentre os termos [criativo] e [transformativo] do sistema TIPO DE ATIVIDADE, segue-se com a opção [transformativo], pois, como visto, o *dar* analisado nesta seção não implica a criação de um participante (qual seja, o participante transferido). Já no sistema TIPO DE RESULTADO segue-se com o termo [extensão]. O endereço sistêmico [material: transformativo: extensão] pode ser visualizado na **Figura 44**.

Como Hasan (1996), na demonstração da ideia do léxico como uma gramática mais refinada (ver Capítulo 2, seção 2.3.3.1), elabora uma rede de sistema a partir do termo [extensão], com opções que nos direcionam a uma análise mais detalhada do tipo de oração com o verbo *dar* apresentado nesta seção, então a acompanharemos com o propósito de enriquecermos nossa análise. No entanto, considerando os dados de nossa pesquisa, observamos a necessidade de duas mudanças principais nos sistemas presentes na **Figura 20** (ver p. 52) e na **Figura 21** (ver p. 53): (i) o sistema de TIPO DE RESULTADO – com os termos

[elaboração], [extensão] e [intensificação] – é considerado equivalente ao sistema de ATO – com os respectivos termos [transformação], [disposição] e [locomoção]; (ii) são adicionadas, ao sistema de ACESSO, as opções [+transferível] e [-transferível].

Dadas essas observações, propomos uma rede de sistema proveniente da análise e descrição de orações com o verbo *dar* no seu sentido material transformativo de extensão (ver **Figura 47**).

Figura 47 – Sistematização das orações com o verbo *dar* transformativo



Fonte: A área destacada em azul é extraída de Halliday e Matthiessen (2004, p. 183); o destaque em amarelo é extraído de Hasan (1996, p. 79); o destaque em verde também é extraído de Hasan (*ibidem*), mas com os termos modificados de acordo com Halliday e Matthiessen (*ibidem*); os termos e sistemas no espaço vermelho foram criados com base nos dados da pesquisa.

Aqui, é utilizado o sistema de RECEPÇÃO – e não BENEFÍCIO, como o faz Hasan (1996) – por este ser específico das orações transitivas transformativas de extensão (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 183). Por entendermos que o sistema de BENEFÍCIO engloba tanto o participante Cliente como o participante Receptor, caso ele fosse utilizado, deveria ser disposto de maneira concomitante ao sistema de TIPO DE ATIVIDADE, dispensando os sistemas de CLIENTELA e RECEPÇÃO estabelecidos por Halliday e Matthiessen (2004, p. 183). Essa ideia da generalização do sistema de BENEFÍCIO é visualizada em Hasan (1996), que o dispõe ao lado do sistema de ATO (ver **Figura 20** e **Figura 21**), e em Matthiessen (1995, p. 231), que o associa ao sistema de VOZ; como, no entanto, a descrição sistêmica desenvolvida em Halliday e Matthiessen (2004) é mais atual e condizente com o amadurecimento do modelo teórico-descritivo da GSF, optou-se pela divisão que resulta nos sistemas de CLIENTELA e RECEPÇÃO, sendo este dependente do termo [extensão].

O sistema de RECEPÇÃO, no entanto, é refinado considerando o sistema de BENEFÍCIO de Hasan (1996) e a análise das orações do C-ORAL-BRASIL. Os termos [receptor], [não-receptor], [+receptor] e [-receptor], embora mais específicos, mantêm estreita relação com os termos [beneficiador], [não-beneficiador], [+benefactivo] e [-benefactivo], respectivamente. Além dessas equivalências aproximadas, alguns sistemas encontrados em Hasan (1996) foram dispensados, a exemplo do sistema com as opções [livre] e [limitado], dependente dos termos [não-reflexivo] e [iterativo], e o sistema com as opções [independente] e [cooperativo], dependente dos termos [não-beneficiário], [privação] e [iterativo].

Nas subseções seguintes é apresentado de maneira detalhada o foco de abrangência da rede de sistema da **Figura 47** em relação às orações com o verbo *dar* do tipo [transformativo: extensão]. Isso implicará um entendimento das opções dentro dos sistemas de ACESSO, NATUREZA e RECEPÇÃO, tudo exemplificado a partir das orações extraídas e analisadas do *corpus* C-ORAL-BRASIL e do Corpus Brasileiro. São reservadas sete subseções, assim distribuídas em relação aos seus propósitos: (i) o sistema de ACESSO; (ii) o sistema de NATUREZA; (iii) o sistema de RECEPÇÃO; (iv) distinção entre [apossamento] e [passe]; (v) ambiguidades entre [apossamento] e [passe]; e, por fim, (vi) as opções dependentes do termo [-transferível].

6.2.1.1 O sistema de ACESSO

Como dito no Capítulo 2, seção 2.3.3.1, do sistema de ACESSO, proposto por Hasan (1996), fazem parte os termos [aquisição] e [privação], que abrangem orações nas quais o

Evento conduz o Agente a, respectivamente, ganho (oração (64)) ou perda (oração (65)) do que é transferido e representado na função de Meio.

(64) Susan coletou algumas folhas do jardim¹⁰⁵ (HASAN, 1996, p. 88)

(65) ela distribuiu panfletos para os estudantes¹⁰⁶ (HASAN, 1996, p. 93)

Diferentemente da autora, nesta tese adota-se, nesse sistema, uma distinção entre orações com o participante Meta sem restrições de locomoção – tipo [+transferível] – e orações com o mesmo participante apresentando restrições de locomoção – tipo [-transferível]. A restrição de locomoção aqui considerada refere-se à possibilidade de o referente do participante Meta ser devolvido (ver exemplo (66), do tipo [+transferível]) ou não (ver exemplo (67), do tipo [-transferível]) do Recebedor para o Ator.

(66) <ô Sander / me **dá** mais um / pão de queijo aí> // (bfamcv06) => eu **devolvi** o pão de queijo para o Sander

(67) ele [o professor] me **deu** cem no estágio / (bfammn34) => *eu **devolvi** o cem para o professor

As regras de realização do termo [+transferível] são semelhantes às que Hasan (1996, p. 76-77) aponta para o termo [disposição]:

1. Processo Material: Evento; Evento: mudança de localização do Meio.
2. Meio: Ente; Ente: objeto alienável.
3. Agente: Ente; Ente: humano, pessoa ou instituição.

Já para o termo [-transferível] há diferenças no que se refere à realização do Processo, do Meio e do Agente:

1. Processo Material: Evento; Evento: **sem mudança de localização do Meio**.
2. Meio: Ente; Ente: **não necessariamente alienável**.
3. Agente: Ente; Ente: **ser animado**, instituição ou **divindade**.

As orações com o verbo *dar* do tipo [+transferível] analisadas nesta seção aproximam-se daquelas associadas ao termo [privação], exemplificadas em (65). Ou seja, de orações como as já demonstradas de (55) a (61), o Evento realizado pela forma verbal *dar* leva o Agente à

¹⁰⁵ “Susan collected some leaves from the garden”.

¹⁰⁶ “she distributed pamphlets to the students”.

perda de acesso ao Meio. Aqui evidencia-se o sentido de transferência do processo realizado pelo verbo em questão: se alguém dá algo (para um outro alguém), então está transferindo o acesso desse algo, de uma forma que está se privando dele.

6.2.1.2 O sistema de NATUREZA

A oração (65), extraída de Hasan (1996, p. 93), e as orações com o verbo *dar* de (55) a (61) compartilham o mesmo endereço sistêmico [material: transformativo: extensão: +transferível: privação] dentro da configuração proposta na **Figura 47**. Uma diferença entre elas repousa na combinação com o sistema de NATUREZA. Enquanto as orações consideradas por Hasan (1996) são do tipo [iterativo], as analisadas nesta seção são do tipo [não-iterativo]. Embora esse sistema não seja explicitado por Hasan (1996), entende-se que suas duas opções são passíveis de comparação com a taxonomia dos verbos baseada no tempo aspectual (ver, por exemplo, Vendler (1967), apresentado no Capítulo 4). No entender de Fossile (2012, p. 51-52), o tempo aspectual

evidencia o tempo enquanto propriedade inerente ao próprio evento, expressando a natureza interna de uma situação [...]. Nesse caso, o aspecto faz referência a como uma situação [ou evento] se desenvolve no tempo, isto é, se se desenvolve de maneira prolongada, ou de maneira momentânea ou pontual, ou de forma repetida, ou de forma acabada, ou de forma não-acabada, ou se se apresenta em sua fase inicial ou em sua fase medial ou em sua fase final, etc.

Considerando o **Quadro 8** apresentado no Capítulo 4 (p. 95), a diferença entre [iterativo] e [não-iterativo] parece se aproximar da distinção entre eventos com o traço durativo e eventos com o traço instantâneo, respectivamente. No caso do verbo *distribuir*, como usado no exemplo (65), veja-se que consiste em um evento que possui um tempo interno contínuo, portanto um evento constituído de sucessivas fases seguindo uma à outra até que se possa dizer que o Agente se privou de pelo menos alguns panfletos. Essa natureza iterativa (HASAN, 1996) mantém semelhanças com a classe aspectual atividade (VENDLER, 1967). Além de durativo, o evento descrito pelo verbo *distribuir* é atético, dada a não necessidade de um “ponto terminal” (VENDLER, 1967, p. 100), sendo esse entendimento confirmado diante da seguinte situação: tendo o Agente começado a distribuir panfletos para os estudantes, se, por algum motivo, o evento for interrompido, ainda assim é verdadeira a oração *ela distribuiu panfletos para os estudantes*.

Com o verbo *dar*, em uma oração como *o Zé Carlos vai dar a televisão [de presente] [para os noivos]* (bfamcv02), apesar de a natureza de tempo interno contínuo não ser de todo contestada, dada a possibilidade da reexpressão *o Zé Carlos está dando a televisão [para os noivos]*, ainda assim já não se tem os aspectos durativo e atélico¹⁰⁷. Ou seja, no evento em que se dá um presente para alguém, a privação não segue um conjunto de fases internas. Essa natureza não-iterativa é semelhante à classe aspectual *achievement* constituinte da taxonomia verbal baseada no tempo aspectual (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999; CANÇADO; AMARAL, 2016; VENDLER, 1967); aplicando-se a mesma situação demonstrada para a oração com o verbo *distribuir*, o resultado é diferente: tendo o Agente começado a dar o presente para os noivos, se, por algum motivo, o evento for interrompido, não será verdadeira a oração *o Zé Carlos deu a televisão [de presente] [para os noivos]*. Esse teste demonstra que o verbo *dar*, nessa situação, é télico, dada a presença de um ponto terminal, mas, como causa estranheza dizer que *alguém começou a dar um presente*, também se verifica seu aspecto instantâneo (e não durativo), portanto se confirmando sua associação ao termo [não-iterativo] do sistema de ACESSO.

Orações do tipo [iterativo], como a exemplificada em (65), podem ser reexpressas como *ela demorou três horas para distribuir os panfletos para os estudantes*. Ainda, dentro do espaço temporal de três horas, o Agente pode ter interrompido a ação (por, digamos, 25 minutos) e voltado a realizá-la algum tempo depois. Por seu turno, uma oração como *a mãe da Fafica vai dar o fogão [de presente] [para os noivos]* (bfamcv02) não pode ser reexpressa como **a mãe da Fafica demorou 3 horas para dar o fogão*¹⁰⁸; por ser uma ação instantânea, como demonstrado no parágrafo anterior, por consequência também se desenrola de maneira ininterrupta sem se estender em uma linha temporal.

O sistema de NATUREZA é aqui adotado, seguindo Hasan (1996), para uma análise mais refinada das orações, mas reconhecendo-se, tal como Halliday e Matthiessen (1999), que a taxonomia baseada no tempo aspectual dos verbos, consoante a proposta por Vendler (1967), confere proeminência ao verbo *per se*, deixando para segundo plano a organização dos elementos que, na organização da oração, podem mudar seu sentido e, portanto, seu endereço sistêmico. Uma oração como *o presidente não está dando um presente às famílias dos mortos e desaparecidos* (Corpus Brasileiro), em que o participante Receptor está no plural, aproxima

¹⁰⁷ No Corpus Brasileiro, são encontradas orações como *o presidente não está dando um presente às famílias dos mortos e desaparecidos*, indicando que o verbo *dar* também pode ter o sentido iterativo. Nesse caso, lexicogramaticalmente, a natureza iterativa é indicada pelo nome que realiza o Receptor na forma plural.

¹⁰⁸ Essa oração é gramatical caso *demorar 3 horas* refira-se ao tempo de espera que precede o ato de *dar*.

o verbo *dar* do sentido de *distribuir*, e portanto é uma instância do tipo [iterativo] – é possível a reescrita afirmativa *o presidente demorou um mês para dar um presente às famílias dos mortos e desaparecidos*. Na análise das orações extraídas do C-ORAL-BRASIL não foram encontradas orações como essas e, por limitações inerentes a uma pesquisa de doutorado, não serão aqui analisadas para desenvolver o sistema dependente da combinação [privação; iterativo], mas fica aqui registrado que os sentidos do verbo *dar* associados ao endereço [material: transformativo: extensão: +transferível] não se limitam à combinação [privação; não-iterativo].

6.2.1.3 O sistema de RECEPÇÃO

O sistema de RECEPÇÃO é composto de dois termos: [recebedor] e [não-recebedor]. Essa divisão distingue entre as orações que requerem e as que não requerem a existência de um participante beneficiário. A opção [recebedor] é condição de entrada para um outro sistema, composto pelas opções [inerente] e [potencial]. Essa distinção está de acordo com Hasan (1996), para quem há uma diferença entre as orações que exigem um participante beneficiário (nesse caso, o Recebedor) e aquelas que possuem apenas o potencial de o apresentarem, portanto podendo ser do tipo [+recebedor] ou [-recebedor]. As orações com o verbo *dar* transformativo aqui analisadas são do tipo [recebedor: inerente]; em outras palavras, são orações que necessariamente requerem um participante Recebedor, mesmo que não esteja expresso. Oações do tipo [potencial] permitem (mas não necessariamente implicam/requerem) o participante Recebedor, podendo, por conseguinte, ser do tipo [+recebedor] – *eu comprei um livro para João*¹⁰⁹ (HASAN, 1996, p. 82) – ou [-recebedor] – *eu comprei um livro*¹¹⁰ (HASAN, 1996, p. 82).

A opção [inerente] (ou, também, [+recebedor]) é condição de entrada para um sistema que divide as orações entre [não-reflexivo], em que o referente do participante Recebedor é diferente daquele do Ator, e [reflexivo], em que os participantes nos papéis de Recebedor e Ator são correferentes. Por isso são possíveis os pares (68)-(69) e (70)-(71), que apresentam orações com as opções [não-reflexivo] e [reflexivo].

(68) foi uma compra grande / **deu** / presente pa meninada dela toda // (bfammn03)

(69) foi uma compra grande, ela **se deu** vários presentes (reescrita reflexiva de bfammn03))

¹⁰⁹ “I bought John a book.”

¹¹⁰ “I bought a book.”

- (70) Marco / [me] **dá** essa almofada <marrom aí / o’> // (bfamcv33)
 (71) Marco **se deu** a almofada marrom (reescrita reflexiva de bfamcv33)

O termo [não-reflexivo] é condição de entrada para o sistema que distingue as orações entre [simples] e [complexas]. Todas as orações de (55) a (61) são instâncias do termo [simples]. As orações do tipo [complexo] se distinguem por representarem dois participantes na posição de Recebedor, a exemplo da seguinte reescrita da oração (57): *Marco, me dá a almofada marrom pra Helô*. A figura a seguir ilustra essa diferença no sistema de RECEPÇÃO:

Figura 48 – Orações dos tipos [simples] e [complexo] no sistema de RECEPÇÃO

[simples]	[Marco]	dá	a almofada marrom	pra Helô	
	Ator	Pr.: Material	Meta	Recebedor	
[complexo]	Marco,	me	dá	a almofada marrom	pra Helô
	Ator	Recebedor-1	Pr.: Material	Meta	Recebedor-2

Fonte: O autor (2019). Oração do tipo [simples] extraída do C-ORAL-BRASIL. A oração do tipo [complexo] é uma reescrita.

Nas orações do tipo [complexo], a complexidade refere-se à quantidade de participantes no papel de Recebedor, sendo o Recebedor-2 o participante final do processo de beneficiamento. Para o caso da oração (57), seria possível a expressão da complexidade no nível da oração, por meio de orações complexas: ||| *Marco, me dá essa almofada* || para eu **dar** para o João||| ou, utilizando o verbo *passar*, ||| *Marco, me passa essa almofada* || para eu **passar** para o João|||.

6.2.1.4 Distinção entre [apossamento] e [passe]

As duas opções formadoras do sistema imediatamente dependente do termo [privação] são identificadas em função da natureza do processo realizado pela forma verbal *dar*, sendo essa natureza indicada pelo próprio nome conferido aos termos: *apossamento* e *passe*. Os termos [apossamento] e [passe] distinguem aquelas orações em que a privação do Ente na função de Meta implica posse inerente por parte do participante na função de Recebedor, portanto representando um *ganho*, e aquelas em que a Meta implica uma posse transitória¹¹¹,

¹¹¹ Os termos *posse inerente* e *posse transitória* foram tomados emprestados de Borba (1990).

portanto representando um *passe*. As orações de (72) a (77) são instâncias da opção [apossamento] enquanto as oração de (78) a (80) exemplificam a opção [passe]:

- (72) o outro tio do Anderson vai **dar** a máquina de lavar // Brastemp [para os noivos] // (bfamcv02)
- (73) foi uma compra grande / **deu** / presente pa meninada dela toda // (bfammn03)
- (74) ela decidiu ir na escola que eu **dei** o carimbo pra ela hhh // (bfamcv26)
- (75) o Silvio Santos na [/1] no essebetê / já **deu** seis prêmios de um-milhão de reais // (bfamdl14)
- (76) ou seja se cê nã / destacar / e não conseguir ganhar o prêmio eles te **dão** / acho que cem reais / <uma coisa assim> // (bfamdl14)
- (77) entendeu // mas / Luciano era meio da pá virada / nã [/1] nã [/1] nã **dava** pensão / nem nada // (bfamdl22)
- (78) Marco / **dá** essa almofada <marrom aí / o'> // (bfamcv33)
- (79) eu te chamei três vezes p' cê me **dar** ele [o bebê] // (bfammn35)
- (80) cê vai me perdoar / bobo // mas eu nã tô **dando** <bola pr' ocê não> [em um jogo de futebol] // (bfamcv05)

Uma das justificativas para a distinção entre [apossamento] e [passe] é encontrada na aplicação de dois testes: (i) o teste com o verbo *ganhar* na forma receptiva e (ii) o teste com o verbo *ter* e *estar* na oração relacional correspondente. As orações do tipo [apossamento] podem, na forma receptiva, ser realizadas pela forma verbal *ganhar*: *os noivos vão ganhar a máquina de lavar Brastemp*; *a meninada toda ganhou presente*; *ela ganhou um carimbo*; *seis pessoas já ganharam prêmios de um milhão de reais*. Orações receptivas com essa configuração são atestadas no Corpus Brasileiro:

- (81) Lena Neves Baptista **ganhou** presente do noivo Fernando Santos (Corpus Brasileiro)
- (82) «O Piano», de Jane Campion, **ganhou** prêmio de roteiro original (Corpus Brasileiro)
- (83) Lady Augusta deteve a custódia dos filhos do casal e **ganhou** uma pensão anual de £ 4 mil (Corpus Brasileiro)

Esse teste não se aplica às orações do tipo [passe], como se verifica na impossibilidade de **Marcos ganhou essa almofada marrom*. Isso se dá porque, como verificado a partir do contexto no qual as orações de (78) a (80) estão inseridas, apesar de os participantes *almofada*, *bebê* e *bola* manterem uma relação de posse com o Recebedor, essa posse é transitória, não significando que houve um ganho. Ou seja, havendo o passe da *almofada marrom* (78), do *bebê* (79) e da *bola* (80), não se pode dizer que seus respectivos Receptores a/o ganharam. Note-se

que as orações do tipo [passe] possuem o sentido de *passar*, podendo ser reexpressas com esse verbo na forma operativa: *Marco, passa essa almofada marrom aí; [...] pra cê me passar ele [o bebê]; eu nũ tô passando bola pr' ocê não*¹¹².

Quanto ao segundo teste, as instâncias do tipo [apossamento] são melhor reexpressas por orações relacionais com o verbo *ter*. As orações do tipo [passe], por seu turno, são mais naturalmente reexpressas por orações relacionais com a forma verbal *estar* (*com*). O **Quadro 13** demonstra a aplicação desse teste às orações aqui analisadas.

Quadro 13 – [apossamento] vs. [passe]: teste com o verbo *ter* e a construção *estar com*

	Oração	Reexpressão
[apossamento]	o outro tio do Anderson vai dar a máquina de lavar Brastemp [para os noivos]	Os noivos têm uma máquina de lavar Brastemp.
	[ela] deu presente pa meninada dela toda	A meninada toda tem presente.
	eu dei o carimbo pra ela	Ela tem um carimbo.
	o Silvio Santos deu seis prêmios de um-milhão de reais	[o ganhador] tem um milhão de reais (na conta corrente).
	eles te dão acho que cem reais	[o ganhador] tem cem reais (no bolso)
	Luciano nũ dava pensão [para os filhos]	Os filhos tinham uma pensão.
[passe]	Marco [me] dá essa almofada marrom aí	Eu estou com a almofada marrom.
	[...] pra cê me dar ele [o bebê]	Eu estou com o bebê.
	eu nũ tô dando bola pr' ocê não	Você não está com a bola.

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

Nesses casos, o verbo *ter* é associado a posse inerente, enquanto o verbo *estar* a posse transitória. Essa relação de posse inerente ou transitória ainda é atestada por meio das seguintes reexpressões, em que as orações com os sentidos de apossamento e de passe estão mais próximas das construções *é de* e *está com*, respectivamente: *os noivos têm uma máquina de lavar Brastemp => a máquina de lavar Brastemp é dos noivos* (posse inerente); *a meninada toda tem presente => os presentes são da meninada* (posse inerente); *eu estou com a almofada marrom => a almofada marrom está comigo* (posse transitória); *eu estou com o bebê => o bebê está comigo* (posse transitória). Isso não implica dizer que orações como *os noivos estão com uma máquina de lavar Brastemp* e *eu tenho a almofada marrom* sejam impossíveis com os respectivos sentidos de posse inerente e posse transitória, mas, nesses casos, tem-se uma dependência maior do contexto e devem ser consideradas marcadas.

¹¹² O contexto de uso desta oração envolve a atividade de jogar futebol. Nesse caso específico, o sentido de *dar bola* é semelhante ao de *passar bola*, e não o de *ter interesse por algo ou alguém* (comumente usado no Português Brasileiro).

O termo [apossamento], em uma análise mais refinada, ainda conduz a dois sistemas que ocorrem de maneira concomitante: um dos sistemas indica qual a natureza do aposseamento, se *presente*, *prêmio* ou *pensão*; o outro indica se é ou não especificada a natureza do aposseamento. As orações de (72) a (74) são exemplos do tipo [presente]; as orações (75) e (76) são exemplos do tipo [prêmio]; já a oração (77) exemplifica o tipo [pensão].

Todas as orações associadas a esses três termos podem ser expressas de três formas diferentes. Uma primeira expressão é aquela em que o tipo de aposseamento já é indicado pelos nomes *presente*, *prêmio* ou *pensão* na função de Ente do grupo nominal que realiza a Meta (segunda coluna do **Quadro 14**). Na segunda expressão, o tipo de aposseamento é expresso por meio de Circunstância de Guisa realizada por sintagma preposicional constituído da preposição *de* e seguido dos nomes *presente*, *prêmio* ou *pensão* (terceira coluna do **Quadro 14**). Por fim, na terceira expressão tem-se a organização transitiva em que não é especificado o tipo de aposseamento (quarta coluna do **Quadro 14**).

Quadro 14 – Interseção dos sistemas dependentes do termo [apossamento]

	[específico]		[não-específico]
	Meta	Circunstância de Guisa	Sem indicação do tipo de aposseamento
[presente]	<i>o outro tio do Anderson vai dar um presente [para os noivos]</i> (reexpressão de bfamcv02)	<i>o outro tio do Anderson vai dar a máquina de lavar Brastemp de presente [para os noivos]</i> (reexpressão de bfamcv02)	<i>o outro tio do Anderson vai dar a máquina de lavar Brastemp [para os noivos]</i> (bfamcv02)
[prêmio]	<i>eles te dão acho que um prêmio de cem reais</i> (reescrita de bfamdl14)	<i>eles te dão cem reais de prêmio</i> (reescrita de bfamdl14)	<i>eles te dão / acho que cem reais</i> (bfamdl14)
[pensão]	<i>Luciano ã dava pensão [para o filho]</i> (bfamdl22)	<i>Luciano dava um salário mínimo de pensão [para o filho]</i> (reescrita de bfamdl22)	<i>Luciano dava um salário mínimo [para o filho]</i> (reescrita de bfamdl22)

Fonte: O autor (2019).

As expressões em que é indicado o tipo de aposseamento, seja por meio da Meta, seja por meio da Circunstância de Guisa, são do tipo [específico], ou seja, especifica-se o tipo de posse representada. Já as expressões em que não é indicado o tipo de aposseamento são do tipo [não-específico]. Para algumas orações do tipo [não-específico], quando fora do contexto de situação, não é possível saber se se trata de *presente*, *prêmio* ou *pensão*. Uma oração como *Luciano deu um salário mínimo* (reescrita de bfamdl22) poderia ter os sentidos *Luciano deu um salário mínimo de presente*, *Luciano deu um salário mínimo de prêmio* ou *Luciano deu um*

salário mínimo de pensão. Em outras palavras, a diferença entre os termos [específico] e [não-específico] repousa na atribuição ou não da condição de *presente*, *prêmio* ou *pensão* ao que é representado na função de Meta.

Por essas semelhanças lexicogramaticais, as orações de (72) a (77) são todas associadas ao termo [apossamento]. A distinção entre [presente], [prêmio] e [pensão] aponta um nível máximo de refinamento, a partir do qual não se pode ter outras orações senão aquelas com os sentidos de ganho de, respectivamente, presente, prêmio e pensão. A partir de uma análise mais extensa de dados linguísticos, esse sistema tripartite pode, evidentemente, apresentar outros termos mutuamente exclusivos (a exemplo do termo [empréstimo]).

6.2.1.5 Ambiguidades entre [apossamento] e [passe]

Algumas expressões lexicogramaticais apresentam-se de modo igual para os dois sentidos de apossamento e passe. Quando isso ocorre, apenas o contexto é capaz de informar qual processo está sendo realizado pela oração. Uma oração como *Marco, [me] dá essa almofada marrom* é compreendida, dentro do contexto, como do tipo [passe], já que é evidenciado o sentido em que o Recebedor se beneficia do objeto *almofada* de modo transitório; no entanto, em outro contexto – por exemplo, em que alguém está pedindo *essa almofada marrom* de presente – já se tem o sentido de *apossamento* (ou seja, o participante *Marco* tornando o Recebedor possuidor da almofada). A evidência, mesmo diante de uma mesma expressão lexicogramatical, de que se tem dois fenômenos da experiência, é a possibilidade de uma oração complexa em que ora é representado o sentido de apossamento, ora o sentido de passe: *Marco me **presenteou** [apossamento] com uma almofada, **mas ainda** não me **deu** [passou] a almofada*.

Uma forma de se distinguir o sentido de apossamento do sentido de passe é por meio da observação da modificação do Ente do grupo nominal na função de Meta. Por exemplo, quando o Ente é modificado por artigos ou pronomes definidos, como *Marco, [me] dá **essa** almofada marrom*, há uma maior chance de a oração ser do tipo [passe]; sendo um artigo indefinido, a chance vira para o tipo [apossamento]: *o autor deu **um** presente aos leitores da Folha* (Corpus Brasileiro).

Pode haver casos de orações do tipo [passe] em que a função Recebedor não é expressa, como demonstrado nas orações (85) e (88), reescritas das orações (84) e (87), respectivamente. Essas reescritas evidenciam a possibilidade de, em um sintagma preposicional Classificador,

ser especificado o Possuidor¹¹³ do Ente no grupo nominal com o papel de Meta (ver **Figura 49**).

- (84) o autor deu um presente aos leitores da Folha (Corpus Brasileiro)
 (85) o autor deu o presente **dos leitores da Folha** (reescrita de (84))
 (86) o autor deu o presente dos leitores da Folha **para o editor** (reescrita de (84))
- (87) Rio vai dar pensão para ‘filhos do estupro’ (Corpus Brasileiro)
 (88) Rio vai dar a pensão **dos ‘filhos do estupro’** (reescrita de (87))
 (89) Rio vai dar a pensão dos ‘filhos do estupro’ **para famílias em situação de fome extrema** (reescrita de (87))

Figura 49 – Possuidor do Ente em sintagma preposicional com a função de Classificador

o	autor	deu	o	presente	dos	leitores da Folha
Ator		Pr.: Material	Meta			
gr. nominal		gr. verbal	grupo nominal			
Dêitico	Ente	Evento	Dêitico	Ente	Classificador	
					sintagma preposicional	
					Possuidor	

Fonte: O autor (2019). Oração extraída do Corpus Brasileiro.

Nesses casos, o sintagma preposicional, sendo um tipo de oração (ver Halliday e Matthiessen (2004, p. 359-361)), apresenta o participante Possuidor introduzido pela preposição *de* (*dos leitores da Folha*) e pode ser reescrito na forma relacional como *Os leitores da folha têm um presente* ou *o presente é dos leitores da folha*. A menos que o contexto indique o contrário, o Possuidor é também, implicitamente, o Recebedor (ou seja, o Recebedor e o Possuidor são correferentes).

No entanto, pode haver, na oração, implicitamente ou explicitamente, a indicação de um Recebedor, como nas reescritas (86) e (89); aqui, tem-se mudança de posse (realização do termo [apossamento]) ou um passe (realização do termo [passe]), em ambos os casos evidenciando-se o sentido de que algo pertencente a alguém é transferido (apossamento ou passe) para outra pessoa.

Na **Figura 50**, a seguir, são demonstradas, na primeira linha, as regras de realização dos termos [+transferível] e [privação] (essas regras de realização são comuns a todos os termos da primeira coluna da figura). Nas linhas que seguem são dispostas as seleções de expressão e as respectivas regras de realização das combinações possíveis entre os sistemas de ACESSO e

¹¹³ Ver Halliday e Matthiessen (2004, p. 359-361), para quem os sintagmas preposicionais são orações marginais.

RECEPÇÃO. Para cada seleção de expressão é associada, na segunda coluna, uma oração como exemplo. Por meio das orações analisadas, dentre outras informações, veja-se que a natureza beneficiária é atestada quando observada a realização do participante Recebedor no nível da palavra: em todos os casos, tem-se o uso da preposição *para/pra* ou de pronomes oblíquos como *te, me e nos*.

Figura 50 – Resumo das opções do tipo [+transferível]

[+transferível] Processo Material: Evento; Evento: mudança de localização do Meio. Meio: Ente; Ente: objeto alienável. Agente: Ente; Ente: humano, pessoa ou instituição. [privação] subcategorizar Evento como processo [material: transformativo: extensão] envolvendo locomoção do Meio com perda do Agente.				
[apossamento: [presente; específico]; não-reflexivo: simples] Circunstância de Guisa:: <i>de + presente</i> ou Meta: Ente; Ente:: <i>presente</i>	o Zé Carlos	vai dar	a televisão	de presente [para os noivos]
	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Circ. Recebedor
(reescrita de bfamcv02)				
[apossamento: [presente; não-específico]; não-reflexivo: simples]	o Zé Carlos	vai dar	a televisão	[para os noivos]
	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor
(bfamcv02)				
[apossamento: [prêmio; específico]; não-reflexivo: simples] Circunstância de Guisa:: <i>de/em + prêmio</i> ou Meta: Ente; Ente:: <i>prêmio</i>	o Sílvia Santos	deu	seis prêmios de um milhão de reais	
	Ator	Pr.: Mat.	Meta	
(bfamdl14)				
[apossamento: [prêmio; não-específico]; não-reflexivo: simples]	o Sílvia Santos	deu	seis milhões de reais	
	Ator	Pr.: Mat.	Meta	
(reescrita de bfamdl14)				
[apossamento: [pensão; específico]; não-reflexivo: simples] Circunstância de Guisa:: <i>de + pensão</i> ou Meta: Ente; Ente:: <i>pensão</i>	Luciano	nã dava	pensão [para os filhos]	
	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor
(bfamdl22)				
[apossamento: [pensão; não-específico]; não-reflexivo: simples]	Luciano	nã dava	dinheiro [para os filhos]	
	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor
(reescrita de bfamdl22)				

[apossamento: [presente; específico]; não-reflexivo: complexo] Circunstância de Guisa:: <i>de</i> + <i>presente</i> ou Meta: Ente; Ente:: <i>presente</i>	<table><tr><td>o Zé Carlos</td><td>vai dar</td><td>a televisão</td><td>de presente</td><td>[para os noivos]</td><td>para uma instituição de caridade</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td>Circ.</td><td>Recebedor-1</td><td>Recebedor-2</td></tr></table> (reescrita de bfamcv02)	o Zé Carlos	vai dar	a televisão	de presente	[para os noivos]	para uma instituição de caridade	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Circ.	Recebedor-1	Recebedor-2
o Zé Carlos	vai dar	a televisão	de presente	[para os noivos]	para uma instituição de caridade								
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Circ.	Recebedor-1	Recebedor-2								
[apossamento: [presente; não-específico]; não-reflexivo: complexo]	<table><tr><td>o Zé Carlos</td><td>vai dar</td><td>a televisão</td><td>[para os noivos]</td><td>para uma instituição de caridade</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td>Recebedor-1</td><td>Recebedor-2</td></tr></table> (reescrita de bfamcv02)	o Zé Carlos	vai dar	a televisão	[para os noivos]	para uma instituição de caridade	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-1	Recebedor-2		
o Zé Carlos	vai dar	a televisão	[para os noivos]	para uma instituição de caridade									
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-1	Recebedor-2									
[apossamento: [prêmio; específico]; não-reflexivo: complexo] Circunstância de Guisa:: <i>de/em</i> + <i>prêmio</i> ou Meta: Ente; Ente:: <i>prêmio</i>	<table><tr><td>o Sílvio Santos</td><td>deu</td><td>seis prêmios de um milhão de reais</td><td>para o falecido</td><td>para Maria</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td>Recebedor-1</td><td>Recebedor-2</td></tr></table> (reescrita de bfamdl14)	o Sílvio Santos	deu	seis prêmios de um milhão de reais	para o falecido	para Maria	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-1	Recebedor-2		
o Sílvio Santos	deu	seis prêmios de um milhão de reais	para o falecido	para Maria									
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-1	Recebedor-2									
[apossamento: [prêmio; não-específico]; não-reflexivo: complexo]	<table><tr><td>o Sílvio Santos</td><td>deu</td><td>seis milhões de reais</td><td>para o falecido</td><td>para Maria</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td>Recebedor-1</td><td>Recebedor-2</td></tr></table> (reescrita de bfamdl14)	o Sílvio Santos	deu	seis milhões de reais	para o falecido	para Maria	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-1	Recebedor-2		
o Sílvio Santos	deu	seis milhões de reais	para o falecido	para Maria									
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-1	Recebedor-2									
[apossamento: [pensão; específico]; não-reflexivo: complexo] [apossamento: [pensão; específico]; não-reflexivo: simples] Circunstância de Guisa:: <i>de</i> + <i>pensão</i> ou Meta: Ente; Ente:: <i>pensão</i>	<table><tr><td>Luciano</td><td>nũ dava</td><td>pensão</td><td>para seus filhos acima de 21 anos</td><td>para os recém-nascidos</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td>Recebedor-1</td><td>Recebedor-2</td></tr></table> (reescrita de bfamdl22)	Luciano	nũ dava	pensão	para seus filhos acima de 21 anos	para os recém-nascidos	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-1	Recebedor-2		
Luciano	nũ dava	pensão	para seus filhos acima de 21 anos	para os recém-nascidos									
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-1	Recebedor-2									
[apossamento: [pensão; não-específico]; não-reflexivo: complexo]	<table><tr><td>Luciano</td><td>nũ dava</td><td>o salário mínimo</td><td>para seus filhos acima de 21 anos</td><td>para os recém-nascidos</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td>Recebedor-1</td><td>Recebedor-2</td></tr></table> (reescrita de bfamdl22)	Luciano	nũ dava	o salário mínimo	para seus filhos acima de 21 anos	para os recém-nascidos	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-1	Recebedor-2		
Luciano	nũ dava	o salário mínimo	para seus filhos acima de 21 anos	para os recém-nascidos									
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-1	Recebedor-2									
[apossamento: [presente; específico]; reflexivo] Circunstância de Guisa:: <i>de</i> + <i>presente</i> ou Meta: Ente; Ente:: <i>presente</i>	<table><tr><td>o Zé Carlos</td><td>vai dar</td><td>a televisão</td><td>de presente</td><td>para si mesmo</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td>Circ.</td><td>Recebedor</td></tr></table> (reescrita de bfamcv02)	o Zé Carlos	vai dar	a televisão	de presente	para si mesmo	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Circ.	Recebedor		
o Zé Carlos	vai dar	a televisão	de presente	para si mesmo									
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Circ.	Recebedor									
[apossamento: [presente; não-específico]; reflexivo]	<table><tr><td>o Zé Carlos</td><td>vai dar</td><td>a televisão</td><td>para si mesmo</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td>Recebedor</td></tr></table> (reescrita de bfamcv02)	o Zé Carlos	vai dar	a televisão	para si mesmo	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor				
o Zé Carlos	vai dar	a televisão	para si mesmo										
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor										

[apossamento: [prêmio; específico]; reflexivo] Circunstância de Guisa:: <i>de/em + prêmio</i> ou Meta: Ente; Ente:: <i>prêmio</i>	<table><tr><td>o Sílvio Santos</td><td>deu</td><td colspan="2">seis prêmios de um milhão de reais</td><td>para si mesmo</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td>Recebedor</td></tr></table>				o Sílvio Santos	deu	seis prêmios de um milhão de reais		para si mesmo	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor	
	o Sílvio Santos	deu	seis prêmios de um milhão de reais		para si mesmo									
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor											
(reescrita de bfamdl14)														
[apossamento: [prêmio; não-específico]; reflexivo]	<table><tr><td>o Sílvio Santos</td><td>deu</td><td colspan="2">seis milhões de reais</td><td>para si mesmo</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td>Recebedor</td></tr></table>				o Sílvio Santos	deu	seis milhões de reais		para si mesmo	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor	
	o Sílvio Santos	deu	seis milhões de reais		para si mesmo									
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor											
(reescrita de bfamdl14)														
[apossamento: [pensão; específico]; reflexivo] [apossamento: [pensão; específico]; não-reflexivo: simples] Circunstância de Guisa:: <i>de + pensão</i> ou Meta: Ente; Ente:: <i>pensão</i>	<table><tr><td>Luciano</td><td>nũ dava</td><td>pensão</td><td colspan="2">para si mesmo</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td colspan="2">Recebedor</td></tr></table>				Luciano	nũ dava	pensão	para si mesmo		Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor	
	Luciano	nũ dava	pensão	para si mesmo										
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor											
(reescrita de bfamdl22)														
[apossamento: [pensão; não-específico]; reflexivo]	<table><tr><td>Luciano</td><td>nũ dava</td><td>um salário mínimo</td><td colspan="2">para si mesmo</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td colspan="2">Recebedor</td></tr></table>				Luciano	nũ dava	um salário mínimo	para si mesmo		Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor	
	Luciano	nũ dava	um salário mínimo	para si mesmo										
Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor											
(reescrita de bfamdl22)														
[passe; não-reflexivo: simples]	<table><tr><td>[você]</td><td>me</td><td>dá</td><td colspan="2">mais um pão de queijo</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Recebedor</td><td>Pr.: Mat.</td><td colspan="2">Meta</td></tr></table>				[você]	me	dá	mais um pão de queijo		Ator	Recebedor	Pr.: Mat.	Meta	
	[você]	me	dá	mais um pão de queijo										
Ator	Recebedor	Pr.: Mat.	Meta											
(bfamcv06)														
[passe; não-reflexivo: complexo]	<table><tr><td>[você]</td><td>me</td><td>dá</td><td>mais um pão de queijo</td><td>para Maria</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Recebedor-1</td><td>Pr.: Mat.</td><td>Meta</td><td>Recebedor-2</td></tr></table>				[você]	me	dá	mais um pão de queijo	para Maria	Ator	Recebedor-1	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-2
	[você]	me	dá	mais um pão de queijo	para Maria									
Ator	Recebedor-1	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor-2										
(reescrita de bfamcv06)														
[passe; reflexivo]	<table><tr><td>eu</td><td>vou</td><td>me</td><td>dar</td><td>mais um pão de queijo</td></tr><tr><td>Ator</td><td>Pr.: ...</td><td>Recebedor</td><td>... Mat.</td><td>Meta</td></tr></table>				eu	vou	me	dar	mais um pão de queijo	Ator	Pr.: ...	Recebedor	... Mat.	Meta
	eu	vou	me	dar	mais um pão de queijo									
Ator	Pr.: ...	Recebedor	... Mat.	Meta										
(reescrita de bfamcv06)														

Fonte: O autor (2019).

Na **Figura 50**, decidiu-se pelo método da reexpressão, conforme faz Hasan (1996), para simplificar a comparação entre os termos do sistema sob discussão. Além disso, algumas combinações não foram encontradas nos *corpora* de base ou de referência, apesar de serem verificadas ocorrências por meio de buscas na rede mundial de computadores, com o uso do navegador Google¹¹⁴.

¹¹⁴ Em alguns poucos momentos na escrita desta tese, quando não encontramos, no C-ORAL-BRASIL e no Corpus Brasileiro, possibilidades lexicogramaticais que reconhecemos válidas, serão utilizados exemplos extraídos de buscas pelo Google. Essa prática, surgida no decorrer da pesquisa para o bem maior da descrição linguística, simplesmente demonstra que todo *corpus* é limitado (CRYSTAL, 1987; CONRAD, 2011). Também, não invalida as descrições que fazemos, mas sim demonstra que alguns exemplos se referem a construções gramaticais não tão comuns. Conforme Conrad (2011, p. 51), ao argumentar sobre o fato de ser possível e até normal não encontrarmos em um *corpus* expressões que já ouvimos (ou lemos) e sabemos serem gramaticais, “o foco da Linguística de

6.2.1.6 O termo [-transferível]

Nas duas seções anteriores, foram apresentadas as opções dependentes do termo [+transferível]. Nesta seção serão apresentadas as opções dependentes do termo [-transferível]. As orações associadas a esse termo dispõem das funções Processo, Meio e Agente não condizentes com as regras de realização descritas por Hasan (1996) para o termo [disposição]. As orações (90) e (91) são exemplos associados ao termo [-transferível]:

- (90) como tudo que eu faço / é com muita força / muito afinco / muita responsabilidade // fiz pa agradar o professor e a todos / né // aí ele me **deu** cem no estágio / né // (bfammn34)
- (91) o / garçom lá / e' falou / No' // Deus **deu** dinheiro ocês / porque / que appetite cês têm // (bfamdl17)

Analisando a oração (90), percebe-se que o participante na função de Meio não é um bem alienável que sofreu uma mudança de localização – não se pode dizer que o professor pegou a nota 100 em algum lugar e a deu para a aluna. Em (91), por seu turno, não se tem a presença de um participante humano, pessoa ou instituição na função de Agente. Dessa forma, as três regras de realização de Hasan (1996, p. 76-77) não se aplicam a essas orações: “1. Processo Material: Evento; Evento: mudança de localização do Meio. 2. Meio: Ente; Ente: objeto alienável. 3. Agente: Ente; Ente: humano, pessoa ou instituição”. Há de se concordar, no entanto, que as orações (90) e (91) envolvem o ganho de algo por parte de um participante beneficiário, como atestado nas reexpressões em (92) e (93), e que a oração relacional correspondente é de natureza possessiva, como apontado nas reexpressões (94) e (95).

- (92) **Ganhei** 100 no estágio.
- (93) **Ganhei** esse dinheiro do meu Deus.
- (94) **Tenho/estou com** cem no estágio.
- (95) **Tenho/estou com** (muito/esse) dinheiro (que meu Deus me deu).

Por considerar essas orações como sendo do tipo [extensão], então as três regras de realização apontadas por Hasan (1996) para o termo [disposição] são associadas apenas ao termo [+transferível], e não a todo o sistema de ACESSO, conforme proposto pela autora. Para o termo [-transferível], o Ator pode ser humano, instituição ou divindade; o Meio, embora possa

ter um caráter alienável (como *dinheiro*), sempre apresentará restrição quanto à locomoção, sendo verificada a impossibilidade de orações em que o Recebedor e o Ator se permutam: **vocês deram o dinheiro de volta para Deus; *a aluna deu o cem de volta para o professor*. Em outras palavras, aqui deve-se ficar claro que, embora a natureza dos participantes nas funções de Ator e Meta seja diferente quando diante do termo [-transferível], ainda assim tem-se uma configuração transitiva que implica um Processo Material transformativo de extensão. Aqui vale a ideia da indeterminação sistêmica: orações associadas ao termo [-transferível], como (90) e (91), fogem do polo prototípico, espaço ocupado por orações do tipo [+transferível], principalmente aquelas dotadas do participante [Recebedor], como *a mãe da Fafica vai dar o fogão [de presente] [para os noivos]* (bfamcv02).

As orações do tipo [-transferível] podem ser de dois tipos: [poder] e [parte do corpo]. No primeiro caso tem-se a *concessão* do que é representado na função de Meta. O participante na função de Meta pode ser uma substância corpórea (por exemplo, *dinheiro*) ou incorpórea (como, por exemplo, *nota avaliativa* e *anos de vida*). No C-ORAL-BRASIL, os exemplos encontrados para a formação dessa categoria envolvem a concessão de dinheiro, anos de vida e notas de atividades acadêmicas. As orações seguintes ilustram isso:

- (96) como tudo que eu faço / é com muita força / muito afinco / muita responsabilidade // fiz pa agradar o professor e a todos / né // aí ele me **deu cem** no estágio / né // (bfammn34)
- (97) o / garçom lá / e' falou / No' // Deus **deu dinheiro** ocês / porque / que appetite cês têm // (bfamd117)
- (98) aí / essa mesma entidade / pegou e / fez um negócio em mim / que a gente chama de “amarrar o santo” // e falou que / ia **dar** mais sete anos [de vida] pra mim // (bfammn32)

Analisando esses exemplos, nota-se que o Ator (*professor, Deus e entidade*) é dotado de algum poder que o habilita à concessão da Meta. Em alguns casos, a experiência tratada nas orações acima poderia ser representada sem se conferir poder ao participante na função de Ator, mas isso só seria feito por meio da troca do verbo *dar* e, conseqüentemente, também, do tipo de participante. O exemplo (96), por exemplo, poderia ser representado como *...aí eu tirei cem no estágio*, maneira de representação que já lançaria mérito sobre o aluno¹¹⁵.

¹¹⁵ É possível imaginar que, no meio educacional, caso um aluno queira dizer qual a nota de uma atividade avaliativa do tipo objetiva (do tipo que não envolve qualquer grau de subjetividade por parte do professor no ato da correção), seja conduzido a optar pela escolha de uma oração com um processo realizado pela forma verbal *tirar*, em contraposição a *dar*: *tirei 10 na prova*. Isso se dá porque, diante de uma prova objetiva, o poder do professor seria minimizado, sendo o seu papel reservado ao de reproduzir uma nota cuja identificação poderia ser feita até mesmo por um sistema automatizado.

O endereço sistêmico [-transferível: poder] somente se combina com o endereço [recebedor: inerente] do sistema de RECEPÇÃO. Há, no entanto, uma diferença: sendo o Ator uma divindade, é possível apenas a opção [não-reflexivo] – *Deus deu dinheiro para vocês => *Deus deu dinheiro para si mesmo; a entidade ia dar mais sete anos de vida pra mim => *a entidade deu mais sete anos de vida para si mesmo*; por outro lado, não sendo o Ator uma divindade, são possíveis as duas opções: *ele me deu cem no estágio* [não-reflexivo] => *o professor deu cem para si mesmo na avaliação docente* [reflexivo]¹¹⁶. Por isso, o termo [poder] é condição de entrada para o sistema com as opções [+divino] e [-divino].

A outra opção dependente do termo [-transferível] é [parte do corpo]. O próprio nome atribuído ao termo já demonstra que o Ente constituinte da função de Meio deve representar parte do corpo e, portanto, apenas um ser animado pode ser o participante na função de Ator. As orações (99) e (100) estão associadas a essa opção:

- (99) aí peguei / deixei o carro no pé do morro / e fui subindo / né / e pa poder subir / e fazer essas menina + nu podia **dar colo** pa &n [/2] pra Hortência nem pa Mariana / né // Cíntia nu ia pedir colo mesmo / né // (bfammn17)
- (100) te **dou** meu **braço** de presente // me <tatua> // (bpubdl09)

Da mesma forma que as orações (90) e (91), estas também podem ser reexpressas por meio dos verbos *ganhar* e/ou *receber*, como visto em (101) e (102), e possuem correspondentes do tipo relacional possessivo (reexpressões (103) e (104)). A permuta dos participantes Ator e Recebedor, também, não é possível, como atestado pelas reexpressões (105) e (106).

- (101) Hortência não podia **ganhar/receber** colo (reescrita de (99))
- (102) **Ganhei** o braço dele para tatuar (reescrita de (100))
- (103) Hortência **terá** colo em breve (reescrita de (99))
- (104) **Estou com** o braço dele para tatuar (reescrita de (100))
- (105) *Hortência deu o colo **de volta** para a mãe (reescrita de (99))
- (106) *Dei o braço dele **de volta** (reescrita de (100))

Assim como as orações do tipo [-transferível: poder: +divino], estas orações somente se combinam com a opção [não-reflexivo] do sistema de RECEPÇÃO. O exercício de reexpressão demonstra a impossibilidade da associação à opção [reflexivo]: **ela deu o colo para si mesma*;

¹¹⁶ Essa possibilidade reflexiva se confirma por meio de buscas na internet: *Berdych ficou satisfeito com seu desempenho e até deu nota para si mesmo. - É difícil dizer um número, mas acho que pode ser 8 ou 9. Joguei muito bem hoje.*

ele deu o braço para si mesmo.* A diferença de orações como essas com a característica [-transferível] em relação às orações com a característica [+transferível] é evidenciada quando se imagina que determinadas partes do corpo podem ser desmembradas e dadas/transferidas para um outro ser vivo, casos em que se teria, geralmente, um transplante. Na **Figura 51, a seguir, são demonstradas, na primeira linha, as regras de realização do termo [-transferível]. Nas linhas que seguem são apresentadas as seleções de expressão (e as respectivas regras de realização) possibilitadas pela combinação do sistema de ACESSO com o sistema de RECEPÇÃO. Exemplos de orações são expostos na segunda coluna.

Figura 51 – Resumo das orações do tipo [-transferível]

[-transferível] Processo Material: Evento; Evento: sem mudança de localização do Meio. Meio: Ente; Ente: não necessariamente alienável. Agente: Ente; Ente: ser animado, instituição ou divindade.				
[poder: divino; não-reflexivo] Agente: Ente; Ente: divindade.	Deus	deu	dinheiro	para vocês
	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor
	gr. n.	gr. v.: <i>dar</i>	gr. n.	sint. prep.: prep. <i>para</i>
	(bfamdl17)			
[poder: -divino; não-reflexivo] Agente: Ente; Ente: ser animado ou instituição.	ele	me	deu	cem no estágio
	Ator	Recebedor	Pr.: Mat.	Meta
	gr. n.	gr. n.: <i>pron. oblíquo</i>	gr. verbal	gr. n. sint. prep.
	(bfammn34)			
[poder: -divino; reflexivo] Agente: Ente; Ente: ser animado ou instituição.	ele	deu	cem	para si mesmo
	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor
	gr. n.	gr. v.: <i>dar</i>	gr. n.	sint. prep.: prep. <i>para</i>
	(reescrita de bfammn34)			
[-transferível: parte do corpo] Meta: Ente; Ente: parte do corpo	eu	nũ podia dar	colo	pra Hortência
	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor
	gr. n.	gr. v.: <i>dar</i>	gr. n.	sint. prep.: prep. <i>pra</i>
	(bfammn17)			

Fonte: O autor (2019).

Com esta subseção, finaliza-se a explanação do sistema proposto na **Figura 47** para a descrição das orações transformativas de extensão com a forma verbal *dar*. Muitos dos termos dispostos no refinamento do sistema foram adotados da rede de sistema disposta na **Figura 21**, de Hasan (1996); outros foram propostos com base no objeto aqui estudado. O sistema proposto deixa um caminho aberto para a análise de outros processos do tipo [material: transformativo:

extensão], a exemplo de *emprestar*, *entregar*, *passar*, *enviar* e *oferecer*. Por enquanto, o que temos é uma rede com algumas diferenças em relação à de Hasan (1996) – o que é de se esperar, já que esta tese trabalha com um verbo não sistematizado pela autora e com uma língua diferente do inglês – e também uma proposição aberta a complementações provenientes de futuros estudos sistêmicos do português brasileiro.

É importante mencionar que o endereço sistêmico [material: transformativo: extensão] não se limita às orações com o verbo *dar* pleno (RASSI, 2015; RASSI; VALE, 2013) ou prototípico (TUCKER, 2014a)¹¹⁷. Nosso estudo demonstra como orações de fato distintas pela natureza alienável/inalienável da Meta (provocadoras de duas classes do verbo *dar*, de acordo com Tucker (2014a)) se relacionam (até que ponto se assemelham e a partir de que ponto se distinguem) na generalidade da rede de sistema de TRANSITIVIDADE. Nessa parte seguimos Tucker (2014a, p. 51) quando afirma que “talvez o maior desafio para a GSF repouse na modelização dessa gama de expressões [com o verbo *dar*] nas redes de sistema que constituem o coração teórico do modelo”¹¹⁸.

6.2.2 Verbo *dar* transformativo de elaboração

Como já dito, as orações do tipo [transformativo: elaboração] nos remetem a expressões relacionais intensivas. Seguindo esse caminho sistêmico, foram encontradas orações como as seguintes, que indicam a transformação de estado fisiológico:

- (107) <normalmente> **dá** [câimbra] no [/1] ou no [/2] na perna / ou no braço / pescoço / (bfammn36)
- (108) porque / pode **dar** câimbra na gente também // (bfammn36)
- (109) &he / ela / usava / quando ela tinha problema de / assim / nas mãos / né / que lavava roupa / **dava** um tipo de frieira / assim na [/1] <nas mãos> / então ela usava ácido bórico // (bfamcv19)
- (110) tava igual um <machucado> [...] tipo / **dando** cicatriz na menina // (bfamcv20)
- (111) <aí / ele [Doutor Hollywood] criou> uma técnica / que ele enfia o silicone pelo umbigo // [...] pra nã **dar** cicatriz [no peito] // (bfamcv20)
- (112) é que / meu cérebro nã sei o quê // **deu** uma coisa na minha cabeça // (bfamdl17)
- (113) <o que> que é que ela teve // [...] <ah / **deu** trombose> [nela] // (bfamdl25)
- (114) <a perna> / saiu a [/2] **deu** uma ferida e a ferida coisou <tudo> // (bfamdl25)

¹¹⁷ Ver Capítulo 4 para revisão dos estudos do verbo *dar* desenvolvidos por Rassi e Vale (2013) e Tucker (2014a).

¹¹⁸ “[...] perhaps the greatest challenge for SFG lies in modelling this range of expressions in the system networks which constitute the theoretical heart of the model.”

Indicando a transformação de estado, essas orações encontram como correspondentes relacionais expressões do tipo intensivo atributivo: *a gente **está com** câimbra, as mãos **estão com** um tipo de frieira* etc. São orações que se distinguem das analisadas na subseção anterior por não aceitarem uma reescrita receptiva que evidencie o valor de transferência (não são possíveis, por exemplo, **a gente recebeu câimbra* e **as mãos receberam um tipo de frieira*). Ainda, as orações de (107) a (113) podem ter o participante afetado representado no início da oração, confluído com o Sujeito: *a gente **pode dar** câimbra também, as mãos **davam** um tipo de frieira, ela **deu** trombose* etc. (ver **Quadro 15**). Isso evidencia que os participantes sublinhados nas orações acima não podem ser analisados como Beneficiário/Recebedor.

Quadro 15 – Diferença entre orações materiais transformativas de extensão e orações materiais transformativas de elaboração

	Oração material transformativa de extensão	Oração material transformativa de elaboração
	ela <i>deu</i> presente para a meninada	<i>pode dar</i> câimbra na gente também
correspondente relacional	a meninada <i>têm/possui</i> presente (possessivo)	a gente <i>está com</i> gripe (intensivo)
agnação: tematização do Meio	*a meninada <i>deu</i> presente (Significado diferente. Não é uma estrutura agnata.)	a gente <i>pode dar</i> câimbra (Mesmo significado. Estrutura agnata.)
reescrita: forma receptiva	a meninada <i>recebeu</i> presente	*o Silvam <i>recebeu</i> gripe

Fonte: O autor (2019). Oração extraídas do C-ORAL-BRASIL.

A forma como analisamos as orações de (107) a (114) é expressa na **Figura 52**.

Figura 52 – Orações materiais transformativas de elaboração

dá	câimbra	[nele]
pode dar	câimbra	na gente
dá	[câimbra]	na perna...
dava	um tipo de frieira	nas mãos
dá	um pus normal	[no peito]
dando	cicatriz	na menina
dar	cicatriz	[no peito]
deu	uma coisa	na minha cabeça
deu	trombose	[nela]
deu	uma ferida	[na perna]
Pr.: Material	Escopo	Meta
Processo	Extensão	Meio

a perna	deu	uma ferida
Ator	Pr.: Material	Escopo
Meio	Processo	Extensão

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

Para uma melhor compreensão dessa análise, vejamos cada um dos participantes de maneira pormenorizada.

6.2.2.1 Sobre o participante Agente

Como demonstrado na **Figura 52**, na maioria dos casos não há a explicitação do Agente responsável pelo fluxo de energia do processo. Em alguns momentos, é impossível associar um participante à função de Agente, como em *deu uma coisa na minha cabeça* (112); em outros momentos, esse participante pode até ser inferido, mas nota-se a sua não representação semiótica, como no exemplo *dava um tipo de frieira nas mãos* (109), para o qual poder-se-ia inferir *a lavagem de roupa* como Agente, mas, no texto, o processo “vir a estar com frieira” é percebido como algo inerente do participante que sofre da enfermidade (expresso pelo trecho *quando ela tinha problema de, assim, nas mãos*). Consultando o Corpus Brasileiro, é possível encontrar orações que explicitam o participante na função de Agente, como em *Ar condicionado me dá alergia* (Corpus Brasileiro) e *terreno baldio me dá alergia* (Corpus Brasileiro). No entanto, no *corpus* C-ORAL-BRASIL, isso não é comum diante de orações que expressam a mudança de estado fisiológico de um ser (ou parte de um ser) animado.

6.2.2.2 Sobre o participante Meio

A partir do modelo ergativo, analisamos como Meio os elementos sublinhados de (107) a (114). Esse papel de participante representa “o meio através do qual o processo é atualizado”¹¹⁹ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 284), sendo obrigatório em todas as orações (*ibid*, p. 289; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 156), embora nem sempre esteja explícito (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 156). Segundo Halliday e Matthiessen (1999, p. 155) este é o participante “mais intimamente ligado ao Processo [...] é ele que está em uma relação de expectativa mútua com o Processo”¹²⁰.

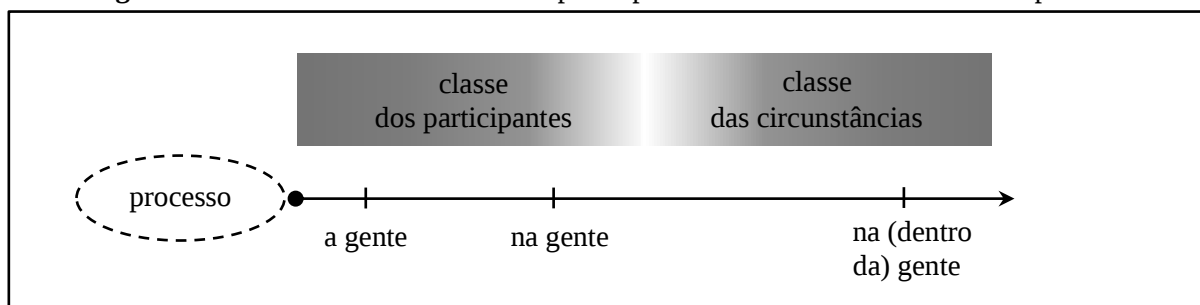
Pode-se pensar que o participante com essas características em, por exemplo, *pode dar câimbra na gente*, é *câimbra*, dada sua posição (imediatamente após o verbo)¹²¹. Todavia, por mais que sintagmas preposicionais como os apresentados nesta seção (*na gente* [*em + a gente*], *na perna* [*em + a perna*], *na menina* [*em + a menina*]etc.) não sejam exemplos prototípicos de participante – haja vista seu caráter circunstancial adquirido pela preposição –, ainda assim fazem parte dessa classe, algo que se justifica por dois motivos: (i) na versão agnata com sentido relacional, o grupo nominal constituinte do sintagma preposicional exerce, igualmente, a função de Meio (por exemplo, *pode dar* [*Pr.: Material*] *câimbra* [*Extensão*] ***na gente*** [*Meio*] => ***a gente*** [*Meio*] *está com* [*Pr.: Relacional*] *câimbra* [*Extensão*]); (ii) a preposição *em* não possui o mesmo valor circunstancial da preposição *dentro* (*na gente*, no exemplo (108), não corresponde a *sobre a gente* ou *dentro da gente*¹²²). A **Figura 53**, a seguir, representa essa indeterminação na classificação dos elementos e o distanciamento tomado entre eles em relação ao processo.

¹¹⁹ “This is the role of Medium – the medium through which the process is actualized.”

¹²⁰ “the participant that is most closely bonded with the Process is the one that takes on the generalized role of Medium; it is this that is in a relation of mutual expectancy with the Process.”

¹²¹ Segundo Halliday e Matthiessen (1999), os grupos nominais estão mais diretamente envolvidos com a atualização dos processos.

¹²² Perceber, no entanto, que no português brasileiro temos sintagmas preposicionais encabeçados pela preposição *em* que podem ser tanto participantes como circunstâncias. Isso torna ambígua a expressão *atirar no pianista*, que pode ser tanto *acertar o pianista* (*shoot the pianist*) como *atirar em direção ao pianista* (*shoot at the pianist*).

Figura 53 – Grau de envolvimento dos participantes e das circunstâncias com o processo

Fonte: O autor (2019).

O fato de termos a possibilidade do Meio ser realizado por sintagma preposicional é algo previsto pela teoria sistêmico-funcional. Além da indeterminação própria dos domínios da experiência (tal como representada por Halliday e Matthiessen (2004, p. 172) e apresentada no Capítulo 2 desta tese), também se tem a indeterminação entre os elementos, dentre eles o participante (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 167): “o *status* do participante na gramática não é absoluto, mas sim uma questão de grau”¹²³; ainda, em Halliday e Matthiessen (2004, p. 277-278), é afirmado que “a linha entre participantes e circunstância não é tão clara”¹²⁴. Os autores demonstram ainda que um participante pode ser realizado por um sintagma preposicional, classe do nível do grupo mais prototipicamente usada na realização de circunstâncias; por seu turno, uma circunstância pode ser realizada por um grupo nominal, classe do nível do grupo mais prototipicamente usada na realização de participantes (conferir Halliday e Matthiessen (2004, p. 295-297))¹²⁵.

Em função disso, participantes como *na perna*, *nas mãos*, *na menina* etc. poderiam ser designados, no modelo transitivo, como Cenário, como o faz Davidse (1992, p. 91): “o papel ideacional do participante Cenário é aquele de não-agentivo com o status de participante reduzido e com alguma afinidade funcional a uma circunstância”¹²⁶. Nesta tese, adotamos os termos Ator ou Meta (ver **Figura 52**) para os participantes em questão, em conformidade com Halliday (2009), mas com esse adendo de que não são exemplos prototípicos da classe dos participantes.

Por ser o Meio um papel de participante essencial na oração (ou obrigatório, como expressam Halliday e Matthiessen (1999, p. 156; 2004, p. 289)), mesmo nos casos em que esse

¹²³ “the status of participant in the grammar is not absolute, but is a matter of degree.”

¹²⁴ “the line between participants and circumstances is not a very clear one.”

¹²⁵ Ainda, o sentido de um processo pode ser realizado por um grupo nominal, donde se destacam os casos de metáfora gramatical (ver capítulo seguinte).

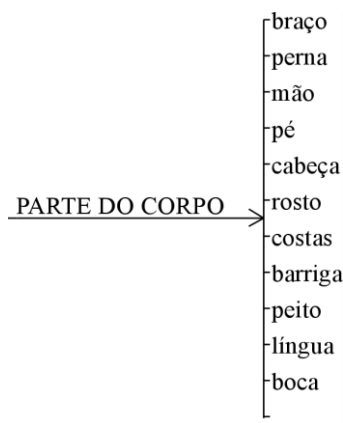
¹²⁶ “[...] the ideational role of the Setting is the non-agentive role with reduced participant status and some functional affinity to a circumstance.”

elemento não é explícito, é possível inferí-lo a partir do contexto; sem ele não se teria o desdobramento do processo. A distinção do elemento na função de Meio é melhor compreendida com o exemplo (115), no qual a oração *deu trombose* deve, necessariamente, ser compreendida como *deu trombose nela/na perna* (ou seja, com o participante na função de Meio presente na cognição do usuário da língua).

- (115) *LEO: [178] <o que> que é que ela teve //
 *LIA: [179] teve o [/1] trombose / <na perna> //
 *LEO: [180] <ah / **deu trombose**> // (bfamdl25)

Por fim, nas orações demonstradas nesta seção, o Meio *na perna* poderia ser *no braço*; *nas mãos* poderia ser *nos pés*; *no peito* poderia ser *no braço*; *na minha cabeça* poderia ser *na minha perna*. Em outras palavras, o Ente com o significado de localização pertence ao paradigma de elementos representativos de parte do corpo, que formam o sistema PARTE DO CORPO, disposto em algum lugar de uma rede de sistema com [grupo nominal] como condição de entrada:

Figura 54 – Sistema PARTE DO CORPO



Fonte: O autor (2019).

A fim de terminarmos a discussão em torno da configuração da oração com o verbo *dar* transformativo de elaboração, na seção seguinte discorreremos sobre o processo e o participante Extensão.

6.2.2.3 Sobre o processo e o participante Extensão

O processo realizado pelo verbo *dar*, nesses casos, é de natureza vaga, sendo seu sentido especificado pelo participante na função de Extensão/Escopo. Esse participante, nos casos até o momento apresentados nesta seção, é sempre realizado para especificar o tipo de enfermidade transformador do estado fisiológico do Ente na função de Meio.

Para alguns nomes na função de Ente do participante Escopo podem ser associadas formas verbais com radicais semelhantes, como *cicatrizar*, *espinhar*, etc. Esses verbos, no entanto, realizam outros Processos Materiais transformativos de elaboração. Embora orações como *o ferimento cicatrizou* (Corpus Brasileiro) e *o defeito que surgiu pela necrose cicatrizou por segunda intenção* (Corpus Brasileiro) sejam possíveis, o sentido, aqui, é o de *curar/regenerar* (e não o de deixar uma parte do corpo com uma marca/cicatriz). Nesses exemplos, os participantes *o ferimento* e *o defeito* somente podem exercer a função de Ator, embora continuem sendo Meio na generalização permitida pelo modelo ergativo:

Figura 55 – Análise de orações com o processo *cicatrizar*

o ferimento	cicatrizou	
o defeito que surgiu pela necrose	cicatrizou	por segunda intenção
Ator	Pr.: Material transformativo	Circunstância
Meio	Processo	Circunstância

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do Corpus Brasileiro.

Na apresentação dos Processos Materiais transformativos de elaboração, foram expostas, até o momento, apenas orações vinculadas a enfermidades. Assim o fizemos para facilitar a exposição. Mas essa região material envolve outras orações com a forma verbal *dar*, todas elas com uma semelhança transitiva, embora com participantes de natureza semântica diferente (ver exemplos (116) e (117)).

- (116) <o problema tá> é nisso // se [/1] se + já aconteceu // de um dia / morrer tudo // o computador **deu** uma [/1] um pane // e <isso nũ> tinha no registro // (bpubcv01)
- (117) esse [procedimento de cadastro] tava **dando** muito erro // (bpubcv01)

O que foi dito com relação ao processo realizado pelo verbo *dar* e seus participantes é válido para os exemplos (116) e (117). A diferença nesses exemplos é a natureza dos participantes. Em (116) temos um nome inanimado e concreto (*computador*) na função de Ator; em (117) esse mesmo participante é realizado por nome inanimado e abstrato (*procedimento de*

cadastro). Também o participante Escopo se distingue por especificar um tipo de falha ou imperfeição (*pane* e *erro*), e não enfermidade.

6.2.3 Verbo *dar* Material criativo

Sob o domínio material criativo, também, no *corpus* C-ORAL-BRASIL, são encontradas orações com a forma verbal *dar*:

- (118) diz ele que eu tomei prejuízo com a lingüiça // tomei prejuízo // com a lingüiça // [...] mais &q [/2] mais dez da tripa / trinta-e / e-três e sessenta / com dez / quarenta-e-três e sessenta / que ficou // deu noventa // então / **deu** prejuízo / uai // **deu** // **deu** um prejuízo / cê precisa de ver / que demônio que é / uai // (bfamcv10)
- (119) *LIQ: agora / eu ã acho que esse namoro dura muito tempo não // [...] ah / eu conheço os dois / aquilo é onça e o do bode //
- *KEL: um gênio pior do que o outro / né / mãe //
- [...]
- *LIQ: / <é uma> jararaca // o outro / uma cascavel // cê acha que isso tem chance //
- *SEU: **dá** uma briga boa / hein // (bfamdl31)
- (120) *LCS: cê ã tem <vontade de incluir música em> inglês no seu / repertório <não> //
- *JSA: <não> / ã é nem por [/1] por não ter vontade // é porque / como eu ã tenho <o hábito> + [...] <como eu> ã tenho o hábito de cantar em inglês / então eu tenho que pegar / direitinho / a pronúncia / <certinho> / né //
- *LCS: <ham ham> // [...] <aí **dá** mais trabalho> // (bfamcv14)
- (121) <isso> // <inclusive / ã sei> se o vento / <**dá** barulho> // (bfamcv31)
- (122) a troca de faixa **dá** uma [/2] **dá** uma frequência [...] **dá** um / sinal> muito <baixo / (bfamcv32)
- (123) *OSV: <eu pedi pro> Ibraim passar em nome da <Prefeitura> / pa ã vim mais em nome do Geraldo // [...] tá **dando** problema / né // passar em nome da Prefeitura / e / ir tudo pra lá duma vez / em vez de vir <pra cá> //
- *CAR: <é / porque> aí / ele fica **dando** problema no nome dele //
- *OSV: é //
- *CAR: mas ã vai &pa [/3] ã vai [/2] ã vai [/2] ã **dá** problema de pagar <mais não> // (bpubcv02)
- (124) é / porque / [curso de informática] **dá** dinheiro / né // (bfamdl02)

Em todos os exemplos de (118) a (124), é possível comutar o verbo *dar* por *gerar* ou *criar*: **deu** (=>**gerou**) prejuízo; **dá** (=>**gera**) uma briga boa; **dá** (=>**gera**) mais trabalho; tá **dando** (=>**gerando/criando**) problema, o vento **dá** (=>**gera/cria**) barulho, a troca de faixa **dá**

(=>*gera/cria*) uma frequência, *dá* (=>*gera*) dinheiro. Também, há sempre um participante na função de Meta/Meio representando a criação de algo (nos casos aqui analisados, algo abstrato): *prejuízo, briga, trabalho, frequência, sinal, problema* e *dinheiro*. O participante Ator/Agente aparece apenas em (121), (122) e (124), indicando o fluxo de energia responsável pela criação da Meta/Meio; nos demais casos, por mais que esse participante não seja representado, deve ser resgatado pela consciência do falante a partir do contexto a fim de que a oração com o verbo *dar* seja compreendida: *[a língua] deu prejuízo* (118), *[esse namoro] dá uma briga boa* (119); *[o fato de ter que pegar a pronúncia da música em inglês] dá mais trabalho* (120); *[a conta de luz] tá dando problema* (123). Nesse sentido, tem-se o verbo *dar* realizando Processo Material criativo do tipo transitivo. A figura seguinte demonstra a análise das orações de (118) a (124).

Figura 56 – Processos criativos com a forma verbal *dar*

[a língua]	deu	prejuízo
[esse namoro]	dá	uma briga boa
[o fato de ter que pegar a pronúncia da música em inglês]	dá	mais trabalho
[a conta de luz]	tá dando	problema
o vento	dá	barulho
a troca de faixa	dá	uma frequência
[curso de informática]	dá	dinheiro
Ator	Processo Material criativo	Meta

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

Principalmente nas orações em que o Ator é exposto, nota-se uma aproximação com a região relacional. No modelo semântico da instanciação (DAVIDSE, 2000), é possível, por exemplo, interpretar *o vento*, em (121), como uma instância da categoria de coisas barulhentas. No entanto, no contexto em questão, a oração *o vento dá barulho* é mais adequadamente sondada pela pergunta *o que o vento faz?*, e não por *o que o vento é?*; ainda, o presente progressivo pode ser aplicado sem restrição: *o vento está dando barulho*. Isso direciona ao entendimento de que, na oração (121) *o vento* seja Ator e *barulho* seja o participante Meta criado a partir de um processo de mudança envolvendo tempo e energia. Essa forma de raciocínio é o que conduz à distinção de (125), do tipo material criativo (portanto de natureza semelhante às orações até aqui apresentadas nesta seção), de (126), relacional atributiva.

(125) esse nome nã **dá** sorte / minha mãe morreu com vinte-e-oito ano // (bfammn02)

(126) *PRI: <eu já caí em vários [bueiros]> / só que eu **dei** <sorte de nunca> +

*MRC: <isso> // <vão> // <dez e dez cê nem vê passar> // (bpubcv09)

Em (125), o participante *esse nome* é um Ator, já que *provoca/gera* algo denominado *sorte*. Em (126) *eu não provoca* ou *gera* o participante *sorte*; antes, passa a ser dotado do atributo *sorte*, sendo uma instância ou membro da categoria de pessoas sortudas (que nunca, por exemplo, *estouraram o pneu*¹²⁷).

Outros exemplos de orações criativas com o verbo *dar* envolvem estruturas em que os elementos circunstanciais são necessários. A oração (127) exemplifica uma construção em que o processo é imediatamente seguido de Circunstância de Causa realizado por sintagma preposicional encabeçado pela preposição *de* (*de vento forte*). O exemplo (128) demonstra orações com Circunstâncias de Condição (*sempre que cê ligava errado; se você ligar o aparelho de cento-e-dez na tomada de duzentos-e-vinte*). Nas orações (129) e (130), por sua vez, o processo realizado pelo verbo *dar* indica a procriação/reprodução de seres vivos em um determinado ambiente (*no chão, em parede*) na função de Circunstância de Localização.

(127) esse barulho **dá** de vento forte (reescrita de (121))

(128) *BEL: pra mim sempre que cê ligava errado / **dava** algum problema <muito> <cabuloso> //

*BAL: <não> //

*BAL: <**dá**> <problema / se você ligar o aparelho de> &duz [/1] cento-e-dez na tomada de duzentos-e-vinte // (bfamdl02)

(129) é / também / ela [essa abelha] às vezes ea **dá** no chão / mas ea **dá** mais em parede de casa // a' lá / ea tá / bem boa // eu <peguei ela na vila CEMIG ali // (bpubdl05)

(130) é / <ela [essa abelha] **dá**> muito em parede / (bpubdl05)

No caso do exemplo (128), em que o fluxo de energia provocador do processo é representado em forma de Circunstâncias de Condição e o participante Meta na função textual de Rema, o verbo *dar* é mais facilmente substituído por *haver*, de sentido existencial: *sempre que cê ligava errado dava* (=>*havia*) *algum problema; dá* (=>*haverá*) *problema se você ligar o aparelho de cento-e-dez na tomada de duzentos-e-vinte*¹²⁸. O fato de essas orações intransitivas com o verbo *dar* serem analisadas como materiais se justifica pela mudança envolvendo tempo e energia no processo, sendo isso verificado por meio da possibilidade do tempo progressivo: *sempre que cê ligava errado ficava dando algum problema; fica dando problema se você ligar o aparelho de cento-e-dez na tomada de duzentos-e-vinte*.

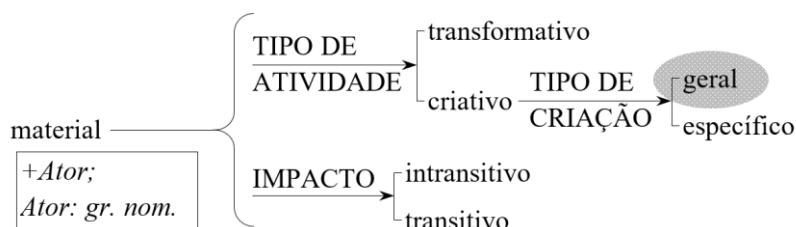
¹²⁷ No texto, o falante não completa aquilo que seria o Modificador do nome *sorte*.

¹²⁸ Isso também pode ser verificado no exemplo (118) caso o provocador do processo (a linguagem) não seja resgatado pela consciência do usuário da língua: *deu* (=>*houve*) *prejuízo*.

Esses casos em que o verbo *dar* se aproxima do sentido existencial revela a tenuidade na divisão das orações materiais criativas intransitivas das orações existenciais. Como afirmam Halliday e Matthiessen (2004, p. 185), “orações ‘criativas’ do tipo ‘intransitivo’ possuem o sentido de ‘vir a existir’ e se fundem às orações com processos do tipo ‘existencial’”¹²⁹. Essa tenuidade é confirmada pela estrutura das orações de ambas as regiões, que apresentam apenas um participante.

Analisando a tabela com os tipos de Processo Material disposta em Halliday e Matthiessen (2004, p. 187-189), percebe-se que as orações criativas podem ser de dois tipos: [geral], com verbos de sentido geral como *aparecer, emergir, acontecer, fazer, preparar* etc., ou [específico], com verbos associados a eventos específicos e constituintes de estruturas transitivas, como *construir, compor, pintar, abrir, escrever, desenhar, cozinhar* etc. Nesse nível de refinamento, as orações de (118) a (130) são do tipo [geral] (ver **Figura 57**).

Figura 57 – Localização dos Processos Materiais criativos do tipo [geral]



Fonte: O autor (2019).

Em nosso estudo, por não analisarmos um vasto número de verbos, não propomos uma rede de sistema sofisticada, com possíveis dependências entre os termos que apontem as semelhanças e diferenças entre os sentidos aqui expostos (conforme foi feito na seção com *dar transformativo de extensão*, momento em que foi utilizada uma rede já elaborada por Hasan (1996) a partir da análise de nove verbos). Em um estudo de maior amplitude (no que se refere ao número de verbos), o termo [geral] poderia ser condição de entrada para sistemas de natureza mais refinada que indicassem, por exemplo, o ponto de diferença entre *dá uma briga boa* e *ela [essa abelha] dá muito em parede*.

¹²⁹ “‘Intransitive’ ‘creative’ clauses have the sense of ‘come into existence’ and shade into clauses of the ‘existential’ process type.”

Com esta seção, finalizamos os casos de orações materiais com a presença da forma verbal *dar*. Na seção seguinte o verbo *dar* será observado na realização de Processos Relacionais.

6.3 Verbo *dar* Relacional

Outras orações com o verbo *dar* foram encontradas no *corpus* C-ORAL-BRASIL em que não se tem nenhum dos padrões de transitividade identificados na seção anterior. Trata-se de expressões, por exemplo, como as seguintes:

- (131) [a massa] vai **dar** uma [/1] uma massa boa // (bfamdl11)
- (132) <vamo ver o que> [/2] se isso vai **dar** <certo / pra mim hhh> // (bfamdl26)
- (133) <isso aqui deve **dar** uns cinco reais> // (bfamcv08).

Considerando-se a descrição apresentada na seção anterior, percebe-se que as orações de (131) a (133) não podem ser analisadas como materiais, dada, dentre outros critérios, a ausência de um participante Ator responsável pelo fluxo de energia do processo realizado pela forma *dar*. Também, os participantes *uma massa boa* (131), *certo* (132) e *uns cinco reais* (133) não são transformados ou criados no interior das respectivas orações das quais fazem parte – [*a massa*], *isso* e *isso aqui* não criam ou transformam *uma massa boa*, *certo* ou *uns cinco reais*. Por fim, em (132), apesar da expressão *pra mim* possuir forma semelhante ao Recebedor das orações materiais transformativas de extensão, não se percebe sua condição de beneficiário do que poderia ser uma “transferência” do participante *certo*.

Considerando-se a teoria linguística norteadora desta tese, verificou-se que orações como essas, além de não serem metafóricas, envolvem uma configuração transitiva diferente do que é visto em, por exemplo, *Cassandra deu pra Amanda uma periquita australiana* (bfamdl15). Em virtude disso, elas são analisadas com um olhar sobre outra região da gramática da experiência, a fim de descrevê-las a partir de outro tipo de processo: os Processos Relacionais.

Nas orações do tipo relacional, a natureza do desdobramento do processo é tipicamente estática e não há um participante responsável por esse desdobramento. Os participantes podem ser coisas (in)conscientes, atos ou fatos. Por sua vez, a forma verbal prototipicamente usada em sua realização é o *ser*. Com isso, verifica-se um perfil diferente daquele das orações materiais (que possui processo dinâmico) e das orações mentais (que, dentre seus participantes, possui um dotado de consciência).

De maneira mais específica, na gramática sistêmico-funcional, os processos do tipo Relacional referem-se àqueles usados para *caracterizar* e *identificar* participantes. Envolvem, na maioria das vezes, dois participantes, sendo um deles não-específico ou específico, usado para, respectivamente, *caracterizar* ou *identificar* o outro participante da oração. No caso dos processos usados para caracterizar, a relação entre os dois participantes é a de membro-classe – um participante é representado como membro de uma classe –, como em *Lula era sindicalista* (FUZER; CABRAL, 2014, p. 65), em que o participante *Lula* é representado como pertencente ao grupo dos sindicalistas. Esse tipo de relação é denominado de *atributiva*, na qual se tem um Atributo (*sindicalista*) associado a um Portador (*Lula*). Já os processos usados para identificar a relação entre os dois participantes são do tipo *identificativo* – um participante é representado como identificador do outro –, como em *Lula foi o Presidente da República até 2010* (FUZER; CABRAL, 2014, p. 65), exemplo em que se tem o participante *Lula* na função de Identificado e o participante *o Presidente da República* na função de Identificador.

A esses tipos, atributivo e identificativo, entrecruzam-se os tipos *intensivo*, *possessivo* e *circunstancial*, resultando em um quadro com seis tipos de orações relacionais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 216). O quadro pode ser visualizado, com exemplos do português brasileiro, em Fuzer e Cabral (2014, p. 65), reproduzido a seguir:

Quadro 16 – Categorias de Processos Relacionais combinados

	<i>Atributiva</i> “x é um atributo de A”	<i>Identificativa</i> “x é a identidade de A”
<i>Intensiva</i> x é A	Lula era sindicalista. Lula é otimista.	Lula foi o Presidente da República até 2010. ≈ O Presidente da República até 2010 foi Lula.
<i>Possessiva</i> x tem A	Governo tem um avião.	O avião presidencial é do governo. ≈ O governo tem o avião presidencial.
<i>Circunstancial</i> x é/está em A	A Proclamação da República é numa terça-feira.	A Proclamação da República é em 15 de novembro. ≈ Em 15 de dezembro é a Proclamação da República.

Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 65).

No *corpus* C-ORAL-BRASIL, foram identificadas orações com o verbo *dar* que possuem uma configuração transitiva com essas características. Essas orações são apresentadas a partir de seis subseções, cada uma reservada a um dos seguintes tipos de orações relacionais: (i) intensivas atributivas; (ii) intensivas atributivas qualitativas; (iii) intensivas atributivas qualitativas com oração na função de Portador; (iv) intensivas atributivas com Numerativo estendido; (v) intensivas identificativas de igualdade; e (vi) circunstanciais.

6.3.1 Verbo *dar* intensivo atributivo

Nas orações em que o verbo *dar* é usado de maneira intensiva atributiva, um dos participantes (o Portador) é especificado de maneira única e relacionado a um outro participante indicativo de classe de coisas ou qualidade. Veja-se os exemplos a seguir:

(134) [a massa] vai **dar** uma [/1] uma massa boa // (bfamdl11)

(135) *WIL: ela tá uma <gracinha / a conta dela> // [...] não / &t [/1] aqui tem um erro aqui / deixa eu <eliminar> // [...] uai Antônia / eu tiro <um / dá> seiscentos / o outro dá três-mil hhh //

[...]

*ANT: <conta da> yyy vir seiscentos reais / é doido / eu / hein //

*WIL: não / esse [cálculo] aqui **deu** [um cálculo] pior / <aqui o'> // (bpubcv04)

Nesses dois casos, *a massa* e *esse cálculo* passam a fazer parte do grupo de coisas caracterizadas como *de massa boa* e *um cálculo pior*, respectivamente. Em outras palavras, considerando o princípio da instanciação (DAVIDSE, 2000), esses participantes na função de Portador passam a ser **instâncias** de *massa boa* e *cálculo pior*.

Note-se que esses exemplos apresentam estrutura semelhante a muitas das orações analisadas na seção 6.2.3, referente aos Processos Materiais criativos. No entanto, naquele caso, não necessariamente temos uma construção com dois participantes e, quando isso acontece, um dos participantes é a fonte de energia a partir da qual o processo se desenvolve. Para fins de comparação, na **Figura 58** apresentamos as orações (134) e (135) com reescritas que as tornam materiais.

Figura 58 – Distinção entre orações relacionais atributivas e materiais criativas

Relacional atributivo			Material criativo (reescritas)		
[a massa]	vai dar	uma massa boa	o liquidificador	vai dar	uma massa boa
Portador	Pr.: Relacional	Atributo	Ator	Pr.: Material	Meta
esse [cálculo] aqui	deu	[um cálculo] pior	essa calculadora	deu	[um cálculo] pior
Portador	Pr.: Relacional	Atributo	Ator	Pr.: Material	Meta

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

A noção de que nas orações relacionais não temos um participante a partir do qual emana o fluxo de energia responsável pelo desdobramento do processo é válida para a distinção entre a oração (136), material, em que *esse nome* é Ator (cria/gera sorte), e a oração (137), relacional, em que o *[eu]* é Portador (membro da classe de sortudos)¹³⁰.

- (136) mamãe falou / não / agora / se eu tiver uma menina / vai ser Flávia // ah / ã põe esse nome não // que esse nome ã **dá** sorte / minha mã morreu com vinte-e-oito ano // (bfammn02)
- (137) queira Deus que eu nunca hei de precisar desse trem // vou / passar no concurso / vou trabalhar nas empresa / vou ser redatora / tradutora / vou mexer com esses negócio // mas [eu] nunca **dei** a sorte // (bfammn34)

A diferença entre orações materiais criativas e relacionais atributivas com o verbo *dar* pode ser revelada pela preposição *em*:

- (138) a gente queria / fazer pizza hhh / mas a gente ã pode fazer pizza / porque / vai **dar** confusão lá na escola / né / (bfammn23)
- (139) mas eu ã sei &n [/1] **ni** que vai **dar** essa história // mas / que tá divertido / tá / viu // (bfamdl31)
- (140) cabou que / té hoje [a queixa que eu dei na polícia] ã **deu em** nada // (bfammn13)

Em (138), temos um Processo Material criativo, como demonstrado na seção 6.2.3, com o sentido *surgir confusão*. As orações (139) e (140), com a preposição *em*, são relacionais, adquirem o sentido de *transformar-se em* (*turn into*, em inglês) ou *resultar em*: **em** que essa história vai **se transformar/resultar**; a queixa que eu dei na polícia ã **resultou em** nada.

Nos casos em que a oração material é do tipo transformativo de elaboração, a linha divisória entre orações materiais e relacionais é ainda mais difusa. Isso é verificado no par de orações seguintes, que evidencia a distinção entre *dar erro* e *dar errado*:

- (141) esse [sistema de cadastro] tava **dando** muito erro // (bpubcv01)
- (142) a renda francesa **deu** errada e agora o que fazer?¹³¹

¹³⁰ Mesmo uma oração como *esse liquidificador vai fazer [a massa] dar uma massa boa* (reescrita de (134)) não descaracteriza essa análise, haja vista que o participante *esse liquidificador*, neste caso, possui a função de Atribuidor.

¹³¹ Disponível em: <<https://www.dannichinelosdecorados.com.br/a-renda-francesa-deu-errada-e-agora-o-quefazer-desmanchar-naoooo/>>. Acesso em: 07 ago. 2018.

Aqui, o elemento *erro* deve ser considerado como Escopo, delimitador do Processo Material (realizado por *dar*) que, desdobrando-se, afeta o participante *esse [sistema de cadastro]*. Já o elemento *errada* ganha a condição de qualidade: já não delimita o processo (i.e. não participa do processo de “transformar” ou “gerar” outro participante), e sim representa o resultado de um processo transformativo em que um participante (o Portador) faz parte do campo do ser/estar.

O sentido de transformação em curso, próprio dos Processos Materiais, é verificado na possibilidade de reescrita de (141) como *tava dando muito erro nesse [sistema de cadastro]*, com o Ator em posição final (ver seção 6.2.2). Na oração relacional, em que o Portador é predominantemente confluído com o Sujeito, essa reescrita não é possível (**deu errada na renda francesa*).

Por fim, o intensificador *muito* pode revelar a diferença entre orações materiais (nas quais é um elemento circunstancial) e relacionais (nas quais é um intensificador). Em (141), a palavra *muito* refere-se ao modo de desdobramento do processo: *tava dando erro* (sem a palavra *muito*) indica tempo habitual, com constância nos episódios representados pelo processo de *dar erro*; *tava dando muito erro* (com a palavra *muito*) indica um hábito com um “menor espaço temporal” entre os episódios representados. Nas orações relacionais, como em (142), a palavra *muito* é usada para intensificar a qualidade: em, por exemplo, *João tornou-se muito bonito*, intensifica a qualidade *bonito*; da mesma forma, em *a renda francesa deu muito errada*, intensifica-se a qualidade *errada*, e não o fato de *dar errado repetidas vezes*.

6.3.2 Verbo *dar* intensivo atributivo qualitativo

Agora, vejamos as orações seguintes:

- (143) duas [cervejas] **dá** / né // (bfamcv10)
- (144) FLA: quatro [rolos de papel higiênico] tá bom //
- REN: será que [quatro rolos de papel higiênico] **dá** //
- <se não a gente completa> // (bfamdl01)
- (145) se eu soubesse que aquele pó de pedra ali não **ia dar** / (bpubdl01)
- (146) aqueas pedras mais finas **dão** pa calçar aqui // (bpubdl01)

Nessas orações, as seguintes características as excluem da região material, mental e comportamental: (i) não possuem um processo dinâmico, (ii) não possuem um participante responsável pelo desdobramento do processo, (iii) não possuem um participante afetado e (iv)

não possuem um participante consciente. Também, não é possível identificá-las como do tipo verbal, já que não se pode verificar um participante na função de Dizente, ou do tipo existencial, haja vista não se tratar da existência de algo. Nesse sentido, elas só podem ser classificadas como relacionais.

O processo realizado pelo verbo *dar*, nesses exemplos, possui o sentido da expressão *ser suficiente*: *duas cervejas são suficientes, quatro rolos de papel higiênico são suficientes, aquele pó de pedra ali não ia ser suficiente, aquelas pedras mais finas são suficientes pa calçar aqui*. Se considerado esse sentido, têm-se orações *relativas intensivas atributivas* nas quais o papel de participante Atributo é realizado por um grupo nominal com Epíteto na posição de Núcleo:

Figura 59 – Processo Relacional com Epíteto na função de Atributo

duas	cervejas	são	suficientes
Portador		Processo Relacional intensivo atributivo	Atributo qualitativo
grupo nominal		grupo verbal	grupo nominal
Numerativo	Ente	Evento	Epíteto
numeral	nome	verbo	adjetivo

Fonte: O autor (2019). Oração extraída do C-ORAL-BRASIL.

Deve-se considerar, no entanto, que a oração em questão não faz uso do verbo *ser*. A análise exposta na **Figura 59** corresponde a uma versão agnata. Contudo, essa análise conduz ao pensamento de que uma oração como *duas cervejas dá* pode ser entendida, também, como relacional intensiva atributiva. Aqui, no entanto, há uma especificidade: ao contrário das orações relativas prototípicas, com dois participantes, tem-se apenas um participante explícito. O outro participante está implícito, no próprio grupo verbal realizado pelo verbo *dá*. Nesse sentido, tem-se não um Atributo qualitativo – como na versão agnata *duas cervejas são suficientes* –, mas um Processo Relacional intensivo atributivo *qualitativo*. Essa possibilidade de expressão é indicada por Halliday e Matthiessen (2004, p. 222). Os autores, inclusive, indicam a forma verbal *suffice (bastar)*¹³², equivalente a *be enough (ser suficiente)*, dentre outras possibilidades, com essa configuração transitiva (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 222 e 238). Se comparado com a língua inglesa, o verbo *dar* é uma particularidade do português brasileiro na função de Processo Relacional intensivo atributivo qualitativo.

¹³² Em português, apesar de termos a forma morfológica *suficien-*, esta é utilizada apenas na formação dos nomes *suficiente* e *suficiência*. Em outras palavras, não há nenhuma forma verbal com o morfema *suficien-* no português brasileiro. Em virtude desse fato, uma tradução possível para o verbo *suffice* seria a expressão *ser suficiente* – com a qualidade indicada como participante na função de Atributo – ou a forma verbal *bastar*.

A análise da oração (143) – que se aplica também às orações (144) e (146) – fica da seguinte forma:

Figura 60 – Processo Relacional com Atributo confluído com o Processo

duas	cervejas	dá
Portador	Processo Relacional intensivo atributivo qualitativo	
grupo nominal	grupo verbal	
Numerativo	Ente	Evento
numeral	nome	verbo

Fonte: O autor (2019). Oração extraída do C-ORAL-BRASIL.

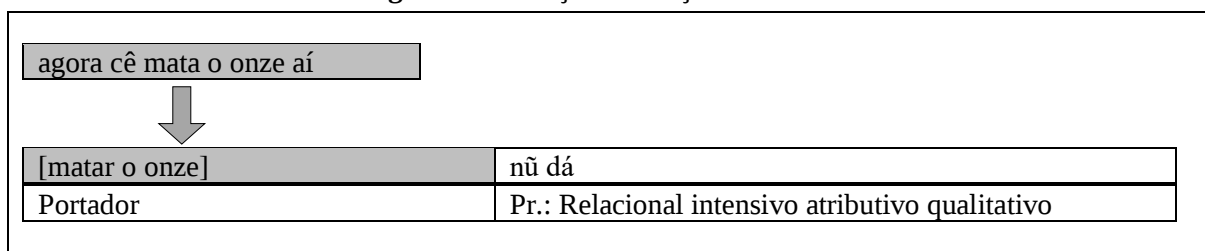
Aqui, tem-se o verbo *dar* realizando um Processo Relacional com uma configuração transitiva em que se tem apenas o participante Portador. Essa configuração, por conseguinte, se destaca não apenas ao demonstrar o verbo em questão sendo usado em orações não-materiais, mas também ao evidenciar que ele dispensa o participante atribuidor de qualidade em orações relacionais.

6.3.3 Verbo *dar* intensivo atributivo qualitativo: oração como Portador

Agora veja-se a oração seguinte com a forma verbal *dar*:

- (147) *CEL: <ô Toninho / cê tem que matar o cinco / sô> //
 *REN: agora cê mata o onze aí //
 *REN: nũ **dá** não // (bfamcv03)

Assim como as orações da subseção anterior, (147) pode ser reescrita utilizando-se uma expressão relacional com o verbo *ser*. Tem-se, no entanto, uma reescrita na qual o Atributo é o adjetivo *possível*: *nũ é possível não*. Isso conduz à interpretação do processo realizado pelo verbo *dar* em (147), também, como Relacional atributivo qualitativo. Todavia, há uma particularidade nessa oração: o participante na função de Portador não é um grupo nominal, como *duas cervejas*, *aquele pó de pedra* etc., mas uma oração, como demonstra a análise na **Figura 61**:

Figura 61 – Oração na função de Portador

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

Isolada de seu contexto de uso, uma oração como *nũ dá não* possibilita a pergunta teste *O que não dá?*, indicando que o processo de atribuição realizado pelo verbo *dar* (*ser possível*) aponta para um participante na função de Portador. Em inglês, é possível, com outros verbos que não o *dar*, construções parecidas com (147), mas com um elemento – como *it*, *that* e *this* – usado como referente na função de Portador: “*Nem todos os estados têm execuções. – Sim, isso é verdade, mas alguns estados têm*” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 223). Em português brasileiro, como se vê no exemplo (147), esse elemento, de natureza anafórica, utilizado em referência à oração já enunciada no texto, é facultativo: poder-se-ia ter, além de *nũ dá não*, também a oração *isso nũ dá não*.

A partir das orações analisadas no *corpus* C-ORAL-BRASIL, percebe-se que a oração na função de Portador pode ser representada como constituinte de sintagma preposicional (encabeçado pela preposição *para*) posposto ao verbo *dar* (exemplos (148) a (150)) ou pode ter um de seus participantes internos ou elementos circunstanciais em posição temática (exemplos (151) e (152), respectivamente).

- (148) *REN: **dá** pa fechar o jogo //
 *CAR: <dá não> //
 *ONO: <fechar o jogo> de que jeito //
 *CAR: fechar [o jogo] nũ **dá** não // (bfamcv03)
- (149) porque a contração já vinha assim / de três em três passos já nũ **dava pa** andar // aí deitei no carro lá atrás // (bfammn28)
- (150) o que importa é a informação // então nũ **dá pa** ficar editando / colocando / né / inventando muito // (bpubmn12)
- (151) aí agora ela nũ **dá** pa poder convidar / né // (bfamcv02)
- (152) <massa> mole nũ **dá** pra pôr recheio // (bfamdl33)

Na oração (148), é evidenciada a possibilidade de se dispor o participante na função de Portador tanto depois (informação nova – *dá pra fechar o jogo*) como antes (informação velha – *fechar o jogo não dá*) no desenvolvimento do texto. A oração (151) demonstra o participante

ela, da oração *para poder convidar ela*, em posição temática em relação à oração com o verbo *dar*: *nũ dá pa poder convidar ela* => *ela nũ dá pa poder convidar*. Por seu turno, a oração (152) evidencia o elemento circunstancial *massa mole*, da oração *pôr recheio na massa mole*, em posição temática. Na interpretação aqui adotada a partir da análise transitiva, o verbo *dar* realiza, em todos os casos, um Processo Relacional intensivo atributivo qualitativo, enquanto *pa fechar o jogo*, *fechar [o jogo]*, *ela [...]* *pa poder convidar*, *massa mole [...]* *pra pôr recheio* etc. são orações que, estando no nível do grupo, exercem a função de Portador:

Figura 62 – Análise de orações com o Portador como informação nova ou velha

fechar [o jogo]	nũ dá não
Portador	Pr.: Relacional intensivo atributivo qualitativo

dá	pa fechar o jogo
nũ dava	pa andar
nũ dá	pa ficar editando / colocando / né / inventando muito
Pr.: Relacional intensivo atributivo qualitativo	Portador

ela	nũ dá	pa poder convidar
o barco	nũ dá	pra ver
massa mole	nũ dá	pra pôr recheio
Por...	Pr.: Relacional intensivo atributivo qualitativo	...tador

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

Nesta tese, nossa análise repousa sobre o sistema de TRANSITIVIDADE, sistema lexicogramatical que aponta para a forma como a experiência é representada. Dentro desse nicho lexicogramatical, é no sentido relacional, como descrito nesta subseção, que o verbo *dar* é usado. Mas veja-se que as orações de (147) a (152), embora representem a possibilidade (*ser possível*) como um atributo, referem-se a uma *avaliação* sobre o potencial de ocorrência das proposições *matar o onze* (147), *fechar o jogo* (148), *andar* (149), *ficar editando*, *colocando*, *inventando muito* (150), *poder convidar ela* (151) e *pôr recheio na massa mole* (152)¹³³. Dessa forma, a partir da metafunção interpessoal, as construções analisadas nesta subseção evidenciam o verbo *dar* usado na expressão da modalidade.

¹³³ Nessas orações, a avaliação ainda pode ser mais ou menos intensificada: *nũ dá muito*, *nũ dá de jeito nenhum* etc.

Para algumas expressões com Processo Relacional intensivo atributivo qualitativo seguido de oração, é possível tanto o sentido *ser suficiente* (ver subseção anterior) como *ser possível*. A oração **deu** *pra servir todo mundo, Jader?* (bpubdl07), isolada de seu contexto, direciona ao entendimento **foi possível** *servir todo mundo, Jader?*. Entretanto, analisando o contexto no qual foi usada (alguém querendo saber se uma pizza com um dado número de fatias foi suficiente para um determinado número de pessoas), verifica-se o participante *a pizza* implícito. Nesse caso específico, o Portador é *a pizza*, enquanto *pra servir todo mundo* é uma Circunstância de propósito. Essa análise é exposta na **Figura 63**.

Figura 63 – Ambiguidade em orações relacionais intensivas atributivas qualitativas

[a pizza]	deu	pra servir todo mundo?	foi suficiente...?
Portador	Pr.: Relacional intensivo atributivo qualitativo	Circunstância de propósito	
	deu	pra servir todo mundo?	foi possível...?
	Pr.: Relacional intensivo atributivo qualitativo	Portador	

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

No caso da interpretação em que o Portador é realizado por *a pizza*, esse elemento é que faz parte do centro da estrutura experiencial da oração, enquanto *pra servir todo mundo* é representado de modo periférico. Apesar de essa ser a forma de representação escolhida no exemplo em questão, no C-ORAL-BRASIL o mais comum é que as orações relacionais intensivas atributivas qualitativas com a construção *dar para...* representem a qualidade do que é possível (*ser possível*), conforme exposto ao longo desta subseção.

6.3.4 Verbo *dar* intensivo atributivo com Numerativo estendido

Orações Relacionais intensivas com o verbo *dar* podem ainda ser constituídas de um Atributo com o Ente indicando uma classe da qual o Portador é um membro de forma momentâneo. Nesse caso, o sentido que se tem é aquele em que o Portador, não sendo da classe apontada pelo Ente na função de Atributo, exerce atividades que lhes são características. A oração (153) exemplifica esse padrão com o verbo *dar*. Veja-se que nessa oração o participante *cê*, não sendo *pedreiro*, esteve, temporariamente ou fingidamente, exercendo as atividades desse profissional.

- (153) mas aqui / no meio dessas coisas todas / fiquei sabendo que **cê deu** uma de pedreiro lá / e fez <uma revolução> lá na sua <casa> // (bfammn13)

O grupo nominal na função de Atributo possui a estrutura *uma + de + X*, em que *X* indica a classe atributiva (no exemplo acima, *pedreiro*). Essa estrutura é aqui interpretada como um grupo nominal com *X* realizando a função de Ente, enquanto *uma de* é o elemento na função de Numerativo¹³⁴ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 333), indicando que não se trata da totalidade necessária à profissão de pedreiro, e sim de um momento, passageiro (ou fingido), vivenciado como um “tipo” de pedreiro.

A reescrita (154) aponta para uma construção semelhante que se diferencia de (153) no que diz respeito ao Numerativo do grupo nominal Atributo:

- (154) **cê deu uma pinta de** pedreiro (reescrita de (153))

Comparando as orações (153) e (154), percebe-se que naquela a função de Numerativo possui a estrutura com um elemento elíptico que delimita o Ente *pedreiro*, indicando, diante da generalidade que envolve “ser pedreiro (profissional)”, tratar-se de “um tipo/espécie de pedreiro” – mas não necessariamente sendo esse elemento elíptico a palavra *pinta*. Essa análise é atestada pela morfologia do artigo indefinido *uma*: por estar na forma feminina, indica que não modifica a palavra *pedreiro*, no masculino, e sim uma outra palavra, constituindo com ela e com a palavra *de* o Numerativo do Ente realizado pelo elemento *pedreiro*. Na função de Numerativo, *uma de* e *uma pinta de* medem o grau de pertencimento do Portador à classe indicada pelo Ente. A figura seguinte demonstra essa análise:

Figura 64 – Análise de orações relacionais com Atributo modificado por Numerativo estendido

cê	deu	uma	-	de	pedreiro
cê	deu	uma	pinta	de	pedreiro
Portador	Pr.: Relacional intensivo	Atributo			
		Numerativo			Ente
		Pré-Modificador	Núcleo	Pós-Modificador	

Fonte: O autor (2019). Oração extraída do C-ORAL-BRASIL (*cê deu uma de pedreiro* (bfammn13)). A outra oração é uma reescrita.

¹³⁴ Em Davidse (1992, p. 84), o termo Numerativo, em construções como essas, é designado Pré-Dêítico. Isso se deve pelo fato de, entre a expressão *uma de* e *pedreiro*, poder haver um Dêítico, como por exemplo em *cê* [Portador] *deu* [Pr.: Relacional] *uma de* [Pré-Dêítico] **um** [Dêítico] *pedreiro* [Ente].

Na análise da **Figura 64**, o Núcleo, na estrutura lógica do grupo nominal na função de Atributo, é dissociado do Ente. O que se tem é um participante constituído de duas entidades, uma restringindo a outra: “o Ente [...] é a entidade que está funcionando como participante na estrutura transitiva da oração, o Núcleo lógico da construção é algo que restringe a entidade” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 333). Outros exemplos de orações relacionais intensivas com as mesmas características apresentadas nesta seção são encontradas no Corpus Brasileiro:

- (155) O ministro **deu** uma de mineiro: «Em todo lugar, por mais que se tenha mineiro, sempre se precisa de mais um» (Corpus Brasileiro)
- (156) Você já **deu** uma de Clô, que faz de tudo para encontrar a sua metade e, na hora H, dá um fora gigantesco e põe tudo a perder? (Corpus Brasileiro)
- (157) O Folhateen **deu** uma de gênio da lâmpada e saiu perguntando qual o desejo da galera para o novo ano (Corpus Brasileiro)
- (158) E o Santos **deu** uma de Palmeiras e goleou o América (Corpus Brasileiro)
- (159) Pensando neles, o Michael **deu** uma de esperto (Corpus Brasileiro)
- (160) Se você **der** uma de vacilão, vai parar na tauba da beirada (Corpus Brasileiro)
- (161) O Jôquei Clube **deu** uma de Cristo ressuscitando Lázaro (Corpus Brasileiro)
- (162) Se eu for **dar um** de carrasco, os alunos vão detestar não só a aula, quanto mais detestar o professor, que é pior ainda (Corpus Brasileiro)

Essas orações demonstram que a classe da qual o Portador se torna um membro momentaneamente pode ser de natureza variada: (i) nome indicativo de profissão (*pedreiro*), origem (*mineiro*), pessoa (*Clô*) etc.; (ii) adjetivo indicativo de qualidade (*esperto*, *vacilão*); ou oração (*Cristo ressuscitando Lázaro*). Ainda demonstram que o artigo indefinido é geralmente representado na forma feminina, muito embora também seja possível a forma masculina (exemplo (162)), indicando, pois, que o elemento elíptico pode ser uma palavra do gênero gramatical masculino (como, por exemplo, *tipo* ou *sujeito*: *se eu for dar um [tipo/sujeito] de carrasco [...]*)¹³⁵.

Por fim, a oração (153) ainda pode ser reescrita como em (163). Considerando-se o grupo nominal que realiza o Atributo, não mais se tem o Numerativo estendido. Com isso, o sentido relacional é o de atributivo qualitativo, o mesmo daquele exposto na seção 6.3.1: o participante *pedreiro* é representado em sua totalidade (cê “tornou-se” um pedreiro).

¹³⁵ No Corpus Brasileiro, apenas três orações foram encontradas com o artigo no masculino. Nos três casos, a forma masculina poderia ser substituída pela forma feminina: *se eu for dar um/uma de carrasco [...]*; *[o vizinho dela] vive dando um/uma de galã*; *os competidores deverão dar um/uma de Júniores*.

(163) *cê deu **um** pedreiro* (reescrita de (153))

Comum entre todas essas orações é o verbo *dar* na função de Processo Relacional intensivo apresentando fases no evento de atribuição; é, portanto, um processo marcado, como apontado por Halliday e Matthiessen (2004, p. 222).

6.3.5 Verbo *dar* intensivo identificativo de igualdade

Um outro grupo de orações com o verbo *dar* também foi analisado como sendo do tipo relacional intensivo. Este grupo é formado por orações constituídas, na maioria das vezes, de dois participantes, sendo um na função de Identificado e outro na função de Identificador:

- (164) *primeiro táxi **deu** seis reais* / né // (bfamcv08)
 (165) *é / uma linha macho / e duas linha fêmeas dentro de uma estufa de / mais ou menos / **ela dá** duzentos metros quadrados* // (bpubdl05)
 (166) *eu nũ tô vendendo fiado / **oito quilo** [de linguiça] **deu** onze* / a nove / faz a conta aí / (bfamcv10)
 (167) *ela é [2] &che [1] ea chega a medir / assim / mais + [13] **o diâmetro dea deve dar uns** [1] **uns quarenta cinqüenta centímetro de** [1] **de &s** [2] **de grossura*** / (bfammn01)
 (168) *é / yyyy // **ele** [joão-urutu] **dá** &n [1] **num** [1] **numa faixa assim duns** / três quilo / **mais ou menos*** // (bfammn14)
 (169) ***dá** dois [reais] **aí** [esta quantia de moedas]* // tem dinheiro trocado aqui // (bpubcv04)

No exemplo (164), *seis reais* identifica *primeiro táxi*; em (165), *duzentos metro quadrados* identifica *ela* (a estufa); em (166), *onze* identifica *oito quilo [de linguiça]*; em (167), *uns quarenta cinqüenta centímetro de grossura* identifica *o diâmetro dea*; em (168), *numa faixa assim duns três quilo* identifica *ele [joão-urutu]*; por fim, em (169), *dois [reais]* identifica *aí [esta quantia de moeda]*. Nesses casos, os participantes na função de Identificador não representam classes, como acontece com o papel de participante Atributo em orações atributivas – uma versão atributiva da oração (164) seria, por exemplo *primeiro táxi [Portador] deu [Processo Relacional intensivo atributivo] caro [Atributo]*. O Identificador tem, na realidade, uma identidade definida, particular, que é associada ao participante na função de Identificado. A **Figura 65** demonstra essa análise:

Figura 65 – Processos Relacionais intensivos identificativos realizados por *dar*

primeiro táxi	deu	seis reais
ela	dá	duzentos metros quadrados
oito quilo [de linguiça]	deu	onze
o diâmetro dea	deve dar	uns uns quarenta cinqüenta centímetro de de de grossura
ele [joão-urutu]	dá	num numa faixa assim duns três quilo mais ou menos
aí [esta quantia de moedas]	dá	dois [reais]
Identificado	Processo Relacional intensivo identificativo	Identificador

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

Essas orações se distinguem das demais relacionais intensivas identificativas por indicarem o sentido de igualdade quantitativa. O Identificador, nesse caso, refere-se a um participante que representa uma totalidade de uma soma.

De fato, o Identificador, nesse grupo de orações, somente pode servir como resposta à pergunta *quanto?*: *quanto deu o primeiro táxi?*, *quanto dá ela [a estufa]?*, *quanto deu oito quilo [de linguiça]?*, *quanto deve dar o diâmetro dea?*, *quanto dá ele [joão-urutu]?*, *quanto dá aí [esta quantia de moedas]?*. Essas perguntas, com exceção daquelas que apresentam o Dêitico *aí*, podem ser construídas com o participante Identificador antes do Processo: *quanto o primeiro táxi deu?*, *quanto ela dá?*, *quanto oito quilo [de linguiça] deu?*, *quanto o diâmetro dea deve dar?*, *quanto ele [joão-urutu] dá?*, **quanto aí [esta quantia de moedas] dá?*. Ainda, há a possibilidade de a pergunta ser construída com a palavra *quanto* em posição final: *o primeiro táxi deu quanto?*, *ela [a estufa] dá quanto?*, *oito quilo [de linguiça] deu quanto?*, *o diâmetro dea (deve) dá quanto?*, *ele [joão-urutu] dá quanto?*, *aí [esta quantia de moedas] dá quanto?*. Os exemplos seguintes, do próprio *corpus* C-ORAL-BRASIL, evidenciam essas possibilidades estruturais em orações *relacionais intensivas identificativas de igualdade* na forma interrogativa (em todas elas a palavra *quanto* realiza a função de Identificador):

- (170) *aí o preju / quanto que + quanto que deu o prejuízo //* (bfamcv08)
 (171) *<quanto que deu o> total // da conta //* (bfamcv08)
 (172) *e aí / [a conta] deu quanto //* (bpubcv04)
 (173) *hhh quantos bolinhos de chuva dá aqui [esta massa] //* *que aqui em casa vai durar dez minutos //* (bfamdl33)

No tocante à estrutura do grupo nominal na função de Identificador, esses exemplos demonstram a não necessidade de especificação do núcleo da palavra *quanto* em referência a

um valor financeiro: *quanto(s) (reais) que deu o prejuízo?*; *quanto(s) (reais) que deu o total da conta?*; *[a conta] deu quanto(s) (reais)?*.

A oração (173), por seu turno, apresenta um grupo nominal com a expressão *bolinhos de chuva* seguindo a palavra *quantos*. A versão afirmativa dessa oração seria algo como *aqui [esta massa] dá 20 bolinhos de chuva*. Para esse caso, pode-se pensar que o Núcleo do grupo nominal é o Ente *bolinhos*; no entanto, dada a natureza transitiva das orações em questão, esse espaço é ocupado pelo Numerativo. Isso é evidenciado pelos próprios pronomes interrogativos, que se referem sempre a um valor numérico (*quantos...?*). Consequentemente, a análise expressa na **Figura 66** é a mais adequada para alguns dos grupos nominais na função de Identificador:

Figura 66 – Análise dos grupos nominais na função de Identificador

20	bolinhos	de chuva
quantos	bolinhos	de chuva
Identificador		
Numerativo	Ente	Classificador
Núcleo	Modificador	

seis	reais
Identificador	
Numerativo	Ente
Núcleo	Modificador

uns	quarenta e cinco	centímetros	de grossura
Identificador			
Dêitico	Numerativo	Ente	Classificador
Modificador	Núcleo	Modificador	

Fonte: O autor (2019). Grupos nominais extraídos de orações do C-ORAL-BRASIL.

Ainda sobre o grupo nominal na função de Identificador, percebe-se, em alguns casos, a inexistência do participante na função de Identificado (ver exemplo (174) a seguir), resultando, por conseguinte, em uma expressão metafórica em que o elemento na função de Ente do grupo nominal Identificado é realizado como Classificador do grupo nominal Identificador (coisa => qualidade – domínio 13 do **Quadro 4** (p. 64)), como verificado na primeira oração do exemplo seguinte e ilustrado na **Figura 67**:

(174) deu oito quilo **de carne** / Carlos Henrique / deu quarenta **de lucro** // (bfamcv10)

Figura 67 – Formação de metáfora gramatical de oração relacional intensiva identificativa de igualdade

a	carne	deu	oito	quilo
Identificado	Pr.: Relacional intensivo identificativo de igualdade		Identificador	
Dêítico	Ente	Evento	Numerativo	Ente
Modificador	Núcleo	Evento	Núcleo	Mod.
determinante	nome	verbo	numeral	nome

versão congruente

deu	oito	quilo	de carne
Pr.: Relacional intensivo identificativo de igualdade	Identificador		
Evento	Numerativo	Ente	Classificador
Evento	Núcleo	Modificador	
verbo	numeral	nome	sintagma preposicional

versão metafórica

Fonte – O autor (2019). Oração metafórica extraída do C-ORAL-BRASIL. A oração congruente é uma reescrita.

Uma versão congruente semelhante pode ser criada para a oração *deu quarenta de lucro*:

Figura 68 – Versão congruente de oração metafórica com Processo Relacional intensivo identificativo de igualdade

o lucro	deu	quarenta
Identificado	Processo Relacional intensivo identificativo de igualdade	Identificador

Fonte: O autor (2019). Reescrita de *deu quarenta de lucro* (bfamcv10).

Nessa reexpressão congruente apresentada na **Figura 68**, fica evidenciada a possibilidade de o elemento na posição de Classificador ser representado no papel de participante Identificado. No caso de *o lucro*, em *o lucro deu quarenta*, há uma particularidade: este participante é uma nominalização do processo *lucrar*. Nesse sentido, numa escala de congruência, ainda é possível apontar a oração *x lucrou quarenta reais*, uma versão ainda mais congruente para *deu quarenta de lucro*. Aqui, a metáfora se dá no sentido processo => coisa, referente ao domínio 2 do **Quadro 4** (p. 64): *x lucrou quarenta* => *o lucro deu quarenta*. Essa interpretação entre a forma congruente e a forma menos congruente (metafórica) é exposta na **Figura 69** a seguir. Nessa figura, a segunda coluna expressa o processo de metaforização da oração *deu oito quilo de carne*; a terceira coluna, por seu turno, expressa o mesmo processo aplicado à oração *deu quarenta de lucro*.

Figura 69 – Metáfora gramatical em Processos Relacionais intensivos identificativos de igualdade

	deu oito quilo de carne / Carlos Henrique / deu quarenta de lucro	
mais congruente ↑↑	a <u>carne</u> deu oito quilos	x vendeu a carne e <u>lucrou</u> quarenta reais
↓↓ menos congruente	deu oito quilo <u>de carne</u>	o <u>lucro</u> (da venda da carne) deu quarenta (reais) deu quarenta (reais) <u>de lucro</u>

Fonte: O autor (2019). Orações metafóricas extraídas do C-ORAL-BRASIL (bfamcv10). As versões (mais) congruentes são reescritas.

Por fim, as orações do tipo *relacional intensivo identificativo de igualdade* aqui analisadas apresentam as estruturas operativa e receptiva. No entanto, na estrutura receptiva, verifica-se uma estranheza da construção com o verbo *dar*: **seis reais foram dados pelo primeiro táxi*. Uma configuração receptiva “possível” seria com o verbo *totalizar* ou *somar*, como em *foram totalizados seis reais pelo primeiro táxi*. Essa estrutura receptiva, no entanto, é raramente usada para valores financeiros. Consultando o Corpus Brasileiro, as estruturas receptivas mais frequentemente encontradas referem-se a dados estatísticos, como em *no Estado do Pará, foram totalizados 7 milhões de hectares em terras griladas do Poder Público* – orações como essas, contudo, necessitam de uma reflexão mais apurada, pois uma de suas características é a presença de um elemento circunstancial que na estrutura operativa pode ser um participante: *o Estado do Pará totalizou/deu 7 milhões de hectares em terras griladas do Poder Público*.

6.3.6 Verbo *dar* circunstancial

As orações relacionais também podem ser do tipo circunstancial. A seguir, a forma verbal *dar* é usada na realização de Processo Relacional atributivo circunstancial de tempo (exemplo (175)) e lugar (exemplos (176) a (178)).

- (175) *ASI: a caminhada nã é dia primeiro não / é dia cinco //
*CRI: e se dia cinco **der** durante a semana // [...] aí muda (bfamdl16)
- (176) aqui [este local] **dá** pra <porta> // (bpubcv01)
- (177) A fachada do Comitê Olímpico na avenida de Gentilly **dá** para a Casa do Brasil.
(Corpus Brasileiro)
- (178) – Aqui não passa trenó – disse o homem.
– Não há tráfego aqui.

– Mas este é o caminho que **dá** para o castelo. (Corpus Brasileiro)

Nessas orações, o Portador (*dia cinco*, *aqui*, *a fachada do Comitê Olímpico na avenida de Gentilly* e *o caminho*) mantém, com o Atributo, uma relação de tempo (*durante a semana*) ou lugar (*pra porta*, *para a Casa do Brasil*, *para o castelo*). Em todos os casos, o participante Portador é representado como um dos membros que compõem um determinado período temporal ou se dispõem em relação a um determinado lugar. A **Figura 70** expressa a análise dessas orações.

Figura 70 – Verbo *dar* em orações relacionais de circunstância

dia cinco	der	durante a semana
Portador	Processo atributivo circunstancial: tempo	Atributo
aqui [este local]	dá	pra porta
A fachada do Comitê Olímpico na avenida de Gentilly	dá	para a Casa do Brasil
este caminho	dá	para o castelo
Portador	Processo atributivo circunstancial: lugar	Atributo

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL (*dia cinco der durante a semana* (bfamdl16); *aqui dá pra porta* (bpubcv01)) e do Corpus Brasileiro (*A fachada do Comitê Olímpico na avenida de Gentilly dá para a Casa do Brasil*; *este caminho dá para o castelo*).

No caso do verbo *dar* realizar um Processo Relacional atributivo circunstancial de lugar, são possíveis dois sentidos, a depender da natureza do participante Portador. Sendo o Portador um ponto de referência, como *aqui*, em (176), e *a fachada do Comitê Olímpico na avenida de Gentilly*, em (177), é representado como situando-se em frente ao local especificado pelo Atributo; sendo o Portador um ponto de ligação entre dois ou mais lugares (caminho, estrada, pista, rua, avenida etc., como em (178)), o Atributo é o local para onde ele se direciona. Em ambos os casos, verifica-se, tal como apontado por Halliday e Matthiessen (2004, p. 242), a natureza física e imóvel do participante Portador.

6.4 Verbo *dar* Verbal

Segundo Halliday e Matthiessen (1999), as figuras podem representar experiências simbólicas. Esse processamento simbólico pode ser tanto do tipo mental como do tipo verbal.

Na forma de representação verbal, tem-se, assim como nas representações mentais, o participante Simbolizador, que é, frequentemente, dotado de consciência.

No caso das orações verbais, o Simbolizador é denominado Dizente. Além desse participante, as orações verbais caracterizam-se pela possibilidade de projeção e pelos participantes Verbiagem – referente ao conteúdo do processamento semiótico/verbal – e Receptor – para quem é direcionado o processamento simbólico/verbal.

Das orações com processos realizados pela forma verbal *dar*, foram identificadas algumas que se enquadram no domínio verbal da gramática da experiência. As orações seguintes são apresentadas como exemplos:

- (179) aliás / a amiga dela que usava / né / e [a amiga dela] **deu** o nome [do ácido bórico] pra ela // só que ã **deu** por escrito / né <hhh> // (bfamcv19)
- (180) aí / ela me **deu** > [o nome do remédio] por escrito // falou / compra pra mim // porque / eu tô com problema no dedo / &he / de lavar roupa // aí eu fui à farmácia / (bfamcv19)
- (181) e se ele pensar que é só o conteúdo / vai chegar e **dar** o conteúdo / ele não vai conseguir fazer isso // que e' tem que procurar entender os outros fatores pra que e' consiga / né // ou seja / tem que ter jeito [/1] jogo de cintura // (bfammn15)
- (182) ela mora / lá em beagá / ela me **deu** até o endereço / eu ia lá na casa dela lá visitar ela / <né> / (bpubdl11)

As orações de (179) a (182) apresentam um participante dotado de consciência, embora essa não seja uma característica definidora do Dizente. O Processo Verbal, nesses casos, apesar de não ser realizado pela forma prototípica *dizer*, também tem a ideia de compartilhamento de conteúdo simbólico. O conteúdo simbólico é realizado por grupos nominais como *o nome (do ácido bórico, do remédio etc.)*, *o endereço*, *o conteúdo*, *uma dica* etc. que ocupam a função de Verbiagem. O participante com quem o Dizente compartilha o conteúdo simbólico é o Receptor, realizado por um sintagma preposicional encabeçado pela preposição *para (pra ela)* ou por um grupo nominal nucleado por um pronome oblíquo (como *me*).

Figura 71 – Processos Verbais com o verbo *dar*

ela	me	deu	[o nome do remédio]	por escrito
ela	me	deu	o endereço	
Dizente	Receptor	Pr.: Verbal	Verbiagem	Circ.: Meio
Agente	Beneficiário	Processo	Extensão	Circunstância

[a amiga dela]	deu	o nome [do ácido bórico]	pra ela	
[a amiga dela]	deu	[o nome do ácido bórico]	[pra ela]	por escrito
[ele]	dar	o conteúdo	[para os alunos]	
Dizente	Pr.: Verbal	Verbiagem	Receptor	Circ.: Meio
Agente	Processo	Extensão	Beneficiário	Circunstância

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

Comparando-se essas orações com aquelas em que o verbo *dar* é transformativo de extensão, duas semelhanças são percebidas. A primeira se dá com os participantes do par Receptor-Recebedor: o Receptor é parecido com o Recebedor semanticamente e lexicogramaticalmente, por se referirem, geralmente, a um ser consciente e serem realizados por sintagma preposicional com *a/para* ou grupo nominal com pronome oblíquo. A segunda semelhança é percebida entre os participantes Dizente e Ator: o Ator, apesar de constituir orações materiais (que não apresentam restrições quanto à consciência de seus participantes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004)), quando diante do verbo *dar* transformativo de extensão é, também, tal como o Dizente, geralmente consciente; ambos o Dizente e o Ator também são realizados por um grupo nominal. Essa semelhança é percebida no modelo generalizado da transitividade (isto é, o modelo ergativo), no qual ambos Receptor e Recebedor são referidos como Beneficiário e ambos Dizente e Ator são referidos como Agente. (Ver **Figura 72** a seguir.)

A diferença entre as orações analisadas nesta seção e aquelas em que o verbo *dar* é transformativo de extensão se dá entre os participantes do par Verbiagem-Meta e na natureza do elemento circunstancial. O participante na função de Verbiagem refere-se não a algo concreto passível de ser transferido, mas a um conteúdo simbólico – esse conteúdo simbólico, a bem dizer, não é transferido, mas compartilhado, pois o Dizente, ao transferi-lo, não deixa de tê-lo. Quanto ao elemento circunstancial, é comum encontrar, nas orações verbais, a presença de uma Circunstância de Meio indicando o meio de expressão (falado, escrito) utilizado no compartilhamento do conteúdo simbólico (como, por exemplo, *por escrito*, nos exemplos (179)

e (180)). Essa diferença é percebida até mesmo no modelo ergativo, para a qual o conteúdo simbólico nas orações verbais é representado na função Extensão e o objeto transferido nas orações materiais é representado na função de Meio (ver **Figura 72**).

Figura 72 – Similaridades e diferenças entre o verbo *dar* Material transformativo de extensão e o verbo *dar* Verbal

Oração verbal		ela	me	deu	[o nome do remédio]	por escrito
	pers. transitiva	Dizente	Receptor	Pr.: Verbal	Verbiagem	Circ.: Meio
	pers. ergativa	Meio	Beneficiário	Processo	Extensão	Circunstância
Oração material		ela	me	deu	uma santinha	pra mim rezar
	pers. transitiva	Ator	Recebedor	Pr.: Material	Meta	Circ.: Causa
	pers. ergativa	Agente	Beneficiário	Processo	Meio	Circunstância

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

Assim, apesar de as orações apresentadas nesta seção também disporem do padrão geral *alguém dar algo a/para alguém*, trata-se de elementos de sentidos diferentes, com uma configuração própria, merecendo, portanto, uma classificação distinta.

6.5 Verbo *dar* Mental

Além das características das orações mentais apresentadas no Capítulo 2, seção 2.3.1, Halliday e Matthiessen (2004) ainda identificam a bidirecionalidade semântica, que aponta para orações semanticamente semelhantes com processos realizados por formas verbais distintas (ver **Figura 73**):

Figura 73 – Verbos *gostar* e *agradar* interpretados como orações mentais

Maria	gostou	do presente	o presente	agradou	Maria
Experienciador	Pr.: Mental	Fenômeno	Fenômeno	Pr.: Mental	Experienciador
gr. nominal	gr. verbal	gr. nominal	gr. nominal	gr. verbal	gr. nominal

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 201).

Para Halliday e Matthiessen (2004), são comuns, na região mental da representação da experiência, pares de verbos voltados para essa bidirecionalidade: *gostar-agradecer*, *acreditar-convencer*, *temer-amedrontar* etc. Verificamos que ambos os direcionamentos podem ser realizados pela forma verbal *dar*. A oração do exemplo (183), com o nome *pensada* na função

de Escopo, indica a direção do tipo ‘gostar’; os exemplos (184) e (185) estão para a direção do tipo ‘agradar’.

- (183) Ela tirou rapidamente os sapatos do pé, **deu** uma analisada, estavam perfeitos, e entregou à menina¹³⁶
- (184) [o viagra] **dá** duas vezes mais satisfação do que o grau três // pra ele e pra mulher // (bfammn16)
- (185) [a notícia] me **deu** prazer (Corpus Brasileiro)

A exemplo do que acontece com as orações mentais em inglês, no português brasileiro o verbo *dar* pode estar acompanhado do participante Fenômeno realizado por uma oração:

- (186) Sempre me **deu** prazer ironizar meu aspecto físico (Corpus Brasileiro)

A **Figura 74**, a seguir, expressa a análise das orações mentais aqui expostas:

Figura 74 – Análise das orações mentais com o verbo *dar*

Tipo ‘gostar’	Ela	deu	uma analisada	[nos sapatos]
	Experienciador	Pr.: Mental	Escopo	Fenômeno
Tipo ‘agradar’	[a notícia]	me	deu	prazer
	Fenômeno	Experienciador	Pr.: Mental	Escopo
	[o viagra]	dá	duas vezes mais satisfação do que o grau três	pra ele e pra mulher
	Fenômeno	Pr.: Mental	Escopo	Experienciador

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas da Internet (Ela deu uma analisada [nos sapatos]), do Corpus Brasileiro ([a notícia] me deu prazer) e do C-ORAL-BRASIL ([o viagra] dá duas vezes mais satisfação do que o grau três pra ele e pra mulher (bfammn16)).

O Experienciador nas orações do tipo ‘agradar’ é realizado de maneira semelhante ao Receptor das orações materiais transformativas de extensão: (i) por meio de sintagma preposicional encabeçado pela preposição *para/pra* ou *a*; e (ii) por pronome pessoal do caso oblíquo (*me, te, nos* etc.). Essa semelhança pode estar relacionada ao fato de o Fenômeno, nesse tipo de oração mental, ter a função de Agente no modelo ergativo. Mas as orações mentais com o verbo *dar* se distinguem por sempre apresentarem a função Escopo e poderem ter o Fenômeno realizado por orações.

¹³⁶ Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8541600696>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

6.6 Verbo *dar* Comportamental

Os Processos Comportamentais encontram-se na zona de indeterminação entre os Materiais e os Mentais. Possuem, como apontam Halliday e Matthiessen (2004), características materiais, por apresentarem o presente-no-presente como tempo gramatical predominante, e mentais, por apresentarem um ser tipicamente consciente no papel de Comportante. Nos exemplos de (187) a (188), o verbo *dar* realiza esse tipo de processo; o Comportante encontra-se sublinhado:

- (187) *MAR: igual ela passou aquela música I Feel Good // [...] <até hoje eu lembro> // [...] aque' gritão que ela **deu** lá //
- *LUC: ah / ela **deu** grito na sala //
- *MAR: hhh [ela] **deu** / ela pegou / uau //
- *LUC: ah //
- *LUC: é no final da &mu [música I feel good] /2 <dá esse grito> // (bpubdl11)
- (188) [...] num restaurante de Berlim Oriental, o americano primeiro olhou com irritação, mas depois [o americano] **deu** um sorriso polido ao receber o presente. (Corpus Brasileiro)

Para além do Comportante, participante central (haja vista sua função de Meio no modelo ergativo), essas orações dispõem do Comportamento, participante semelhante ao Escopo:processo associado aos Processos Materiais (inclusive compartilhando com ele a mesma função de Extensão na análise ergativa).

Figura 75 – Verbo *dar* realizando Processos Comportamentais

ela	deu	grito	na sala de aula
o americano	deu	um sorriso polido	ao receber o presente
Comportante	Pr.: Comportamental	Comportamento	Circunstância
Meio	Processo	Extensão	Circunstância

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL (*ela deu um grito na sala de aula* (bpubdl11)) e do Corpus Brasileiro (*[o americano] deu um sorriso polido ao receber o presente*).

O Comportamento especifica o ato fisiológico exercido pelo Comportante diante de algum estímulo. O Núcleo do grupo nominal que realiza esse participante é, como exposto no Capítulo 3, a nominalização de um verbo (*gritar* => *grito*; *sorrir* => *sorriso*). Esses casos específicos de metáfora gramatical serão analisados no capítulo seguinte, momento em que haverá um detalhamento do sentido das orações incongruentes em relação às congruentes.

6.7 Verbo *dar* Existencial

As orações existenciais representam a existência de algo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Indo mais além, Davidse (2000, p. 15) afirma que as orações existenciais em suas formas não marcadas representam (i) o quanto (ii) da instância de uma categoria geral (iii) ocorre (iv) em um domínio específico. A oração (189), a seguir, exemplifica essa configuração (para conhecimento do contexto que antecede essa oração, ver exemplo (187)):

(189) é no final da μ [música I feel good] /2 <**dá** esse grito> // (bpubdl11)

Sendo o verbo *dar* um Processo Existencial, essa oração é analisada como disposto na **Figura 76**.

Figura 76 – O verbo *dar* realizando Processos Existenciais

no final da música	dá	esse grito
Circunstância de Localização	Pr.: Existencial	Existente

Fonte: O autor (2019). Oração extraída do C-ORAL-BRASIL.

O que está em evidência é, na esteira de Davidse (2000) o fato de *um tipo de grito de volume alto existir no final de um trecho de música*. Além dessa configuração sugerida por Davidse (2000) – até certo ponto confirmada por Halliday e Matthiessen (2004, p. 258) quando reconhecem a frequência de circunstâncias de lugar ou tempo em orações existenciais –, um outro fator que conduz à interpretação da oração da **Figura 76** como existencial é a não disposição, nem mesmo elíptica¹³⁷, de um outro participante. Analisando o contexto, o evento representado não é aquele em que temos, por exemplo, [*a cantora*] *dá esse grito*. A falta desse participante permite dizer que essa oração não possui como versão agnata uma expressão com o verbo *gritar* (**no final da música grita*), portanto não podendo ser analisada como comportamental.

¹³⁷ Essa foi a interpretação adotada para a oração apresentada nesta seção. No entanto, seria possível a interpretação com o participante *a cantora* elíptico, na função de Comportante diante do verbo *dar* como Processo Comportamental: [*a cantora*] *dá esse grito*.

6.8 Verbo *dar* auxiliar em complexos verbais

Uma oração como *deu para você fechar os jogos*¹³⁸ (bfamcv03) é do tipo relacional intensivo atributivo qualitativo (ver seção 6.3.2). Tomando essa oração como exemplo, veja-se que em português brasileiro é possível que o elemento *você*, de ***você fechar os jogos*** (oração constituinte do sintagma preposicional encabeçado pela preposição *para*), passe a ser participante da oração principal em que o verbo *dar* é expresso: ***você deu para fechar os jogos***. Essa mudança estrutural do participante *você* se deve, em alguns momentos, à mudança da natureza do verbo *dar*, que, nesse caso, passa a ser elemento auxiliar em um grupo verbal complexo. A **Figura 77** demonstra essa mudança sistêmica:

Figura 77 – O verbo *dar* em grupos verbais complexos

Sentido relacional: <i>ser possível</i>				
deu	para	você	fechar	os jogos
processo	participante			
grupo verbal	sintagma preposicional			
		participante	processo	participante
Verbo auxiliar: <i>começar</i>				
você	deu para fechar		os jogos	
participante	processo		participante	
grupo nominal	grupo verbal complexo		grupo nominal	

Fonte: O autor (2019). Oração extraída do C-ORAL-BRASIL (*deu para você fechar os jogos* (bfamcv03)). A outra oração, com verbo auxiliar, é uma reescrita.

A **Figura 77** demonstra que, na oração com o verbo *dar* Relacional, o elemento *você* é um participante associado ao processo *fechar*, formando, juntamente com *os jogos*, uma oração rebaixada ao nível do grupo. Por seu turno, com o verbo *dar* no sentido auxiliar, o participante *você* é associado ao processo complexo *deu para fechar*, formando, juntamente com *os jogos*, a oração (principal).

A forma verbal *dar*, juntamente com o verbo que o segue, forma um único grupo, realizando, no caso específico sob análise (*você deu para fechar os jogos*), um Processo Material. Nesse grupo verbal complexo, o verbo *dar* é encarregado de conceder finitude à oração, enquanto o segundo verbo realiza o evento a partir do qual a oração é classificada em

¹³⁸ Reescrita de *dá pa fechar o jogo* (bfamcv03). Criamos essa reescrita para termos uma versão ambígua que facilite a distinção de sentidos pela simples mudança estrutural dos elementos da oração.

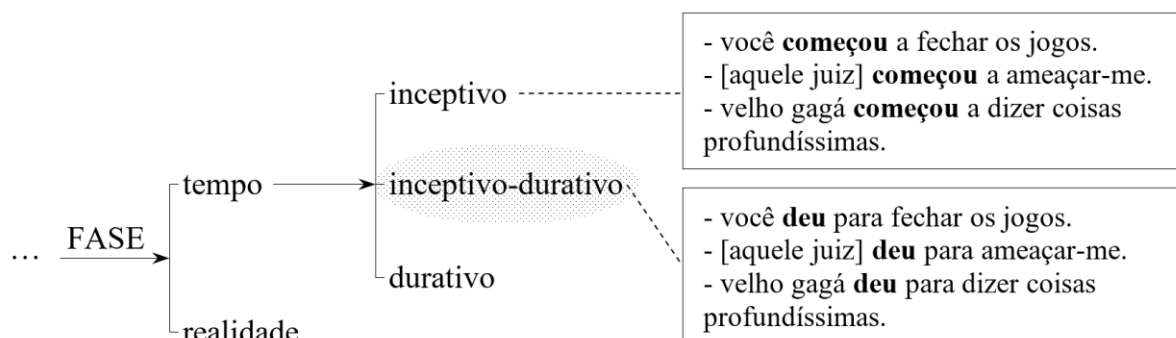
uma das seis regiões da gramática da experiência. As orações seguintes, em que o verbo *dar* é utilizado de maneira semelhante, já devem ser classificadas como do tipo verbal, haja vista a natureza dos processos *ameaçar* e *dizer*:

- (190) Naruto não a queria por perto de forma alguma e isso deixou-a ainda mais furiosa. Fora aquele juiz louco que do nada **deu para ameaçar-me**¹³⁹.
 (191) Velho gagá, **deu para dizer** coisas profundíssimas (Corpus Brasileiro)

Nessa configuração transitiva, o verbo *dar* é de natureza geral, sendo elaborado pelos verbos subsequentes (*fechar*, *ameaçar* e *dizer*). Adotando o pensamento de Halliday e Matthiessen (2004, p. 499), pode-se dizer que a relação entre os dois verbos é de fase (*phase*): *dar para fechar*, *dar para ameaçar* e *dar para dizer* representam o estágio inicial e habitual dos processos de *fechar*, *ameaçar* e *dizer*, respectivamente. O sentido é o de **começar a fazer algo de maneira habitual**: por um lado, o aspecto inceptivo, caracterizado por “expressar uma situação que se apresenta em seu ponto de início ou em seus primeiros momentos” (FOSSILE, 2012, p. 78); por outro lado, o aspecto durativo, caracterizado, de maneira geral, por exprimir duração, que abrange iteração e hábito (FISSILE, 2012).

Por isso, do sistema de FASE – parte da rede de sistema que descreve o grupo verbal complexo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 520) –, a construção da qual o verbo *dar* é constituinte realiza o tipo [tempo: inceptivo-durativo]. Sua distinção em relação ao tipo [tempo: inceptivo] se dá quando criamos uma reescrita com o verbo *começar*: *você **começou a fechar os jogos***. Enquanto, com o verbo *começar*, o sentido normalmente é o de que *foi dado início ao processo de fechar os jogos*, com o verbo *dar* o sentido é o de que *foi dado **início ao hábito** (formado pelos processos de) fechar os jogos* (ver **Figura 78**).

¹³⁹ Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/boneca-de-luxo-nas-maos-do-destino-7316395/capitulo18>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Figura 78 – Verbo *dar* auxiliar em grupos verbais complexos

Fonte: Sistema extraído de Halliday e Matthiessen (2004, p. 520). Orações com o verbo *dar* extraídos do C-ORAL-BRASIL, da Internet e do Corpus Brasileiro, respectivamente. As orações com o verbo *começar* são reescritas.

Apesar da diferença entre os termos [inceptivo] e [inceptivo-durativo], no grupo verbal complexo é verificada a possibilidade dos dois ocorrerem ao mesmo tempo em uma mesma oração, resultando em duas ordens distintas:

- (192) As atividades que a gente tinha na época, quando **começou** a **dar** para fazer alguma coisa, eram tentar organizar os trabalhadores do campo [...] ¹⁴⁰
- (193) Segundo seu relato, seu marido “**deu** para **começar** a criticar” suas roupas de trabalho. ¹⁴¹

Nesse sentido, temos a visão de que o grupo verbal complexo pode realizar, ao mesmo tempo, as opções [inceptivo] e [inceptivo-durativo] quando os verbos auxiliares são *dar* e *começar*. A ordem é que determina o tipo de tempo: com o verbo *começar* no início, temos o tipo [inceptivo], como em (192); com o verbo *dar* no início, temos o tipo [inceptivo-durativo], como em (193).

6.9 Considerações do capítulo

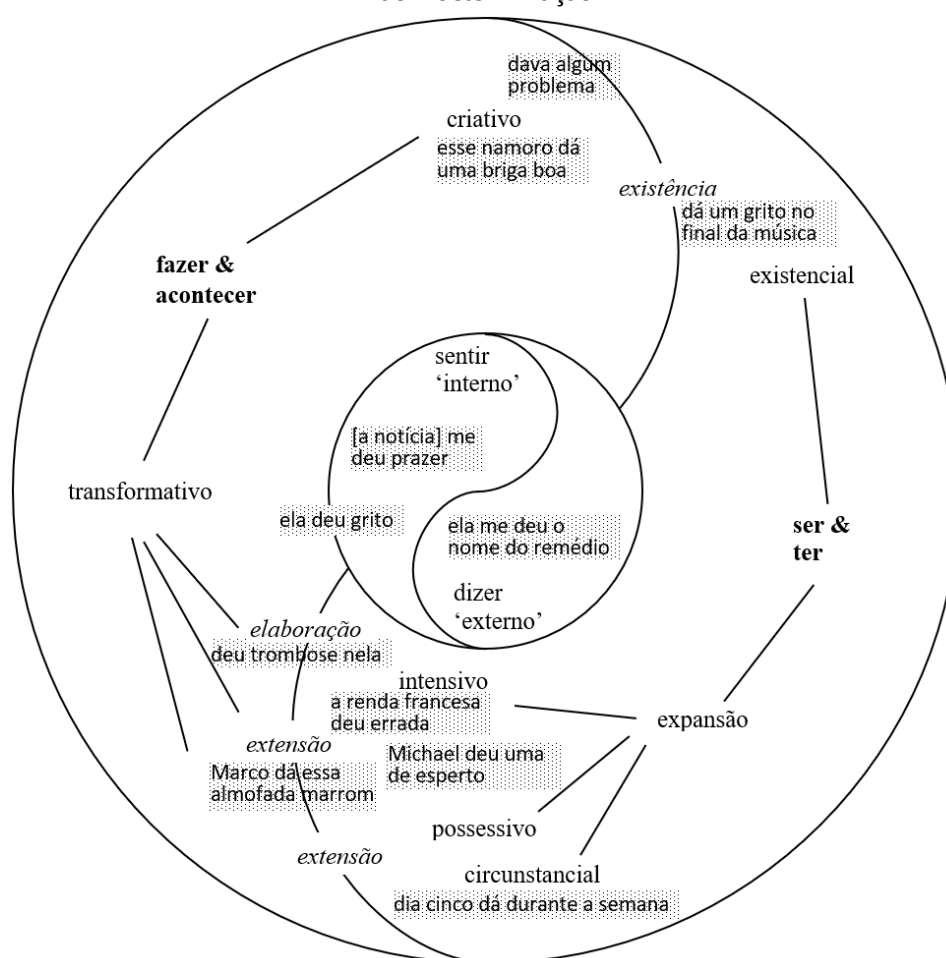
Neste capítulo, fazendo um “percurso” pelo sistema de TRANSITIVIDADE, analisamos e descrevemos as orações com a forma verbal *dar*. Tal percurso, por vezes, voltou-se para zonas mais refinadas, e resultou na proposição de sistemas quando a teoria sistêmico-funcional assim permitiu e quando os dados com o verbo *dar* mostraram-se suficientes.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/entrevista4157.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2018.

¹⁴¹ Disponível em: <<https://www.vyaestelar.com.br/post/5161/meu-marido-critica-as-roupas-que-uso-para-ir-ao-trabalho-o-que-faco>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

Verificou-se que o verbo *dar* constitui orações na realização de qualquer uma das seis regiões da gramática da experiência propostas por Halliday e Matthiessen (2004): material, comportamental, mental, verbal, relacional e existencial, além de, no nível do grupo, compor complexos verbais. As linhas de divisão entre as regiões da experiência, apontadas como tênues na LSF, são observadas a partir de expressões ambíguas e dos “deslocamentos” de sentido provocados pela inserção, omissão e mudança de elementos na configuração transitiva da oração. A **Figura 79**, a seguir, ilustra o nível de proximidade entre os sentidos realizados por orações com o verbo *dar*.

Figura 79 – O espaço semântico ocupado por figuras realizadas pelo verbo *dar* e suas principais áreas de indeterminação



Fonte: Halliday e Matthiessen (1999, p. 137). Os exemplos com o verbo *dar*, todos hachurados na figura, são baseados nos dados da pesquisa.

Em razão do fio condutor presente em Hasan (1996), as orações do tipo [material: transformativo: extensão] foram as descritas com maior profundidade, razão pela qual receberam uma representação sistêmica mais refinada. As orações dos demais tipos não

receberam uma representação sistêmica mais refinada (ou tão refinada) porque necessitaríamos da análise de outras formas verbais no estabelecimento das relações necessárias, trabalho que demandaria um esforço além do escopo instituído na presente pesquisa.

Ao final, nossa análise distinguiu-se da proposta por Tucker (2014a) na medida em que não criamos classes para as orações com base na proximidade/distanciamento (proveniente da presença/ausência de elementos na estrutura lexicogramatical) de uma configuração transitiva prototípica, tida como modelo.

Para concluirmos o que propomos nesta tese, no capítulo seguinte descrevemos as expressões metafóricas constituídas da forma verbal *dar*.

7 O VERBO *DAR* EM EXPRESSÕES METAFÓRICAS

Neste capítulo, são analisadas as orações em que o verbo *dar* é seguido de um nome na formação de expressões metafóricas. A primeira seção propõe o sistema de CONGRUÊNCIA, com um desenvolvimento que diferencia expressões congruentes de expressões incongruentes. A segunda seção localiza o sistema proposto no sistema mais amplo de TRANSITIVIDADE, associando-o aos tipos de processo e à voz receptiva. Baseando-se no quadro teórico da LSF, a terceira seção relaciona o sistema de CONGRUÊNCIA à metafunção experiencial e ao nível da oração, além de apresentar a relação entre nominalizações e metáforas gramaticais. Por fim, é apresentada a possibilidade de metáforas com o verbo *dar* serem derivadas de outras expressões metafóricas.

7.1 O sistema de CONGRUÊNCIA

Para retomarmos o conhecimento das orações metafóricas consideradas nesta tese, vejamos, a seguir, o exemplo (194) e a sua reescrita metafórica em (195). Na reescrita metafórica, temos a versão nominal do verbo *gitar* e a inserção do verbo *dar* (ver esse processo de criação da metáfora gramatical com o verbo *dar* no Capítulo 3)¹⁴².

- (194) Vamos adiante: você é um pontinho microscópico na superfície de uma bola. Esta bola **gira** em torno de outra, que por sua vez está localizada num cantinho de uma galáxia. (Corpus Brasileiro)
- (195) Vamos adiante: você é um pontinho microscópico na superfície de uma bola. Esta bola **dá giros** em torno de outra, que por sua vez está localizada num cantinho de uma galáxia. (reescrita de (194))

Na tipologia de processos, ambas as orações (194) e (195) são do tipo [material: transformativo; intransitivo], com o padrão de transitividade Ator + Processo em (194) e Ator + Processo + Escopo em (195) (ver figura a seguir). Apesar de a oração metafórica se enquadrar no domínio material, o participante *giros*, no exemplo (195), não pode ser considerado nem como algo que surge nem como algo transformado a partir do processo *dar*. Esse participante ocupa, de fato, o papel de Escopo, com a função de indicar o próprio processo, sendo o verbo

¹⁴² Para que a oração incongruente se aproxime ao máximo da versão congruente, criamos uma reescrita com o tempo gramatical no presente do indicativo e não especificamos o nome *giros*.

dar, nesse caso, destituído do sentido de transferência, concessão ou criação, tal como identificado em orações analisadas no capítulo anterior.

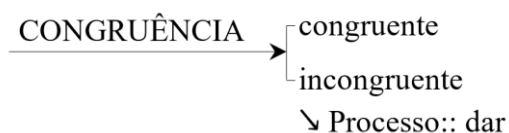
Figura 80 – Comparação entre oração congruente e incongruente

Congruente	Esta bola	gira	em torno de outra	
	Ator	Pr.: Material	Circunstância	
Metafórico	Esta bola	dá	giros	em torno de outra
	Ator	Pr.: Material	Escopo	Circunstância

Fonte: O autor (2019). Oração congruente extraída do Corpus Brasileiro. A oração metaforica é uma reescrita.

A partir do contraste evidenciado em orações como (194) e (195), criamos o sistema de CONGRUÊNCIA, com duas opções: [congruente] e [incongruente] (ver **Figura 81**). Ou seja, no sistema de TRANSITIVIDADE, optando-se pelo endereço sistêmico inicial [material: transformativo; intransitivo], em algum momento no qual já se terá optado pelo processo *girar*, portanto com alto grau de refinamento, ainda teremos as opções entre *girar* [congruente] e *dar giros* [incongruente].

Figura 81 – O sistema de CONGRUÊNCIA



Fonte: O autor (2019).

O sistema de CONGRUÊNCIA e seus termos se justificam por meio da expressão lexicogramatical: temos a expressão congruente, realizada por *girar*, claramente diferente da expressão incongruente realizada por *dar giros*. Isso também acontece com outros processos, como, por exemplo, *chutar* (exemplo (196)) e *esfaquear* (exemplo (198)), que podem ter as expressões incongruentes *dado um chute* em (197) e *deu uma facada* em (199), respectivamente. Esses pares de orações também se distinguem pela expressão lexicogramatical, apesar de serem do tipo [material: transformativo; transitivo], com os participantes *te* e *um morador da região* tendo uma existência prévia ao desdobramento do processo, fato verificado com as perguntas-teste *O que tinha acontecido com você?* e *O que aconteceu com um morador da região?*.

- (196) eu falei assim / ô meu filho // se ocê fosse ruim pra mim / eu tinha te chutado com minha perna direita / cê tava voando até hoje e nã tinha chegado no lugar (reescrita de (197))
- (197) eu falei assim / ô meu filho // se ocê fosse ruim pra mim / eu tinha te dado um chute com minha perna direita / cê tava voando até hoje e nã tinha chegado no lugar // (bfamcv10)
- (198) Ela teme ser morta. Diz estar «marcada» pela PM porque, recentemente, **esfaqueou um morador da região** (reescrita de (199))
- (199) Ela teme ser morta. Diz estar «marcada» pela PM porque, recentemente, **deu uma facada em um morador da região** (Corpus Brasileiro)

Mas, para além da expressão lexicogramatical, necessitamos justificar o sistema de CONGRUÊNCIA indicando sentidos diferentes associados a cada uma dessas expressões. Comparando-se as orações congruentes às suas versões metafóricas constituídas do verbo *dar* seguido de uma nominalização, foi identificada uma diferença de sentido correspondente à especificação do processo. A especificação ocorre por ser dado, a partir da configuração entre o verbo *dar* e o participante que o segue, um refinamento referente à *quantidade* ou ao *grau de desenvolvimento* do processo. As subseções seguintes abordam esses dois tipos de especificação.

7.1.1 Especificação do processo: [quantidade]

A oração (200), retirada de seu contexto de situação, não informa se o evento de perfuração por meio de uma faca se deu uma única vez, duas vezes, três vezes ou várias vezes; ou seja, não sabemos se foi uma ou mais facadas.

- (200) O garçom Sílvio Jair Antunes, 24, **esfaqueou** o dono do restaurante Bar & Mar, em Florianópolis, porque ele não quis assinar sua carteira de trabalho. (Corpus Brasileiro)

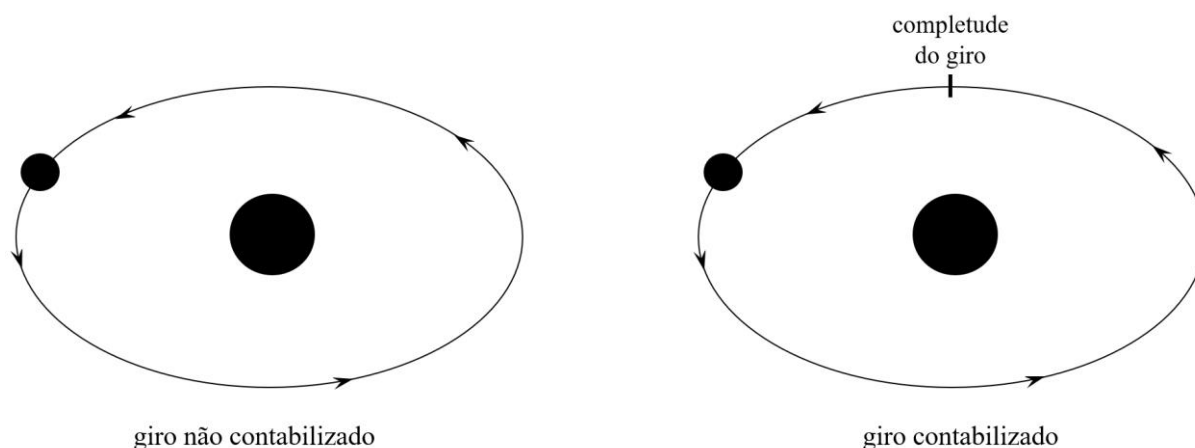
Caso tenhamos, no entanto, a organização transitiva *dar* + *facada*, mesmo em sua forma mais básica – sem qualquer tipo de modificador, como em (201) –, já teremos uma especificação do número de facadas (nesse caso, **uma facada nas costas**). As orações (202), (203) e (204) indicam tratar-se de uma, duas e várias facadas, respectivamente¹⁴³.

¹⁴³ A oração (201), no entanto, é mais raramente encontrada, pois geralmente o tipo de metáfora gramatical aqui estudado apresenta modificadores.

- (201) Celso Loducca acusa Mercadante de **dar facada** nas costas. (Corpus Brasileiro)
- (202) Ela teme ser morta. Diz estar marcada pela PM porque, recentemente, **deu uma facada** em um morador da região. (Corpus Brasileiro)
- (203) Aplicou golpes na cabeça da menina com o cano e **deu duas facadas** no peito. (Corpus Brasileiro)
- (204) uma criança de 9 anos **deu várias facadas** em outra de 7 anos por causa de um filme. (Corpus Brasileiro)

Ao ser especificado, o foco não é mais simplesmente o processo em si, como em *esfaquear*, mas o seu desdobramento em termos quantitativos (*uma facada, duas facadas, várias facadas*). Para que seja possível a quantificação, a construção com o verbo *dar* confere completude ao fluxo do processo, não importando o seu aspecto ou tempo gramaticais, sendo o número de ocorrências completas o que indica a natureza da quantificação (*uma, duas, três, várias* etc.).

Esse mesmo raciocínio da especificação do desdobramento se aplica a metáforas gramaticais com nomes de natureza distinta, por exemplo com o nome *giros*, apresentado em (195). No que diz respeito à metafunção experiencial, a diferença entre as orações (194) e (195) está na completude ou não do fluxo criado pelo desenrolar do processo *girar*. Na versão congruente, temos a representação de um desdobramento sem completude; na versão metafórica, com o verbo *dar*, temos o desdobramento com completude, a partir do qual é possível contabilizar os giros. Para entendermos a diferença entre as duas expressões, vamos representa-los em forma de imagem (ver **Figura 82**), na qual temos uma bola movimentando-se de maneira circular em torno de uma bola maior que serve como centro fixo. Se a bola gira de modo incompleto, tal como os planetas em torno do sol, temos um movimento contínuo, não especificado. Se é tomado um ponto de referência como forma de se indicar um movimento circular completo, possibilitando sua contagem, temos um movimento especificado e quantificado.

Figura 82 – O fator completude na distinção dos processos

Fonte: O autor (2008).

Se associarmos as orações (194) e (195) às duas imagens da **Figura 82**, veremos que *girar* se aproxima de um giro não especificado no que se refere à quantidade, enquanto *dar giros* se aproxima de giros contabilizados. Desse modo, a diferença lexicogramatical entre *girar* e sua versão metafórica *dar giros* indica uma distinção semântica relacionada ao modo como o desdobramento do processo é representado. Com a expressão incongruente, não é possível abstrair uma não especificação quantitativa: *dar um giro*, *dar dois giros*, *dar vários giros*, *dar giros* etc. implica um processo acabado, já especificado, mesmo que repetitivo.

Por meio do que foi apresentado até aqui, pode-se dizer que no curso do processo em orações congruentes não há limites, portanto tornando impossível, por meio da simples configuração Processo + Participante, a especificação em termos quantitativos (essa especificação somente é possível com o uso de elementos circunstanciais). Com o uso das expressões metafóricas aqui analisadas, o curso do processo é delimitado, e por consequência passamos a ter uma especificação quantitativa. Representamos essa especificação quantitativa por meio da **Figura 83**, com o uso de setas: a primeira seta representa um processo sem qualquer indicação de contagem do número de ocorrências do fluxo do processo, portanto indicando sua não especificação; as demais setas representam o processo com traço(s) apontando um completamento do seu fluxo, portanto conduzindo a uma especificação quantitativa.

Figura 83 – Representação da quantificação dos eventos

Tipo de quantificação	Representação	Exemplos
-	—————→	esfaqueou, girou, beijou
um	—————→	deu uma facada/ um giro/ um beijo
duas	————— —————→	deu duas facadas/ dois giros/ dois beijos
três	————— ————— —————→	deu três facadas/ giros/ beijos
iterativo	— — — — — — — —→	deu facadas/ giros/ beijos

Fonte: O autor (2019). Exemplos baseados nos dados da pesquisa.

Essa distinção pode ser observada em várias das orações envolvendo o tipo de metáfora gramatical aqui estudada. Por exemplo, entre *beijar* e *dar beijos* também acontece isso. As orações (205) e (206), a seguir, com o verbo *beijar*, indicam uma não especificação em relação à quantidade de beijos (foi um, dois, três, quatro... ou vários beijos?); as orações (207) e (208) já indicam a especificação.

(205) ficou tão bêbado / que até **beijou** minha boca <hhh> // (bfamdl18)

(206) aí nós começamo a ficar / **beijamo** // aí na &ho [/2] antes d' eu beijar ele / eu falei com ele assim / (bfammn35)

(207) ele queria me **dar** um beijo de todo jeito // aí eu falei / não // tenho namorado / nũ sei o quê / e tal // (bfammn35)

(208) eu lembro que eu **dei** um beijo na minha prima // primeira vez que eu **dei** um beijo foi numa prima // e eram lindas / né / elas // (bfammn07)

A construção de um processo quantitativamente delimitado pela função do participante Escopo é sustentada por Halliday e Matthiessen (1999). Ao compararem a teoria sistêmica com a classificação dos processos baseada no perfil temporal de Vendler (1967), os autores expõem que a diferença entre uma atividade e um *accomplishment*¹⁴⁴ pode repousar na presença e na natureza do participante Extensão, e não no verbo em si, que pode ter a mesma classificação no sistema de TIPO DE PROCESSO; apropriando-se de um exemplo nosso, entre *girar* e *girar um*

¹⁴⁴ Atividades pode ser expressas por *correr, estudar, nadar* etc. Um evento do tipo atividade é: (i) *dinâmico* (diferentemente de eventos estáticos expressos por *ser, estar*, etc.); (ii) *durativo*, por necessitar de um prolongamento no tempo para sua realização (diferentemente de eventos instantâneos, expressos por *cair, bater, quebrar* etc.); e (iii) *atélico*, por não se direcionar a um fim (diferentemente de eventos télicos, como *desenhar*). Um evento *accomplishment* se diferencia de uma atividade, no entender de Vendler (1967), unicamente por ser *télico*: se alguém, destinado a correr durante 30 minutos, corre por apenas dois minutos, ainda assim *correu* (ou seja, o evento correr é atélico, não possui um fim intrínseco); se, por outro lado, alguém destinado a desenhar um quadro, desenha apenas metade, não podemos dizer que o mesmo *desenhhou* (ou seja, o evento *desenhar* direciona-se a um fim). Ver mais sobre essa classificação dos eventos no Capítulo 4.

*giro*¹⁴⁵ a diferença estaria entre a não delimitação e a delimitação, respectivamente, de um mesmo processo:

A diferença entre uma atividade e um *accomplishment* pode, em alguns casos, depender da presença da Extensão. Assim, a representação de uma escalada sem o uso da Extensão é (presumidamente) uma atividade, enquanto uma escalada com uma Extensão, como escalar uma montanha ou uma colina é um *accomplishment*. No primeiro caso o processo pode continuar indefinidamente no tempo, mas no segundo caso é **delimitado pela Extensão**. Os pares seguintes são similares: cantar vs. *cantar uma canção*, fumar vs. *fumar um cigarro*, jogar vs. *jogar um jogo de tênis* e correr vs. *correr uma milha* (exemplos de Vendler). Contudo, o importante é, claramente, não apenas a presença da Extensão, mas a natureza da Extensão: ela representa uma unidade ou um conjunto de unidades? Por exemplo, veja-se o contraste entre *jogar um jogo de tênis* (um *accomplishment*: **uma quantidade particular do jogo**) e *jogar tênis* (uma atividade: um tipo particular da atividade de jogar)¹⁴⁶ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 472, grifo em itálico dos autores; grifo em negrito nosso).

No decorrer da argumentação, Halliday e Matthiessen (1999) afirmam que outros participantes, como a Meta, também podem ser determinantes na distinção de orações dos tipos atividade e *accomplishment*. Ou seja, essa citação está numa argumentação maior que defende uma análise particular, sistêmica, a partir da configuração de todos os elementos constituintes da oração, e não baseada apenas no verbo¹⁴⁷: “Vendler apresenta suas distinções como pertencentes apenas aos verbos; mas, como vimos, a configuração e a natureza dos participantes e circunstâncias são tão importantes quanto o verbo realizando o Processo da figura” (p. 474)¹⁴⁸. Pensando no nosso objeto de pesquisa de maneira específica, a citação de Halliday e Matthiessen (1999, p. 472) sustenta o fato de o Escopo ser determinante na delimitação (ou especificação) e quantificação dos processos, algo que defendemos neste capítulo para o participante de mesma função seguindo a forma verbal *dar*¹⁴⁹.

¹⁴⁵ Construção com a forma verbal *girar* para se aproximar dos exemplos conferidos por Halliday e Matthiessen (1999, p. 472).

¹⁴⁶ “The difference between an activity and an accomplishment may in some cases depend on the presence of a Range. Thus non-ranged climbing is (presumably) an activity, whereas ranged climbing like climbing a mountain or a hill is an accomplishment. In the first case the process may go on indefinitely in time, but in the second case it is bounded by the Range. The following pairs are similar: *sing* vs. *sing a song*, *smoke* vs. *smoke a cigar*, *play* vs. *play a game of tennis*, and *run* vs. *run a mile* (Vendler’s example). However, what is important is clearly not just the presence of a Range, but rather the nature of the Range: is it a unit or a set of units? For example, contrast *play a game of tennis* (an accomplishment: a particular quantity of playing) com *play tennis* (and activity: a particular kind of playing activity).”

¹⁴⁷ Isso é algo próprio da LSF. Ao definirem as orações do tipo material, mental etc., Halliday e Matthiessen (2004) recorrem a natureza dos participantes e não simplesmente aos processos.

¹⁴⁸ “Vendler presents his distinctions as pertaining to verbs; but, as we have seen, the configuration and nature of participants and circumstances are just as important as the verb realizing the nuclear Process of a figure.”

¹⁴⁹ Isso não descarta estudos futuros que associem a especificação dos processos a orações não metafóricas. Um sistema indicativo da delimitação dos processos (assim como presente em Halliday e Matthiessen (1999, p. 471))

Indo além, em nossa pesquisa percebemos que um outro tipo de especificação pode emanar da expressão metafórica *dar + Escopo* no português brasileiro.

7.1.2 Especificação do processo: [grau de desenvolvimento]

A especificação do desdobramento do processo também pode ocorrer para que se indique o seu grau de desenvolvimento, para mais ou para menos. Em uma oração como *deu uma lida*, não podemos afirmar tratar-se de, por exemplo, *apenas uma leitura*; continua não especificada a quantidade de processos caracterizados como leitura. Nesse caso, a especificação não se refere à quantidade, e sim ao grau de desenvolvimento. Alguém pode ter lido um mesmo texto duas vezes, mesmo assim não ter lido adequadamente (grau de desenvolvimento diminuído); da mesma forma, alguém pode ter lido um texto uma única vez, e ter lido de uma maneira considerada acima de uma leitura comum (grau de desenvolvimento aumentado).

A título de exemplificação, vejamos as orações seguintes, com o verbo *dar* seguido das nominalizações *lida*, *olhada* e *buscada*:

(209) me empresta aí // deixa eu / <**dar uma lida**> // (bpubcv07)

(210) <acho que tá igual> // <**dá uma olhada** no espelho / Bruno> // < cortei bastante / mas eu acho que ficou bom> // (bfamcv24)

(211) eu acho que ela tem que primeiro olhar na internet // **dar umas buscada** / assim / porque senão vai + (bfamdl26)

Em todos esses casos, os participantes na função de Agente, constituintes das orações com *dar uma lida*, *dar uma olhada* e *dar umas buscada* não dispensam tempo e/ou esforço cognitivo necessário(s) para que se possa dizer que os eventos *ler*, *olhar* e *buscar* foram desenvolvidos de maneira satisfatória. Em outras palavras, o usuário da língua portuguesa tem em mente que os processos *ler um livro*, *olhar-se no espelho* e *buscar algo na internet* necessitam de um tempo e de uma atenção para o seu desenvolvimento ideal. Caso esse tempo e essa atenção sejam diferentes da representação mental do desenvolvimento considerado ideal, há uma alteração de grau e, assim, entra em cena a metáfora gramatical aqui estudada.

Nesses termos, a especificação do processo pode ser no sentido de quantificá-lo ou alterar o seu grau de desenvolvimento. Logo, a opção pelo termo [incongruente], no sistema de

pode não ser descartado, e sim associado a um número maior de orações quando essas são analisadas em um grau avançado de refinamento.

CONGRUÊNCIA, conduz ao sistema ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO, constituído dos termos [quantidade] e [grau de desenvolvimento], como demonstrado no sistema disposto na **Figura 84**.

Figura 84 – Refinamento do sistema de CONGRUÊNCIA



Fonte: O autor (2019).

A diferença entre as opções [quantidade] e [grau de desenvolvimento] é melhor percebida diante de nomes com a mesma raiz morfológica, como, por exemplo, *resposta* e *respondida*, em (212) e (213), respectivamente.

- (212) então o que que a gente faz nesse caso // porque tu tem que resolver / tu tem que **dar uma resposta** // (bpubmn11)
- (213) pessoal **deu uma respondida** num tópico parecido, mas como o caso era um pouco diferente, resolvi criar um tópico com o assunto certo¹⁵⁰
- (214) **respondi** sua pergunta? (Corpus Brasileiro)

Apesar de ambos os exemplos (212) e (213) nos remeterem a orações congruentes com a forma verbal *responder*, como em (214), percebe-se uma diferença de expressão dos nomes na função de Escopo (*resposta* em (212) e *respondida* em (213)). O sistema exposto na **Figura 84** capta essa diferença entre as duas orações demonstrando que *deu uma resposta* especifica o processo *responder* por meio da quantificação e *deu uma respondida* especifica por uma mudança no grau de desenvolvimento. Ou seja, (212) demonstra tratar-se de apenas uma resposta, (213) expressa o fato de a resposta (ou as respostas, já que não há uma delimitação quantitativa) não ter sido satisfatória.

A quantificação foi representada em forma de setas na **Figura 84** para revelar o fato de que ao curso do processo é conferida uma completude. Recorreremos à **Figura 85** para compreender a noção de grau de desenvolvimento. Caso um evento qualquer tenha seu grau de desenvolvimento alterado, ele será, *a priori*, diminuído¹⁵¹. Alguém que *dar uma lida*, por exemplo, não dispensou um tempo e/ou um esforço cognitivo suficiente para se dizer que a

¹⁵⁰ Disponível em: <<https://forum.imasters.com.br/topic/359523-resolvido%C2%A0altura-100-com-tableless/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

¹⁵¹ Mas notar que esse grau pode ser alterado a partir das ordens da palavra e do morfema (ver seção 7.3.2, p. 214).

leitura foi satisfatória. Utilizando-se a mesma forma de representação em linhas é possível tornar mais clara a diferença entre um processo com um grau diminuído (representado com as setas curvadas dispostas sobre a linha) e outro não diminuído.

Figura 85 – Representação da intensificação dos eventos

Tipo de desenvolvimento	Representação	Exemplo
-		Dou uma olhada na matéria, se for um texto, leio o texto, elaboro umas perguntas e aí pratico depois na classe. (Reescrita)
diminutivo		Dou uma olhada na matéria, se for um texto, dou uma lida no texto, elaboro umas perguntas e aí pratico depois na classe. (Corpus Brasileiro)

Fonte: O autor (2019).

Consultando as orações metafóricas com o verbo *dar*, percebeu-se que os dois termos do sistema ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO abrangem todas as expressões metafóricas extraídas do *corpus* C-ORAL-BRASIL. Alguns dos exemplos são dispostos no **Quadro 17**.

Quadro 17 – Exemplos de realizações da opção [incongruente]

CONGRUÊNCIA	ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO	Exemplo
incongruente	quantidade	dar (um/uma)... giro, abraço, beijo, facada, chute, soco, pisão, resposta, informação, explicação, exemplo, ponto, pulo, anestesia, rentabilidade, choro, risada, sorriso, passeio, jeito etc.
	grau de desenvolvimento	dar (um/uma)... mudada, lida, olhada, revisada, conferida, explicada, rodada, evaporada, baixada, escurecida, gelada, passeada, ajeitada etc.

Fonte: O autor (2019). Exemplos extraídos do C-ORAL-BRASIL e do Corpus Brasileiro.

O quadro demonstra a possibilidade de uma mesma forma verbal estar associada a dois tipos de nominalizações, cada uma realizando um tipo diferente de especificação do processo. Como exemplos podemos citar *responder* (ver exemplos (212) a (214)), *passear* e *ajeitar*, com as respectivas nominalizações seguindo o verbo *dar*: *resposta/ passeio/ jeito* [incongruente: quantidade] e *respondida/ passeada/ ajeitada* [incongruente: grau de desenvolvimento].

Desse quadro, observa-se que o sufixo *-ada* é normalmente associado a expressões do tipo [incongruente: grau de desenvolvimento]. Esse sufixo, de fato, como já explorado por

Scher (2004; 2005), tende a conferir o valor de diminutividade (ou seja, reduz o grau de desenvolvimento do processo). Entretanto, é possível que esse sufixo não altere o grau de desenvolvimento do processo, como se verifica nos exemplos com *dar uma facada*, já apresentados, e também no exemplo com *dar risada*, na oração (215), em que ao processo *rir*, tal como acontece com o processo *girar* (ver **Figura 82**), é conferida completude, permitindo sua quantificação – nesse caso, uma quantificação indefinida (muitas *risadas*):

(215) cê [1] cê &escuto + as aulas / es morrem de **dar risada** (bpubdl08)

Acontece que as formas *facada* e *risada*, na função de Escopo seguindo o verbo *dar*, não são *enates*¹⁵² das nominalizações *mudada*, *lida*, *olhada*, *revisada*, *conferida* etc., apesar de se assemelharem morfológicamente. Isso corresponde dizer que *risada* e *mudada*, por exemplo, não compartilham uma organização estrutural semelhante; para que essas palavras fossem *enates*, deveríamos ter o par ***rida-mudada***. Isso porque as nominalizações constituídas do sufixo *-ada*, quando realizam o termo [grau de desenvolvimento], são semelhantes aos femininos dos participípios dos respectivos verbos dos quais derivam. Nesse sentido, *facada* e *risada* não são *enates* de *mudada*, *lida*, *olhada* etc. porque distanciam-se dos respectivos participípios *esfaqueado* e *rido* (ver **Quadro 18**).

Quadro 18 – Paradigma de nominalizações com *-ada* baseado na forma participípio

especificação do processo	verbo	forma participípio	nominalização constitutiva da metáfora gramatical
quantidade	esfaquear	esfaqueado	*esfaqueada / facada
	rir	rido	*rida / risada
grau de desenvolvimento	mudar	mudado	mudada
	ler	lido	lida
	olhar	olhado	olhada
	revisar	revisado	revisada
	conferir	conferido	conferida
	explicar	explicado	explicada
	rodar	rodado	rodada
	evaporar	evaporado	evaporada
	baixar	baixado	baixada
	escurecer	escurecido	escurecida
	gelar	gelado	gelada
	passear	passeado	passeada
	ajeitar	ajeitado	ajeitada

Fonte: O autor (2019). Exemplos extraídos do C-ORAL-BRASIL.

¹⁵² O termo *enate* refere-se às orações ou palavras com elementos constitutivos diferentes, mas com uma organização estrutural semelhante. Sobre a diferença entre *enate* e *agnato*, bem como a utilidade desses termos na descrição linguística, ver Capítulo 3, seção 3.2.2.

Para os verbos *esfaquear* e *rir*, não são possíveis as expressões *dar uma esfaqueada* e *dar uma rida*, com *esfaqueada* e *rida* (estes sim *enates* de *mudada*, *lida*, *olhada* etc.) na realização do termo [grau de desenvolvimento].

Na seção seguinte, aprofundamos a argumentação a respeito da constituição do sistema de CONGRUÊNCIA e o localizamos no sistema de TRANSITIVIDADE.

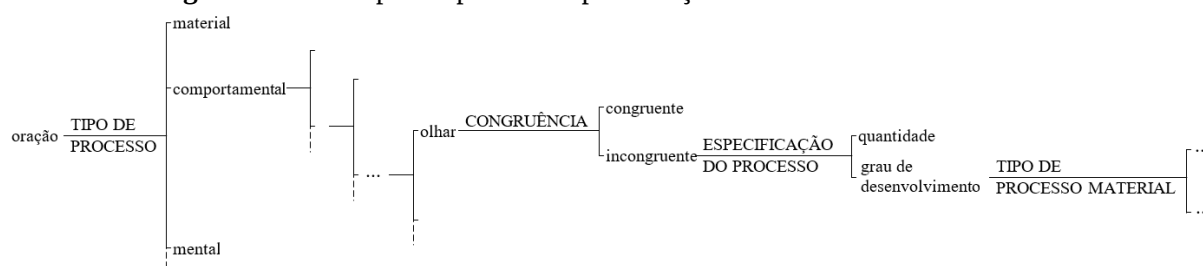
7.2 O sistema de CONGRUÊNCIA e o sistema de TRANSITIVIDADE

Nesta seção, apropriando-se do sistema de CONGRUÊNCIA, discorreremos, inicialmente, sobre sua validade e seu modo de representação e localização no sistema de TRANSITIVIDADE (mais especificamente na sua interação com o sistema de TIPO DE PROCESSO). Subsequentemente, esse sistema é relacionado ao sistema de VOZ RECEPTIVA.

7.2.1 Constituição e localização do sistema de CONGRUÊNCIA no sistema de TRANSITIVIDADE

Afirmar que um único processo é realizado por mais de uma expressão traz algumas dificuldades na representação sistêmica. Veja-se, por exemplo, a oração *dá uma olhada lá na sacola* (bfamdl33). Analisando os elementos separadamente, tem-se, na formação da oração, o verbo *dá*, essencialmente Material, e o elemento de extensão *uma olhada*, que Halliday (1994) classifica como sendo um participante. Analisada como um todo, no entanto, a expressão *dá uma olhada* equipara-se ao verbo *olhar*, que realiza o tipo de Processo Comportamental. Aqui repousa a primeira questão que implica em uma escolha e justificativa na descrição do fenômeno sob análise: a expressão deve ser analisada composicionalmente ou como um todo? Isso deve ser decidido porque implica em uma representação diferenciada na forma de redes de sistema. Caso seja analisado composicionalmente, uma análise possível poderia ser a expressa na **Figura 86**:

Figura 86 – Exemplo de possível representação do sistema de CONGRUÊNCIA

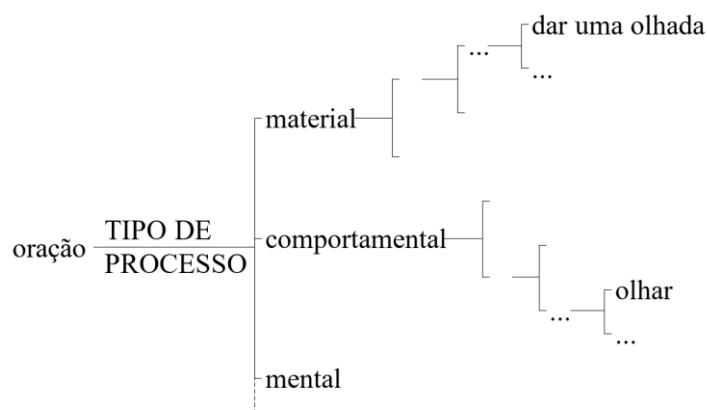


Fonte: O autor (2019), com base em Tucker (2007) quando do tratamento das expressões fraseológicas.

Ou seja, diante do processo *olhar*, que é Comportamental (e que estaria localizado em um alto grau de refinamento do sistema de TRANSITIVIDADE), haveria a opção entre a forma congruente, que seria realizado pelo verbo *olhar*, e a forma incongruente, que, nesse caso, teria o subsistema do tipo material, no qual seria especificado o caminho para a escolha da expressão *deu uma olhada*. Essa análise, no entanto, seria problemática, pois, ingressando no caminho sistêmico endereçado pelo termo [comportamental], seria ilógico (diante do princípio de dependência das redes de sistema) ter, mais adiante, a opção por um Processo Material. Além disso, no entendimento de Tucker (2007, p. 965), “a especificação de tipos de processo não é simplesmente uma questão de lexicalização, mas do todo da lexicogramática associada ao processo”¹⁵³. No caso sob análise, tratar a forma incongruente como envolvendo um Processo Material seria desconsiderar o papel associado ao participante João, que continuaria sendo Comportante. Seguindo esse raciocínio, a rede de sistema se tornaria inviável, dado que, ao se chegar no termo que possibilita a escolha pelo processo *olhar*, já se teriam sido feitas as escolhas pelos termos que exigem um Comportante em suas regras de realização; esses termos e subsequentes regras de realização, desse modo, entrariam em conflito com os do subsistema TIPO DE PROCESSO MATERIAL.

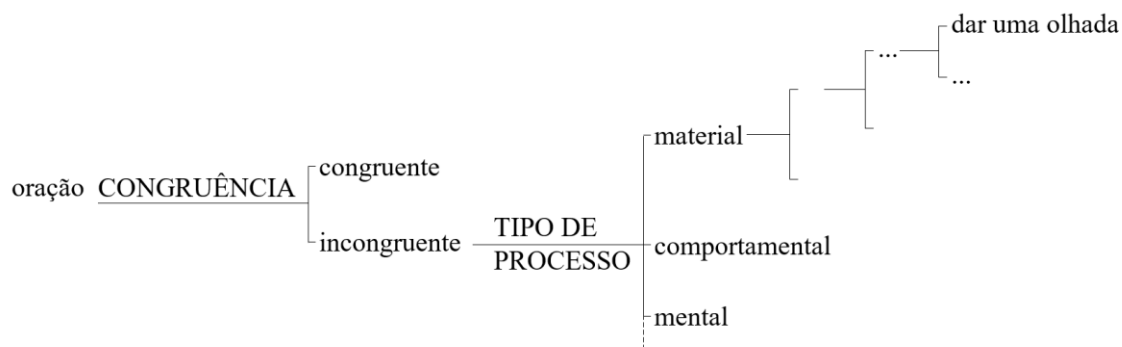
Uma alternativa seria eliminar a opção incongruente no sistema da **Figura 86**. A expressão *dá [Pr.: Material] uma olhada [Extensão]* seria disposta como sendo originada do tipo de processo [material] e a expressão *olhar* seria disposta como originada do tipo de processo [comportamental] (ver **Figura 87**). No entanto, aqui, não haveria mais a diferença, expressa sistematicamente, entre as formas *dar uma olhada* e *olhar* – em outras palavras, perder-se-ia de vista a relação de proximidade entre essas duas formas de se representar a experiência.

¹⁵³ “[p]rocess type specification is not simply a question of lexicalisation, but of the whole of the lexicogrammar associated with the process.”

Figura 87 – Exclusão do sistema de CONGRUÊNCIA

Fonte: O autor (2019).

Estariam, com efeito, as opções entre [congruente] e [incongruente] na base da rede de sistema – ou seja, na parte menos refinada (mais geral)? – onde o usuário da língua teria que escolher, antes de qualquer representação da experiência, as opções entre [congruente] e [incongruente]? (ver **Figura 88**). Essa não seria, de fato, a solução, dado que a diferença entre incongruente e congruente não é universal – ou seja, são encontrados conjuntos de significados que não podem ser expressos por meio do uso de expressões metafóricas com *dar*.

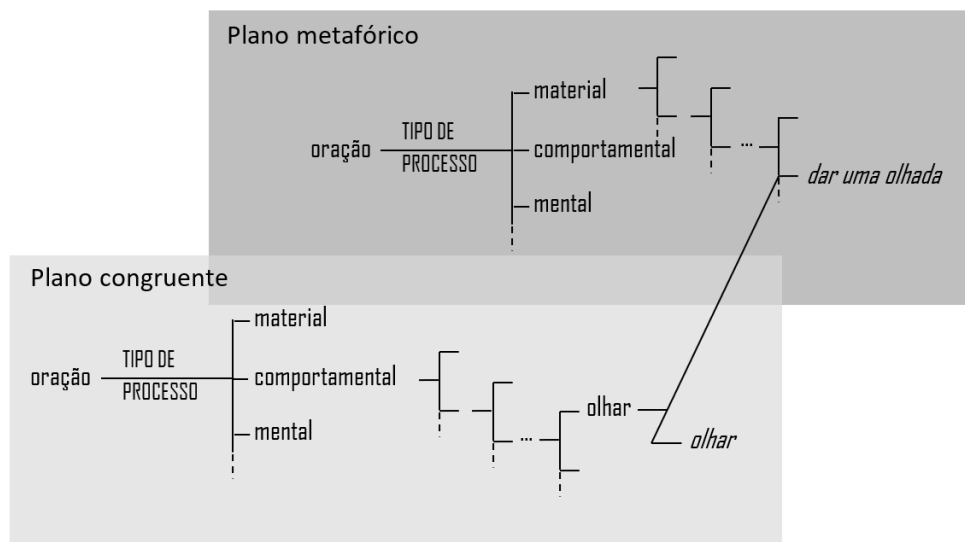
Figura 88 – Sistema de CONGRUÊNCIA na base da rede de sistema de TRANSITIVIDADE

Fonte: O autor (2019).

Uma outra alternativa seria imaginar que o conjunto de regiões de representação da experiência possui um espelho (ou plano) metafórico com opções (metafóricas) que poderiam ser escolhidas por alguns processos (ver **Figura 89**). No entanto, isso requer a ideia de que os termos de um mesmo sistema podem estar em planos diferentes, como demonstra o colchete associado à condição de entrada [olhar], com uma opção no plano congruente e outra no plano

metafórico. Dado que a LSF não prevê essa possibilidade em seu arcabouço teórico, seria criado um esforço e talvez uma complicação desnecessária na tentativa de justificar tal ideia.

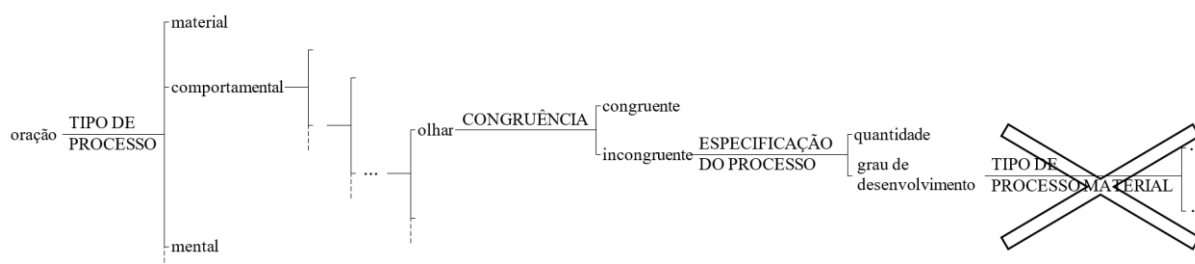
Figura 89 – Metáforas gramaticais representadas em um plano paralelo



Fonte: O autor (2019).

Uma última alternativa seria tratar *dá uma olhada* como um todo (nos moldes de Tucker (2007) ao analisar expressões fraseológicas), e portanto a análise em que *dá* é apontado como Processo Material seria desconsiderada. Nesse modelo, os termos [congruente] e [incongruente] permanecem, mas, por ser considerada a construção *dar uma olhada* como um todo (o que equivale a manter o papel de participante Comportante), o subsistema TIPO DE PROCESSO MATERIAL é excluído da análise (ver **Figura 90**) – afinal de contas, temos, como visto no Capítulo 3, uma *figura com processo* representada como uma *figura com processo como coisa* (HALLIDAY, 1999, p. 254). Nesta tese, seguimos esse caminho que opta pela anulação da representação que analisa o verbo *dar* independentemente do grupo nominal que o segue.

Figura 90 – Anulação da possibilidade de representação do subsistema TIPO DE PROCESSO MATERIAL

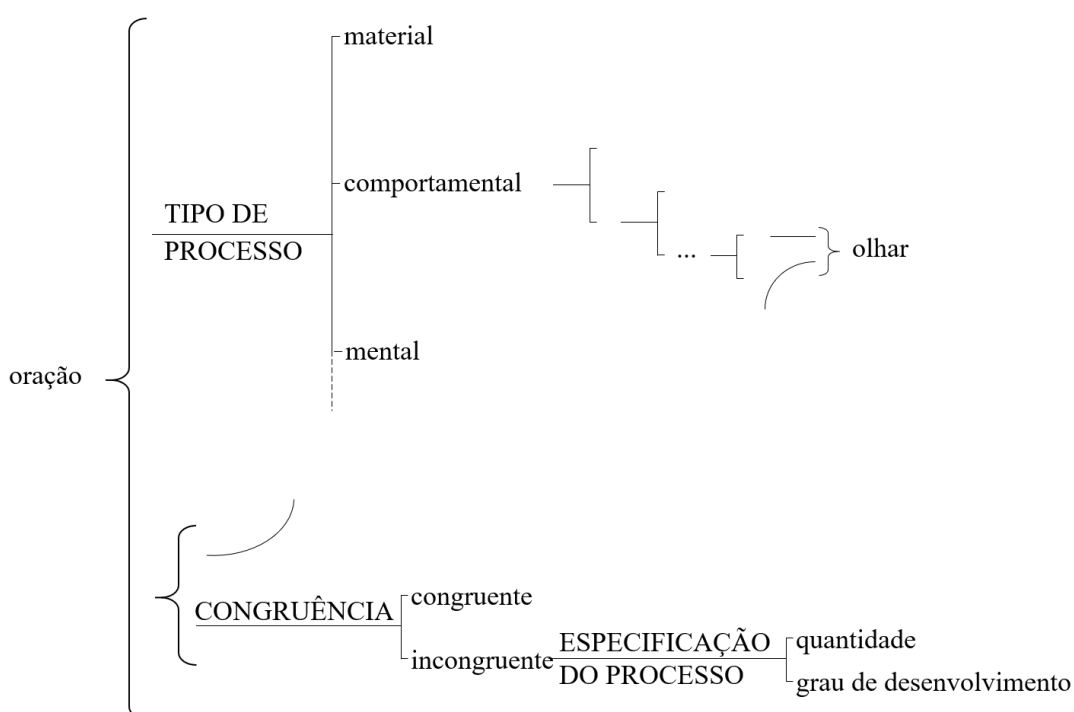


Fonte: O autor (2019).

Com essa representação da **Figura 90** afirmamos o seguinte: diante do sistema de TIPO DE PROCESSO, caso se opte pelo Processo Comportamental do tipo [olhar], ainda se terá as opções entre [congruente] e [incongruente]. Independentemente da opção no sistema de CONGRUÊNCIA, o Processo permanecerá sendo Comportamental¹⁵⁴.

Mas veja-se que, nesta seção, consideramos, a título de exemplificação, apenas o processo *olhar*. O sistema de CONGRUÊNCIA, evidentemente, deve ser associado a outros processos e regiões do sistema de TIPO DE PROCESSO. Com efeito, o sistema de CONGRUÊNCIA não está associado apenas ao processo *olhar* e sua representação sistêmica deve deixar em aberto a possibilidade de associação a outros processos. A **Figura 91** mostra esse último passo e expressa, por fim, o modo como optamos por localizar o sistema de CONGRUÊNCIA no sistema de TRANSITIVIDADE, mais especificamente em sua relação com os termos do sistema de TIPO DE PROCESSO¹⁵⁵.

Figura 91 – Localização do sistema de CONGRUÊNCIA



Fonte: O autor (2019).

¹⁵⁴ Evidentemente, surge a questão: considerar a estrutura como um todo não descartaria a sua análise lexicogramatical? Aqui, o entendimento caminha em direção ao lado negativo. Como evidenciado em seções anteriores, é possível analisar suas partes constituintes para um entendimento da gramática subjacente a essa estrutura. Afinal de contas, há uma alternância de nomes e morfemas, o que habilitou a criação da subrede de sistema ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO, dependente do termo [incongruente].

¹⁵⁵ Escolhemos uma forma de representação com arcos que relacionam sistemas ou itens lexicais específicos do sistema TIPO DE PROCESSO ao sistema de CONGRUÊNCIA. Essa forma de representação é a mesma adotada por Halliday e Matthiessen (2004, p. 302) para fazer associações entre as opções [médio] e [efetivo], do sistema de AGÊNCIA, a termos mais refinados do sistema de TIPO DE PROCESSO.

Nesse sentido, todas as expressões metafóricas apresentadas neste capítulo referem-se a processos localizados em algum nível de refinamento do sistema de TIPO DE PROCESSO que se associam ao sistema de CONGRUÊNCIA. Pesquisando o Corpus Brasileiro, percebemos que os Processos Existenciais não podem ser expressos metaforicamente com a estrutura aqui analisada. Os Processos Relacionais seguem essa característica, muito embora, consultando a internet, possamos encontrar casos como o da oração destacada no trecho a seguir:

- (216) Fui para a Arábia e acabei não recebendo salários e tive de voltar três meses depois. [...] Foi tudo aprendido. Nos últimos tempos **deu** uma ficada em uma cidade. É uma loucura arrumar casa, escola. É muito melhor estar bem adaptado e tranquilo em um lugar.¹⁵⁶

Nesse caso, *deu uma ficada em uma cidade* é a versão incongruente de *ficou em uma cidade*. Esse exemplo demonstra que, em um estudo mais amplo, dever-se-ia verificar a relação entre certos grupos de Processos Relacionais e o sistema de CONGRUÊNCIA.

Os demais tipos de processo (Materiais, Mentais, Comportamentais e Verbais) comumente apresentam processos aos quais se aplicam as opções [congruente] e [incongruente]. No entanto, caso queiramos fazer as devidas associações entre o sistema de CONGRUÊNCIA e o sistema de TIPO DE PROCESSO, os termos [material], [mental], [comportamental], [verbal] e, talvez, [relacional] devem ser refinados, pois nem todos os processos apresentam uma versão metafórica. No campo dos Processos Materiais, por exemplo, à oração (217), do tipo [material: transformativo: extensão: posse], não se aplica a estrutura metafórica aqui estudada (ver reescrita em (218)); por seu turno, às orações do tipo [material: transformativo: elaboração: estado], exemplificada em (219), e [material: transformativo: elaboração: cor], exemplificada em (221), essa aplicação é perfeitamente possível, como demonstrado nas reescritas em (220) e (222), respectivamente.

- (217) eu comecei a **dar** tinta pra ele / (bpubmn13)

- (218) *eu comecei a **dar uma dada** de tinta pra ele (reescrita de (217))

- (219) ah / nós temo que dividir ainda // ô / **deu até uma geladinha** no suco // (bfamdl30)

- (220) ah / nós temo que dividir ainda // ô / o suco até **gelou** (reescrita de (219))

¹⁵⁶ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/lance/diego-souza-se-coloca-a-disposicao-e-faz-coro-por-scarpa-no-sao-paulo,b542a5a88b64ad7ef354f10679ea2b138r5g9pzq.html>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

- (221) Nossa / tá lindo demais // olha como é que &fi [/4] como é que **deu uma escurecida** // eu tô achando que vai <chover> // (bfamdl03)
- (222) Nossa / tá lindo demais // olha como é que &fi [/4] como é que **escureceu** // eu tô achando que vai <chover> (reescrita de (221))

Endereços sistêmicos como [material: transformativo: elaboração: estado] são encontrados em Halliday e Matthiessen (2004, p. 187-189) e Matthiessen (1995, p. 246-248) ao indicarem subtipos de Processos Materiais. Uma análise demonstrará que alguns subtipos devem ser melhor refinados para se especificar a ligação de grupos de lexemas (ou mesmo lexemas isolados) ao sistema de CONGRUÊNCIA. Como exemplo, veja-se que o processo *emprestar*, com o mesmo endereço sistêmico do processo *dar* em (217) – ou seja, Processo Material transformativo possessivo – já permite uma versão metafórica, como verificado em (223):

- (223) Para a solução definitiva do problema em torno do Econômico, os bancos estão dispostos a **dar um empréstimo** de cerca de R\$ 1,1 bilhão, que ajudaria o governo a pagar a totalidade dos depósitos existentes na instituição baiana. (Corpus Brasileiro)

A **Figura 92** ilustra de maneira pormenorizada a forma como pensamos a disposição do sistema de CONGRUÊNCIA no sistema de TRANSITIVIDADE.

A leitura desse sistema exposto na **Figura 92** é a seguinte: se tivermos os endereços sistêmicos [material: transformativo: elaboração: montante: força]¹⁵⁷, [material: transformativo: elaboração: cor], [comportamental ... olhar; mirar]¹⁵⁸ etc., então devemos fazer as escolhas disponíveis no sistema de CONGRUÊNCIA. De fato, temos, no sistema de TIPO DE FORÇA, as possibilidades *fortalecer/ dar uma fortalecida, reforçar/ dar uma reforçada, enfraquecer/ dar uma enfraquecida*; para o sistema dependente do termo [cor], temos as possibilidades *embranquecer/ dar uma embranquecida, escurecer/ dar uma escurecida, desbotar/ dar uma desbotada, amarelar/ dar uma amarelada* etc.; por fim, também temos as possibilidades de *olhar/ dar uma olhada* e *mirar/ dar uma mirada*.

Aqui, estão em evidência apenas os processos *fortalecer, reforçar, enfraquecer, embranquecer, escurecer, desbotar, amarelar, olhar* e *mirar*. No sistema de TIPO DE PROCESSO, no entanto, há um vasto número de processos que se associam ao sistema de CONGRUÊNCIA. Assim, o sistema de CONGRUÊNCIA é constituído de opções que podem ser “acessadas” quando diante de qualquer processo que permite uma representação metafórica com a inserção do verbo *dar*. Em outras palavras, o sistema de CONGRUÊNCIA abrange todas as expressões metafóricas com a forma verbal *dar*.

As devidas associações entre o sistema de CONGRUÊNCIA e termos do sistema de TIPO DE PROCESSO exigiria um refinamento deste, como exemplifica a **Figura 92**. Embora de natureza teórica distinta, um trabalho que se dedique a fazer essas associações – pode-se dizer – mantém semelhanças com o estudo de Scher (2004), que relaciona algumas construções com o verbo *levar* aos tipos de eventualidade propostos por Vendler (1967) e Smith (1991), conforme exposto no Capítulo 4, seção 4.4.

Finalizamos a associação do sistema de CONGRUÊNCIA ao de TIPO DE PROCESSO. Na subseção seguinte a associação será ao sistema de VOZ RECEPTIVA, parte do sistema de AGÊNCIA.

7.2.2 Associação ao sistema de VOZ EFETIVA

No sistema de VOZ EFETIVA – parte do sistema de AGÊNCIA, exposto na **Figura 18** (Capítulo 2, p. 50) –, as orações podem ser do tipo [operativa] ou [receptiva]. Sendo a oração metafórica com o verbo *dar* do tipo [receptiva], são possíveis duas alternativas: o grupo verbal

¹⁵⁷ O sistema dependente do termo [força] é expresso em Neale (2002, p. 255). Aqui, ele é adicionado ao refinamento proposto por Halliday e Matthiessen (2004, p. 187).

¹⁵⁸ As etapas de refinamento que conduzem às opções [olhar; mirar] não estão dispostas no sistema.

na voz passiva, com o auxílio do verbo *ser* (exemplos (224) e (225)), e a substituição do verbo *dar* por verbos como *levar* e *receber* (exemplos (226) e (227)).

- (224) A facada **foi dada** justamente por um repórter do caderno São Paulo, ao qual sirvo com lealdade há mais de sete anos. (Corpus Brasileiro)
- (225) Outras cinco facadas **foram dadas** nas costas do adolescente. (Corpus Brasileiro)
- (226) Ministro da Cultura da França **leva uma facada**. (Corpus Brasileiro)
- (227) Por volta de 1h, Souza **recebeu uma facada no coração** e morreu no hospital. (Corpus Brasileiro)

Na oração metafórica, a função de Meio é realizada por sintagma preposicional, como se verifica no exemplo (225) com *nas costas do adolescente*, não sendo disposta na posição de Sujeito da oração, como o seria na versão receptiva da estrutura congruente (*As costas do adolescente foram esfaqueadas outras cinco vezes*). Com a substituição do verbo *dar* por outros de natureza receptiva, a estrutura se assemelha àquela da oração congruente: o Meio é realizado por grupo nominal e confluído com o Sujeito da oração (ver **Figura 93**).

Figura 93 – Comparação entre as estruturas congruente e metafórica na voz receptiva

versão metafórica com auxiliar <i>ser</i>	Outras cinco facadas	foram dadas	nas costas do adolescente
	Escopo	Processo	Meio
versão congruente	As costas do adolescente	foram esfaqueadas	
	Meio	Processo	
versão metafórica com verbo receptivo	Ministro da Cultura da França	leva	uma facada
	Meio	Processo	Escopo
versão congruente	Ministro da Cultura da França	foi esfaqueado	
	Meio	Processo	
análise do modo	Sujeito	Finito/Predicador	Complemento

Fonte: O autor (2019). Orações metafóricas extraídas do Corpus Brasileiro. As orações congruentes são reescritas.

A partir da **Figura 93**, fica evidente a possibilidade de se representar a opção receptiva das orações metafóricas tanto por meio da voz passiva aplicada ao grupo verbal, como pela troca do *dar* por um verbo de natureza receptiva. Essa diferença se refere à possibilidade de se estabelecer o foco da representação sobre o participante Escopo ou sobre o participante Meio: se o foco é sobre o Escopo, este é confluído com a função de Sujeito; se o foco se dá sobre o Meio, este é que se encontra na mesma posição estrutural da função Sujeito.

A **Figura 93** demonstra, ainda, a possibilidade de exclusão da função de Agente (como o é nas orações de (224) a (227)). Essa opção é apontada pelo sistema de AGENTIVIDADE, que

dispõe dos termos [não-agentiva] e [agentiva], conforme **Figura 18** (Capítulo 2, p. 50). Sendo expresso, o Agente é realizado por um sintagma preposicional, podendo ser encabeçado pela preposição *por* – quando se tem a confluência Extensão/Sujeito (exemplo (224)) – ou pela preposição *de* – quando se tem a confluência Meio/Sujeito (exemplos (228) e (229)).

- (228) Recuperando-se de uma operação na região do malar (osso da face), depois de **levar** um soco **do** zagueiro Válber, do São Paulo, Antônio Carlos foi ao vestiário (Corpus Brasileiro)
- (229) **Levei** uma cantada **do** Michael Curtiz. Pediu meu telefone, convidou para jantar. Claro que não fui, ele era feio (Corpus Brasileiro)

Aqui apresentamos a interação das orações metafóricas com o sistema de AGÊNCIA, demonstrando que há particularidades no que se refere à voz receptiva. No entanto, vale ressaltar que a voz receptiva é comumente não escolhida diante do uso de metáforas gramaticais. Esse fato é verificado no uso incomum desse tipo de voz diante de estruturas como, por exemplo, *dar uma olhada*:

- (230) [deixa] só [eu] **dar uma olhada** na nossa kombi / (bpubdl07)
 uma olhada foi dada na nossa kombi (reescrita de (230))
 a nossa kombi levou uma olhada (reescrita de (230))
 foi dada uma olhada na nossa kombi (reescrita de (230))

Esse fato restritivo da voz receptiva também é reconhecido por Todirascu e Gledhill (2008) no estudo do inglês e do romeno, chegando a ser apontado como uma característica definidora das metáforas gramaticais constituídas de verbos como *dar*.

Com esta seção, finalizamos a localização do sistema de CONGRUÊNCIA no sistema de TRANSITIVIDADE. Na seção seguinte, haverá uma delimitação em termos metafuncionais e de escala de níveis.

7.3 Os limites do sistema de CONGRUÊNCIA

Nas subseções seguintes, são estabelecidos os limites do estudo das orações metafóricas com o verbo *dar*. Primeiro reafirmamos nosso estudo no campo da experiência; depois nos colocamos no nível das orações, demonstrando como os níveis da palavra e do morfema não alteram a ideia do nosso sistema de CONGRUÊNCIA; por fim, demonstramos a relação entre

nominalização e metáfora gramatical, evidenciando que o fato de termos uma nominalização não implica a identificação de uma oração incongruente.

7.3.1 Limite metafuncional

O sistema de ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO (de natureza experiencial) distingue-se do sistema de AVALIATIVIDADE (de natureza interpessoal). O proposto neste capítulo demonstra a alternância lexicogramatical entre orações congruentes e orações incongruentes associada a uma diferença de representação da realidade – *girar* e *dar um giro*, por exemplo, realizam figuras diferentes. Já o sistema de AVALIATIVIDADE se volta para a intensidade, a ênfase, a formalidade, a distância etc. estabelecida lexicogramaticalmente entre os interlocutores (VIAN Jr.; SOUZA; ALMEIDA, 2010).

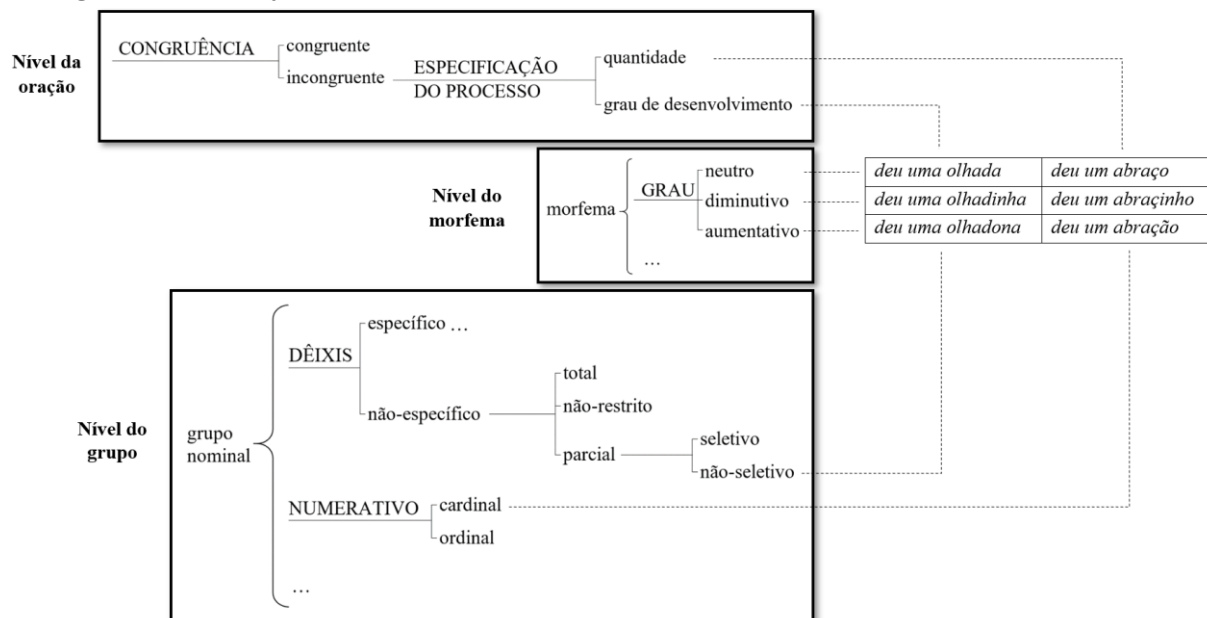
Evidentemente, as metáforas gramaticais com o verbo *dar* podem ser estudadas pelo viés interpessoal. Assim como o verbo *gostar*, por exemplo, pode ser associado ao termo [mental] no sistema de TIPO DE PROCESSO e a outro no sistema de AVALIATIVIDADE, também a construção *dar um giro*, aqui associada ao termo [incongruente], do sistema de CONGRUÊNCIA, pode ser relacionada a outro no sistema de GRADAÇÃO. Em suma, embora a expressão lexicogramatical metafórica aqui apresentada possa servir a funções diferentes (mas concomitantes), é sua função experiencial a que nos propusemos elucidar.

7.3.2 Limite na escala de níveis

Além do limite metafuncional, há ainda o limite na escala de níveis. Tratamos das expressões metafóricas no nível da oração, mas percebe-se que é possível expressões metafóricas originalmente do tipo [quantidade] ou [grau de desdobramento] serem, respectivamente, intensificadas e quantificadas. Com o uso de sufixos e/ou modificadores, por exemplo, a expressão *dar um beijo* pode ser intensificada de maneira diminutiva (*dar um beijinho*, *dar um pequeno beijo*, *dar um beijinho de nada*) ou aumentativa (*dar um beijão/beijoca*, *dar um grande beijo*, *dar um beijão daqueles*); por outro lado, em *dar uma lida* o modificador *uma* pode ter um valor de numeral, numa relação sistêmica com *duas lidas*, *três lidas*, *várias lidas* etc. De todo modo, *dar um beijinho* continua sendo do tipo [quantidade] e *dar duas/três/várias lidas* continuam com uma alteração no grau de desenvolvimento (ou seja, foram lidas sem um tempo e um esforço cognitivo suficientes). Essas mudanças, ao requererem a presença de nomes ou sufixos específicos, envolvem ordens diferentes da oração. É a

interação entre o sistema de ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO (nível da oração) com os sistemas NUMERATIVO (nível do grupo) e GRAU (nível do morfema) que resulta em possibilidades como essas (ver **Figura 94**).

Figura 94 – Interação entre os sistemas de ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO, NUMERATIVO e GRAU



Fonte: O autor (2019). A rede de sistema enquadrada no nível do grupo é baseada em Halliday e Matthiessen (2004, p. 312-318).

Pode-se pensar que [quantidade] e [grau de desenvolvimento] deveriam ser tratados em outras ordens, como o nível do grupo. As noções de quantidade e alteração do grau de desenvolvimento aqui propostas, no entanto, são extraídas da organização dos elementos constituintes da oração, mais especificamente do processo realizado pelo verbo *dar* e da nominalização que o segue. É evidente que esses sentidos associados às expressões metafóricas são endossados pelos elementos de outras ordens que geralmente os seguem: numerais, sufixos indicadores de plural, sufixos diminutivos e aumentativos. Mas nossa posição é reforçada porque mesmo nos casos em que não há a presença de um modificador, como em *deu facada*, supõe-se uma especificação do processo.

7.3.3 Relação entre nominalização e metáfora gramatical

Pode ser que a construção *dar* + *nominalização* não seja uma metáfora gramatical, e sim uma estrutura associada a um tipo de processo dos apresentados no capítulo anterior. Os exemplos (231) e (232) comprovam isso.

- (231) a gente queria / fazer pizza hhh / mas a gente nũ pode fazer pizza / porque / vai **dar confusão** lá na escola / né / (bfammn23)
- (232) *LEO: lembra que uma hora que eu te mostrei // que os meninos arredaram um pouquinho / o +
 *IAR: que já **deu uma diferença** / né //
 *LEO: é // a [/1] o tripé / e já **deu uma diferença** enorme na luz // <a gente> até pediu pra Juliana bater a [/1] <o branco> de novo // (bpubcv08)

Embora os nomes *confusão* e *diferença* sejam comparáveis às respectivas formas verbais *confundir* e *diferenciar*, veja-se que a configuração transitiva dessas orações é semelhante à do *dar criativo*, exposta no Capítulo 6. Ou seja, o verbo *dar*, nessas orações, tem o sentido de *gerar/ surgir*, não sendo parte de uma estrutura metafórica que especifica o processo em termos de quantidade ou grau de desenvolvimento. Note-se que essas orações possuem uma configuração de Participantes diferente daquelas metafóricas, já que o próprio nome seguinte ao verbo *dar* realiza a função de Meta, diferentemente de, por exemplo, *Quem fez o meme deu uma confundida nos parentescos*¹⁵⁹. A **Figura 95** compara essa diferença transitiva.

Figura 95 – Comparação entre *dar* criativo e *dar* metafórico

[fazer pizza]	vai dar	confusão	
Ator	Pr.: Material criativo	Meta	
Quem fez o meme	deu	uma confundida	nos parentescos
Experienciador	Pr.: Mental	Escopo	Fenômeno

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL (*[fazer pizza vai dar confusão* (bfammn23)) e da Internet (*Quem fez o meme deu uma confundida nos parentescos*).

Depreende-se que a correspondência entre os radicais de um nome e de um verbo não garante a existência de metáfora gramatical. Também, é possível que tenhamos um nome em uma expressão metafórica ao qual não há um verbo associado, como é o caso das orações listadas de (233) a (235).

- (233) **dá** o play aí pra gente ouvir esse arquivo // (bfamdl32)
- (234) isso // tá // isso // tá **dado** // “track erase” / (bfamdl32)
- (235) como eu **dei** stop aqui sem querer / ela passou pruma &out [/2] pra faixa quatro / (bfamcv31)

¹⁵⁹ Disponível em: <https://aminoapps.com/c/game-of-thrones-br/page/blog/o-que-e-pior/1JkZ_KqwS6u0PnJl3ZQDjXYLZZVdgELvEzl>. Acesso em: 21 nov. 2018.

Diremos que, apesar de termos expressões incongruentes, mais especificamente do tipo [quantidade], não há a contraparte congruente. Esse fenômeno é o que Halliday e Matthiessen (2004, p. 240, 405, 410, 619) chamam de *gaps* no paradigma lexical. Os exemplos apontados de (233) a (235) referem-se a anglicismos ainda não incorporados ao léxico da língua portuguesa. Caso esses estrangeirismos sejam incorporados, o *gap* lexical logo é preenchido, como pode ser verificado com a possibilidade de *escanear* e *dar uma escaneada*. Com o próprio nome *stop*, já é possível o preenchimento do *gap* com o verbo *estopar*, palavra comumente usada no mercado financeiro para se referir ao ato de limitar as perdas ou os ganhos em uma operação:

- (236) Na PETRG22 não foi melhor ...com as medias apontando para cima , comprei dentro do risco , 0,9k a 1,83 rapidamente complementado com 3,9k a 1,80 .Um forte movimento me **estopou** a 1,76 com 291,26 de perda.¹⁶⁰

No nosso entendimento, para que uma oração com Processo:: dar + Escopo seja considerada metafórica, deve-se haver a possibilidade de uma outra com a qual ela se distingue **apenas** no sistema de CONGRUÊNCIA. Como, por exemplo, *dar uma fortalecida*, *dar uma reforçada* e *dar uma enfraquecida* ocupam, no sistema de TIPO DE PROCESSO, o mesmo endereço semiótico de *fortalecer*, *reforçar* e *enfraquecer*, distinguindo-se apenas no sistema de CONGRUÊNCIA, então são expressões metafóricas. Por seu turno, como *dar confusão*, *dá uma diferença* e *dá rejeição*, por exemplo, distinguem-se de *confundir*, *diferenciar* e *rejeitar* no próprio sistema de TIPO DE PROCESSO, não podem ser consideradas metáforas gramaticais.

Resumindo, o critério de associação de um nome a uma forma verbal com mesmo radical não é de todo confiável. É necessário analisar a configuração dos participantes na oração para se identificar o significado realizado pelo verbo *dar*.

7.4 Metáforas de metáforas

Analisando a **Figura 96**, o olhar é direcionado, principalmente, para o fato de o processo *esfaquear* ser realizado, na expressão metafórica, por meio de um grupo nominal acompanhado do elemento verbal *dar*.

¹⁶⁰ Disponível em: <https://www.actifrevenu.com/2011/06/trades-realizados-na-valeg44-e-petrg22_30.html>. Acesso em: 14 nov. 2018.

Figura 96 – Diferença entre as variantes metafórica e congruente em *deu uma facada* e *esfaqueou*

Metafórico	<i>Ela</i>	<i>deu</i>	<i>uma facada</i>	<i>em um morador da região</i>
	Ator	Pr.: Material	Escopo	Meta
Congruente	<i>Ela</i>	<i>esfaqueou</i>		<i>um morador da região</i>
	Ator	Pr.: Material		Meta

Fonte: O autor (2019). Oração metafórica extraída do Corpus Brasileiro. A versão congruente é uma reescrita.

No entanto, um olhar mais atento verifica que o processo *esfaquear* indica, também, um caso de metáfora gramatical. Em outras palavras, uma terceira expressão pode ser considerada na composição da figura acima:

- (237) Ela teme ser morta. Diz estar «marcada» pela PM porque, recentemente, **atingiu/cortou** um morador da região com uma **faca** (reexpressão de (238)/(239))

Essa reexpressão serve tanto para a oração (238) como para a oração (239). Isso se dá porque tanto em (238) como em (239) está implícito o nome *faca*, correspondente ao objeto presente no sintagma preposicional na função de Circunstância de Meio (*com uma faca*). Seguindo essa forma de raciocínio, também o exemplo (240) pode ser reexpresso como em (241):

- (238) Ela teme ser morta. Diz estar «marcada» pela PM porque, recentemente, **deu uma facada** em um morador da região (Corpus Brasileiro)
- (239) Ela teme ser morta. Diz estar «marcada» pela PM porque, recentemente, **esfaqueou** um morador da região (reexpressão de (238))
- (240) eu falei assim ô meu filho, se ocê fosse ruim pra mim eu tinha **te dado um chute** com minha perna direita, cê tava voando até hoje e nã tinha chegado no lugar (bfamcv10)
- (241) eu falei assim ô meu filho, se ocê fosse ruim pra mim eu tinha **te batido/atingido** com minha **perna direita**, cê tava voando até hoje e nã tinha chegado no lugar (reexpressão de (240))

Os exemplos a seguir, retirados do Corpus Brasileiro, demonstram a validade das reexpressões apresentadas para as orações (237) e (241):

- (242) Ele disse que um dos rapazes o **atingiu com seis tiros**. (Corpus Brasileiro)
- (243) Em uma disputa de bola, o atacante Mirandinha **atingiu com o joelho** a coxa do zagueiro Antônio Carlos. (Corpus Brasileiro)

Como tem-se três expressões para a representação de uma experiência, surge a questão do que é mais ou menos congruente (ver a ideia de “escala de congruência” no Capítulo 3). Aqui, as orações *dar um(a) chute/ facada* são consideradas as menos congruentes, enquanto as orações *atingir/ bater com um(a) faca/ minha perna direita/ seis tiros/ o joelho* são consideradas as expressões mais congruentes. Na região intermediária da escala de congruência estão os exemplos com *chutar/ esfaquear/ esmurrar*¹⁶¹.

A **Figura 97**, a seguir, demonstra a classificação adotada, com as orações (238) e (239) como metafóricas (embora (238) seja mais metafórica) e a oração (237) como congruente.

Figura 97 – Mais e menos metafórico em atos violentos com *dar*

(238)	<i>Ela</i>	<i>deu</i>	<i>uma facada</i>	<i>em um morador da região</i>		mais metafórico
	Ator	Pr.: Material	Escopo	Meta		
(239)	<i>Ela</i>	<i>esfaqueou</i>		<i>um morador da região</i>		menos metafórico
	Ator	Pr.: Material		Meta		
(237)	<i>Ela</i>	<i>atingiu</i>		<i>um morador da região</i>	<i>com uma faca</i>	congruente
	Ator	Pr.: Material		Meta	Circunstância de Meio	

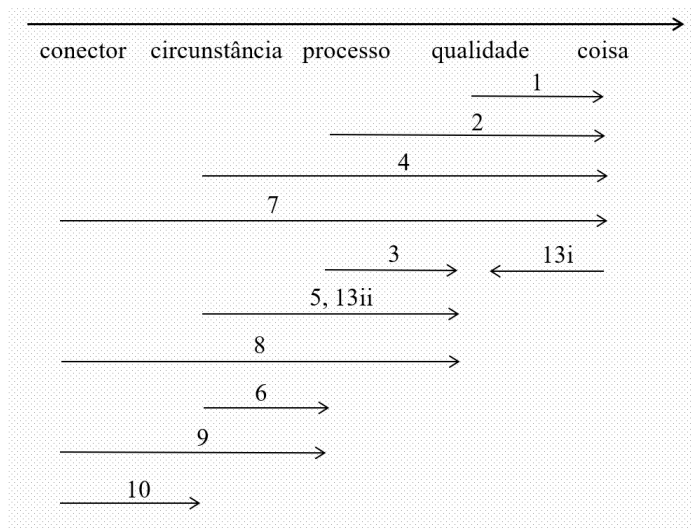
Fonte: O autor (2019). Oração “mais metafórica” extraída do Corpus Brasileiro. As demais orações são reescritas.

Entre as expressões (239) e (237), opta-se por classificar esta como congruente e aquela como metafórica por dois motivos. Primeiro, Halliday e Matthiessen (1999, p. 264) adotam uma direção no processo de metaforização. Essa direção, expressa na **Figura 98**, parte da ideia de que as metáforas gramaticais seguem o caminho da coisificação – note-se que o elemento *coisa* está na extrema direita da figura, sendo o lado direito a direção para onde a maioria das setas (com exceção de uma) estão apontadas. Nessa direção apontada, veja-se que o elemento circunstância segue o elemento conector e precede os elementos processo, qualidade e coisa, o que implica dizer que, no processo de expressão semiótica por meio de metáforas gramaticais, uma circunstância pode estar expressando um sentido congruentemente expresso por um conector (seta 10) ou, por outro lado, sendo esse elemento circunstância congruente, pode ser metaforicamente expresso como coisa (seta 4), como qualidade (seta 5, 13ii) ou como processo (seta 6). Adotando essa perspectiva na análise aqui proposta, expressões como *Ela atingiu um*

¹⁶¹ Alguns processos podem apresentar um *gap* nessa região intermediária, como é o caso de *cê nã fala assim do meu parceiro não, que cê já deu um bicudo em mim Marcelo* (bfamcv05), em que não se tem a forma verbal “bicudar” (atingir com o bico do pé).

morador da região com uma faca são congruentes em relação a expressões como *Ela esfaqueou um morador da região* porque, dessa maneira, tem-se a direção circunstância => processo (seta 6); caso fosse considerado o caminho contrário (processo => circunstância), haveria um direcionamento divergente da ideia de coisificação.

Figura 98 – Direção da metaforização



Fonte: Halliday e Matthiessen (1999, p. 264). Renumerados de acordo com o **Quadro 4** (p. 64).

Um segundo motivo que conduz à adoção da expressão (239) como metafórica em relação a (237) é a perspectiva evolutiva filogenética. Halliday e Matthiessen (1999), como apontado no Capítulo 3, afirmam que as expressões gramaticais metafóricas tendem a aparecer posteriormente no processo de aquisição linguística de um infante. Aqui vale ressaltar que, por meio de observações informais de um infante na aquisição do português brasileiro, o uso de *cortar com uma faca* ou *bater com uma faca* antecede o uso de *esfaquear* ou *dar uma facada*.

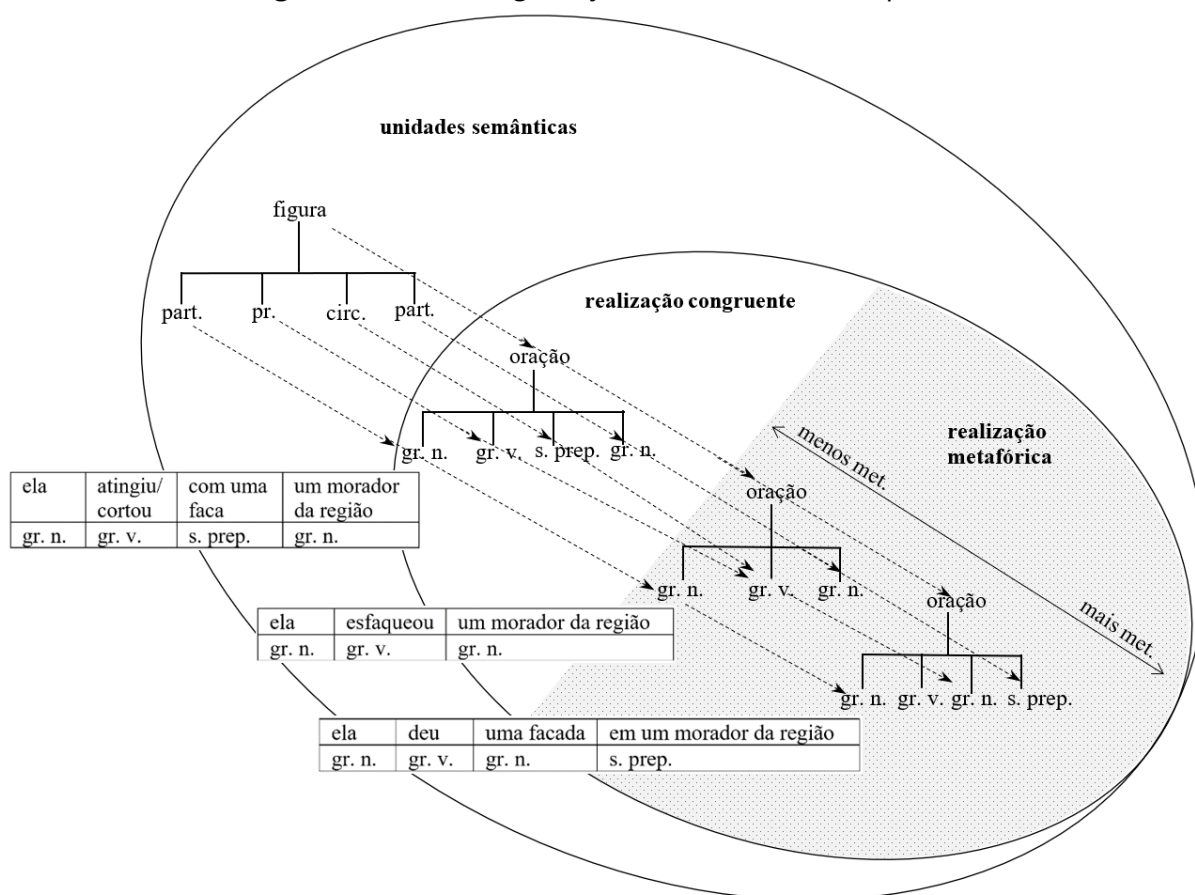
Voltando-se para o quadro dos domínios de metáforas, reproduzido novamente a seguir, identifica-se o fenômeno linguístico aqui analisado nos seguintes domínios: domínio 6, correspondente à representação de circunstância por meio de processo (*com uma faca* => *esfaquear*); domínio 4, correspondente à representação de circunstância por meio de coisa (*com uma faca* => *facada*); e domínio 12, referente à inserção de um processo realizado pelo verbo *dar* (Ø => *dar*).

Quadro 19 – Domínios de metáforas de elementos aplicado a *dar uma facada*

congruente:	metafórico:			
	=> circunstância	=> processo	=> qualidade	=> coisa
qualidade => <i>instável</i>				1 <i>instabilidade</i>
processo => <i>absorver</i>			3 <i>absorvente</i>	2 <i>absorção</i>
circunstância => <i>ao invés de; na superfície com uma faca</i>		6 <i>substitui esfaquear</i>	5 <i>alternativo; superficial</i>	4 <i>substituição; superfície facada</i>
conector => <i>porque [b, porque a] então [a, então b]</i>	10 <i>por cause de; como resultado</i>	9 <i>causa, prova; assegura, segue/resulta de</i>	8 <i>causal; consequente</i>	7 <i>causa, prova; resultado</i>
Ø =>		12 <i>ocorre; impõe; faz, tem dar</i>		11 <i>fenômeno, fato</i>
coisa, circunstância => <i>driver [be safe] decided [today]</i>	13 expansão da coisa <no contexto de 1 e 2> <i>driver [safety], driver's [safety], [safety] of the driver today's [decision], [decision] of today</i>			

Fonte: Halliday e Matthiessen (1999, p. 245). Nas células destacadas em cinza, os exemplos em negrito foram adicionados pelo autor (2019) de acordo com os dados da pesquisa.

Mediante o diagrama na **Figura 99**, é possível ver o movimento de transcategorização em relação às formas de realização. Seja na realização congruente, seja nas realizações metafóricas, a figura é realizada por meio de oração – em outras palavras, não há mudança de nível da oração para grupo. Da mesma forma, o participante com a função de Ator (*Ela*) é realizado, em todas as expressões, no nível do grupo, por um grupo nominal. No que se refere ao participante na função de Meta, sua realização congruente se dá através de um grupo nominal (*um morador da região*); já nas expressões metafóricas, a realização pode ser por meio de um grupo nominal (*um morador da região* – menos metafórico) ou de um sintagma preposicional (*em um morador da região* – mais metafórico). As unidades semânticas processo e circunstância, por sua vez, são realizadas, na forma congruente, por um Processo (*atingiu*) e por uma Circunstância (*com uma faca*), respectivamente; já nas duas realizações metafóricas, as duas unidades são realizadas ou por um grupo verbal (*esfaquear* – menos metafórico) ou por um grupo nominal (*uma facada* – mais metafórico). No caso da realização mais metafórica, em que o processo e a circunstância são realizados pelo grupo nominal *uma facada*, é inserido o verbo *dar*.

Figura 99 – Transcategorização da metáfora *dar uma facada*

Fonte: O autor (2019). Oração “mais metafórica” extraída do Corpus Brasileiro. As demais orações são reescritas.

Nesse sentido, são metáforas gramaticais do tipo *figura com processo* ==> *figura com processo como coisa* (ver **Quadro 5**, p. 65).

Nesta seção, consideramos apenas exemplos que remetem a atos violentos. No entanto, com base no conceito de escala de congruência, acreditamos serem possíveis outros casos em que a estrutura *dar + nominalização* nos remeta a uma outra expressão metafórica.

7.5 Considerações do capítulo

Propomos que metáforas gramaticais com a configuração Processo + Escopo – com o Processo realizado pela forma verbal *dar* e o Escopo por um nome normalmente correspondente a um verbo de mesma raiz morfológica – delimitam o processo, seja especificando-o quantitativamente, seja alterando seu grau de desenvolvimento. Comparando-se os pares *girar* e *dar um giro*, *abraçar* e *dar um abraço*, *pular* e *dar um pulo*, *chorar* e *dar um choro* etc., a escolha está entre, respectivamente, um processo com desdobramento indefinido e um processo

com seu fluxo delimitado e quantificado. Ao comparar os pares *evaporar* e *dar uma evaporada*, *gelar* e *dar uma gelada*, *ajeitar* e *dar uma ajeitada* etc., opta-se entre a indefinição e a alteração do grau do desenvolvimento do processo.

Com base nessa ideia, propomos o sistema de CONGRUÊNCIA, com os termos [congruente] e [incongruente]. O termo [incongruente] é condição de entrada para o sistema de ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO, com os termos [quantidade] e [grau de desenvolvimento]. No sistema de TRANSITIVIDADE, esse sistema de CONGRUÊNCIA foi localizado no mesmo nível de refinamento dos sistemas de TIPO DE PROCESSO e AGÊNCIA.

Apontamos como deve ser feita a associação entre o sistema proposto e os sistemas de TIPO DE PROCESSO e VOZ RECEPTIVA. Chegamos à conclusão de que é possível apontar os subsistemas ou grupos semânticos que se submetem ao sistema de CONGRUÊNCIA, mas isso implica realizar um trabalho de refinamento do sistema de TIPO DE PROCESSO.

Também especificamos os limites do sistema de CONGRUÊNCIA, demonstrando, no modelo metafuncional, sua essência experiencial e, no estrato lexicogramatical, seu fundamento no nível da oração. Ainda vimos que nem todas as estruturas em que uma nominalização segue o verbo *dar* podem ser consideradas versões incongruentes. Mesmo sendo possível apontar uma oração com um verbo constituído da mesma raiz morfológica do Escopo, pode-se não ter uma relação congruência-incongruência. Nesse caso, a configuração entre o processo e os participantes indicam a mudança de classificação no sistema TIPO DE PROCESSO (por exemplo, de Processo Material transformativo para Processo Material criativo).

Finalizamos o capítulo demonstrando a possibilidade de termos metáforas de metáforas. Ou seja, uma expressão metafórica com o verbo *dar* pode derivar de uma outra expressão metafórica. Para demonstrar isso, analisamos orações indicativas de atos violentos, como *dar uma facada*, *dar um chute*, *dar uma cotovelada* etc.

Com este capítulo, percebemos que o verbo chamado “leve” é mais do que um suporte para as marcas de pessoa e tempo. O verbo *dar*, aqui estudado, faz parte de uma expressão linguística com significados próprios, distinguindo-se em termos experienciais de outras expressões tidas como congruentes.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Halliday (2000, p. 370) expõe que *pensar gramaticalmente* refere-se à prática de refletir sobre a forma como a gramática se comporta no processo de construção de significados. Para exercer essa prática, o autor sugere uma atenção a qualquer expressão gramatical usada em qualquer contexto de situação (por exemplo, em uma conversa com um amigo ou familiar). O objeto de estudo desta tese surgiu do pensamento gramatical voltado para a língua portuguesa, mais especificamente para os diversos usos do verbo *dar*. De maneira incipiente, percebeu-se que essa forma verbal tem uma certa ‘magia’: é como uma ‘carta curinga’, que pode ser usada em diversos contextos, e apesar de as estruturas nas quais ela aparece conduzirem, muitas vezes, para versões substitutas, ela apresenta uma particularidade de sentido inconfundível.

Dentro do meio acadêmico, lugar onde nos colocamos, essa reflexão foi aprofundada. Todo trabalho de natureza científica deve envolver um método, com o objetivo de observar algo e fazer abstrações que seriam impossíveis sem o distanciamento de exemplos isolados e de pensamentos imediatistas. Guiado por um conjunto de orações extraídas do *corpus* C-ORAL-BRASIL e do Corpus Brasileiro, pela teoria sistêmico-funcional e pelo método científico, chegamos a um conjunto de abstrações reveladoras do comportamento da forma verbal *dar* no português brasileiro. Evidentemente, por se tratar de um estudo científico, está aberto a contestações, mas o pensamento gramatical guiado afasta desta tese o envolvimento no erro de meras observações.

Esta tese, como várias outras apresentadas em programas de pós-graduação para conclusão de um doutorado, foi organizada de um modo que apresentou, após a introdução, um percurso teórico. Em nosso trabalho de pesquisa, a leitura dos textos teóricos, de fato, antecedeu as análises. Queríamos entender como trabalhar um único verbo com base na LSF, portanto nos dedicamos à apresentação e organização do conhecimento de conceitos-chave para nos localizarmos no quadro teórico (Capítulo 2). No Capítulo 3, expusemos o conceito de metáfora gramatical, que notamos ser o caminho para o entendimento de orações com o verbo *dar* chamado, por muitos autores, de verbo leve ou suporte; diluído neste capítulo esteve a recorrência a algumas orações metafóricas com o verbo *dar*, algo que teve a vantagem de nos introduzir ao que foi analisado e descrito no Capítulo 7. Já no Capítulo 4 tivemos uma visão panorâmica de alguns dos principais trabalhos direcionados ao verbo objeto de estudo da tese.

Seguindo a teoria, tivemos o capítulo metodológico. Nele, (i) indicamos a natureza indutiva, descritiva e básica da pesquisa, (ii) demonstramos o posicionamento voltado para o

texto enquanto espécime, (iii) apresentamos os *corpora* C-ORAL-BRASIL (de base) e Corpus Brasileiros (de consulta) como as fontes para se investigar as orações com o verbo *dar*, e (iv) demonstramos os procedimentos adotados no processo de análise e descrição.

Para finalizar o ciclo formado por teoria, metodologia e análise, os Capítulos 6 e 7 destinaram-se ao cumprimento do primeiro e do segundo objetivos específicos, respectivamente. A seguir retomamos cada um desses objetivos e os resultados apresentados.

8.1 O verbo *dar* no sistema de TRANSITIVIDADE

O primeiro objetivo específico pretendido nesta tese foi *analisar e descrever as orações com processos realizados pelo verbo dar de acordo com o sistema de TRANSITIVIDADE proposto pela GSF*. No Capítulo 6, demonstramos que esse verbo pode ser constituinte de orações pertencentes às seis regiões da experiência: material, mental, relacional, comportamental, verbal e existencial. No caso da região material, foi possível uma distinção mais refinada. Isso resultou em um quadro que distinguiu entre [material: transformativo] e [material: criativo], e entre [transformativo: extensão] e [transformativo: elaboração]. Para as orações do tipo [transformativo: extensão], houve um maior detalhamento, tomando como base Hasan (1996), conforme disposto na **Figura 47**. Em termos de refinamento, também foi dado um passo, seguindo Halliday e Matthiessen (2004), na região das orações relacionais (ver **Quadro 20**).

Quadro 20 – Oração com o verbo *dar* distribuídas de acordo com termos mais refinados do sistema de TIPO DE PROCESSO

Tipo				Exemplo	Fonte
material	trans.	extensão	+transferível	apossamento eu comecei a dar tinta pra ele / &j [/1] percebi o talento dele	bpubmn13
			passo	eu te chamei três vezes p' cê me dar ele [o bebê]	bfammn35
		-transferível	poder	me dá um segundinho que eu vou olhar <aqui> pr' ocê	bpubdl02
			parte do corpo	a mulher fala / ah / não / mas eu &i [/1] ia te dar [a bunda] de graça / cê nã quis	bpubmn08
		elaboração		é que / meu cérebro nã sei o quê // deu uma coisa na minha cabeça	bfamdl17
	criativo			tem hora que dá vontade de chutar o balde / viu // mandar a mulher po espaço	bfammn12
relacional	atributivo			duas [cervejas] dá / né	bfamcv10
	identificativo			<quanto que deu o> total // da conta	bfamcv08
	circunstancial			aqui [este local] dá pra <porta>	bpubcv01

Fonte: O autor (2019). Orações extraídas do C-ORAL-BRASIL.

A diferença na classificação do verbo *dar* entre um tipo e outro de processo depende da natureza dos participantes envolvidos. É possível, por exemplo, haver uma mudança caso participantes realizados por uma mesma forma nominal tenham sentidos diferentes (comparar (244), sentido de *contentamento*, com (245), sentido de *informação*) ou caso um participante tenha uma função diferente no todo oracional (comparar (246), em que *a massa* é classificada, com (247), em que *o liquidificador* é a fonte de energia).

- (244) [o Viagra] **dá** duas vezes mais **satisfação** do que o grau três // pra ele e pra mulher // (bfammn16)
 (245) a gente tem que **dar** **satisfação** do que se faz // (bpubmn02)
 (246) [**a massa**] vai **dar** uma [/1] uma massa boa // (bfamdl11)
 (247) **o liquidificador** vai **dar** uma massa boa (reescrita de (246))

De maneira geral, nossa pesquisa se distingue daquelas que, ao descreverem o verbo *dar*, apresentam uma lista de classes, como a de Rassi e Vale (2013) e Tucker (2014a). Na descrição lexicogramatical sistêmico-funcional, a ideia de lista de classes é extinguida, já que, em um sistema, além de serem indicados os termos, devem ser demonstradas as relações de dependência entre eles. O ganho, com isso, é perceber até que ponto certas orações se assemelham e a partir de que ponto se distinguem – entre orações como, por exemplo, *deu cem no estágio* (com Meta não-alienável) e *me dá mais um pão de queijo* (com Meta alienável).

De maneira específica, se comparado o **Quadro 20** (anteriormente apresentado) com o **Quadro 7** (Capítulo 4, p. 88), elaborado com base em Rassi e Vale (2013), notam-se diferenças consideráveis na forma como as orações com o verbo *dar* são compreendidas nesta tese. O que Rassi e Vale (2013) classificam como verbo pleno pode ser, de acordo com nossa análise, [material] ou [relacional]; o que classificam como verbo-suporte corresponde a um sistema separado – no nosso entendimento, é possível uma oração com verbo-suporte ser tanto mental como verbal, por exemplo; o que classificam como verbo causativo pode ser [material], [mental] ou [relacional], já que consideramos o sistema de AGÊNCIA separado do sistema de TIPO DE PROCESSO; o que classificam como expressão fixa é aqui analisada de acordo com os seis processos, diferenciando-se das demais orações por envolverem realizações bem específicas, próprias de expressões em um nível de refinamento maior; por fim, o que classificam como provérbio também passa pelo jugo do sistema de TIPO DE PROCESSO (o que as diferencia das demais é o fato de conter metáforas lexicais, muitas vezes até acompanhadas de metáforas gramaticais, como no exemplo *deu o tapa [estapeou] e escondeu a mão*). (Ver **Quadro 21**, a seguir).

Segundo a perspectiva teórica por nós adotada, o fato de Rassi e Vale (2013) não considerarem a noção de sistema e de refinamento deixa a desejar ao classificarem, por exemplo, a oração *elogios lhe dão alegria* como causativa, já que envolve, também, metáfora gramatical, e portanto (também) poderia ser classificada, nos próprios termos dos autores, na classe *verbo-suporte*. Por não considerarem a escala de níveis, não relacionam as construções gramaticais com sentido incoativo ao nível do grupo – como apresentado no Capítulo 6, seção 6.8, em que o verbo *dar*, em orações como *essa molecada carioca deu para aterrorizar o Rio*, é auxiliar, indicando o tempo inceptivo-durativo no sistema de FASE do grupo verbal complexo. Em evidência está o fato do nosso estudo resultar em uma classificação diferente da proposta por Rassi e Vale (2013); a partir de critérios semânticos e lexicogramaticais, em alguns casos identificamos como semelhantes (no nível de refinamento mais geral do sistema de TIPO DE PROCESSO) orações que os autores diferenciam, e identificamos como distintas orações por eles assemelhadas (ver quadro comparativo a seguir).

Quadro 21 – Proposta de classificação do verbo *dar* no português brasileiro

	Classificação de Rassi e Vale	Exemplos	Nossa classificação
1	Verbo pleno	d. Transferência de objeto A Lourdes, psicanalista, <i>deu um computador</i> à sobrinha. e. Acontecimento/evento/ocorrência Os seguranças tentaram separar e <i>deu uma confusão</i> . f. Resultado numérico Dois e dois nunca <i>dá cinco</i> .	a. [material: transformativo: extensão] b. [material: criativo] c. [relacional: identificativo]
2	Verbo-suporte	Alessandro Cambalhota <i>deu conselhos</i> ao atacante Maurides.	[verbal]
3	Verbo causativo	d. Classe das doenças Comer sal <i>dá pressão alta</i> . e. Classe dos sentimentos Elogios lhe <i>dão alegria</i> . f. Classe das atribuições ou características O advogado <i>deu celeridade</i> ao processo.	a. [material: criativo] b. [mental] c. [material: transformativo: elaboração]
4	Construção gramatical	c. Construção <i>dar para</i> a. Sentido modal Através dele <i>dá para descobrir</i> o jeito da pessoa. b. Sentido incoativo Essa molecada carioca <i>deu para</i> aterrorizar o Rio. c. Sentido de suficiência 20kg <i>dá para</i> 20 soldados em combate e ainda sobra. d. Sentido de direção Jantar no terraço do hotel, que <i>dá para os jardins</i> , é um prazer. d. Construção <i>dar de</i> Se tem gente com fome, a gente <i>dá de comer</i> .	a. a. [relacional: atributivo] b. [tempo: receptivo: repentino] – verbo auxiliar c. [relacional: atributivo] d. [relacional: circunstancial] b. [material: transformativo: extensão]
5	Expressão fixa	<i>Deu a louca</i> em secretários de Ilhéus e Ibirataia.	[material: criativo]
6	Provérbio	O desmiolado que arremessou a lata de cerveja na cabeça de Luxemburgo <i>deu o tapa e escondeu a mão</i> .	[material: elaboração]

Fonte: O autor (2019), baseado-se, na terceira e quarta colunas, na classificação e nos exemplos de Rassi e Vale (2013).

Evidentemente, em razão da alta produtividade desse verbo, pode-se encontrar orações que não foram consideradas no Capítulo 6, e que mereçam ser descritas e localizadas no sistema de TIPO DE PROCESSO. No entanto, a julgar pelo **Quadro 21**, no qual conseguimos, com base na análise e consequente descrição, reclassificar todas as orações extraídas de Rassi e Vale (2013), podemos dizer que nosso trabalho consegue abranger uma ampla gama de expressões constituídas do verbo *dar*.

8.2 O verbo *dar* em orações metafóricas

O segundo objetivo específico desta tese foi *propor uma rede de sistema, com suas respectivas opções lexicogramaticais, que contribuisse para um entendimento das orações nas quais se têm o fenômeno da metáfora gramatical com a inserção da forma verbal dar*. Esse objetivo surgiu a partir da observação de que a oração com o chamado verbo leve (SCHER, 2004) ou suporte (NEVES, 2011; RASSI; VALE, 2013), com significados próprios, e ao mesmo tempo muito usada no português brasileiro, necessitava de um sistema que apontasse a sua especificidade.

Propomos o que chamamos de sistema de CONGRUÊNCIA, inserido no sistema de TRANSITIVIDADE e que pode ser associado a sistemas ou itens lexicais do sistema de TIPO DE PROCESSO. Esse sistema é composto das opções [congruente] e [incongruente]. A opção [incongruente] é a realizada pelas orações com o verbo *dar* que passaram pelo processo de metaforização gramatical e se distinguem por apresentarem um refinamento referente à quantidade ou ao grau de desenvolvimento do processo, portanto sendo condição de entrada para o sistema de ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO, com os termos [quantidade] e [grau de desenvolvimento]. Com o sistema proposto (ver **Figura 84**), conseguimos chegar a uma descrição de orações com expressões como *deu um pulo* – do tipo [quantidade], que se refere a um processo com um desdobramento completo, e portanto passível de ser contabilizado – e *deu uma gelada* – do tipo [grau de desenvolvimento], referindo-se a um processo com um desenvolvimento alterado se comparado com uma representação considerada satisfatória (algo que se possa dizer estar *gelado*).

Decidimos por inserir o sistema de CONGRUÊNCIA na rede de sistema de TRANSITIVIDADE, no mesmo grau de refinamento dos sistemas de TIPO DE PROCESSO e AGÊNCIA (ver **Figura 92**). Defendemos ser um sistema associado a certas partes das regiões material, mental, relacional, comportamental e verbal, sendo sua escolha não exclusiva – ou seja, para certas opções do sistema de TIPO DE PROCESSO, deve-se, também, optar entre os termos [congruente] e [incongruente]. Nesse sentido, não dizemos que uma oração como *Alessandro Cambalhota deu conselhos ao atacante Maurides* (ver **Quadro 21**) é [incongruente] ou [verbal]; ela é as duas coisas ao mesmo tempo, pois toda oração incongruente/metafórica com a forma verbal *dar* está associada a algum dos tipos de processo. Essa nossa forma de pensar esclarece, no estrato lexicogramatical, a ideia de metáfora gramatical como composto semântico (ver Capítulo 3): se uma oração com o verbo *dar* é metafórica, então será [material], [mental] [relacional], [comportamental] ou [verbal] e [incongruente: quantidade] ou

[incongruente: grau de desenvolvimento]. Seguindo o modelo expresso na **Figura 27** (p. 71), uma oração congruente (**c**) como *[ele] olhou o cartão* (bfamdl17), com a configuração transitiva comportamental, realiza apenas o sentido comportamental (**s₁**); já uma oração metafórica (**m**) como *só [eu] dar uma olhada na nossa Kombi* (bpubdl07), com a configuração transitiva comportamental adicionada da configuração incongruente *dar + olh-ada*, realiza o sentido comportamental (**s₁**) e o sentido diminutivo (**s₂**) no desenvolvimento do processo.

A contextualização do sistema de CONGRUÊNCIA foi finalizada com sua associação ao sistema de VOZ RECEPTIVA e delimitação no modelo metafuncional e na escala de níveis. Na voz receptiva, a oração metafórica tanto pode ser realizada pela voz passiva aplicada ao grupo verbal, como pela troca do verbo *dar* por um de natureza receptiva. No quadro metafuncional e na escala de níveis, esclarecemos nossa posição no nível da oração e na metafunção experiencial, mas apontamos que as construções metafóricas podem ser estudadas de acordo com as outras metafunções e nos níveis do grupo e do morfema, como forma de se intensificar, numerar e atribuir valores dêiticos.

Apontamos que nem toda construção *dar + nominalização* pode ser considerada metafórica. Em *[fazer pizza] vai dar confusão*, apesar da possibilidade do verbo *confundir*, não identificamos a presença de metáfora gramatical, dada a diferença na configuração transitiva se comparada com uma oração como *Quem fez o meme deu uma confundida nos parentescos*. Chegamos à conclusão de que, para termos metáfora gramatical com o verbo *dar*, é necessário que as orações (congruente e incongruente) não apresentem diferenças no sistema de TIPO DE PROCESSO, algo que acontece entre *dar confusão*, do tipo [material: criativo], e *deu uma confundida*, do tipo [mental].

Por fim, com base em exemplos que envolvem atos violentos, como *dar uma facada*, demonstramos a possibilidade de algumas metáforas gramaticais com o verbo *dar* serem formadas de outras metáforas. Nosso propósito, com isso, foi demonstrar que o objeto por nós estudado pode participar de uma *escala de congruência* (ver apresentação desse termo no Capítulo 3).

Podemos afirmar que é justificável o uso de adjetivos como “leve” (SCHER, 2004), “suporte” (NEVES, 2002, 2011; RASSI; VALE, 2013) e “vazio” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), no sentido de que a natureza do verbo *dar* é definida pelo nome na função de Escopo que o segue, sendo este participante de importância proeminente na identificação da oração no sistema de TIPO DE PROCESSO. No entanto, deve-se reconhecer que esse verbo é constituinte de uma oração incongruente, que passou por um processo de metaforização (ver Capítulo 3), e como tal contribui não somente para as marcas de pessoa e

tempo, como também, no todo, para a criação de um significado próprio, realizado por uma configuração lexicogramatical própria no nível da oração, que nos conduziu à criação do sistema de ESPECIFICAÇÃO DO PROCESSO, dependente do termo [incongruente] do sistema de CONGRUÊNCIA. Com o sistema de CONGRUÊNCIA, livramo-nos, diante do verbo *dar*, de (i) afirmar que é “leve” ou “suporte”, de (ii) classificá-lo independentemente do seu participante Escopo e de (iii) não captar a tênue diferença entre as expressões com e sem ele.

Nosso trabalho, se comparado com o de Scher (2004), lança um foco mais panorâmico para as orações com esse verbo “vazio”. Além de apontarmos o aspecto diminutivo atrelado à construção *dar uma X-ada*, também abrangemos as orações metafóricas que conferem completude ao desdobramento do processo. Além disso, percebemos o diminutivo como fenômeno envolvido em algo mais amplo, ao qual chamamos de *alteração do grau de desenvolvimento do processo*; isso nos faz abranger não somente *deu uma lida*, mas também *deu uma lidinha* (grau de desenvolvimento ainda menor) e *deu uma lidona* (grau oposto ao diminutivo). De todo modo, para construirmos o sistema de CONGRUÊNCIA – o que envolveu a distinção de significado entre as orações do tipo [congruente] e [incongruente], num primeiro momento, e entre [quantidade] e [grau de desenvolvimento], num segundo momento – também tivemos de lançar mão de um conhecimento que envolve a forma como o processo é desenvolvido, o que na linguística é geralmente conhecido como aspecto lexical ou *Aktionsart* (ver Vendler (1967), Halliday e Matthiessen (1999, p. 469) e Cançado e Amaral (2016)).

Nosso trabalho não surgiu do nada: as discussões de Halliday (1998), Halliday e Matthiessen (1999), Heyvaert (2003), Ravelli (1988, 2003), Taverniers (2003) e Tucker (2014a), como apresentadas no Capítulo 3, nos conduziram, juntamente com a análise das orações com o verbo *dar*, à elaboração do sistema de CONGRUÊNCIA. Mas dentro do quadro teórico e descritivo da LSF, nosso sistema de CONGRUÊNCIA na rede de TRANSITIVIDADE é inovador. Esse é o primeiro sistema elaborado, situado, exemplificado e com a abrangência ampla diante de orações metafóricas com a forma verbal *dar*. Dado nosso direcionamento ao português brasileiro, apesar de trabalhar com apenas uma forma verbal, podemos afirmar que contribuímos para a descrição sistêmico-funcional dessa língua, seja pelo pontapé inicial na descrição de orações metafóricas, seja pela iniciativa em “tatear” o sistema de TIPO DE PROCESSO (às vezes em regiões menos, às vezes em regiões mais refinadas), tanto para melhor compreendê-lo como para entender as orações com o verbo *dar*.

Quando falamos que o sistema de CONGRUÊNCIA é inovador, referimo-nos ao preenchimento de importante e desafiante lacuna apontada por renomados autores (já citados ao longo desta tese). Cumpre o que Tucker (2014a, p. 51) considera um desafio: “talvez o maior

desafio para a GSF repouse na modelização dessa gama de expressões [com o verbo *dar*] nas redes de sistema que constituem o coração teórico do modelo”¹⁶². Também atinge a aspiração de Taverniers (2003, p. 23): “de maneira geral, isso [a representação das orações metafóricas em redes de sistema] explicaria a metáfora gramatical como uma *escolha* em um sistema no qual outras opções congruentes também estão disponíveis”¹⁶³ (grifo da autora). Por fim, o nosso sistema de CONGRUÊNCIA atinge o que Ravelli (1999, *apud* TAVERNIERS, 2003, p. 25) considera um desafio; segundo essa autora, para representar a metáfora gramatical no estrato lexicogramatical, dever-se-ia localizar a condição de entrada nos sistemas (por exemplo, no sistema de TRANSITIVIDADE). Nas palavras da própria Ravelli (1999, *apud* TAVERNIERS, 2003, p. 25, “o nível ou refinamento no qual a metáfora gramatical se torna uma opção deve ser determinado [...] Assim, é extremamente difícil capturar qualquer generalização descritiva sobre metáforas gramaticais no nível da lexicogramática”¹⁶⁴. Evidentemente, nosso trabalho foi feito apenas com base em orações com o verbo *dar* (e restrito ao português brasileiro), cumprindo, portanto, apenas parte do que Taverniers (2003) e Ravelli (1999) idealizam; de todo modo – repetindo com outras palavras – o sistema de CONGRUÊNCIA que propomos pode ser a pedra angular de um edifício descritivo voltado para as metáforas gramaticais.

Dito isso, podemos concluir que esta tese atinge os objetivos gerais e específicos propostos. De maneira geral, (i) amplia o entendimento dos usos da forma verbal *dar* no português brasileiro e (ii) contribui para a descrição sistêmico-funcional da lexicogramática do português brasileiro. De maneira específica, (i) analisa e descreve as orações com processos realizados pelo verbo *dar* de acordo com o sistema de TRANSITIVIDADE proposto pela GSF e (ii) propõe a rede de sistema de CONGRUÊNCIA demonstrativa das opções lexicogramaticais que possibilitam a construção de expressões metafóricas com o verbo *dar* na função de Processo.

Dos estudos linguísticos que seguem os pressupostos teóricos e/ou descritivos da LSF no Brasil, este trabalho ganha destaque por estar dedicado não somente à análise, mas também à descrição (o que implica voltar-se para o potencial) do sistema de TRANSITIVIDADE. De maneira mais geral, considerando os estudos sistêmico-funcionais no cenário internacional, nosso trabalho contribui para a descrição de orações metafóricas do tipo *figura com processo* ==> *figura com processo como coisa* (ver **Quadro 5**, p. 65) que envolvem o domínio 12 do

¹⁶² “[...] perhaps the greatest challenge for SFG lies in modelling this range of expressions in the system networks which constitute the theoretical heart of the model.”

¹⁶³ “in general this would explain grammatical metaphor in terms of a *choice* in a system where also other, congruent options are available.”

¹⁶⁴ “the rank or delicacy at which grammatical metaphor becomes an option must be determined [...] Thus it is extremely difficult to capture any descriptive generalisations about grammatical metaphor at the level of lexicogrammar.”

Quadro 4 (p. 64) – ou seja, metáforas em que há a implementação de um processo, como *dar* e *fazer*, por exemplo, seguido de um Escopo/Extensão.

8.3 Pesquisas futuras

Esta tese, por se colocar no plano potencial, pode servir como uma fonte de pesquisa a vários pesquisadores que utilizam a GSF para revelar valores presentes em textos ou tipos de texto específicos. Caso, em sua análise, o pesquisador se depare com a forma verbal *dar*, certamente a consulta e leitura desta tese servirá de apoio. A título de exemplo, veja-se que, em um texto, a mudança de representação entre as opções [apossamento] e [passe] pode estar associada à posição ideológica do seu produtor. Em uma situação na qual se quer representar o fato de *os filhos do estupro* receberem um benefício, a oração *Rio vai dar pensão para ‘filhos do estupro’* (Corpus Brasileiro) pode conduzir à interpretação de que o Recebedor não tinha esse direito, ao contrário da oração *Rio vai dar a pensão dos ‘filhos do estupro’* (reescrita), na qual se sabe que o Recebedor já possui o direito da pensão (ou seja, é Possuidor), mas o repasse por parte do governo não foi cumprido. A **Figura 100** apresenta essa diferença de significado:

Figura 100 – [apossamento] vs. [passe]: o ponto de vista do produtor

[apossamento] => direito ao ganho não adquirido. O processo refere-se ao “apossar”.					
	Rio	vai dar	pensão	para ‘filhos do estupro’	
	Ator	Pr.: Mat.	Meta	Recebedor	
[passe] => direito ao ganho adquirido, restando repassar. O processo refere-se ao passe da posse.					
	Rio	vai dar	a	pensão	dos filhos do estupro
	Ator	Pr.: Mat.	Meta		
			Dêitico	Ente	Classificador

Fonte: O autor (2019). Oração do tipo [apossamento] extraída do Corpus Brasileiro.

Caso o pesquisador queira seguir na descrição do sistema de TRANSITIVIDADE do português brasileiro, uma possibilidade é o mapeamento das regiões do sistema de TIPO DE PROCESSO associadas ao sistema de CONGRUÊNCIA. A título de exemplificação, esse mapeamento foi feito no Capítulo 7 considerando dois endereços sistêmicos: [material: transformativo: elaboração: montante: força] e [material: transformativo: elaboração: cor]. Esse trabalho, no entanto, deve ser acompanhado de uma descrição refinada do sistema de TIPO DE PROCESSO, algo que dificulta a tarefa. Note-se que um trabalho dessa natureza nos faria entender as zonas de atuação das metáforas gramaticais com o verbo *dar*; reservadas as peculiaridades

teóricas e descritivas, manter-se-ia uma semelhança com o estudo de Scher (2004), na parte em que ela se volta para a relação da construção *dar uma X-ada* às categorias aspectuais de Vendler (1967) e Smith (1991).

Quanto ao sistema de CONGRUÊNCIA, pensamos que pode ainda ser melhor desenvolvido e refinado. Isso porque esse sistema permite a análise de expressões como *dar um giro* e *dar uma girada*, mas não abrange orações com o verbo *fazer*, como *fazer um giro* ou *fazer uma citação*, igualmente metafóricas. Na expansão do sistema de CONGRUÊNCIA, poderíamos chegar a uma delimitação dos tipos de metáfora possíveis de serem por ele abordados; talvez esse sistema iniciado nesta tese deva ser associado apenas às metáforas gramaticais que envolvem o tipo 12 disposto no **Quadro 4** (p. 64). Pesquisas nesse sentido expandiriam o trabalho de generalização necessário à descrição gramatical. Por enquanto, o que podemos dizer é que o sistema de CONGRUÊNCIA, no nível de refinamento aqui proposto em função do objeto estudado, aborda satisfatoriamente as orações metafóricas com a inserção da forma verbal *dar*.

Se pensarmos que a rede de sistema de CONGRUÊNCIA pode não ser um privilégio do português brasileiro (como, de fato, parece não ser, uma vez que o verbo *dar* também é identificado em outros sistemas linguísticos (BUTT, 2016; TODIRASCU; GLEDHILL, 2008; TUCKER, 2014a)), há a possibilidade de esta tese estar propondo algo que deve ter um impacto no sistema de TRANSITIVIDADE de outras línguas, inclusive da língua inglesa. Isso conduziria à modificação do sistema de TRANSITIVIDADE definido por Halliday e Matthiessen (2004, p. 302), no sentido de incluir nele o sistema de CONGRUÊNCIA. Essa hipótese, no entanto, necessita da análise e descrição de orações metafóricas da língua inglesa e de qualquer uma outra língua de maneira individual. Pensando desse modo, ainda sem um aprofundamento em vias teóricas, haveria um impacto na parte descritiva associada à teoria sistêmico-funcional (ver Matthiessen, Teruya e Lam (2010), que associam a organização do sistema de TRANSITIVIDADE – espaço de localização do sistema de CONGRUÊNCIA aqui proposto – à parte descritiva da teoria sistêmico-funcional).

REFERÊNCIAS

BERBER SARDINHA, Tony. Tamanho de corpus. In: *The Especialist*, v. 23, n. 2, p. 103-122, 2002.

_____. Trazendo a língua portuguesa para o computador. In: _____ (Org.). *A língua portuguesa no computador*. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 269-295.

BERRY, Margaret. *Introduction to systemic linguistics, 1: structures and systems*. London: Batsford, 1975.

_____. *Introduction to systemic linguistics, 2: levels and links*. London: Batsford, 1977.

BLOOR, Thomas; BLOOR, Meriel. *The functional analysis of English: a hallidayan approach*. London: Arnold, 1995.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.

BUTT, Miriam. *The light verb jungle*. 2002. Disponível em:
<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.111.4948&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

CAFFAREL, Alice; MARTIN, Jim R.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. (Eds.). *Language typology: a functional perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

CANÇADO, Márcia; AMARAL, Luana. *Introdução à semântica lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

CASTILHO, Ataliba T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CONRAD, Susan. Variation in corpora and its pedagogical implications. In: VIANA, Vander; ZYNGIER, Sonia; BARNBROOK, Geoff (Eds.). *Perspectives on corpus linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p. 47-62.

CORPUS BRASILEIRO. *Manual*. São Paulo: PUCSP, 2010. Disponível em:
<https://www.linguateca.pt/Repositorio/manual_cb.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

CUNHA, Maria Angélica F. da; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CRYSTAL, David. *The Cambridge encyclopedia of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DAVIDSE, Kristin. *Categories of experiential grammar*. (Monographs in Systemic Linguistics, 11.) Nottingham: Department of English and Media Studies, Nottingham Trent University, 1999.

_____. Existential constructions: a systemic perspective. *Leuvense Bijdragen* 81, p. 71-99, jan. 1992.

DIESING, Molly. Light verbs and the syntax of aspect in Yiddish. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 1, n. 2, p. 119-115, 1998.

EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. 2nd ed. London: Continuum, 2004.

FAWCETT, Robin P. *A theory of syntax for systemic functional linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

FAWCETT, Robin P. Auxiliary extensions: six new elements for describing English. In: HASAN, Ruqaiya; MATTHIESSEN, Christian M. I. M.; WEBSTER, Jonathan. J. (Eds.). *Continuing discourse on language: a functional perspective*. Vol. 2. London: Equinox, 2007. p. 921-952.

FIGUEREDO, Giacomo P. *Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos lingüísticos da tradução*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

_____. *Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FOSSILE, Dieysa Kanyela. Valores aspectuais do português brasileiro e do alemão: uma proposta de síntese. In: MOURA, Heronides; MOTA, Mailce Borges; SANTANA, Ana Paula (Orgs.). *Cognição, léxico e gramática*. Florianópolis: Insular, 2012. p. 47-93.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GLEASON, Henry A. *Linguistics and English Grammar*. New York: Holt Rinehart and Winston, 1965.

GLEDHILL, Christopher. The 'lexicogrammar' approach to analysing phraseology and collocation in ESP texts. In: *ASp*, n. 59, p. 5-23, 2011.

GRIMSHAW, Jane; MESTER, Armin. Light verbs and θ -marking. *Linguistic Inquiry*. v. 19, n. 2, 1988. p. 205-232.

GWILLIAMS, Laura; FONTAINE, Lise. Indeterminacy in process type classification. In: *Functional Linguistics*. 2:8, SpringerOpen Journal, p. 1-19, 2015.

HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel J. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: _____. (Eds.). *The view from building 20: essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1993. pp. 53-109.

HALLIDAY, Michael A. K. Options and functions in the English clause. In: *Brno Studies in English*, v. 8, 1969. p. 81-88.

_____. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.

_____. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

_____. *An introduction to functional grammar*. 2nd ed. London: Edward Arnold, 1994.

_____. Things and relations. Regrammaticising experience as technical knowledge. In: MARTIN, Jim R.; VEEL, Robert. (Eds.). *Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London: Routledge, 1998. p. 185-236.

_____. *On grammar: volume 1 in the collected works of M. A. K. Halliday*. London: Continuum, 2002.

_____. *On language and linguistics: volume 3 in the collected works of M. A. K. Halliday*. London: Continuum, 2003.

_____. Working with meaning: towards an applicable linguistics. In: WEBSTER, Jonathan J. (Ed.) *Meaning in context: implementing intelligent applications on language studies*. London: Continuum, 2008. p. 7-23.

_____. On the grammar of pain. In: WEBSTER, Jonathan J. (Ed.). *Studies in English language*. London: Continuum, 2009. p. 306-345.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. London: Continuum, 1999.

_____. *An introduction to functional grammar*. 3rd ed. London: Hodder Education, 2004.

HASAN, Ruqaiya. The grammarian's dream: lexis as most delicate grammar. [1987] In: CLORAN, Carmel; BUTT, David G.; WILLIAMS, Geoffrey (Eds.). *Ways of saying, ways of meaning: selected papers of Ruqaiya Hasan*. London: Cassell, 1996. p. 73-103.

HEYVAERT, Liesbet. Nominalization as grammatical metaphor: on the need for a radically systemic and metafunctional approach. In: SIMON-VANDENBERGEN, Anne-Marie; TAVERNIERS, Miriam; RAVELLI, Louise J. (Eds.). *Grammatical metaphor: views from systemic functional linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 65-99.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JESPERSEN, Otto. *A modern english grammar on historical principles*. London: George Allen & Unwin, 1949.

- KEARNS, Kate. *Light verbs in English*. 1988/2002. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.132.29&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2016.
- KENNEDY, Graeme. *An introduction to corpus linguistics*. London: Longman, 1998.
- LEVIN, Beth. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- LYONS, John. *Semantics*. vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MARTIN, Jim R. *English text: system and structure*. Philadelphia: John Benjamins, 1992.
- _____. *Systemic functional grammar: a next step into the theory – axial relations*. Beijing: Higher Education Press, 2013.
- MARTIN, Jim R.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. Systemic typology and topology. In: CHRISTIE, F. (Ed.). *Literacy in social processes: papers from the Inaugural Australian Systemic Functional Linguistics Conference*, Deakin University, January 1990. Darwin: Centre for Studies of Language in Education, Northern Territory University, 1991. p. 345-383.
- MARTINET, André. *Elementos de linguística geral*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1978.
- MASIP, Vicente. *Fundamentos lógicos da interpretação de textos e da argumentação*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- MATTHIESSEN, Christian M. I. M. *Lexicogrammatical cartography: english systems*. Tokyo: International Language Science Publishers, 1995.
- _____. Descriptive motifs and generalizations. In: CAFFAREL, Alice; MARTIN, Jim R.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. (Eds.). *Language typology: a functional perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 537-673.
- _____. Frequency profiles of some basic grammatical systems: an interim report. In: THOMPSON, Geoff; HUNSTON, Susan (Eds.) *System and corpus: exploring connections*. London: Equinox, 2006. p. 103-142.
- _____. Lexicogrammar in systemic functional linguistics: descriptive and theoretical developments in the ‘IFG’ tradition since the 1970s. In: HASAN, Ruqaiya; MATTHIESSEN, Christian M. I. M.; WEBSTER, Jonathan J. (Eds.). *Continuing discourse on language: a functional perspective*. Vol. 2. London: Equinox, 2007. p. 765-858.
- _____. Extending the description of process type within the system of transitivity in delicacy based on Levinian verb classes. In: *Functions of Language*. Vol. 21:2, p. 139-175, 2014.
- MATTHIESSEN, Christian M. I. M.; HALLIDAY, Michael A. K. *Systemic functional grammar: a first step into the theory*. Beijing: Higher Education Press, 2009.
- MATTHIESSEN, Christian M. I. M.; TERUYA, Kazuhiro; LAM, Marvin. *Key terms in systemic functional linguistics*. London: Continuum, 2010.

McDONALD, Edward. *Meaningful arrangement: exploring the syntactic description of texts*. London: Equinox, 2008.

MELLO, Heliana. Os corpora orais e o C-ORAL-BRASIL. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (Orgs.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 31-54.

MELLO, Heliana *et al.* Transcrição e segmentação prosódica do corpus C-ORAL-BRASIL: critérios de implementação e validação. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (Orgs.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 125-176.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria C. Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NEALE, Amy C. *More delicate TRANSITIVITY: extending the PROCESS TYPE system networks for English to include full semantic classifications*. PhD Thesis. Cardiff University, 2002.

_____. Matching corpus data and system networks: using corpora to modify and extend the system networks for TRANSITIVITY in English. In: THOMPSON, Geoff; HUNSTON, Susan (Eds.) *System and corpus: exploring connections*. London: Equinox, 2006. p. 143-163.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. VI: Desenvolvimentos, 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 209-238.

_____. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

O'DONNELL, Mick; ZAPPAVIGNA, Michele; WHITELAW, Casey. A survey of process type classification over difficult cases. In: JONES, Carys; VENTOLA, Eija (Eds.). *From language to multimodality: new developments in the study of ideational meaning*. London: Continuum, 2009. p. 47-64.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RASSI, Amanda Pontes; VALE, Oto Araujo. Tipologia das construções verbais em português do Brasil: uma proposta de classificação do verbo *dar*. In: *CALIGRAMA*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 105-130, 2013.

RASSI, Amanda Pontes. *Descrição, classificação e processamento automático das construções com o verbo dar em português brasileiro*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Linguagem Humana e Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

RASO, Tommaso. O corpus C-ORAL-BRASIL. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (Orgs.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 55-90.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (Orgs.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RAVELLI, Louise J. Grammatical metaphor: an initial analysis. In: STEINER, Erich H.; VELTMAN, Robert (Eds.). *Pragmatics, discourse and text: some systemically-inspired approaches*. London: Pinter Publishers, 1988. p. 133-147.

_____. *Metaphor, mode and complexity: an exploration of co-varying patterns*. (Monographs in Systemic Linguistics, 12.) Nottingham: Department of English and Media Studies, Nottingham Trent University, 1999.

_____. Renewal of connection: integrating theory and practice in an understanding of grammatical metaphor. In: SIMON-VANDENBERGEN, Anne-Marie; TAVERNIERS, Miriam; RAVELLI, Louise J. (Eds.). *Grammatical metaphor: views from systemic functional linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 37-64.

ROBINS, Robert H. *The byzantine grammarians: their place in history*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHER, Ana Paula. *As construções com o verbo leve dar e as nominalizações no português do Brasil*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2004.

_____. As categorias aspectuais e a formação de construções com o verbo leve *dar*. *Revista GEL*, v. 2, p. 9-37, 2005.

_____. Nominalizações em *-ada* em construções com o verbo leve *dar* em português brasileiro. In: *Letras de hoje*. Porto Alegre. v. 41, n. 1, p. 29-48, março, 2006.

_____. A estrutura de eventos e as construções com verbo leve (CVLs) do PB. In: CASTILHO, Ataliba T. de. et al (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro – estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 185-197.

SMITH, Carlota S. *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

TAVERNIERS, Miriam. Grammatical metaphor in SFL: a historiography of the introduction and initial study of the concept. In: SIMON-VANDENBERGEN, Anne-Marie; TAVERNIERS, Miriam; RAVELLI, Louise J. (Eds.). *Grammatical metaphor: views from systemic functional linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 5-33.

THOMPSON, Geoff. *Introducing functional grammar*. 2nd ed. London: Hodder Education, 2004.

THOMPSON, Geoff; HUNSTON, Susan. System and corpus: two traditions with a common ground. In: THOMPSON, Geoff; HUNSTON, Susan (Eds.) *System and corpus: exploring connections*. London: Equinox, 2006. p. 1-14.

TODIRASCU, Amalia; GLEDHILL, Christopher. Extracting collocations in context: the case of verb-noun constructions in English and Romanian. In: *Recherches anglaises et Nord-américaines*. n. 41, p. 107-122, 2008.

TUCKER, Gordon H. 'Getting our heads around it': semantic and syntactic tension in the transitivity analysis of metaphorically derived multi-word verbs. In: *Studi Italiani di Linguistica Teorica e Applicata*, Ano XXX, n. 2, p. 303-315. 2001.

_____. Between lexis and grammar: towards a systemic functional approach to phraseology. In: Hasan, R; Matthiessen, C. M. I. M.; Webster, J. J. (Eds.). *Continuing discourse on language: a functional perspective*. Vol. 2. London: Equinox, 2007. p. 953-977.

_____. Giving it my best shot: towards a coherent functional analysis of metaphorically-derived processes including 'light verb' expressions. In: GONZÁLEZ, María de los Ángeles G.; IBÁÑEZ, Francisco J. R. de M.; GONZÁLVEZ-GARCÍA, Francisco (Eds.). *Theory and practice in functional-cognitive space*. Amsterdam: John Benjamins, 2014a, p. 33-52.

_____. Hybridity in transitivity: phraseological and metaphorically derived processes in the system network for TRANSITIVITY. In: MILLER, Donna R.; BAYLEY, Paul (Eds.). *Hybridity in systemic functional linguistics: grammar, text and discursive context*. London: Equinox, 2014b, p. 24-39.

_____. Process types and their classification. In: KUNZ, Kerstin *et al.* (Eds.). *Caught in the middle: language use and translation. A festschrift for Erich Steiner on the occasion of his 60th birthday*. Saarbrücken: Universaar – Saarland University Press, 2014c, p. 401-415.

UNSWORTH, Len. *Teaching multiliteracies across the curriculum: changing contexts of text and image in classroom practice*. New York: Open University Press, 2001.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VIANA, Vander Paula. *Verbos modais em contraste: análise de corpus da escrita de universitários em inglês*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

WU, Canzhong. *SysConc*. Software, v. 1.4.0. Systemic Technologies, Inc. 2014.

APÊNDICE A – LISTA DE TERMOS DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL TRADUZIDOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

As traduções adotadas na presente tese seguem a compilação de termos aprovados para utilização em língua portuguesa pelos participantes da lista de discussão <gsfemporugues@egroups.com>. As traduções se baseiam também na lista de termos elaborada por Figueredo (2011). Alguns poucos termos, não presentes nas duas listas consultadas, foram introduzidos por serem utilizados nesta tese (a exemplo do termo *incongruent*).

Termo em Inglês	Termo em Português
(function) structure	estrutura (funcional)
active	(voz) ativa
Actor	Ator
adverbial group	grupo adverbial
AGENCY system	sistema de AGÊNCIA
Agent	Agente
agentive	agentivo
AGENTIVITY system	sistema de AGENTIVIDADE
agnate	agnato
agnation	agnação
artefact	artefato
Attribute	Atributo
Attributive	Atributivo
axis	eixo
Behaver	Comportante
Beneficiary	Beneficiário
Carrier	Portador
circumstantial element	elemento circunstancial
Classifier	Classificador
clause	oração
clause complex	oração complexa
configuration	configuração
conflate	confluir
conflation	confluência
congruence	congruência
congruent	congruente
constituency	constituência
constituent	constituente
constituent structure	estrutura de constituintes
creative	criativo
Deictic	Dêitico
delicacy	refinamento

delicate	refinado
dependency	dependência
effective	efetivo
EFFECTIVE VOICE system	sistema de VOZ EFETIVA
elaboration	elaboração
element	elemento
enhancement	intensificação
Epithet	Epíteto
ergative clause	oração ergativa
ergative model	modelo ergativo
ergativity	ergatividade
Event	Evento
Existent	Existente
experiential metafunction	metafunção experiencial
expression	expressão
extension	extensão
fact	fato
figure	figura
form	forma
function	função
functional	funcional
Goal	Meta
grammar	gramática
grammatical metaphor	metáfora gramatical
group	grupo
Head	Núcleo
idea	ideia
ideational metafunction	metafunção ideacional
ideational metaphor	metáfora ideacional
Identified	Identificado
Identifier	Identificador
identifying	identificativo
IMPACT system	sistema de IMPACTO
incongruent	incongruente
Initiator	Iniciador
interpersonal metafunction	metafunção interpessoal
intransitive	intransitivo
lexicogrammar	lexicogramática
major	principal
Medium	Meio
middle	médio
minor	marginal
Modifier	Modificador
MOOD system	sistema de MODO
morpheme	morfema
network	rede
nominal group	grupo nominal
nominalization	nominalização

non-agentive	não agentivo
Numerative	Numerativo
operative	operativo
paradigmatic axis	eixo paradigmático
participant	participante
participant (role)	(papel de) participante
passive	(voz) passiva
pattern	padrão
Phenomenon	Fenômeno
phonology	fonologia
phrase	sintagma
Postmodifier	Pós-Modificador
Possessed	Possuído
Possessor	Possuidor
prepositional phrase	sintagma preposicional
probe	teste
process	processo
Process	Processo
process type	tipo de processo
PROCESS TYPE system	sistema de TIPO DE PROCESSO
proposition	proposição
Qualifier	Qualificador
Range	Extensão
RANGING system	sistema de EXTENSÃO
rank	nível
rank scale	escala de níveis
realization statement	regra de realização
Receiver	Receptor
receptive	receptivo
Recipient	Recebedor
reexpression	reexpressão
Sayer	Dizente
scale of congruency	escala de congruência
Scope	Escopo
Scope:entity	Escopo:entidade
Scope:process	Escopo:processo
selection expression	seleção de expressão
semantics	semântica
semiotic potential	potencial semiótico
semiotic system	sistema semiótico
Senser	Experienciador
sequence	sequência
systemic indeterminacy	indeterminação sistêmica
specimen	espécime
spoken language	língua falada
stratification	estratificação
stratum	estrato
structure	estrutura

Subject	Sujeito
syntagmatic axis	eixo sintagmático
system	sistema
system network	rede de sistema
system of meaning	sistema de significados
system of sounding	sistema de sons
system of wording	sistema de fraseados
systematic path inheritance	herança de trajeto
systemic	sistêmico
systemic theory	teoria sistêmica
Target	Alvo
term	termo
text	texto
text type	tipo de texto
text typology	tipologia textual
textual metafunction	metafunção textual
thing	coisa
Thing	Ente
Token	Característica
transformative	transformativo
transitive	transitivo
transitive model	modelo transitivo
transitivity	transitividade
TRANSITIVITY system	sistema de TRANSITIVIDADE
trinocular perspective	perspectiva trinocular
typology	tipologia
unit	unidade
unmarked	não-marcado
Value	Valor
verbal	verbal
verbal group	grupo verbal
Verbiage	Verbiagem
wh-element	elemento qu-
wh-question	pergunta qu-
word	palavra
wording	fraseado
written language	língua escrita